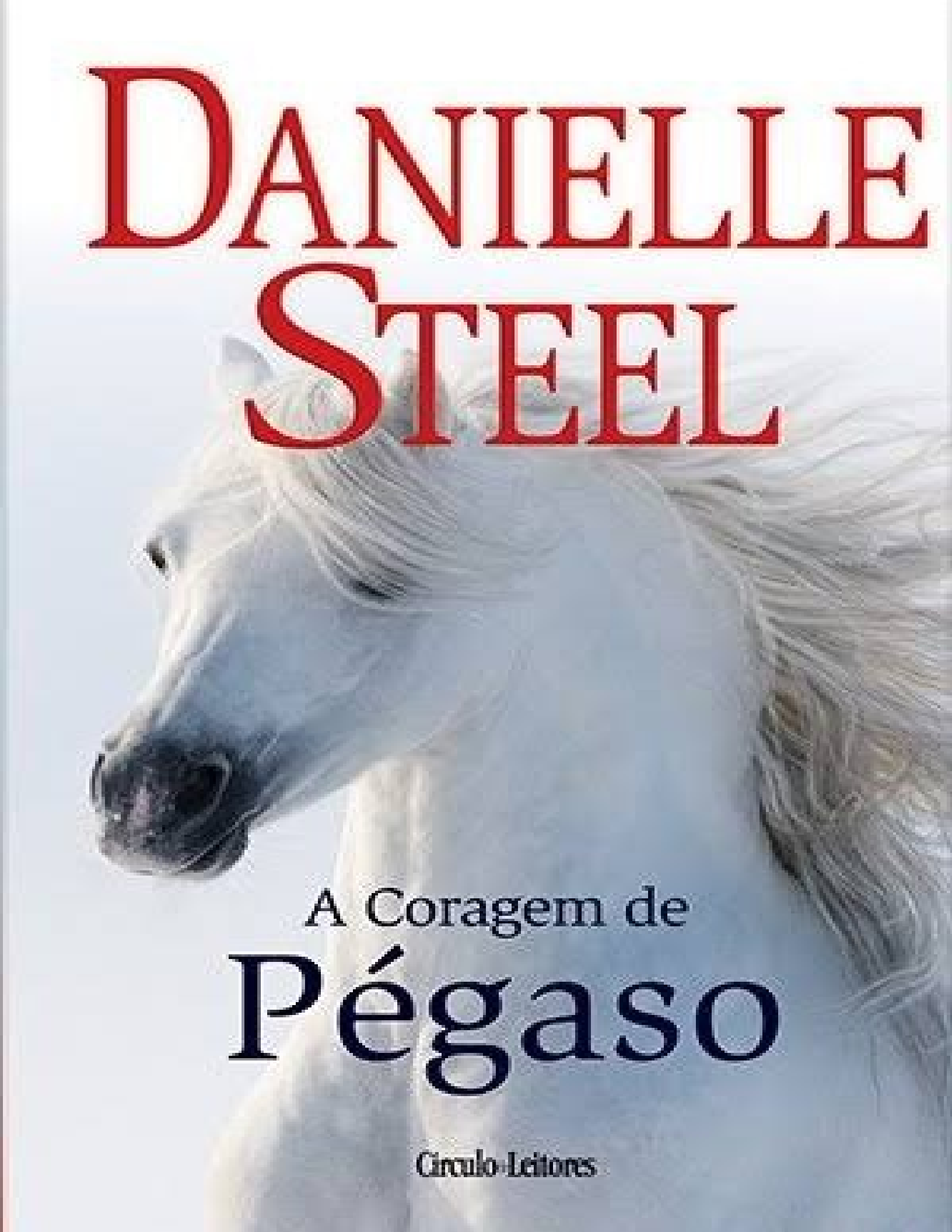


DANIELLE STEEL

A white horse in profile, facing left, with its mane flowing. The horse is the central focus of the cover, set against a light blue background.

A Coragem de
Pégaso

Círculo Leitores



Autor: Danielle Steel

Título: A Coragem de Pégaso;

Título Original: Pegasus;

Tradução: Maria da Graça Pinhão;

Dados da Edição: Círculo de Leitores, Maia, 2017;

Género: Romance;

Digitalização: Fátima Tomás Nobre;

Correcção: João Nobre;

;

Número total de páginas: 381

Esta obra foi digitalizada sem fins comerciais e destinada unicamente à leitura de pessoas portadoras de deficiência visual. Por força da lei de direitos de autor, este ficheiro não pode ser distribuído para outros fins, no todo ou em parte, ainda que gratuitamente.

A Coragem de Pégaso

Danielle Steel

A Coragem de Pégaso

Tradução de Maria da Graça Pinhão

Círculo de Leitores

SEJA ORIGINAL,

DIGA NÃO À CÓPIA

A cópia ilegal viola os direitos dos autores. Os prejudicados somos todos nós.

Título original: Pegasus

Autora: Danielle Steel

Copyright (c) Danielle Steel, 2014.

Copyright desta edição (c) Círculo de Leitores, 2014.

Tradução: Maria da Graça Pinhão/João Quina Edições

Revisão: Benedita Rolo

Capa: FC - Visual Arts

Imagens da capa: (c) Deposit photos/Fotobanco.pt

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda. Execução gráfica: Bloco Gráfico
Unidade Industrial da Maia 1.^a edição: janeiro de 2017 número de edição: 8075
Depósito legal número 418

252/16

ISBN 978-972-42-5130-1

9 789724251301

Reservados todos os direitos. Nos termos do Código do Direito de Autor, é expressamente proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio, incluindo a fotocópia e o tratamento informático, sem a autorização expressa dos titulares dos direitos.

Aos meus filhos muito amados,

Beatie, Trevor, Todd, Nick, Sam, Victoria, Vanessa, Maxx e Zara,

A história, à magia, à sobrevivência e às novas existências,

Ao Pégaso presente em cada uma das nossas vidas

que nos leva em frente,

E à bravura para o procurar corajosamente e o adotar.

Amo-vos com todo o meu coração, Mamã/d, s.

CAPÍTULO 1

Anoitecia quando os moços de cavalaria ouviram os cavalos que se aproximavam. Os seus cascos ribombavam como um distante batuque de tambores, muito antes de os não-iniciados perceberem do que se tratava. Os cavaleiros regressavam da caça e alguns minutos depois os moços conseguiram ouvir as vozes, as gargalhadas, o resfolegar dos cavalos que transportavam os seus cavaleiros. Quando entraram no pátio de Schloss Altenberg e se aproximaram das cavalariças, era óbvio que estavam eufóricos e que tinha sido uma boa caçada. Um dos primeiros a chegar disse que os cães tinham apanhado a raposa, o que era de esperar, enquanto os cavalos cabriolavam, ainda excitados com a animação do dia. Tanto os cavaleiros como as montadas tinham apreciado o frio tempo de outubro e os homens, exibindo os fatos de caçadores de raposas, casacos de caça escarlates, calças justas e botas pretas de cano alto, pareciam um retrato quando desmontaram e entregaram as rédeas dos cavalos aos moços de cavalaria, que também ajudaram várias mulheres a desmontar. Algumas tinham selas de amazona, de aspeto muito elegante mas nada fáceis de usar numa caçada. Os elementos do grupo que tinha saído naquele dia montavam juntos desde que se conheciam e tinham idade para caçar. Os cavalos eram a sua paixão e andar a cavalo o seu desporto favorito.

Alex von Hemmerle era conhecido como um dos melhores cavaleiros do distrito e criava cavalos extraordinários desde que era pouco mais do que um garoto. Tudo na sua vida tinha nascido da tradição, e isso era verdade para todos. Entre eles não havia recém-chegados nem surpresas. As mesmas famílias viviam há séculos naquela região e visitavam-se umas às outras segundo rituais e tradições

7

há muito estabelecidos, casando dentro das mesmas famílias, administrando as suas propriedades e amando a sua terra. Alex tinha crescido em Schloss Altenberg, tal como gerações e gerações dos seus antepassados desde o século XIV. Ali dava um baile pelo Natal, como tinham feito todos os seus antecessores. Era o acontecimento anual mais deslumbrante do distrito e toda a gente esperava ansiosamente por ele.

Agora com dezassete anos, Marianne tinha a mesma notável beleza etérea que a sua mãe tinha tido, com feições delicadamente cinzeladas. Era alta como Alex, com uma pele de porcelana translúcida, os cabelos louros quase brancos da mãe

e os olhos azul-elétrico do pai. Era uma das jovens mais belas da região e uma cavaleira tão famosa quanto ele.

Ele tinha-a posto em cima de um cavalo antes de ela saber andar e ia a todas as caçadas, pelo que ficara furiosa por não ter ido naquele dia, mas estava muito constipada e febril e o pai tinha insistido para que ficasse em casa. Ela era mais resistente do que parecia, apesar da sua beleza delicada, ao contrário da mãe, que fora muito mais frágil e que tinha morrido devido a uma hemorragia e uma infecção grave depois do nascimento de Marianne. Não era rara a morte de mulheres ao darem à luz, mas a sua perda tinha marcado duramente Alex. Desde então nenhuma mulher fora importante para ele. E, embora ocasionalmente tivesse algumas ligações discretas, agora a sua filha era a única mulher que amava verdadeiramente. Não tivera qualquer desejo de voltar a casar desde a morte da sua esposa, Annaliese, e sabia que nunca teria. Eram primos afastados e namorados de infância, embora ele fosse vários anos mais velho. Nunca tinha esperado encontrar-se viúvo com trinta anos mas, nos dezassete anos desde que a perdera, a sua vida com a filha e os amigos era tudo o que desejava e alertava sempre as mulheres com quem se relacionava discretamente de que não deviam esperar dele nada de permanente.

8

A administração da sua extensa propriedade mantinha-o ocupado e a criação de cavalos lipizanos de que tanto se orgulhava preenchia a sua vida quase tanto como a filha, que partilhava com o pai essa paixão. Marianne adorava ver as novas crias e observar o pai a treiná-las. Dizia-se que os seus lipizanos brancos como a neve eram os mais belos e mais fáceis de treinar e que as suas linhagens eram as mais puras. Ele era rigoroso com os garanhões que usava para procriação e com as fêmeas que escolhia para reproduzirem e tinha ensinado a Marianne tudo sobre eles desde a sua infância.

Ela tinha visitado com frequência a Escola Espanhola de Equitação em Viena com o pai e, ao observar os esplêndidos cavalos brancos a dançar e executar os seus passos incrivelmente complexos, pensava que os seus rigorosos exercícios de precisão pareciam ballet. Continha a respiração ao observá-los quando se empinavam apoiados nas patas traseiras na cabriole ou na courbette ou quando saltavam na croupade, com as quatro patas dobradas sob o corpo. Entusiasmava-se sempre ao vê-los, tal como Alex. Ele também treinava alguns dos seus cavalos nestes exercícios. Marianne bem gostaria de vir a ser cavaleira na escola

e tinha competência suficiente para o ser, mas a Escola Espanhola de Equitação não aceitava mulheres e o pai dizia-lhe que nunca aceitariam. Por isso contentava-se vendo o desempenho dos cavalos do pai na propriedade ou em Viena e ajudando-o a treiná-los antes de eles partirem. Muito, mas muito, raramente ele deixava-a montá-los. Mas permitia-lhe que montasse qualquer um dos cavalos árabes que tinha nas cavalariças e que também criava.

A sua destreza como cavaleira era instintiva e Marianne tinha crescido com alguns dos melhores cavalos da Alemanha e aprendera tudo o que o pai lhe ensinava. Os cavalos estavam-lhe no sangue tal como no sangue do pai.

9

- Boa caçada, a de hoje - comentou Alex, com ar feliz e descontraído, quando ele e o seu bom amigo Nicolas von Bingen abriam caminho por entre os outros cavaleiros, que estavam a tagarelar animadamente no pátio.

Não tinham pressa, mesmo depois de uma longa cavalgada. A temperatura descera muito com o cair da noite e o terreno estava duro, mas nada os detinha, pois todos tinham boas montadas, embora não tanto como a do seu anfitrião. Nicolas tinha escolhido um garanhão árabe que Alex lhe tinha emprestado e considerara-o uma excelente montada.

- Talvez gostasse de to comprar - disse Nicolas e Alex riu-se.

- Não está à venda. Aliás, prometi-o a Marianne, depois de o treinar durante algum tempo. Ainda está um pouco cru.

- Para mim está bem assim - disse Nicolas, sorrindo para o seu amigo de infância. - Além disso, é cavalo de mais para ela.

Gostava dos seus cavalos vigorosos e cujo controlo fosse um desafio.

- Não lhe digas isso!

Marianne nunca teria tolerado um tal insulto e o pai não tinha a certeza de que fosse verdadeiro. Ela era melhor cavaleira que Nick, se bem que Alex nunca teria ousado dizer tal coisa ao amigo. Por vezes Nick era um pouco entusiasta de mais com os seus cavalos e Marianne tinha umas mãos mais suaves, melhores. Ele próprio a tinha ensinado, com resultados extremamente bons.

- A propósito, onde esteve ela hoje? Nunca pensei que a veria perder uma caçada
- comentou Nick, surpreendido por ela não os ter acompanhado.

Ela era uma presença habitual nas suas caçadas e sempre bem recebida pelos amigos do pai.

10

- Está doente. Quase tive de a amarrar à cama para a manter em casa. Tens toda a razão, ela nunca falha uma caçada.
- Nada de grave, espero.

O olhar de Nick revelou imediatamente a sua preocupação.

- Tem uma grande constipação e está com febre. O médico veio vê-la a noite passada. Receei que lhe atacasse os pulmões. Ele ordenou-lhe que ficasse em casa. Eu sabia que a minha palavra não seria suficiente e pensei que a dele também não a convenceria, mas calculo que se sentia pior do que quis reconhecer. Estava a dormir quando saí esta manhã, o que não é nada normal nela.

- Não seria melhor chamares outra vez o médico esta noite?

Nick tinha a sua própria má experiência com gripe, que há cinco anos lhe tinha levado a mulher e a filha de quatro anos, depois de uma epidemia no distrito e de um inverno particularmente duro. Tinha ficado destroçado ao perdê-las e, tal como Alex, continuava viúvo, no seu caso com dois filhos, Tobias e Lucas. Tobias tinha dez anos quando a mãe e a irmã morreram e ainda se recordava de ambas. Lucas só tinha agora seis anos e era pouco mais que um bebé quando elas morreram. Tobias era um rapaz sossegado e delicado que adorava Marianne, que tinha mais dois anos que ele. E Lucas era uma criança cheia de vida e travesso, cheio de alegria e feliz estivesse onde estivesse, em particular se fosse em cima de um cavalo. Tobias era muito mais parecido com a sua meiga mãe e Lucas tinha toda a energia e o ardor do pai. Nick tinha-se metido em toda a série de sarilhos quando era mais novo e por vezes ainda era alvo de falatório em todo o distrito, quando tinha um “caso” com uma mulher, por vezes mesmo casada, ou fazia uma aposta que o punha a fazer uma

11

corrida a cavalo a velocidades temerárias. Era um cavaleiro extremamente competente, embora não tivesse a suprema perícia de Alex. Nunca tinha paciência para treinar um cavalo como Alex treinava, embora os lipizanos de Alex o fascinassem, bem como o que o amigo conseguia fazer com eles. Ainda antes de partirem para a Escola Espanhola de Equitação já ele tinha começado a treiná-los para a execução das figuras complexas pelas quais os belos cavalos brancos eram famosos.

- Tens um minuto? - perguntou Alex, ao deixarem as cavalariças para trás.

Os outros começavam lentamente a dispersar, fazendo as suas despedidas ao entrarem nos automóveis.

- Não tenho pressa de ir para casa - disse Nicolas, sorrindo descontraidamente, enquanto os dois homens seguiam em passo lento na direção das cavalariças.

Eram amigos desde a infância, embora Alex tivesse mais quatro anos, e tinham ido juntos para um colégio interno em Inglaterra quando eram novos. Alex tinha sido o melhor estudante e Nick tinha-se divertido muito mais, como continuava a suceder. Nicolas von Bingen apreciava tudo o que a vida lhe dava. Era um bom amigo e um bom pai, uma pessoa bondosa, embora Alex soubesse que era um pouco apreciador de mais da diversão e por vezes irresponsável. A viuvez só o tinha refreado um pouco e por enquanto ainda não estava sobrecarregado com a administração da sua propriedade. O pai ainda era vivo e controlava tudo muito bem, o que deixava a Nick muito tempo para se divertir, ao contrário de Alex, que geria os seus bens e as suas fortunas desde que tinha pouco mais de vinte anos, quando o pai morrera. Em muitos aspetos, Nick ainda se comportava como um garoto, enquanto Alex era em tudo um homem há mais de duas décadas. Mas complementavam-se e eram mais como irmãos que como amigos.

12

Nick seguiu Alex até à cavalaria e Alex levou-o para uma baia absolutamente imaculada onde uma das suas melhores éguas lipizanas alimentava um potro nascido apenas há alguns dias. O potro, preto como carvão, apoiava-se instavelmente nas pernas enquanto a égua olhava para eles com os seus grandes olhos escuros. Nick sabia que as crias lipizanas nasciam castanhas ou pretas, pelo que não ficou surpreendido com a sua cor em forte contraste com a mãe branca como a neve. Sabia que a sua pelagem demoraria cinco ou seis anos a

ficar branca, tal como sabia que teria dez anos antes de ser totalmente treinado. O potro passaria quatro anos com Alex e seis na escola de Viena. O treino dos lipizanos notáveis demorava longos anos de cuidadoso, diligente e metuculoso trabalho.

- É uma beleza, não é? - perguntou Alex, cheio de orgulho. - Um dos melhores que já vi. O pai é Pluto Petra - Nick sabia que era o melhor ganhão de Alex, que ele usava para procriação - e esta eguazinha fez muito bom trabalho. Vai ser divertido treiná-lo.

Parecia tão orgulhoso do cavalo recém-nascido como qualquer pai e Nick sorriu-lhe.

- És fantástico - disse Nick afetuosamente, quando os dois homens saíram juntos da cavalaria.

Alex teria dito a Nick que jantasse com eles, mas preferia jantar com Marianne no quarto dela.

- Queres fazer uma cavalgada comigo amanhã até ao extremo norte? - perguntou-lhe Alex. - Estou a pensar em desbistar algumas das minhas florestas. Pensei em ir lá dar uma vista de olhos. Quero sair cedo, para estar de regresso ao meio-dia. Podemos almoçar quando chegarmos.

- Gostava muito - disse Nick com pena, parando junto do Duesenberg que tinha deixado estacionado debaixo de uma árvore. Preferia de longe o seu Bugatti, mas tinha decidido ser mais respeitável quando veio ter com

13

Alex para a caçada. - Mas não posso. Tenho de me encontrar com o meu pai. Ele quer falar sobre um assunto qualquer comigo. Por mais que pense, não consigo imaginar o que será.

Há semanas que não faço nada que possa aborrecê-lo.

Ambos se riram com o comentário. Nick tinha uma relação muito próxima com o pai, embora este ralhasse muitas vezes com ele por causa de rumores que ouvia sobre os hábitos mulherengos de Nick ou as cavalgadas que fazia ou as velocidades loucas a que por vezes andava com o automóvel. Acima de tudo,

Paul von Bingen estava sempre a tentar que Nick se envolvesse na administração da propriedade. Calculava que fosse isso que o pai queria discutir com ele no dia seguinte. Era um tema recorrente.

- Penso que ele quer que eu assuma a gestão das quintas, o que me parece ser um trabalho muito desagradável.

- Algum dia terás de fazê-lo. Bem podias começar já - disse Alex, com o seu bom senso.

Ainda tinham reдеiros nas terras, que haviam sido trabalhadores contratados e a quem agora alugavam as quintas por muito pouco dinheiro. Mas eram uma componente necessária do sistema e das tradições que os tinham regido ao longo dos anos. Na verdade, não faziam parte do mundo moderno, mas viver ali, em pleno campo, permitia-lhes ter uma vida tranquila longe das cidades. A Alemanha tinha andado agitada durante muitos anos, desde o caos e do fraco desempenho económico depois da Grande Guerra e da Depressão. Hitler tinha tentado devolver aos alemães um sentido de orgulho, mas os seus discursos ardentes e desfiles febris não atraíam nem Alex nem Nick. Alex pensava que ele era um desordeiro e a maioria das suas ideias não lhe agradava absolutamente nada. Também o facto de ter anexado a Áustria em março 14

era um sinal perturbador das suas ambições. Mas, ali, na sua tranquila Baviera campestre, o que quer que Hitler andasse a fazer parecia-lhes muito longínquo. Ali, nada podia atingi-los e nada mudava nunca. As suas famílias estavam há séculos naquela região e assim continuariam, a fazer as mesmas coisas, durante mais duzentos anos. Estavam isolados do mundo. E os dois homens sentiam-se bem, sabendo que, um dia, os seus filhos e até os seus bisnetos ali continuariam.

Alex e Nick tinham sido educados para pertencerem à nobreza e pouco mais. Foram abençoados com fortunas colossais, que nunca discutiam e em que raramente ou nunca pensavam.

Tinham agricultores reдеiros e servos e extensas propriedades que por sua vez transmitiriam aos seus filhos, numa vida e num mundo totalmente protegidos.

- Não vejo porque hei de tomar conta das quintas agora - disse Nick, enfiando as suas compridas pernas no Duesenberg e olhando para o amigo. - O meu pai vai viver mais trinta anos e fá-lo muito melhor do que eu alguma vez farei - comentou com um sorriso de esguelha. - Porque hei de eu ir agora estragar tudo?

Prefiro fazer outra coisa. Por exemplo ir andar a cavalo contigo amanhã de manhã, mas o meu pai fica transtornado se eu ao menos não fingir que o ouço.

Nick sabia de cor todos os seus discursos, sem falhar uma vírgula.

- Não tens vergonha - censurou-o Alex, mas também sabia que Nick era mais responsável do que queria fazer ver.

Era maravilhoso com os filhos e tinha melhorado imenso a sorte dos seus rendeiros, usando os seus próprios fundos para melhorar as suas casas. Estimava-os só que não queria ser responsável pela terra e pelas quintas deles, assunto que achava incrivelmente maçador e que o pai 15

parecia apreciar. Nick estava mais interessado no bem-estar dos menos afortunados que ele e em educar os filhos, com os quais passava muito tempo, tal como Alex fazia com Marianne. Tinham em comum serem pais dedicados e homens de família, ancorados nas tradições do seu mundo familiar.

- Lamento não poder ir andar a cavalo contigo amanhã - disse Nick, cheio de pena, ao pôr o automóvel a funcionar. - Passo por aqui depois de almoço, para te ver treinar esse teu garanhão.

Nick andava há meses a observar como Alex trabalhava com o jovem lipizano e ficava sempre assombrado com a sua perícia.

- Ainda tenho muito trabalho a fazer com ele. Prometi-o à escola de equitação em janeiro. Está com a idade certa, mas não creio que já esteja preparado.

O garanhão de quatro anos revelava muita personalidade e Nick nunca se aborrecia de observar Alex a conduzi-lo por todas as fases. O garanhão lipizano teria impressionado qualquer pessoa tal como estava, exceto Alex, que era um perfeccionista e raramente ficava satisfeito com os seus resultados.

- Aparece quando quiseres - convidou-o Alex. Poucos minutos depois Nick partiu com um aceno desenhado e dirigiu-se para a sua própria propriedade, a alguns quilómetros de distância, enquanto Alex regressava à mansão, para ir visitar a filha e ver como ela estava.

Marianne estava deitada na cama, com expressão aborrecida e de livro na mão. Ainda parecia febril, mas melhor do que na noite anterior. Tocou-lhe na testa

com suavidade e ficou aliviado ao senti-la mais fresca, embora os olhos ainda estivessem baços e o nariz vermelho.

- Como te sentes? - perguntou, sentando-se ao lado dela em cima da cama.

- Estúpida por estar aqui deitada. Divertiram-se na caçada? Eles apanharam a raposa?

16

Os olhos dela iluminaram-se ao fazer-lhe as perguntas. Durante todo o dia tinha pensado na caçada.

- Claro! Não foi tão divertido sem ti, mas estou contente por teres ficado em casa. Hoje o tempo estava gélido. Vamos ter um inverno duro, se agora já está tanto frio.

- Ótimo. Gosto quando neva. - Estava feliz por ver o pai. - Toby veio ver-me hoje.

Alegrou-se um pouco ao falar do filho de Nick. Ele vinha visitá-la constantemente e adorava-a. Há anos que tinha uma paixão por ela e ela tratava-o como se fosse um irmão pequeno. Toby mal podia esperar pelo dia em que pudesse fazer-lhe a corte e ela o levasse a sério. Marianne sabia que esse dia nunca chegaria.

- Não digas ao pai que ele esteve aqui. Sabes como é Nick quando alguém está doente. - Ficava nervoso com qualquer doença desde que a mulher e a filha tinham morrido de gripe.

E era particularmente cauteloso quando se tratava dos filhos. -Jogámos xadrez. Eu derrotei-o - disse ela, muito feliz.

O pai sorriu-lhe.

- Devias ser mais simpática para com Toby. Para ele, tu és a pessoa mais importante do mundo.

- Isso é porque não conhece outras raparigas.

Não tinha a menor consciência da sua própria beleza e do seu efeito sobre os homens. Nos últimos anos, vários jovens, e até os pais deles, lançavam-lhe olhares nostálgicos e Alex sentia alívio por isso nunca ter posto a cabeça da filha a andar à roda. Estava muito mais interessada nos cavalos do pai e em estar com ele que nos homens. Ainda tinha uma inocência infantil que o comovia. Não suportava a ideia de um dia se separar dela, se ela casasse e se fosse embora. Mas, mesmo que tal acontecesse, sabia que ela não iria para longe.

17

Marianne frequentava a escola local, com as crianças de outras famílias nobres, e não tinha o menor interesse em ir para a universidade noutra cidade, em particular agora que havia tanta agitação e desordem nas cidades e nas vilas. O seu próprio pai tinha insistido para que frequentasse a universidade em Heidelberg e ele sentira-se feliz quando regressara a casa, para o que achava ser o mais belo lugar da terra. E Alex sentia alívio por Marianne concordar com ele naquela questão. Por vezes sentia-se culpado por a privar de uma vida melhor mas, com a agitação em todo o país, ela estava melhor ali. Gostava de a ter por perto, onde sabia que estava segura.

- Posso jantar lá em baixo consigo, papá? - perguntou, pronta para sair da cama, embora ainda estivesse pálida.

Alex abanou a cabeça com uma expressão severa.

- Não, ainda não estás suficientemente bem. E lá em baixo há correntes de ar. Eu pedi para nos trazerem tabuleiros para aqui. A Marta vem com eles dentro de um minuto. Quero que fiques boa para poderes vir ver o novo potro que está na cavalaria. É uma beleza, ainda mais bonito que o pai. Levei Nick a vê-lo depois da caçada. Podes vir ver-me trabalhar com Pluto amanhã, se quiseres. Ele está a portar-se bem.

O pai fez-lhe um relatório atualizado e Marianne deixou-se cair sobre as almofadas com um suspiro. Percebeu que a filha não se sentia tão bem quanto afirmava. Sentiu-se muitíssimo aliviado por ela não ter saído naquele dia. Fazê-lo teria sido uma loucura, mas era suficientemente teimosa para tentar.

Marta e um dos criados da casa chegaram poucos minutos depois com o jantar em tabuleiros e o pai deixou-a levantar-se e sentar junto da lareira, embrulhada num cobertor, enquanto ele lhe contava tudo sobre a caçada. No fim, quando

voltou para a cama, ela estava com

18

ar cansado, mas estava fresca quando ele lhe apalpou o rosto e lhe deu um beijo.

- Boa noite, meu anjo - disse, sorrindo e ela olhou para ele com olhar terno.

- Sou a rapariga com mais sorte do mundo, por tê-lo como pai - disse meigamente e ele ficou todo derretido com as suas palavras. Sentia o mesmo por ela. E depois Marianne lembrou-se de uma coisa de que se tinha esquecido de lhe dizer durante o jantar. - Hoje estive a ouvir rádio e houve uma espécie de desfile em Berlim. Ouviam-se os soldados a marchar com precisão e entoarem muitos cânticos, como se houvesse guerra. O Führer fez um discurso a pedir que todos lhe jurassem fidelidade. Era assustador... Pensa que vai alguma vez haver uma guerra, papá?

Tinha um ar jovem e inocente ao fazer a pergunta. Hitler tinha convencido toda a gente de que a ocupação da Áustria evitaria uma guerra e que a “Anschluss”, anexação da Áustria, seria o suficiente.

- Não, penso que não - disse ele em tom tranquilizador, apesar de Hitler ter mobilizado as forças militares havia dois meses. - Não penso que seja tão perigoso como parece.

E, aqui, nada nos tocará. Dorme bem, minha querida... bons sonhos. Espero que te sintas melhor de manhã. Mas continuo a querer que fiques em casa e que não vás à escola durante alguns dias. Podes fazer-me companhia na cavalaria.

Ela sorriu quando o pai saiu do quarto, sentindo-se melhor depois do que ele tinha dito. Naquela tarde, ao ouvir o discurso do Führer, tinha sentido um arrepio de medo, como se o mundo inteiro estivesse prestes a mudar. Na rádio, Hitler afirmara que mudaria. Mas o pai tinha razão. O seu líder estava apenas a falar às massas para as excitar e inspirar.

Não tinha nada a ver com eles, ali onde viviam. Adormeceu a pensar no baile de Natal e em

19

como seria divertido. Tinha de começar a fazer planos, só faltavam dois meses. E Nick dissera que este ano, pela primeira vez, Toby poderia ir. Tinha-lhe dito que nesse dia iria usar casaca e chapéu alto e ela tinha-se rido dele. Era um rapaz bem-parecido mas, para ela, parecia uma criança. Também ela se sentia criança, ao mergulhar no sono.

Mal podia esperar para ver o potro lipizano que estava na cavalaria. Recordou a primeira vez que tinha visto um e como tinha ficado chocada por não ser branco. E depois crescera e transformara-se numa bela criatura branca como a neve, como os outros que pareciam dançar suspensos no ar. Estava a pensar nos lipizanos do pai quando adormeceu. Eram seres mágicos num mundo perfeito. Um mundo onde ela sabia que nenhum mal podia alguma vez atingi-la e onde, tal como o pai dizia, estaria sempre segura.

20

CAPÍTULO 2

De manhã, Nick foi no seu Bugatti azul-vivo à enorme mansão onde o pai vivia na propriedade que lhes pertencia. Tinha-se mudado para ali quando Nick se casara, tendo-lhe dado o uso do solar, que entendia que era adequado para o seu filho e a sua noiva. Andava então a insistir com Nick para administrar as propriedades e continuava a tentar que ele o fizesse, sem sucesso. Nick sentia-se perfeitamente satisfeito por visitar os rendeiros, passar tempo com os amigos e cuidar dos filhos. Afirmava que já era trabalho a tempo inteiro, pois eles já não tinham mãe que cuidasse deles. Paul von Bingen sentia-se satisfeito por o seu filho prestar tanta atenção aos filhos, mas gostaria de o ver mais interessado nas suas propriedades e a aprender a geri-las um dia. Com quarenta e três anos, Nick estava convencido de que esse tempo estava tão longe que teria muitos anos para aprender o que precisava de saber. Nick ainda se sentia um jovem. O pai tinha sessenta e cinco anos e também ele parecia mais novo do que era. Paul von Bingen ainda era um homem bem-parecido e cheio de vitalidade, mas Nick notou que naquele dia não estava com bom aspeto. Parecia cansado e pálido e estava de sobrolho franzido quando Nick entrou na biblioteca, cumprimentou o pai e se sentou numa cadeira junto da secretária.

- Sente-se bem, pai? - perguntou Nick, preocupado.

- Sim - disse Paul, sentando-se à secretária e olhando atentamente para o filho com expressão sombria.

Depois levantou-se e foi fechar a porta. Pela expressão do pai, Nick percebeu que seria uma conversa séria, possivelmente até mesmo um sermão. Já lamentava não ter ido andar a cavalo com Alex. Aquela conversa não ia

21

ser divertida mas periodicamente tinha de se sujeitar aos discursos do pai sobre responsabilidade e obrigação e o que o dever e a sua herança exigiam deles. Nick sabia de cor os principais temas do sermão e preparou-se para o que estava para vir. O pai sentou-se de novo à secretária e pareceu estar a medir as palavras, o que era invulgar nele.

Geralmente lançava-se imediatamente numa lista bem ensaiada do que Nick devia fazer e não fazia. Há vinte anos que Nick a ouvia e esperou pacientemente que ele começasse a falar.

- Quero falar-te de algumas coisas que nunca discuti contigo - começou Paul em tom comedido e Nick olhou de relance para ele, surpreendido. Aquilo era novidade e ele não conseguia imaginar do que se tratava. - Eu era muito parecido contigo quando era novo. Na verdade, fui muito mais estouvado do que és ou alguma vez foste. Pareces ser muito apreciador de mulheres bonitas e automóveis rápidos, mas daí não vem grande mal, parece-me. E és um pai maravilhoso e um filho dedicado.

- O pai tem sido um pai maravilhoso - interrompeu-o Nick com um olhar terno. - E tem sido muito paciente comigo por eu não querer administrar as propriedades. Só que eu penso que o pai o faz melhor do que eu alguma vez farei e seria uma vergonha eu fazer um mau trabalho se tomasse conta dele agora.

O pai sorriu com uma expressão gélida que Nick nunca lhe tinha visto. Alguma coisa tinha mudado naquele dia e ele não fazia ideia do que era. O pai parecia envolvido num sentimento de tristeza que o assustava. Esperava que ele não estivesse doente. Começou a ficar cada vez mais preocupado, vendo o pai à procura das palavras.

- Há algum problema?

Foi direto ao assunto e o pai não respondeu, o que também não era normal nele.

22

- Quando eu tinha vinte e um anos - continuou Paul, evitando o olhar de Nick - conheci a tua mãe. Eu tinha vinte e dois anos quando tu nasceste. Era uma rapariga muito bela e muito jovem. Tinha cabelo escuro e olhos escuros como tu, se bem que, no resto, não sejas nada parecido com ela. - Nick sabia que era a cara chapada do seu avô paterno, à exceção do cabelo escuro. - Ela tinha um aspeto muito exótico e eu pensava que éramos da mesma idade. Tivemos uma ligação muito curta e apaixonada durante um verão, quando eu não tinha mais nada que fazer, e ela ficou grávida quase imediatamente. Mais tarde vim a descobrir que ela tinha apenas quinze anos e que tinha dezasseis quando te deu à luz. Como é evidente, os meus pais não ficaram contentes. E ainda menos quando descobriram quem eram os pais dela. O pai era um dos nossos rendeiros, ou melhor, o seu primo é que era. O pai dela tinha vindo da cidade com a mulher e os filhos para trabalhar na quinta com o primo, razão pela qual nunca tinha visto a tua mãe. Perdi logo a cabeça por ela. Os nossos rendeiros inicialmente tinham sido nossos servos, o que o meu pai achou particularmente desagradável. Eu insisti que estava apaixonado por ela e talvez estivesse. Creio que, naquela idade, ninguém sabe o que é o amor ou que efeitos pode ter, todas as ramificações e consequências e as coisas que podem correr mal. Quando ela me disse que estava grávida, eu fiz o que pensava ser a atitude certa e casei com ela, numa pequena cerimónia na capela da nossa propriedade, completamente desacreditado junto dos meus pais. O meu pai fez um acordo com o dela. Ninguém deveria nunca saber que eu tinha casado e nós concordámos que, assim que desse à luz, nos divorciáramos. O meu pai conseguiu resolver o assunto com um advogado de Munique. E ela concordou em desistir da criança logo que nascesse, o que fazia parte do contrato que o meu pai fez com eles.

23

“Fui para o estrangeiro durante um ano, para Espanha e Itália. Foi um tempo muitíssimo agradável, embora sentisse remorsos por causa dela. Divorciámo-nos logo que tu nasceste, tal como tinha sido acordado, e eles saíram da quinta. Ela e os pais, irmãos e irmãs regressaram à cidade. Ao fim de duzentos anos na nossa terra, eles sentiam-se muito envergonhados com o que tinha sucedido e queriam

ir-se embora. Mais tarde, regresssei das minhas viagens, tendo alegadamente casado com uma jovem condessa em Itália, que supostamente te deu à luz e morreu de parto com uma febre, o que era comum na época. Nunca ninguém pôs a história em causa quando apareci contigo, ao regressar, e toda a gente teve pena de mim. Ficar viúvo tão jovem e com uma criança nas mãos... A tua avó ajudou-me a cuidar de ti e nunca ninguém soube a verdade, exceto os meus pais, a tua mãe e a família dela, que se tinham ido embora, e a ama que cuidava de ti. E nunca ninguém falou sobre o assunto. Nunca mais vi a tua mãe, o que foi uma cobardia da minha parte. Mas mal a conhecia e tu foste o resultado da lascívia juvenil, uma breve loucura de verão.

“E o único amor verdadeiro que senti foi por ti. Apaixonei-me por ti no momento em que te vi e nunca, nem por um instante, lamentei ter-te. Na verdade, penso que foi assim que me tornei responsável muito cedo, o que provavelmente foi uma coisa boa, pois os meus próprios pais morreram quando eu ainda era relativamente novo e tive de aprender tudo aquilo que tu tens resistido a aprender durante toda a tua vida. Eu não tive alternativa. Tinha um filho e enormes propriedades para gerir e é o que tenho feito, por ti, para um dia poder entregar-te tudo em boa ordem.

Parecia muito triste ao dizer tudo aquilo e Nick compreendeu que a confissão do pai o transtornava muito. O que não sabia era por que razão tinha optado por 24

lhe contar a sua história naquela altura. Nick estava a tentar apreender o que o pai lhe tinha dito e o que significava para ele. O que mais o chocava era saber que a mãe que Nick sempre acreditara ter morrido ao dá-lo à luz afinal não morreria nessa altura. E não era uma nobre italiana, mas uma jovem de uma das suas quintas, a filha de um agricultor ou do seu primo da cidade, mas o impacto do assunto ainda não o tinha atingido. Nick estava mais chocado por compreender que provavelmente a sua mãe ainda estava viva, sobretudo sendo tão nova quando ele nascera.

- Está a dizer-me que a minha mãe ainda está viva e sempre esteve? Porque está a anunciar-me isso agora, pai?

- Porque tens de saber. Agora eu não tinha alternativa, tinha de te dizer. E não sei se ela ainda é viva. Presumo que sim. Disseram-lhe que nunca mais nos contactasse e nunca contactou. Era uma rapariga honesta e cumpriu a sua palavra. Não faço ideia para onde eles foram, mas tenho a certeza de que

podíamos descobrir. Calculo que ainda seja viva, agora só teria cinquenta e nove anos, o que não é muita idade. E lamento muito contar-te tudo isto. Nunca tencionei dizer-te nada.

Tinha mesmo ocultado o rasto, ao dizer que a família dela o tinha culpado pela sua morte e que nunca mais queriam vê-lo nem à criança. Isso tinha explicado a ausência de avós maternos na sua vida, o que Nick nunca tinha posto em causa e teve uma infância tão feliz que, embora tivesse pena por não ter mãe, nada lhe tinha faltado e comprazera-se com a atenção dos avós paternos enquanto foram vivos e, acima de tudo, com a do seu pai, que fazia tudo o que estava ao seu alcance pelo único filho. Paul não voltara a casar e agora Nick não conseguia impedir-se de perguntar a si mesmo porque não o tinha feito, visto que não chorava uma jovem noiva que tivesse amado. Nick imaginava que talvez as circunstâncias tivessem sido

25

tão traumáticas e desagradáveis que o tinham curado para sempre de desejar ter uma ligação permanente, embora soubesse que o pai havia tido vários relacionamentos prolongados que nunca conduziram ao casamento. Dizia sempre que a única família de que precisava ou queria era o filho.

- Agora que penso nisso - prosseguiu Paul -, lembro-me vagamente de ter ouvido dizer que ela tinha casado pouco tempo depois. Penso que o advogado do meu pai soube, depois de tratar do divórcio. Sentime aliviado por ela. Recordo-me de o meu pai dizer qualquer coisa sobre o assunto, mas não prestei atenção. Tinha-te a ti e na altura era tudo o que me interessava. E, se ela voltou a casar, tenho a certeza de que teve mais filhos. Era uma rapariga encantadora e saudável. Mas tudo o que eu tive e quis eras tu.

Ele e Nick trocaram um olhar sério e nenhum deles falou durante algum tempo.

Nick estava aturdido com o que o pai lhe havia dito e por se aperceber de que o pai que ele sempre acreditara que nunca mentia só lhe tinha contado mentiras acerca das circunstâncias que envolviam o seu nascimento. Era um choque saber que tinha algures uma mãe que provavelmente o tinha vendido por uma quantia apreciável. O pai não tinha falado em dinheiro, mas era evidente que teria feito parte do acordo, para a induzir e ao pai dela a concordarem com as condições para o divórcio e para entregar a criança.

- Como se chamava ela? - perguntou Nick em voz baixa, perguntando subitamente a si mesmo qual seria o aspeto dela.

Nunca tinha havido fotografias ou retratos dela em lado nenhum: o pai sempre disse que teria sido demasiado doloroso para ele e Nick nunca pusera a explicação em causa e respeitara os sentimentos do pai sobre a sua “trágica perda”.

26

- Hedwig Schmidt.

Nick acenou, sentindo que o nome se gravava no seu cérebro. E depois o pai respirou fundo e prosseguiu.

- Estou a dizer-te isto agora porque recebi há dois dias uma visita de um homem que não via há muitos anos. Fomos amigos quando éramos novos. Ele foi viver para a Indonésia e desde então que eu não o via. Agora é general da Wehrmacht e veio fazer-me um favor. Não sei quando nem como ele o obteve, mas tinha o registo do meu casamento e do divórcio e sabia da tua existência. As informações voam pelo ar por toda a Alemanha, neste vento muito mau que sopra de Berlim.

Paul olhou muito sério para o filho.

- O meu amigo Heinrich von Messing diz-me que a tua mãe era meia judia. Na altura eu não soube e para mim não teria tido importância. O facto de ela ser quem era bastava para que o nosso casamento fosse inadequado, devido ao seu nascimento. Os pais dela eram primos dos nossos rendeiros e, ao que parece, segundo o meu amigo, a família da mãe dela era judia, o que faz dela meia judia e a ti um quarto de judeu e os teus filhos um oitavo. E, segundo Heinrich, nestes tempos, mesmo ser só em parte judeu é muito perigoso.

- Todos nós temos consciência disso há vários anos, desde as leis de Nuremberga.

Os judeus tinham sido definidos como uma raça separada e privados da sua cidadania. Desde então, outras cento e vinte leis tinham-nos privado de outros direitos e ter qualquer antepassado de sangue “não ariano” passara a ser uma coisa muito má. Paul nunca imaginara que a condição dos judeus na Alemanha

tivesse alguma coisa a ver com eles e agora tinha tudo a ver com eles e em especial com o seu filho. A informação tinha sido um choque para Paul.

27

Os olhos de Paul encheram-se de lágrimas, enquanto continuava a falar, mas não se levantou da cadeira. Via que Nick estava aturdido com tudo o que ele lhe tinha dito.

- Ele veio avisar-me, para que eu te alertasse. Disse que alguém tinha aberto uma ficha sobre ti e a tua linhagem através da tua mãe é conhecida. Isso pode ser desastroso para ti e para os teus rapazes. Neste momento é preciso muito pouco para desequilibrar a balança. Tu e os teus filhos podiam ser detidos e expulsos, não serem autorizados a continuar aqui, nas nossas propriedades. Heinrich acha que, para estarem em segurança, tu e os rapazes têm de sair imediatamente da Alemanha. Caso contrário, com a ficha sobre ti e a tua genealogia, é só uma questão de tempo, e ele pensa que será muito pouco tempo, até vocês os três serem enviados para algum campo para “indesejáveis”. Hoje em dia, na Alemanha, é quase um crime ser judeu e mesmo um quarto de judeu coloca-vos, a ti e aos rapazes, em grande perigo. Eles têm estado a usar Dachau, perto de Munique, para “indesejáveis” de todos os tipos e agora isso aplica-se a ti e aos teus filhos.

Ao dizer isto, as lágrimas correram pela cara de Paul.

- Heinrich diz que ainda vai ser pior. Perguntei-lhe se ele podia falar a vosso favor ou se poderíamos obter algum tipo de dispensa especial quando eles perseguirem pessoas com um quarto de sangue judeu, mas ele disse-me sem hesitar que qualquer pessoa com sangue ou linhagem judaica está em perigo na Alemanha. - Ao dizer isto, Paul tossiu para esconder um soluço que ficou entalado na sua garganta como uma espinha. Parecia que o seu coração ia ficar destroçado. - Meu querido filho, tu e os teus filhos têm de ir embora.

Agora. Em breve. Antes que vos aconteça alguma coisa. Segundo Heinrich, não há tempo a perder.

Fez-se um silêncio interminável na sala enquanto as lágrimas corriam pela cara de Paul, pingando em cima da

secretária. Nenhum dos dois homens se mexeu. Nick olhava fixamente para ele,

interiorizando o que tinha ouvido.

- Tem a certeza? Tenho de partir? Isso é ridículo. Eu não sou judeu. A minha mãe podia ser, o pai não é. Eu não sou. Eu nem sequer sabia. E os rapazes são ainda menos.

A mãe deles fora católica e tinha um bispo na família.

- Para eles, não. Não para o governo de Hitler. Se tens algum sangue judeu, seja qual for a religião que pratiques, és judeu - disse Paul amargamente. - Não se trata de religião, trata-se de raça e, neste momento e neste país, tu não és um alemão de puro-sangue ariano.

- Isso é absurdo. - Nick levantou-se e pôs-se a caminhar pela sala, incapaz de acreditar no que acabava de ouvir. - Não tenho nada contra os judeus, mas não sou um deles.

Nick estava em estado de choque.

- Do ponto de vista deles, é o que és - repetiu Paul. - Não permitirei que sejas levado de tua casa e enviado para um campo de trabalhos forçados. O meu amigo da Wehrmacht disse que eles podiam vir aqui e levar-te e quase de certeza que o farão, para te usarem como exemplo. Não querem saber quem tu és nem da maneira como vives, as pessoas com antepassados judeus têm de partir ou arriscam-se ao que lhes irá acontecer se ficarem. E quem sabe o que eles vão fazer a seguir... Estão a mandar os judeus para campos de trabalhos forçados e chamam-lhes “elementos criminosos” para que seja mais aceitável prendê-los, tal como os homossexuais, ciganos e todos os que não querem na Alemanha de Hitler. Os professores judeus não podem trabalhar, os judeus estão a ser eliminados dos seus negócios e despedidos dos seus empregos, não podem frequentar parques nem piscinas.

Para onde achas que isto vai a seguir? Ainda podes obter um

29

passaporte para sair da Alemanha, com uma autorização especial. Tens de levar os rapazes e partir enquanto ainda podes, antes que tudo fique ainda pior.

E Paul começava a acreditar que tudo ia piorar. Falava a Nick com um tom de

urgência.

- Até que ponto pode piorar? - perguntou Nick com ceticismo. - Nós somos pessoas respeitáveis, pai. O pai é proprietário de uma das maiores propriedades da Alemanha. Descendemos de uma das famílias mais antigas - argumentou Nick com uma expressão de desespero.

Lutava pelo seu direito de ficar no único local que reconhecia como lar.

Paul disse, desolado:

- Do ponto de vista deles, uma mãe meio judia exclui tudo o resto. Eles não querem saber se a nossa família é antiga ou respeitável, pela tua ascendência és judeu, mesmo que não concordes. E os judeus já não são bem-vindos aqui, foi exatamente isto que o general disse. Ele próprio correu um grande risco ao vir aqui avisar-nos. Disse que a tua ficha já tinha passado pela secretária de alguém em Berlim. Estão a verificar todas as famílias antigas, todos os registos das vilas, casamentos, nascimentos, estão sistematicamente à procura de judeus. Disse que temos de avançar depressa. Podem vir cá em questão de poucas semanas.

- Que hei de eu fazer? - quase gritou Nick, mas não havia ninguém com quem gritar nem quem censurar, apenas o destino. Por causa de uma mãe que nunca tinha conhecido e que nem sequer sabia que existia, Nick e os filhos teriam de sair de sua casa e fugir. - Que tenho de fazer? Fugir?

Paul olhou para ele com um olhar destroçado e acenou.

- Sim. Heinrich disse que as pessoas estão a ir para a América, desde que tenham quem se responsabilize por 30

elas e arranjem empregos, o que não é fácil. Fiz uma lista de pessoas que lá conheço, mas não sei se estarão dispostas a ajudar. Quero escrever ao diretor da tua escola em Inglaterra, talvez ele possa ajudar-nos. Temos de contactar toda a gente que conhecemos para te tirarmos daqui. Mas, para isso, tens de ter emprego.

- E que vou fazer, pai? Ser motorista? Não sei trabalhar.

Achou que estava a dizer uma patetice, mas ambos sabiam que era verdade. O mundo em que ele vivia e a sua situação não lhe exigiam que trabalhasse nem

que soubesse fazer nada que fosse útil. Nem sequer tinha aprendido o pouco que devia: gerir as suas próprias terras.

- Talvez pudesses trabalhar num banco - disse Paul, confiante. - Há um limite para o dinheiro que podes levar contigo. Eles não querem que as grandes fortunas saiam da Alemanha.

Eu dou-te tudo o que puder. - Paul parecia desolado. - Tens de poder tomar conta dos rapazes.

- Nada na minha vida alguma vez me preparou para isto - disse Nick num tom de desespero. - Fomos criados para não fazer nada além de andar a cavalo e guiar automóveis, sermos delicados nos jantares de festa e dançar nos bailes. Que parte disto me torna aceitável para um emprego?

- Temos de pensar depressa numa solução. Não há tempo a perder. Quando lá chegares, podes ensinar alemão. Falas bem inglês, é por isso que quero escrever ao diretor da tua escola. Talvez ele possa arranjar-te um emprego numa escola, em Inglaterra ou nos Estados Unidos. É uma profissão respeitável e dava-te de comer e aos teus filhos.

- E o que hei de dizer aos meus filhos? - Não conseguia imaginar o que dizer, era tudo tão complicado, 31

tão ridículo e tão doentio. Toby, com quinze anos, não ia compreender e Lucas, com seis, ainda menos. Ele próprio não compreendia. - Que temos de sair da Alemanha porque somos considerados criminosos? Os meus filhos nem sequer sabem o que é um judeu. E terei de lhes dizer que, porque um doido varrido está a governar a Alemanha, somos agora forçados a sair de casa, ir para um sítio onde não temos nada nem conhecemos ninguém. Pai, isto é uma loucura.

- Sim, é - concordou Paul - e quando as coisas acalmarem, e tenho a certeza de que vão acabar por acalmar, poderão regressar mas, por agora, têm de ir embora. Heinrich foi muito claro e eu acredito nele. Não tens alternativa. Eu vou escrever as cartas e tu tens de pensar se conheces alguém que possa ajudar-te, responsabilizando-se por ti ou dando-te emprego.

Nick ficou sentado em silêncio durante um bocado, atordoado com tudo o que tinha ouvido. E Paul ficou surpreendido com o que ele disse.

- Os homens com quem andei a estudar em Inglaterra fazem o mesmo que eu. Caçam, andam a cavalo e gerem as suas propriedades. Não têm empregos. E eu gostaria de tentar estar com a minha mãe, pelo menos uma vez. Mesmo que não queira saber de mim, gostaria de ver quem ela é.

Subitamente era importante para ele, embora não soubesse ao certo porquê. Tinha curiosidade em conhecer a mãe, que havia desistido dele quando nascera. E, como provavelmente ela ainda estava viva, queria ver o seu rosto.

- Compreendo. Eu ajudo-te a encontrá-la.

Paul parecia estar a falar a sério, embora não se sentisse feliz com o pedido do filho. Há quarenta e três anos que ela fora embora e ele não tinha o menor desejo de a desenterrar do passado. Mas primeiro tinham de tratar

32

de coisas mais importantes do que satisfazer a curiosidade de Nick sobre a mãe.

- Agora não temos tempo a perder. Temos de vos mandar, a ti e aos rapazes, para fora da Alemanha o mais depressa que conseguirmos.

Nenhum deles ainda havia pensado na maneira de o fazer, mas sabiam que tinham de descobrir um plano. A vida de Nick e dos rapazes, ou pelo menos o seu bem-estar, dependia disso. Nick estava horrorizado com a ideia de ir para um campo de trabalhos forçados com os filhos e Paul não conseguia lembrar-se de coisa pior, embora o seu amigo general tivesse sugerido que aquele talvez fosse apenas o primeiro passo e que o pior ainda podia estar para vir, e não queria que isso lhes acontecesse. A visita do general a Paul para o avisar tinha sido uma dádiva incomensurável. Paul estremecia agora, ao pensar no que poderia ter acontecido se ele não tivesse vindo. Teriam sido apanhados de surpresa e Nick e os rapazes desapareceriam.

- Falaremos disso mais tarde - disse Nick, com expressão transtornada. - Preciso de apanhar ar.

- Onde vais? - perguntou-lhe o pai, apavorado, temendo o que Nick iria fazer a seguir.

- A Altenberg, falar com Alex.

Como sempre, em tempos de infelicidade ou de alegria, queria estar com o amigo.

- Vais contar-lhe? - perguntou Paul, preocupado.

- Não sei. Só quero ir lá passar um bocado. Claro que lhe direi quando me for embora. E preciso de pensar a quem hei de escrever e por onde começar. Não conheço ninguém nos Estados Unidos.

Até podia ser noutro planeta e ele não conseguia imaginar-se a dar aulas numa escola em Inglaterra. Não conseguia sequer imaginar-se a sair da Alemanha. Para onde? Para fazer o quê?

33

- Conheço algumas pessoas nos Estados Unidos - disse Paul em voz baixa. - Vou escrever cartas a todos, a pedir que se responsabilizem por ti e pelos rapazes e que te dêem emprego.

- Posso trabalhar como cavaliário ou como professor de dança - disse Nick em tom lamentoso.

E não estava propriamente a brincar. Era das poucas coisas que sabia fazer. Não tratava dos seus cavalos desde rapaz, mas sabia que era capaz.

- Tentarei arranjar-te alguma coisa melhor que isso - disse o pai com tristeza, horrorizado com a situação em que estavam. Estava disposto a tudo para salvar o filho e os netos.

Poucos minutos depois, Nick partiu ao volante do seu Bugatti e ambos os homens perderam-se nos seus pensamentos. Guiando o belo automóvel desportivo, Nick compreendeu que a vida que conhecia estava prestes a terminar por muitos anos, se não para sempre. E Paul tentava ajustar-se à ideia de que estava prestes a perder toda a sua família e a separar-se de todas as pessoas que mais amava. Pensou em ir com eles, mas não podia abandonar as suas propriedades. Tinha o dever de estar ali, pela terra e pelos seus rendeiros e para proteger a sua herança e tudo o que tinha sido educado para respeitar. E sentia-se demasiado velho para partir. A última coisa de que Nick precisava agora era de ter de se preocupar com um velho. Teria muito que fazer com os filhos. Paul sabia que tinha de ficar. Mas Nick e os rapazes tinham de partir. Em breve.

Quando Nick chegou a Altenberg, estacionou o automóvel e dirigiu-se para os estábulos, onde encontrou Alex já a trabalhar com Pluto. Estava a pressioná-lo nos seus movimentos, obrigando-o a mudar de direção apenas com segundos de intervalo e a treiná-lo para ficar imóvel nas patas traseiras, uma posição chamada levade e que era 34

natural nos lipizanos. Nick notou que os progressos de Pluto tinham sido notáveis nas últimas semanas, desde a última vez que tinha visto Alex a treiná-lo. O resultado das horas de treino do cavalo era extremamente bom. Pluto era um ginasta nato e seria um bom executante quando fosse para Viena, dentro de alguns meses, embora Alex ainda não estivesse satisfeito. Este acenou quando viu Nick empoleirado na vedação a observar o amigo e o lipizano a treinar.

- Correu muito mal a conversa com o teu pai? - perguntou ele por cima do ombro.

Nick encolheu os ombros. Não queria mentir-lhe e, por outro lado, ainda não queria dizer-lhe a verdade. Ainda estava a digerir o que tinha ouvido. Era tudo demasiado medonho para acreditar. Ele e os rapazes tinham de sair da Alemanha no prazo de apenas algumas semanas, sem saberem para onde ir e sem ele ter maneira de sustentar os filhos quando chegasse ao destino. O que o pai lhe tinha contado naquela manhã era um pesadelo e tudo o que Nick queria era acordar e saber que era uma brincadeira. Mas não era nenhuma brincadeira. Pensava também na mãe enquanto observava Alex a trabalhar com Pluto, acrescentando agora um movimento de salto à posição ereta do cavalo, que Nick sabia que se chamava courbette. Há anos que via os cavalos treinados por Alex fazerem aqueles movimentos, bem como os fundamentais, a cabriole e a croupade, em que os requintados cavalos brancos pareciam voar num bailado perfeitamente coreografado. Alex referia-se às manobras que faziam como que “suspensos no ar”. Alex também era brilhante a treinar os seus árabes, em treinos de haute école e à corda, e Nick sentiu-se um pouco mais tranquilo ao observar Alex a trabalhar com Pluto durante a tarde. Lá fora já estava escuro quando ele parou e um cavaleiro veio buscar o cavalo. Alex falou

35

um pouco com Pluto e acalmou-o durante alguns minutos antes de sair, como se lhe agradecesse o esforço feito e um desempenho fabuloso. Nessa tarde Pluto tivera a melhor execução de sempre e Alex parecia contente quando Nick saltou

da vedação e foi ter com ele.

- Não faço ideia como consegues que eles façam isso - disse Nick com admiração. - Tenho-te visto fazer o mesmo milhares de vezes e continuo a achar que é magia, como se obrigasses o cavalo a erguer-se no ar. És um verdadeiro mágico!

- Está-lhes no sangue. Eles querem fazê-lo - garantiu Alex com modéstia. - Eu só lhes dou coragem para tentarem. Logo que compreendem que são capazes, é fácil e divertido para eles e para mim. - Nick não parecia convencido e estava perturbado quando Alex o olhou nos olhos. - Estava tudo bem com o teu pai? - perguntou, preocupado.

De repente veio-lhe à ideia que talvez o pai de Nick estivesse doente. Esperava que não, mas Nick parecia muito infeliz e transtornado.

- Sim, ele está bem - disse Nick vagamente, ao saírem da cavalaria.

Alex olhou para ele com muita atenção. Todo o corpo de Nick parecia tenso e os seus olhos eram dois poços fundos de sofrimento. Eram os melhores amigos há demasiado tempo para que Alex não se apercebesse.

- Não tens de me contar - disse Alex cautelosamente. - Não és obrigado. Mas eu sei que estás a mentir. Se eu puder fazer alguma coisa para te ajudar, diz-me.

Nick abanou a cabeça e, sem conseguir controlar-se, perante a bondade estampada no rosto de Alex, vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Virou-se para olhar para o amigo que era como um irmão. Fora Alex que o tinha consolado quando a mulher e a filha haviam morrido e

36

que estivera sempre presente em todos os acontecimentos importantes da sua vida, os bons e os maus. Tinham festejado e chorado juntos e tinham partilhado todos os desgostos e alegrias como irmãos que sentiam que eram.

- A minha mãe ainda está viva... Durante todos estes anos, o meu pai mentiu-me acerca de quem ela era. E acaba de descobrir que ela era meia judia. Não sabia. Tem um amigo na Wehrmacht que veio avisá-lo e dizer-lhe que os rapazes e eu seremos enviados para qualquer lado, possivelmente para um campo de

trabalhos forçados, porque agora sou considerado “judeu”. Preciso de um emprego e de alguém que se responsabilize por mim na América ou em Inglaterra ou em qualquer lado onde possa chegar. Alex, não faço ideia do que hei de fazer ou de como vou sustentar os rapazes quando lá chegar. Praticamente os únicos empregos que sei que poderia ter são moço de estrebaria ou criado ou motorista.

Tinha lágrimas nos olhos ao dizer isto. Estava em pânico. Alex parou e ficou a olhar fixamente para ele, escutando-o.

- Estás a falar a sério? Isso não é uma brincadeira? Alex não conseguia acreditar. Nada do que ele lhe tinha dito era credível e sobretudo que a mãe dele estava viva e que Nick tinha sangue judeu. Mas muito pior era a notícia de que ele e os rapazes podiam ser levados para um campo de trabalhos forçados e que tinham de partir imediatamente.

Estava para além da sua capacidade de compreensão.

- Estou com cara de quem está a brincar? Que raio vou eu fazer?

- Arranjar alguém que se responsabilize por ti e um emprego e rápido! - disse Alex solenemente.

Ambos sabiam o que estava a acontecer na Alemanha desde as leis de Nuremberga, instigadas por Hitler. Só não 37

sabiam que se aplicavam a Nick e aos filhos. Eram péssimas notícias e justificavam o estado em que Nick estava.

- Um emprego a fazer o quê? - perguntou Nick, sombrio. - Pelo menos tu podes treinar cavalos. Eu nem sequer isso sei fazer. Só os monto depois de outros os treinarem.

- Tens a certeza de que não há maneira de pagares para te livrares disso ou de convenceres alguém a mudar de ideias?

Alex ainda não conseguia acreditar, tal como Nick, mas parecia ser horrendamente verdade.

- Segundo o meu pai, não. O amigo dele, o general da Wehrmacht, disse que

temos de ir já embora, dentro de poucas semanas, se não antes. Não faço a menor ideia do que vamos fazer. E porque há de alguém responsabilizar-se por mim e pelos rapazes ou contratar-me para um trabalho que eu não sei fazer?

- Havemos de nos lembrar de alguma coisa - disse Alex, tentando ajudar.

Mas, para além de encontrar um fiador e um emprego para Nick, estava a encarar a ideia de que o seu amigo de infância, que tinha sido a sua alma gémea, irmão e companheiro nas brincadeiras durante quarenta anos, estava agora prestes a sair da Alemanha, possivelmente para sempre, ou pelo menos durante muito tempo, até a Alemanha regressar ao normal, e quem sabia quanto tempo isso ia demorar?

- Os rapazes já sabem? - perguntou Alex, em pânico.

- Acabei de saber esta manhã e não vou dizer-lhes nada sem saber o que vamos fazer. E se não conseguir arranjar nada e nos levarem?

- Vais sobreviver, se tal acontecer. Mas temos de ter a certeza de que não acontece.

38

Não suportava a ideia de aqueles três serem levados. Seria demasiado cruel. E se algum ou todos não sobrevivessem? Alex queria fazer alguma coisa, tudo o que pudesse para ajudar. Tentou imaginar o que seria se ele e Marianne tivessem de sair da Alemanha, tal como Nick e os filhos. Estava para além do seu entendimento e estaria tão aterrorizado com o bem-estar e a segurança da sua filha como Nick estava certamente por causa dos rapazes. Nick tinha o desespero escrito na cara quando Alex o acompanhou até ao automóvel e ali ficaram a conversar. Alex nunca em toda a vida se sentira tão assustado por causa de alguém como estava agora por causa deles. Lembrava-se de quando a esposa e a filha de Nick tinham adoecido. Estava agora igualmente angustiado por causa de Nick e dos filhos, e sentia-se doente ao pensar nisso.

- Havemos de nos lembrar de qualquer coisa - tentou tranquilizar Nick quando ele se meteu no Bugatti.

Nick olhou fixamente para ele com a aflição espelhada nos olhos e com expressão desesperada. Nenhum deles podia sequer ter sonhado que uma coisa

assim podia acontecer no seu amado país. As suas vidas tinham parecido seguras para sempre, para todas as gerações futuras, e agora Nick era forçado a partir. Era impossível aceitar e muito menos encontrar um milagre para resolver uma situação tão atroz.

- Não sei o que hei de fazer - disse Nick francamente. - E se não há solução?

- Vai haver - disse Alex serenamente. - Vai haver, embora isto nunca devesse ter acontecido. Não num país civilizado como a Alemanha. Quem se importa se a tua mãe era judia?

- Eu quero vê-la - reconheceu Nick timidamente- - Estaria zangado com o meu pai por não me ter contado a verdade durante estes anos todos, se tudo o resto não estivesse a acontecer. Mas agora não posso estar

39

zangado com ele. O pobre homem está aterrorizado por nossa causa e com o coração destroçado por termos de partir. Mas gostava de ver quem ela é. Mesmo que não tenhamos nada em comum, ela não deixa de ser minha mãe e sempre me interroguei acerca dela.

Alex acenou. Conseguia compreender, embora aquilo agora parecesse muito menos importante que os seus outros problemas.

- É de facto importante? - perguntou Alex.

- Para mim, é - disse Nick solenemente. - Embora primeiro tenha de encontrar um fiador e um emprego nos Estados Unidos ou na Grã-Bretanha. Preciso de alguém que possa empregar-me, para poder sustentar os rapazes.

- Vou pensar no assunto esta noite - prometeu Alex.

Nick inclinou-se e tocou-lhe no braço pela janela aberta do automóvel.

- Obrigado - disse - por tudo... por seres meu amigo durante todos estes anos.

Alex fez um aceno, por um instante incapaz de falar e também ele à beira das lágrimas. Não havia nada que pudesse dizer para exprimir o que sentia ou o que Nick e os seus filhos significavam para ele. Agora odiava os nazis mais do que

nunca, pelo que andavam a fazer. O país estava louco se fosse atrás daquele pequeno monstro que queria expulsar pessoas respeitáveis das suas casas e afastá-las com os filhos. Nick von Bingen e a sua família eram a espinha dorsal da Alemanha, o seu património e a essência de tudo o que era importante. E tratar pessoas como ele e a sua família como se fossem criminosos ia abrir uma ferida em carne viva na alma do país que Alex sentira orgulho em chamar a sua pátria. E só conseguia pensar na falta que Nick e os rapazes iam fazer-lhe. Não suportava pensar nisso. Ainda estremecia por causa do que Nick lhe 40

contara e limpou as lágrimas ao entrar na mansão. Chorava pelo amigo, pelos filhos e pelo pai dele, que ficaria com o coração destroçado ao ser separado deles, por si mesmo e pelo país que tinha amado e que podia acabar por odiar, por banir o seu amigo. O que estava prestes a acontecer era uma perda incomensurável para todos e um assustador sinal dos tempos. A vida segura e tranquila de todos eles fora destruída e Alex tinha a certeza de que nada na sua vida voltaria alguma vez a ser como antes.

41

CAPÍTULO 3

Os dias seguintes a Paul ter dito a Nick que ele tinha de partir passaram para ambos com uma tensão interminável e uma constante corrente oculta de choque e medo. Nick ainda não conseguia acreditar no que estava a acontecer. Paul passava os dias a escrever cartas a pessoas que mal conhecia na América, na esperança de localizar alguém que se responsabilizasse pelo filho e lhe arranjasse emprego e a explicar a sua situação a quem quer que estivesse disposto a ouvi-lo.

Lucas não se apercebeu da tensão à sua volta, mas Tobias apreendeu-a rapidamente e perguntou ao pai qual era o problema. Foi um dos momentos mais dolorosos da vida de Nick aquele em que explicou ao filho o que estava a acontecer e por que razão tinham de abandonar a sua casa. Não fazia sentido para nenhum deles.

Depois de se desfazer em lágrimas e dizer que se recusava a partir, Tobias pegou

na bicicleta para ir contar a Marianne. Ela ia a sair da cavalaria quando a encontrou. Tinha estado a ver o pai a treinar Pluto e nessa altura já estava curada da gripe, embora ainda tivesse muita tosse, e trazia um lenço vermelho à volta do pescoço. Bastou-lhe olhar para Tobias para saber que ele tinha estado a chorar e receou que tivesse sucedido algo terrível. O pai não lhe tinha dito nada acerca do problema que os von Bingen tinham pela frente. Não queria dizer-lhe antes de os rapazes saberem e também saberem para onde iam, o que seria uma notícia concreta e não o terror brutal que então dominava Nick e o próprio pai dele. O seu pior receio era que ninguém os ajudasse e que Nick e os rapazes acabassem por ser levados para um campo de trabalhos forçados.

42

Os seus dias de liberdade estavam contados e o tempo corria. Se iam sair da Alemanha, tinha de encontrar alguma coisa e depressa.

- Vamos embora! - gritou Tobias, largando a bicicleta no chão.

Desembarçou as suas longas pernas de adolescente e correu para ela.

- Embora para onde?

A sua expressão era de sobressalto e inquietação e a desolação da cara dele assustou-a imediatamente. Tobias tinha os olhos cheios de lágrimas.

- Ainda não sei. Mas vai ser em breve. Para a América, talvez, ou para Inglaterra. O pai e o avô estão a tratar do assunto. A mãe do meu pai era meia judia e afinal não está morta. Foi-se embora para qualquer lado e eles divorciaram-se - disse ele em tom conspiratório. - E agora temos de ir embora porque eles pensam que também somos judeus.

- Isso é ridículo. - Marianne tentou desvalorizar o que ele estava a dizer e ficou a olhá-lo fixamente. Tobias era tão alto como ela e Marianne viu que ele estava a tremer, de medo e do choque provocado pelo que o pai lhe tinha dito. - Tu não és judeu. Quem disse que têm de ir embora? E vão embora para onde?

- O Reich diz que somos judeus, mesmo que seja só um bocadinho. Por causa da mãe do meu pai e ele nem nunca a viu sequer. Ela foi-se embora quando ele nasceu e entregou-o ao avô. O pai contou-me agora mesmo. Eu não vou - disse Tobias, assustado. - Quero ficar aqui. O nosso lar é aqui. - Desfez-se em

lágrimas e ela estendeu os braços e deu-lhe um abraço apertado, começando também a chorar. - O pai disse que, se não formos, eles nos levam para outro sítio. Talvez para um campo de trabalhos forçados. Também não quero que isso aconteça.

43

- O Lucas sabe? - perguntou ela, imediatamente preocupada.

Eram como irmãos. Marianne sabia que Tobias tinha uma paixoneta por ela, mas não prestava atenção a isso. Para si, ele era uma simples criança, embora só tivesse menos dois anos. Mas com dezassete e quinze anos, fazia diferença. Uma grande diferença.

- Ele é pequeno de mais. Não podemos dizer-lhe. - Repetia o que o pai tinha dito.
- O pai tem de encontrar um fiador e um emprego.

- Que espécie de emprego?

Ficou chocada com a ideia e também com tudo o mais que Tobias acabava de lhe contar.

- Não sei.

Ele estava baralhado.

- O que sabe ele fazer?

Ela parecia surpreendida. Conduziu Toby para casa, para saírem os dois do vento frio.

- Não sei - disse Toby.

Entraram no átrio principal, cheio de correntes de ar, com os retratos dos antepassados a cobrir as paredes. Ele seguiu-a até à cozinha, onde ela pediu chocolate quente para os dois, e depois levou-o para o andar de cima, para o gabinete do pai, que estava fora de casa. Era uma sala aconchegada, com as paredes cobertas de livros e a lareira acesa para quando o pai regressasse da cavalaria. Era a divisão preferida de Marianne em toda a casa, que era enorme. As divisões maiores eram difíceis de aquecer no inverno, mas aquela estava

sempre quente e era acolhedora, em especial quando o pai lá estava. Ela adorava sentar-se e conversar com ele. Tobias também gostava daquela divisão.

- Tudo isso parece uma loucura - disse Marianne em tom sensato, incapaz de acreditar na história dele ou nas suas horríveis implicações para eles. - Tens a certeza 44

de que têm de ir embora? Porque têm eles de vos mandar embora? O teu pai não é um vulgar ladrão.

- Claro que não, mas eles pensam que ele é judeu. Tobias parecia desesperado ao dizer aquilo.

- Eles estão a mandar os judeus para campos de trabalhos forçados?

Marianne estava horrorizada, como se não acreditasse nele.

- Um general que é amigo do avô veio avisá-lo. Foi ele que disse que tínhamos de partir, senão eles levavam-nos.

Marianne estava pálida e as mãos dela tremiam quando Marta trouxe o tabuleiro com uma chávena de chocolate quente para cada um. Marta apercebeu-se de que eles estavam transtornados com qualquer coisa e saiu em silêncio, convencida de que era alguma discussão entre eles e que resolveriam a desavença. Era o que acontecia sempre. Há anos que brigavam como crianças. Geralmente Marianne ganhava por ser mais velha e Tobias ainda era uma criança em muitos aspetos. Marianne estava a crescer, em particular no último ano, e Marta pensava que ela era tão bela como a mãe tinha sido, talvez ainda mais, e que tinha o temperamento do pai.

- Acho que tudo isso é uma história maluca - disse Marianne decididamente, enquanto bebiam o chocolate quente.

Não queria acreditar no que ele lhe tinha dito mas o terror nos olhos de Toby dizia-lhe que podia ser verdade, a menos que ele tivesse interpretado mal a gravidade da situação e pensasse que era pior do que era na realidade. Esperava que fosse isso.

- O meu pai sabe? - perguntou-lhe.

- Não sei. O meu pai não me disse - respondeu Toby e, como se o tivessem invocado, o pai entrou no gabinete.

45

Marta tinha dito a Alex que estavam no gabinete dele e apareceu pouco depois com um tabuleiro de chá para ele. Serviu-se de uma chávena de chá e olhou para os dois com expressão séria.

- Digam-me, o que se passa aqui?

Não sabia ao certo se tinham tido uma discussão ou se Toby lhe tinha dado a notícia, se é que Toby já sabia. Nick tinha dito que só diria aos rapazes quando soubesse ao certo para onde iriam, e ainda não sabia. O próprio Nick lho tinha dito.

- Vamos embora - disse Toby tristemente e contou-lhe a mesma história que tinha contado a Marianne havia poucos minutos.

Alex acenou em assentimento e ambos perceberam que ele já sabia.

- O teu pai disseme há alguns dias - disse em voz baixa. - São notícias muito, muito más para todos nós.

E a maneira como ele o disse revelou a Marianne que era verdade e os seus olhos encheram-se imediatamente de lágrimas.

- Como é possível, pai? - perguntou-lhe com a voz embargada. - Porque estão a enviar os judeus para campos de trabalhos forçados? E os von Bingen não são judeus.

- Afinal Nick e os rapazes são em parte judeus. E, aparentemente, isso é tudo o que o Reich precisa de saber. Pouco a pouco têm estado a bani-los da nossa sociedade nos últimos cinco anos. Parecem querer todos os judeus isolados do resto de nós, ou expulsos da Alemanha ou, se possível, confinados em campos. Toby tem razão, têm de ir embora. E muito em breve. O pai e o avô dele estão a trabalhar intensamente nisso. - Ele próprio tinha enviado várias cartas, mas ainda não tinha respostas. - Lamento muitíssimo, Toby. Tenho a certeza de que o teu

46

pai vai encontrar uma solução. Só que é duro não saber qual será.

- Podemos ir visitá-los? - perguntou Marianne em voz baixa.

Era a pior notícia que ela tinha recebido desde que o pai lhe tinha dito, há cinco anos, que a mãe e a irmã de Toby tinham morrido. Lembrava-se perfeitamente. Tinha gostado muito da mãe de Toby e ficara muito triste quando ela morreu e também com a morte da sua irmãzinha.

- Depende de onde eles estiverem - disse Alex honestamente -, mas certamente que tentaremos.

Marianne e Toby trocaram então um olhar revelador de tudo o que sentiam por serem separados. Toby não suportava a ideia de mais uma perda importante na sua vida, não só os seus amigos mais queridos como também o seu lar. Também não queria deixar ficar o avô, mas tanto ele como o pai de Toby tinham dito que o avô tinha de ficar. Não queria deixar ficar a sua residência ancestral sem vigilância com toda a agitação social que estava a acontecer, embora a mansão ficasse longe de qualquer cidade. Era difícil calcular o que iria acontecer.

Conversaram durante muito tempo e Marta trouxe-lhes mais chocolate quente e chá e alguns biscoitos acabados de fazer, o que fez com que Marianne se apercebesse subitamente de que os seus amigos talvez não voltassem a viver daquela forma. Sentiu-se grata por ela e o pai não terem de partir também. E, passado algum tempo, Alex ofereceu-se para levar Toby a casa de automóvel, mas este disse que ia bem de bicicleta e partiu passados alguns minutos, depois de dar um beijo na face de Marianne. Ela pensou nele mais do que nunca como um irmão mais novo quando ele o fez e não como o homem que ele queria ser.

- Isto é uma história medonha, pai - disse ela tristemente, ainda sem conseguir acreditar que era verdade.

47

Estava chocada com tudo o que tinha ouvido naquela tarde. Era verdadeiramente inconcebível.

- É, de facto. Não sei o que eles vão fazer. Não é fácil tirar um emprego da cartola e recomeçar a vida em algumas semanas. É preciso tempo para organizar, e é precisamente isso que eles não têm.

- E se forem enviados para um campo? - perguntou ela, contendo a respiração.

- Terão de ser muito corajosos para sobreviver - disse em tom neutro, tentando convencê-la de que tudo iria correr bem.

Mas ele próprio não acreditava nisso, de maneira nenhuma. Pensava que Nick e os rapazes deviam sair da Alemanha o mais depressa possível, mas eles ainda não tinham para onde ir.

Ele e Marianne conversaram sobre o assunto durante todo o jantar e Marianne julgou detetar um sorrisinho amarelo de desaprovação no rosto de Marta quando ouviu dizer que Nick e os rapazes eram em parte judeus. Depois ela saiu para tratar dos seus deveres na cozinha.

Marianne pensou neles durante toda a noite e acabou por cair num sono inquieto, enquanto no seu quarto Alex ainda estava acordado quando ouviu os pássaros começarem a cantar na manhã seguinte, quando ainda estava escuro. Mas nessa altura sentou-se na cama, muito direito. Tinha uma ideia. Vestiu-se depressa e desceu rapidamente a escada para ir buscar um casaco e as chaves do carro, depois correu para a garagem e meteu-se no seu Hispano-Suiza para ir a casa dos von Bingen. Bateu repetidamente à porta com a grande maçaneta de bronze e a governanta apareceu pouco depois. Alex pediu para falar imediatamente com Nick e foi informado de que ainda não estava levantado. Depois, com alguma relutância, ela concordou em ir verificar. Nick apareceu poucos minutos depois, com um roupão de seda por cima do pijama e de chinelos 48

de quarto. Ficou surpreendido ao ver Alex a andar para trás e para diante no vestíbulo da frente, como se tivesse vindo fazer uma comunicação, o que era o caso.

- Tenho uma ideia e penso que resulta - disse Alex, muito excitado.

Não queria que Nick se fosse embora, mas, dadas as circunstâncias, essa era a única esperança deles. E, com o risco de serem enviados para um campo de trabalhos forçados, também não queria que eles ficassem.

- Porque estás aqui tão cedo? - perguntou Nick com um ar atormentado, atando o cinto do roupão.

Estivera levantado até às duas horas, mas não tinha tido nenhuma grande ideia.

- Dou-te dois dos meus lipizanos e alguns árabes. Tudo o que temos de fazer é entrar em contacto com um circo e pedir que te dêem emprego e se responsabilizem por ti. E, com oito cavalos, dois deles lipizanos, tenho a certeza de que o farão.

Nick olhou para ele, incrédulo, e começou a rir. Riu-se tanto que quase chorava e depois teve de se sentar. Tocou para mandar vir café para os dois e olhou para o amigo.

- Tu és louco, mas eu adoro-te, Alex. Eu não posso ir para um circo, pelo amor de Deus, por muito fabulosos que sejam os teus cavalos. Não sei atuar num circo. Tu é que és o treinador de cavalos, não eu. E não posso levar os teus cavalos. Muito menos os lipizanos. Nenhum circo me iria contratar. Nem eu saberia o que fazer.

- Posso ensinar-te. E os lipizanos sabem o que têm de fazer. Só precisas de orientá-los por comando de voz. Deixa as dificuldades para eles. Podes montar um dos árabes e galopar à volta da pista. Nick, tu és um dos melhores cavaleiros que eu conheço. E consegues fazê-lo, salvando-te a ti e aos rapazes.

49

Alex compreendia que aquela era a única saída para eles.

- Não posso ir para um circo - contrariou Nick. - Que faria eu lá?

Parecia horrorizado, mas Alex estava decidido.

- Salvarias os teus filhos e a ti próprio do desastre que te espera aqui. A situação para os judeus está a ficar pior, não vai melhorar, e o amigo do teu pai disse que têm uma ficha sobre ti. Qual é a tua alternativa?

Nick não respondeu durante um longo momento, pensando no assunto, e depois assentiu e olhou para Alex. Tudo o que o amigo tinha dito era verdade.

- Não posso levar os teus cavalos. Logo oito, e dois lipizanos. Se o fizer, pago-te antes de ir.

- Não aceito o teu dinheiro. É como se fosses meu irmão. Se o circo te aceitar, são uma oferta minha.

- Não posso fazer isso - disse Nick com firmeza e depois ficou outra vez pensativo. - Como vou encontrar um circo, metido aqui?

- Há um chamado Ringling Brothers. Li tudo sobre ele. Penso que se uniram a outro circo e a base deles é na Flórida. Podemos telefonar para a embaixada em Berlim e perguntamos.

- Eles vão pensar que somos doidos - disse Nick a sorrir.

Começava a sentir alguma esperança, embora continuasse a achar que era uma ideia louca e que provavelmente não resultaria. Não era coisa que os circos fizessem, contratar homens com cavalos para um número, quando eles não sabiam o que fazer. Parecia-lhe muito forçado. Mas telefonaram para a embaixada ainda de manhã, que lhes deu o endereço do circo: Ringling Brothers Barnum & Bailey Circus em Sarasota, Flórida. Tinha ali a sua base de inverno, antes de sair em digressão. A mulher da embaixada sabia tudo acerca deles e Nick não lhe disse

50

porque queria contactá-los. Receava que também ela pensasse que ele era doido.

Nick e Alex fizeram depois uma minuta da carta, que pedia que o contratassem e se responsabilizassem por ele, com uma descrição dos cavalos que podia levar com ele e detalhando a documentação de que precisava que lhe proporcionassem. Foram aos correios para a enviar e depois foram para o solar, para dizerem a Paul o que tinham feito. Ele achou que era uma ideia interessante, embora também insistisse em pagar a Alex, se resultasse. Nick levaria alguns dos seus melhores cavalos. E Alex disse que tinha uma velha carruagem de caminho-de-ferro que podiam usar para os transportar no barco. Enquanto discutiam o plano, começou mesmo a convencer Nick. Depois Nick quis ir andar a cavalo, mas Alex não permitiu. Disse que tinham trabalho para fazer.

- Que espécie de trabalho? Queres ir ver outra vez os teus terrenos florestais?

Nick também gostava dessa ideia. Ajudaria a distraí-lo e a tirar os problemas da cabeça.

- Tens um número de circo para aprender, meu amigo - disse Alex com voz severa -, e depois de te ensinarmos o que precisas de saber, vamos trabalhar com

os rapazes.

Nick compreendeu que ele estava a falar muito a sério e não se riu.

Regressaram a Schloss Altenberg e Alex puxou muito por ele durante toda a tarde, mostrando-lhe como trabalhar com os lipizanos e como dar-lhes ordens com comandos de voz.

E depois fê-lo montar Pluto e andar à volta da pista, vezes sem conta, comandando o grande garanhão branco para executar todos os passos e tudo o que sabia fazer. E depois fê-lo trabalhar com Nina, a égua lipizana, e com um garanhão árabe.

51

- Os teus cavalos são muito mais inteligentes que eu - disse Nick no fim. - Estou sempre a esquecer-me do que tenho de fazer. Eles não.

Estavam impecavelmente treinados.

- Eles lembram-se de ti. Por vezes também são mais inteligentes do que eu.

Alex não tinha feito mais nada além de treiná-los, com infinita paciência, no seu estilo e nas suas ordens em liberdade. E obrigou Nick a repetir imensas vezes tudo o que tinha aprendido. Era um disciplinador exigente e incrivelmente paciente. Nick estava impressionado.

Foi uma semana de trabalho árduo às mãos de Alex, que foi incansável a treinar Nick, ensinando-o a trabalhar em equipa com os cavalos e depois incluindo os rapazes. As respostas às cartas de Paul começaram a chegar, todas negativas. Ninguém tinha emprego para Nick nem achava que podia responsabilizar-se por ele e pelos rapazes. Agora, a sua única esperança era o circo e, enquanto esperavam por uma resposta, Alex continuou a trabalhar com Nick e os rapazes. Paul veio vê-los várias vezes às cavalariças e ficou impressionado com o que viu. Também Marianne vinha observá-los todos os dias depois das aulas. Nessa altura já lhe pareciam muito profissionais. Toby ainda era um pouco tímido mas Lucas era irresistível e tinha talento natural. Montava um dos lipizanos em pelo e Alex ensinou-o a saltar de um para o outro. Tanto a égua como o macho estavam dispostos a deixá-lo fazer isso mesmo. Se o circo os contratasse, Alex ia dar-lhes Pluto e a égua chamada Nina. Esta tinha dez anos, mas estava muito bem

treinada e era segura quando montada.

Também já tinha selecionado seis árabes para eles, todos dos seus melhores. Insistiu que podia dispensá-los e que tinha tantos cavalos que nem daria pela falta deles. Mas Nick sabia que Pluto tinha sido prometido à Escola Espanhola de Equitação e que Alex teria muita dificuldade em substituí-lo. Mas Alex persistia em recusar qualquer pagamento.

52

Após duas semanas, depois de Nick ter mandado a carta para o circo, recebeu finalmente uma resposta. As mãos tremiam-lhe quando abriu o envelope diante de Alex e do pai e leu o que dizia. Fez-se um silêncio mortal. Alex temia que os recusassem. Tinham passado quase três semanas desde a visita do general e a ameaça do campo de trabalhos forçados ou pior tornava-se mais real a cada dia que passava. O circo Ringling Brothers era a sua última esperança. O olhar de Nick cruzou-se com o de Alex quando pousou a carta e tinha os olhos cheios de lágrimas quando Alex lhe tocou suavemente no braço para o consolar.

- Meu Deus, eles querem-nos - sussurrou. - Está tudo aqui. Tudo o que precisamos. Até vão dar uma caução. Podemos partir.

As lágrimas corriam-lhe pela cara abaixo e Alex deu-lhe um abraço, soltou um grito de guerra e até Paul estava também a chorar. Era uma ótima notícia mas também amarga. Com sorte, podiam evitar ser enviados para os trabalhos forçados, mas isso significava que iam sair da Alemanha para sempre e teriam de partir muito em breve. O tempo estava a esgotar-se.

Paul recuperou rapidamente a compostura, deu os parabéns ao filho e disse que ia reservar passagem num navio para a América logo que pudesse. Saiu apressadamente para fazer alguns telefonemas e meia hora depois estava de regresso. Tinha feito a reserva para Nick e os rapazes em dois camarotes de primeira classe, no luxuoso navio Bremen, que partia dentro de quatro dias para Nova Iorque. Estava disposto a transportar o vagão de carga e os cavalos com a carga e Nick e os rapazes teriam de cuidar deles. Seria a sua última viagem em classe de luxo, possivelmente para sempre ou durante muito, muito tempo, quem podia saber quando ou se alguma vez regressariam à Alemanha? O ambiente era de júbilo e pesar, excitação

53

e desespero. E quando Nick disse aos rapazes que iam partir, todos choraram.

Os seis passaram os quatro dias seguintes juntos. Alex foi implacável a ensaiar com eles o seu número para o circo. Na verdade, na véspera da partida, Nick e os rapazes já pareciam uma trupe de circo experiente. Marianne, Alex e o pai de Nick planeavam acompanhá-los até ao barco. Iam de comboio para Bremerhaven, passando por Nuremberga e Hanôver, e ali embarcariam. Na última noite, Alex e Marianne receberam-nos para jantar em Schloss Altenberg. A refeição foi soberba, houve muitos brindes, muitos momentos carregados de emoção e as lágrimas estiveram sempre presentes. Era difícil para todos. Lucas era o mais excitado, mas não tinha uma verdadeira percepção de que talvez nunca mais regressassem a casa.

Os seus documentos estavam em ordem, Paul tinha pago a taxa de emigração e, graças ao general, o Reich tinha dado a sua chancela de aprovação ao plano. Estava satisfeito por vê-los partir. No que lhes dizia respeito, haveria menos três judeus na Alemanha, o que parecia ser o que eles tinham em mente: forçá-los a partir ou esbulhá-los de todos os direitos que alguma vez tinham tido, ou arranjar uma qualquer desculpa para os tratar como criminosos. Hitler estava a “recuperar a Alemanha dos judeus” e agora, subitamente, Nick tinha passado a ser um deles, bem como os seus rapazes.

Quando entraram para o comboio da Baviera para Bremerhaven e viram que o vagão de carga com os cavalos também tinha sido carregado, ficaram os seis em silêncio ao ocuparem os seus lugares para a longa viagem. Já não havia mais nada a dizer. Tudo ficara dito na noite anterior: as suas esperanças, os seus sonhos, as suas mágoas, os seus receios uns pelos outros, o seu desgosto por se separarem. Viam a paisagem a passar, Toby e Marianne de mãos dadas e todos a lutarem contra as lágrimas. Nick tinha um nó na garganta do tamanho de um punho quando

54

o comboio entrou na estação de Bremerhaven e Alex se pôs de pé para o ajudar a vigiar a transferência do vagão de carga com uma grua para o navio. Os dois homens olharam um para o outro durante um longo momento, enquanto observavam a transferência com o coração apertado, aterrorizados com a possibilidade de o vagão deslizar. Naquele momento, Nick compreendeu exatamente o que Alex tinha feito por ele com o seu plano e a sua incrível oferta.

Tinha-lhes dado uma vida nova, segurança e liberdade. Nick tinha a esperança de um dia poder fazer o mesmo por ele, mas tal não parecia possível. Alex tinha-os salvo de um destino desconhecido e tinha-lhe dado e aos filhos a possibilidade de terem um futuro. Enquanto observavam o vagão de carga ser suavemente pousado no convés do navio, Nick sussurrou um agradecimento silencioso e Alex passou-lhe um braço pelos ombros, enquanto os dois homens perguntavam a si mesmos quando voltariam a encontrar-se.

55

CAPÍTULO 4

Logo que os cavalos ficaram em segurança no navio, dentro do seu vagão de carga, os seis juntaram-se no cais, a olhar uns para os outros. Os passageiros e os seus convidados estavam a entrar para o navio, para dar um passeio no convés e visitar os camarotes, mas Nick não queria sair do molhe. Seria a última vez que estaria em solo alemão e, logo que embarcasse, perderia tudo o que amava e conhecia. Não suportava a ideia de o pai ficar sozinho e virou-se para ele falando em voz baixa, longe dos ouvidos dos outros.

- Vai ter connosco, pai? Por favor? Não quero que fique aqui. Pode vir para o circo connosco. Tenho a certeza de que eles também se responsabilizariam por si.

Ele podia ir no navio seguinte, não corria o mesmo perigo que corriam Nick e os rapazes e podia demorar mais tempo até partir. Mas Paul abanou lentamente a cabeça. Toda a dor que sentia pela partida deles era bem visível nos seus olhos.

- Não posso. Não posso abandonar tudo o que temos aqui. Preciso de tomar conta das coisas para ti e para os rapazes. Não confio naquela gente do Reich. Se puderem, vão destruir o país. Quero ao menos proteger e preservar a nossa pequena parte dele para vocês.

Um sentido de responsabilidade e dever iam manter Paul na Alemanha, mas o seu coração seguia com Nick, Tobias e Lucas. Depois da partida deles, nada restaria na Alemanha que lhe interessasse, exceto as suas terras. Paul era agora o

guardião das suas propriedades e nada mais do que isso. E sofria, com uma dor quase física, ao vê-los todos partir.

Por outro lado, sentia-se grato por ele e Nick terem feito alguma ginástica para manter Toby fora da Juventude Hitleriana. O médico da família tinha-lhe dado

uma carta dizendo que ele tinha asma e não podia estar presente em reuniões. Paul não queria contribuir com nada para o Reich de Hitler e muito menos com os seus netos. Agora Paul odiava os nazis ainda mais. Nunca lhes perdoaria por obrigarem Nick e os filhos a partir.

- Vou sentir a sua falta, pai - disse Nick meigamente e Paul acenou baixando os olhos, incapaz de falar.

Também ele sentiria terrivelmente a falta deles. Depois ficaram ali durante alguns minutos em silêncio e Alex aproximou-se para falar com Nick.

- Quero ver como estão os cavalos.

Parecia preocupado. Estavam oito cavalos no vagão de carga, Pluto, Nina e seis árabes, dois dos quais eram machos e quatro eram éguas, e queria ter a certeza de que estavam todos bem depois da viagem de comboio e de o vagão ter sido transportado para o navio. Queria ver com os seus próprios olhos que nenhum deles se tinha magoado e que estavam relativamente calmos, embora pressentissem que estava a acontecer alguma coisa diferente. Alex tinha dado a Nick e aos rapazes todas as instruções de que precisavam e até algumas cabeçadas de fantasia para serem usadas no circo. E até ao último momento tinha recusado permitir que Nick lhe pagasse. Era uma oferta desmedida. Nick sabia que nunca conseguiria pagar com um gesto igualmente importante, exceto o seu amor e a sua lealdade eternos, mas isso Alex tinha recebido dele ao longo de muitos anos e sempre continuaria a receber. Os dois homens estavam com um ar triste e desalentado com a perspectiva de se despedirem.

Só Lucas estava bem-disposto quando embarcaram. Estava ansioso por ir explorar, mas Nick disse-lhe que esperasse até mais tarde, depois de partirem. Nick e Alex foram ver os cavalos, que estavam assustadiços mas bem. Alex disse que eles iam acalmar e que esperava que fosse uma viagem tranquila.

Enquanto Nick e Alex estavam ocupados com os cavalos, Lucas ficou a conversar com o avô e Toby manteve-se discretamente a conversar com Marianne. Ela tinha estado a limpar as lágrimas dos olhos com um lenço de renda desde que tinham saído de casa e agora olhava para Toby com tristeza.

- Vou sentir tanto a tua falta - disse ela, desolada. Ele era como um irmão mais novo desde que tinha nascido. - Escreve-me todos os dias e conta-me como é o circo. Quero saber tudo.

Tentava distrair-se e a ele também. Ele acenou em concordância e prometeu escrever, embora geralmente não gostasse de escrever cartas e raramente o fizesse, mas disse que o faria, por ela.

- Vais visitar o avô? - perguntou Toby com ansiedade e ela assentiu.

Ambos olharam de relance para o avô. Lucas estava a tagarelar animadamente com ele e até conseguiu que o avô se risse, o que, naquele dia, não era fácil.

Visitaram o camarote de luxo de Nick, com as duas cabinas ao lado. Ambas as acomodações eram muito elegantes e Nick sabia que aquele seria o último luxo que teriam durante muito, muito tempo, até regressarem à Alemanha. Tinha sido autorizado a levar dez reichsmark. Paul tinha metido um maço de dinheiro na mão de Nick sem ninguém ver e que ele escondeu debaixo da roupa logo que chegou ao camarote. Agora, era tudo o que tinham, para além da caução enviada pelo circo e do salário que ia ganhar logo que fosse contratado.

Não conseguia imaginar como seria viver do seu salário, mas assim teria de ser. Tinha deixado o Bugatti com Alex, dizendo-lhe que o usasse. Também tinham trazido várias malas, incluindo duas cheias de fatos de cerimónia para usarem no número com os cavalos. Tinha várias casacas e dois chapéus altos e um conjunto igual para Toby.

58

Quando estavam sentados no camarote de Nick, a sirene deu o aviso para que todos os visitantes desembarcassem. Aquele simples som encheu-os de pânico e Toby agarrou-se com força a Marianne como se estivesse a afogar-se e ambos se desfizeram em lágrimas, enquanto Nick abraçava o pai e depois Alex. Os dois homens fecharam os olhos ao darem aquele último abraço, como irmãos prestes a separar-se para toda a vida. Depois Nick abraçou Marianne e ela curvou-se

para dar um beijo na cara a Lucas.

- Porta-te bem e não cases com a mulher gorda do circo antes de vires ter comigo
- disse Marianne.

Lucas soltou uma gargalhada e prometeu que não faria tal coisa. Depois Paul abraçou mais uma vez os netos e olhou ansiosamente para o filho, como que para gravar todos os pormenores na memória. Nick e os rapazes acompanharam-nos até à escada e todos se abraçaram uma última vez antes de Paul, Alex e Marianne desembarcarem. Nick não fazia ideia da razão pela qual os outros passageiros estavam a sair da Alemanha, se por prazer ou como emigrantes, mas a sua própria partida tinha uma carga emocional tão grande e era tão dolorosa que os seus três visitantes mal conseguiam arrancar-se dos seus abraços, mas acabaram por o fazer. Estavam todos em lágrimas, exceto Lucas, demasiado excitado por causa do navio, para estar tão triste como os outros. E continuava a achar que ir trabalhar para o circo era divertido. Em certa medida, a angústia de sair da Alemanha perdia-se nele, por ter apenas seis anos.

Nick afastou-se da escada e ficou de pé junto da amurada mais ao fundo do convés para os ver e Toby sentou-se ao lado dele, enquanto Lucas ia e vinha, falando com os marinheiros ou com os outros passageiros e voltando para junto do pai como um cachorrinho. Nick e Alex trocaram um longo olhar entre o molhe e o navio 59

e Marianne não conseguiu controlar o choro ao acenar a Toby, que lutava para conter as lágrimas. Por fim, a escada foi retirada e os rebocadores afastaram lentamente o gigantesco navio do cais, com a sirene do barco a soar continuamente. Nick acenou às três pessoas que amava que ficavam no cais. Ouviu Toby que se engasgava com um soluço ao seu lado e passou um braço pelos ombros dele, apertando-o contra si. Depois Lucas veio para junto deles e acenou aos que ficavam no cais.

Nick, Toby e Lucas acenaram enquanto conseguiram vê-los e os três que ficaram no molhe só saíram de onde estavam quando o navio se afastou de mais para distinguirem fosse quem fosse. Só então viraram costas para regressar a casa. O SS Bremen tinha-se feito ao mar levando todos aqueles que amavam. Os três estavam pensativos ao fazer a viagem de regresso a casa e não disseram uma única palavra. O único som vinha de Marianne, que se assoava discretamente de vez em quando, acabando por pousar a cabeça no ombro do pai. Exausta com as

emoções do dia, adormeceu ainda com o lenço na mão. Todos tinham chorado sem parar naquele dia.

Nick quis verificar os cavalos mais uma vez depois de partirem e tentou convencer Lucas a ir com ele, mas este queria explorar o navio e o pai deixou-o ir. Toby estava sentado na cabine, com um ar destroçado e demasiado transtornado para fazer alguma coisa. Tinha uma orla vermelha à volta dos olhos de tanto chorar.

- Nós voltaremos - disse Nick meigamente e Toby fez um aceno com a cabeça, para ser educado, mas não acreditou.

Agora eram foragidos e proscritos na Alemanha, deslocados que não tinham o direito de ocupar o seu próprio lar. Tinha sido banidos como assassinos e ladrões comuns. E o carimbo no seu passaporte dizia “Deportado”,

60

embora não tivessem sido deportados e partissem por sua livre vontade. E agora nos seus passaportes também havia um carimbo com um vermelho, de “Judeu”, “Jude”. Eram refugiados políticos e a sua cidadania alemã tinha sido cancelada por serem judeus.

Quando Nick regressou de ver os cavalos, Toby saía e Lucas estava a visitar a elegante piscina e os canis. Havia uma sala de fumo, uma sala de repouso e também uma bela sala de baile. Ele tinha dito que queria ver os cães e Nick passeou calmamente pelo convés, encostando-se à amurada a contemplar o mar. Ao embarcar, tinha reparado em várias mulheres bonitas, mas não tinha interesse em abordá-las. Só conseguia pensar no mundo que acabavam de perder. O elegante navio era o último vestígio dele. Lucas não compreendia e Toby entendia apenas em certa medida, mas Nick tinha perfeita consciência do que estava a acontecer-lhes e de como o seu futuro seria doloroso. O facto de irem juntar-se a um circo num país estrangeiro era ainda mais estranho e era difícil prever ou imaginar como seria. Nem sequer queria pensar agora nesse assunto e deixou-se ficar a contemplar o mar, com o coração cheio de Alex e do seu pai. Nick não se sentia tão consternado e desolado desde a morte da mulher e da filha. Ficou junto da amurada até se encher de frio e depois regressou ao seu camarote. Deitou-se um bocado, na esperança de adormecer. Quando não

conseguiu, foi de novo ver os cavalos. Agarrou numa das escovas que Alex lhes tinha dado e começou a escovar Pluto. O garanhão virou-se para ele com um olhar de satisfação.

- Bom menino - disse Nick, dando-lhe palmadinhas no pescoço branco como a neve e continuando a escová-lo.

Todos os cavalos estavam presos com cordas curtas para os segurar, pelo que não se aleijaram e teriam de passar sem exercício vários dias. Nick esperava que o mar 61

não ficasse bravo, para não se magoarem. Não queria perder nenhum deles ainda antes de chegarem. Tinha trazido uma pistola carregada, para o caso de ter de abater algum. Tinha sido uma sugestão de Alex, mas esperava não ter de usá-la. Em particular para os lipizanos, eram uma carga preciosa no navio e o bilhete de Nick para uma vida nova.

Ficou muito tempo junto dos cavalos e depois voltou para o convés, onde se deparou com os filhos a jogar shuffleboard e a conversar com duas raparigas. Nick sorriu quando os viu. Toby parecia mais contente do que quando tinham partido e Lucas estava encantado a manejar o taco, que era mais alto que ele, e a tentar impressionar as raparigas que soltavam risadinhas com o que ele dizia. Tinham uma idade mais próxima dele do que de Toby. Mas acabaram por se ir embora. Lucas perdeu o interesse pelo jogo e veio para junto do pai, que estava sentado numa cadeira de lona com uma manta, para lhe dizer o que tinha estado a fazer. Ao que parecia, tinha corrido o navio de uma ponta à outra, na primeira classe, dado que não podia passar para os conveses inferiores.

- Depois podemos ir nadar, pai? - perguntou, muito excitado, e Nick concordou.

Estar com os filhos distraía-o das suas desgraças e queria que a viagem fosse um tempo feliz para eles, antes de enfrentarem o desconhecido e entrarem para o circo.

Ao fim da tarde os dois rapazes foram ver um filme na sala de cinema e Nick continuou a passear pelo convés e a ir ver periodicamente os cavalos. Um dos outros passageiros interrogou-o sobre o assunto, quando ele voltou para dentro à hora do lanche. Os passageiros da primeira classe tinham um elaborado bufete à sua disposição e o equivalente alemão de um chá da tarde. Aparentemente, a comida era muito boa a bordo, mas Nick não conseguiu comer. Só quis uma

chávena de chá, seguida por uma dose de uísque de malte puro.

62

- Ouvi dizer que viaja com um vagão de carga cheio de cavalos árabes - comentou, interessado, o homem que lhe tinha feito perguntas acerca dos cavalos. Era americano, disse que era do Kentucky e que ele próprio era proprietário de cavalos e que tinha estado na Alemanha a comprar cavalos de caça e dois cavalos de corrida, mas que seguiam para os Estados Unidos noutro navio, com tratadores que tinha trazido consigo. Disse que se chamava Beauregard Thompson.

- Para onde vai levá-los? - perguntou com um sotaque sulista tão acentuado que Nick mal conseguia compreendê-lo.

Nick estava habituado às inflexões britânicas e não ao sotaque americano do sul.

- Para a Flórida - disse Nick simplesmente.

O homem acenou, impressionado com o que tinha ouvido dizer acerca dos cavalos de Nick. Transportar oito árabes era sinal de uma grande riqueza.

- Foi inteligente da sua parte trazê-los consigo no barco - elogiou. - Pode vigiá-los pessoalmente. Eu gostava de ter oportunidade para os ver - sugeriu delicadamente e Nick fez um aceno de assentimento, sorvendo um longo gole de uísque.

Bem precisava dele, pois tinha tido um dia duro e profundamente emotivo.

- Claro - disse Nick em tom agradável. - Na verdade, são só seis árabes. Os

outros dois são lipizanos - disse, sem ter a certeza de que o homem soubesse o que estes eram.

- Oh, meu Deus! - exclamou o homem, assombrado. - Ora bem, esses gostava eu de ver. Vai levá-los para os exhibir?

Nick acenou com um sorriso torcido. Levava-os para serem “exibidos” num circo. Tinha a certeza de que, se Thompson soubesse, ficaria chocado. O circo nada tinha de cavalheiresco.

63

- Terei muito prazer em lhos mostrar - ofereceu Nick.

Depois disso Thompson foi-se embora, em busca da mulher que, segundo ele, estava a fazer compras nas boutiques do navio.

Toby e Lucas vieram ter com Nick ao seu camarote depois do filme. Foram nadar e depois Nick e Toby foram limpar as baias dos cavalos antes de mudarem de roupa para o jantar.

Há anos que Nick não fazia trabalho de moço de estrebaria, mas achou-o mais fácil do que se lembrava e não totalmente desagradável. Era uma boa oportunidade para conhecer os cavalos, andando por entre eles, dando-lhes umas palmadas de vez em quando. Pluto era o que reagia melhor ao seu contacto, esfregando-se nele sempre que ele passava, como se o cumprimentasse. Nina, a égua lipizana, era a que estava mais transtornada. Os árabes ainda estavam nervosos, mas de boa saúde. Todos os oito cavalos estavam a comer e a beber. Nick tinha o cuidado de prestar atenção a isso.

Logo que ele e Toby limparam as baias e se desfizeram do estrume, como lhes tinha sido dito que fizessem, regressaram aos seus camarotes para tomar banho e mudar de roupa.

Nessa noite o jantar era de casaca para ele e para Toby, enquanto Lucas ia comer no camarote acompanhado por um criado de bordo. Era demasiado novo para a refeição formal na sala de jantar e, de qualquer forma, seria maçador para ele. O jovem criado tinha prometido voltar a levá-lo aos canis. Segundo Lucas, o navio ia cheio de cães. Os cavalos deles eram os únicos.

Nick e Toby apresentaram-se quando se sentaram à mesa do comandante. Estavam também presentes um casal de aspeto muito encantador de Berlim, ele era de uma família de banqueiros muito conhecida e planeavam visitar familiares em Nova Iorque, e uma atriz alemã relativamente famosa que mirou Nick com interesse, sentimento que ele não retribuiu. Ela tinha mais vinte anos que ele

64

e bebeu demasiado ao jantar. Havia também um casal italiano e um escritor inglês de que Nick tinha ouvido falar mas que não lera, e uma francesa muito bonita chamada Monique, que mencionou que era viúva. O marido era alemão e tinham uma mansão no Tirol. E havia dois outros casais alemães sem nenhum interesse especial, cujo único atributo parecia ser terem muito dinheiro mas que não eram nem divertidos nem especialmente atraentes.

Depois do jantar, todos foram para um dos bares do convés superior, para tomar café, fumar e tomar uma bebida. Uma banda de música começou a tocar e podia-se dançar. Mal começaram a tocar, Toby pediu licença ao pai para sair discretamente, ao que o pai acedeu. Depois de Toby sair, Nick dançou com Monique e ainda estava a dançar quando o comandante e algumas outras pessoas se foram embora. O bar estava cheio de passageiros e toda a gente parecia bem-disposta e muito animada e, embora tivesse sido um dia muito difícil para Nick, a sua disposição também melhorou enquanto tagarelava com a atraente viúva francesa, que era uma excelente dançarina, além de uma mulher muito bonita. Para ele, agora suspenso entre dois mundos, tudo aquilo era surrealista. Por alguns instantes, no contexto atraente do navio, podia fingir que não tinha acontecido nada de mal, mas sabia o que tinha sucedido, o que lhe provocava uma enorme tristeza entre bebidas. Estava a esforçar-se imenso para fugir à verdade. A jovem francesa pressentia que algo corria muito mal na vida dele, mas era demasiado educada para fazer perguntas.

- Vai visitar amigos na América? - perguntou ela discretamente.

Ele acenou que sim. Não tinha a mínima intenção de lhe dizer que ele e os filhos iam entrar para um circo e que tinha fugido da Alemanha para salvar as suas vidas.

65

- Também eu - disse ela com um pequeno suspiro. - A Alemanha está agora tão tenebrosa, com todos aqueles comícios, desfiles e discursos. O meu marido morreu há seis meses e eu estou a precisar de uma mudança. Vou a Boston visitar a minha irmã. É onde vive com o marido. Parece gostar. Casaram no ano passado e estão à espera do primeiro filho, por isso lembrei-me de ir vê-la.

Contou que vivia perto de Munique e que não tinha filhos. A avaliar pelas jóias que trazia, Nick calculou que o marido lhe tinha deixado uma enorme fortuna. Enquanto dançavam, mencionou que o marido tinha mais quarenta anos do que ela e, segundo calculou Nick, devia ter cerca de trinta.

Era uma mulher encantadora e dançaram várias valsas e foxtrotes. O desempenho dela no tango foi particularmente impressionante. Ela e Nick faziam um par notável na pista de dança e várias pessoas pararam para os ver. No fim, ela e Nick riram-se. Tinha sido divertido. Era óbvio que Monique o achava atraente. Ele também a achava atraente, mas não estava nem com disposição nem em situação para iniciar a bordo uma ligação fosse com quem fosse. Ele era suficientemente cavalheiro para não impor tal situação a ninguém, embora ela parecesse disposta. Depois sentaram-se e ficaram a conversar durante um bocado e, às duas da madrugada, ele acompanhou-a ao camarote dela, que lhe disse que tinha apreciado muito o serão.

- Também eu - disse ele, sorrindo.

Não esperava apreciar tanto a primeira noite, mas ela tinha-lhe levantado o ânimo. E ele também gostava de dançar e dançava bem.

- Conheci hoje o seu rapazinho - disse ela quando pararam diante do camarote dela. - Ele é adorável.

- Sim, é, muito obrigado - agradeceu Nick calorosamente. - Penso que hoje ele ficou a conhecer toda a

gente que está no barco, incluindo todos os marinheiros. Está a divertir-se.

- Adorei dançar consigo. Há meses que não dançava.
- É uma dançarina maravilhosa - disse ele com sinceridade.

Ela desejava que ele quisesse dela mais do que isso, mas via que não. Havia nos seus olhos uma profunda tristeza e ela pressentia que, para ele, aquela não era uma viagem feliz. Tentava mostrar boa cara e era um perfeito cavalheiro, mas trazia com ele tristeza e distanciamento, como se tivesse perdido alguém que amasse profundamente. Na verdade, naquele dia ele tinha perdido um país e despedira-se do pai e do seu melhor amigo. Ela partiu do princípio de que ele tinha perdido uma mulher, mas ele tinha desistido de muito mais do que isso. Tinha abandonado uma vida inteira.

- Obrigada pelo elogio - disse ela, com coqueteria. - Talvez amanhã possamos fazer o mesmo. Penso que amanhã é noite de casino e no dia seguinte temos baile de máscaras.

Havia diversões especiais planeadas para cada noite e ela trouxera um vestido diferente para cada ocasião. Pelo que Nick vira naquela noite, o guarda-roupa e a figura dela eram primorosos. Para o homem certo, ela seria uma conquista gloriosa, mas não para ele. Agora já não. Ele possuía as boas maneiras e o bom senso necessários para nas atuais circunstâncias não se envolver. Tinha a sensação de que essa parte da sua vida também estava acabada. Não podia oferecer nada a ninguém, pois não tinha estabilidade, nem sequer um modo de vida agradável. Tudo isso tinha desaparecido. Resistiu à tentação de se entregar à melancolia. E, de certo modo, ainda estava em estado de choque, o que ela percebia.

67

- Terei todo o prazer em acompanhá-la ao casino - disse Nick em tom agradável, embora não fizesse menção de jogar com o pouco que tinha.

O pai tinha-lhes pago a viagem em primeira classe e ele precisava do dinheiro que trazia consigo para cuidar dos filhos. De um dia para o outro, tinha-se tornado responsável, apesar das suas atitudes despreocupadas e egoístas do passado. Esses dias tinham acabado. Tinha crescido de um momento para o outro. E uma noite ocasional de jogo a bordo, ganhando ou perdendo algumas centenas de reichsmark, já não era possível para si. Para ela seriam trocos. A diferença entre as suas situações fazia com que um simples namorico ocasional

com ela fosse desonesto. Ele já não pertencia ao mundo dela. Agora era um proscrito no seu país e na que tinha sido a sua vida. Ela não se apercebia de nada disso, mas ele conhecia a diferença entre o que tinha sido ainda há poucos dias e o que era agora. E, dentro de uma semana, não passaria de um artista de circo. Era aterrorizador pensar nisso e ainda lhe era impossível absorver essa ideia.

- Boa noite. Vemo-nos amanhã - disse ela com um olhar sedutor, desaparecendo no camarote.

Pensativo, Nick encaminhou-se lentamente para o seu. Na realidade, não a desejava, mas ela era intocável para si. As suas vidas estavam a quilómetros de distância.

Antes de regressar ao seu camarote, foi ver como estavam os rapazes. Ambos dormiam profundamente e tapou Lucas cuidadosamente com o cobertor. O filho estava abraçado ao ursinho de peluche que tinha trazido consigo e com o qual tinha dormido durante toda a vida. Vestia um pijama azul-claro. Toby também dormia sossegadamente, com o rosto tranquilo do rapaz que ainda era. Nick regressou ao seu quarto, sentou-se numa cadeira confortável e acendeu um charuto. Tinha muito em que

pensar naqueles dias. Serviu-se de conhaque de uma garrafa que tinha no quarto e sentou-se às escuras, ao luar, a olhar para o fumo e para a ponta incandescente do charuto, perguntando a si mesmo o que lhe reservaria o futuro.

69

CAPÍTULO 5

A noite no casino com Monique foi tão agradável como a noite anterior. Dançaram depois de jogar e foi um serão animado, que Nick apreciou. Sempre gostara de jogar, dentro do razoável, mas nessa noite só jogou duas vezes na roleta, quantias modestas, e perdeu. Monique ganhou quinhentos reichsmark e ele não voltou a jogar. Estava a ser cauteloso.

Ambos os rapazes estavam a gostar do navio, o tempo estava ótimo e os cavalos

estavam bem. Na noite do baile de máscaras, a meio da viagem e longe de terra, apanharam uma tempestade de novembro. O navio começou a andar para cima e para baixo. Pedindo desculpa a Monique, que, como se verificou, não enjoava, Nick foi ver os cavalos, depois de ver como passavam os filhos, que estavam ótimos na sua cabina. Os cavalos estavam num frenesim e de olhar enlouquecido por causa do temporal e Nick ficou várias horas junto deles, tentando acalmá-los. Não podia fazer grande coisa, exceto estar presente e tentar tranquilizá-los o melhor que podia, dando-lhes palmadinhas, fazendo-lhes festas e falando-lhes em tom tranquilizador. Não valeu de muito, mas ele não queria deixá-los sozinhos, para o caso de algum se magoar. Agora eram decisivos para ele e para os rapazes e, pela noite dentro, à medida que a tempestade parecia piorar, se tal era possível, o pior aconteceu. Pluto olhou para ele e deitou-se em silêncio, um sinal temível nos cavalos.

Nick teve perfeita consciência das consequências logo que o belo garanhão se estendeu no chão sem que nada pudesse fazer para o impedir. Também tinha consciência de que, se Pluto não voltasse a levantar-se por sua própria vontade nas próximas horas, no máximo no prazo de um dia, estaria morto quando chegassem a Nova Iorque. E não podia aparecer 70

na Flórida só com um lipizano, e em especial sem o garanhão que tinha prometido. Pluto era de longe o mais imponente dos dois lipizanos, embora Nina também fosse encantadora.

Mas era ultrapassada pelo garanhão em raça, físico e tamanho.

Nick ficou com ele durante toda a noite e de manhã a situação não tinha melhorado. A tempestade estava cada vez pior e, com um sentimento de pânico, Nick regressou ao seu camarote para mudar de roupa e foi à sala de jantar para tomar o pequeno-almoço. Nenhum dos filhos se sentia bem e decidiram ficar na cabine. Não lhes falou de Pluto. Mais tarde teria tempo para dar aquela má notícia, se o cavalo se recusasse a levantar-se. Nick continuava com a esperança de que ele recuperaria, talvez quando a tempestade acabasse.

Encontrou Beauregard Thompson ao pequeno-almoço. Eram dos poucos passageiros que estavam no bufete naquela manhã. A maioria das pessoas tinha ficado nos camarotes, enjoadas por causa do temporal, incluindo a mulher de Thompson, que, segundo este, se sentia muito mal. Mas Thompson era uma alma resistente e Nick sempre fora um bom marinheiro. Nick mencionou que estava

com um problema com um dos cavalos e pediu conselho a Thompson.

- Não pode fazer grande coisa, além de manter a esperança de que ele volte a pôr-se de pé - disse ele, partilhando a preocupação de Nick. - Se o seu garanhão está deitado, isso é como uma sentença de morte para ele. Há quantas horas já está assim?

Nick disse-lhe e ele acenou.

- Tive uma égua que me fez o mesmo no ano passado. Pensei que ela voltasse a levantar-se e que sobrevivesse, mas isso não aconteceu. Matei-a ao fim de dois dias. Abatemo-la, mas ela estava quase pronta quando o fizemos. Teria morrido no prazo de duas horas. Se esta

71

maldita tempestade abrandasse, teria uma possibilidade mas, no estado em que está o tempo, duvido que consiga que ele se levante. Provavelmente está enjoado - o que contribuiria para o problema. - Vou vê-lo depois do pequeno-almoço, se quiser - prometeu.

Nick levou-o ao vagão de carga quando saíram da sala de jantar. Os árabes ainda estavam assustados mas a aguentar e Nina parecia desesperadamente infeliz, mas ainda estava de pé. Pluto estava no mesmo sítio em que Nick o tinha deixado, no chão. Não se tinha mexido nem um centímetro e olhou para Nick com uma expressão de derrota e desespero e depois pousou a esplêndida cabeça no chão da baia. Beauregard contemplava-o, maravilhado.

- Meu Deus, que criatura espetacular - disse o homem com assombro. - Que tamanho tem de pé?

- Um pouco mais de 1,60 m - o que era uma altura considerável para um lipizano.

- Nunca vi nada tão belo - exclamou, absolutamente maravilhado. - Ele é incrível. - Pluto estava muito abatido, deitado na sua baia, mas ainda era de uma beleza assombrosa.

- Tem de salvá-lo.

- Sim, mas como? - perguntou Nick, assustado. Sentia que Pluto lhe escapava por entre os dedos.

Nick detestaria ter de dizer a Alex que o belo e jovem garanhão tinha morrido antes de chegarem.

- Não há nada que possa fazer exceto manter a esperança e rezar para que ele decida sobreviver. É suficientemente jovem para conseguir, se quiser.

Tudo o que Nick podia fazer era manter a esperança de que ele não morresse.

Beauregard Thompson ficou com ele durante um bocado e depois regressou ao seu próprio camarote, para ver como estava a mulher. Nick ficou sozinho no vagão com os cavalos durante o resto do dia. Os camareiros tinham prometido vigiar os rapazes. E ele sabia que Toby

72

era capaz de tomar conta de Lucas. Finalmente a tempestade abrandou um pouco, mas Pluto não se mexia e praticamente não emitia qualquer som, mesmo quando Nick o afagava e falava com ele. Parecia estar cada vez mais fraco.

No fim do dia, Nick estava desesperado. Era óbvio que o garanhão não conseguiria recuperar e que era apenas uma questão de tempo até morrer, talvez algumas horas. E não havia a menor possibilidade de o alimentar ou sequer de lhe dar água enquanto estivesse ali deitado. Nick sabia o suficiente acerca de cavalos para compreender que estava a assistir às últimas horas do belo e jovem garanhão. A certa altura pensou mesmo em ter piedade dele e usar a pistola para o abater, mas não teve coragem para o fazer. Em vez disso, sentou-se ao lado dele e continuou a acariciar-lhe o pescoço e a cantarolar, com os olhos cheios de lágrimas. Era doloroso assistir à morte lenta do lipizano.

E por fim pousou a cabeça no ombro de Pluto e, sabendo que não havia ninguém a ouvi-lo, Nick implorou-lhe que se mantivesse vivo.

- Eu sei que isto pode parecer-te estúpido - disse ao cavalo em voz baixa - e que tu mereces melhor do que a vida num circo, mas eu preciso de ti para os meus rapazes. Sem ti, provavelmente lá na Flórida eles não vão querer-nos e, se não nos quiserem, não tenho maneira de dar de comer a Toby e a Lucas. Se não vieres para o circo connosco, estamos metidos num grande sarilho. Pluto, se ao

menos ficares vivo por mim, eu juro que tomo conta de ti para sempre e ficarei a dever-te a minha vida. Os meus rapazes dependem de ti, tal como eu. Por favor, não morras... por favor... precisamos desesperadamente de ti... eu preciso de ti... farei tudo o que puder por ti. Prometo...

As lágrimas corriam pela cara de Nick enquanto falava para ele.

73

De repente notou que a tempestade tinha acalmado por completo. O navio tinha deixado de oscilar. E, como se também tivesse dado por isso, Pluto virou a cabeça para olhar para Nick, deitado ao lado dele, e sacudiu a cabeça como em assentimento. E depois estremeceu violentamente, o que Nick pensou, aterrorizado, que seria o seu último suspiro, e, com um enorme esforço e um ruidoso relincho, Pluto conseguiu equilibrar-se nas pernas trémulas. Nick observava-o, sem acreditar no que os seus olhos viam. Pluto estava de pé! Tinha conseguido e, com muita sorte e algum alimento, não morreria! Era como se o garanhão tivesse tomado aquela decisão e feito um supremo esforço pelo seu novo dono.

Nick pôs os braços à volta do pescoço do cavalo e soluçou. Nunca se tinha sentido tão grato por nada em toda a vida. A morte do cavalo a caminho da Flórida teria sido o último revés numa série de choques brutais que tinham virado do avesso a vida deles. E agora estava tudo bem outra vez. Deu ao cavalo um pouco de água, que Pluto bebeu cautelosamente com um olhar de gratidão para Nick, e depois virou-se para olhar para os outros cavalos e Nina relinchou-lhe da sua baia, como a dar-lhe as boas-vindas. Nick ficou mais uma hora com ele, para ter a certeza de que ele não voltava a deitar-se mas, quando se foi embora, o garanhão estava a comer e já tinha melhor aspeto.

Nick foi imediatamente à procura de Beauregard Thompson e bateu à porta do camarote dele quando não o viu no convés. Ele veio à porta, ficou admirado ao ver Nick e disse que tinha estado a tratar da mulher.

- Como está ele? - perguntou em tom sombrio, referindo-se ao garanhão.

Tinha a certeza de que Nick tinha vindo dizer-lhe que estava morto. Não esperava que sobrevivesse, pois já estava deitado há demasiado tempo.

- Arrebitou - disse Nick com um grande sorriso.

Thompson ficou a olhar fixamente para ele.

- Não acredito. Quando o vi, estava quase morto. - Nick fez um aceno de concordância. - O que lhe fez?

- Falei com ele. Implorei-lhe que se levantasse e ele levantou-se.

Nick estava extasiado e extremamente aliviado.

- Você é melhor que eu. No ano passado, eu não consegui que a minha égua se levantasse, por mais que tentasse. Chamei o veterinário três vezes para a ver e mesmo assim perdemos-la.

Mas tenho de reconhecer - disse a rir - que nunca lhe pedi que se pusesse de pé. Bem, isso é ótimo. - Deu uma palmada no ombro de Nick. - Tomamos uma bebida depois de jantar para celebrar.

- Obrigado. Só queria que soubesse.

Nick tinha esperança de estar com Monique nessa noite depois do jantar. Estivera demasiado ocupado com Pluto e preocupado com ele para olhar sequer para ela desde que o cavalo se tinha deitado. Ela continuava a mostrar interesse por ele e tinha mandado entregar-lhe um bilhete no camarote, com uma garrafa de champanhe, dizendo que sentia a sua falta.

Estava a pressioná-lo. Noutra altura da sua vida, teria conseguido seduzi-lo. Mas naquele momento, os acontecimentos não lhe permitiam dispensar-lhe a atenção suficiente.

Quando Nick regressou ao seu camarote, sorria abertamente. Pluto tinha sobrevivido e, tanto quanto era possível naquele momento, o seu futuro estava garantido. Tal como Nick lhe tinha pedido, Pluto salvara-lhe a vida.

No último dia da viagem, Nick vigiou atentamente tanto Pluto como os outros cavalos, mas todos pareciam estar de boa saúde e o garanhão parecia mais forte do que nunca logo que voltou a pôr-se de pé, a comer e a beber. Parecia ter estabelecido uma ligação mais profunda com Nick depois da sua doença e relinchava de prazer sempre que ele entrava no vagão. Era como se agora soubesse quanto significava para ele e o que se esperava dele. Nick tinha a sensação de que agora eram amigos.

Nick passava os dias com os filhos, a jogar shuffleboard, a nadar, a fazer tiro aos pratos com Toby e a passearem juntos pelo convés. E, com Pluto recuperado, passava os serões com Monique. Dançavam até altas horas da noite, admirados por todos os que os observavam. Formavam um par magnífico e era evidente que se divertiam muito. Os seus tangos eram lendários no navio e notava-se que ficavam muito animados sempre que estavam juntos. Monique tinha tendência para se exhibir e apreciava as atenções que atraíam e o facto de estar com um homem tão bem-parecido como Nick. E, finalmente, quando a acompanhou até ao seu camarote, dado ser a última noite, Nick beijou-a. Tinha bebido um pouco de champanhe a mais, para festejar a recuperação de Pluto, e não conseguiu resistir aos encantos de Monique quando pararam ao luar de novembro, intenso e enchendo todo o céu. Chegariam a Nova Iorque no dia seguinte.

- Quando regressa à Alemanha? - perguntou ela num sussurro, depois de ele a beijar pela segunda vez.

Estava ansiosa por voltar a vê-lo e prolongar o prazer da viagem.

- Não regresso - disse ele em voz baixa e ela olhou-o com surpresa.

76

- Pensava que vinha só de visita, para expor os cavalos em qualquer lado.

- Vou ficar - disse ele, não querendo explicar porquê nem dizer-lhe que ia apresentar os seus cavalos num número de circo.

Sentia-se embaraçado com a vida que ia ter, entre gente do circo, que apenas conseguia imaginar como sendo excêntricos. E agora era um deles. Ainda não se tinha adaptado à ideia e perguntava a si mesmo se alguma vez se adaptaria.

- Há alguma razão para não regressar? - perguntou ela, parecendo surpreendida e desconfiada.

Conhecia outras pessoas que tinham abandonado o país nos últimos anos, pessoas assustadas com o que estava a acontecer na Alemanha e que temiam pelas suas vidas. Mas não conseguia imaginar uma razão para Nick ser uma delas.

- Sim - disse ele, encostando-se à amurada iluminada pelo luar.

Não queria mentir-lhe e teria preferido não explicar, mas compreendeu que ela queria ouvir uma resposta.

- É judeu? - perguntou-lhe ela com uma expressão de curiosidade.

Não pensava que fosse provável. Era evidente que ele era um nobre de posição elevada, como sugeriam o nome, o aspeto e o título.

- Sim e não - disse ele francamente. - No mundo real, como o conhecíamos até há pouco tempo, não era. Na Alemanha de Hitler, ao que parece, sou. Nunca conheci a minha mãe.

Os meus pais divorciaram-se quando eu nasci e o meu pai e eu descobrimos recentemente que ela era meio judia, o que faz com que eu e os meus filhos sejamos judeus, segundo os nazis. Tivemos de partir, pois poderíamos ser enviados para um campo de trabalhos forçados se ficássemos, e por isso vamos para a América.

77

Ela pareceu chocada com o que ele lhe disse e, por um momento, ele ficou na dúvida sobre qual a parte da história que a tinha alarmado, se o facto de ter escapado por pouco de ser enviado para um campo de trabalhos forçados ou de a mãe ser judia.

- Eles são horríveis - disse ela, subitamente compreensiva. - E absurdos. Que irá fazer?

Parecia preocupada e triste por causa dele e dos rapazes, o que confirmava que era boa pessoa. Ele riu-se com a pergunta.

- Não tive muitas alternativas. Não tenho nenhuma profissão, não sei fazer nada. Penso que podia ser professor de dança - sorriu-lhe - ou motorista ou moço de estrebaria.

Não posso dizer que alguma destas opções me agradasse e só tinha algumas semanas para encontrar uma solução. Um amigo deu-me os cavalos que tenho comigo. Dois são lipizanos, treinados para exposições. Vou entrar para um circo com um número equestre - disse com um sorriso forçado. - O meu filho de seis anos está encantado. Não posso dizer que sinto o mesmo, mas estou grato por ter conseguido tirá-los da Alemanha e por ter encontrado alguma coisa que sou capaz de fazer. Por isso, minha querida, tem passado as noites a dançar com um artista de circo. Ousaria dizer que os seus amigos ficariam chocados, tal como os meus.

O facto de lhe dizer aquilo, em voz alta, tornava tudo simultaneamente pior e melhor. Pior porque tornava a situação mais real e melhor porque era tão ridículo, até para ele próprio, que tornava a história risível em vez de lhe dar vontade de chorar. Sem saber o que mais havia de fazer, Monique riu-se.

- Está a falar a sério? - pensou que talvez ele estivesse a gracejar. Mas, pela expressão dos olhos dele, compreendeu que não estava. Era a história mais estranha que alguma vez tinha ouvido.

78

Tinha ouvido falar de médicos e advogados que tinham saído da Alemanha, todos eles judeus, mas nunca aristocratas como Nick.

- Muito a sério. Quando desembarcarmos em Nova Iorque, levo os meus filhos e os cavalos para a Flórida onde fomos contratados pelo Maior Espetáculo do Mundo. Eles patrocinaram-me para sairmos da Alemanha e ofereceram-me o emprego. Estou muito grato. Por isso, lamento mas apareceu um pouco tarde. Há um mês, eu podia tê-la cortejado devidamente e tê-la-ia visitado quando regressasse. Agora vou passar o inverno na Flórida com uns quantos excêntricos, palhaços e números de circo e vou andar em tournée com eles durante nove ou dez meses por ano. Posso mandar-lhe postais de todos os cantos dos Estados Unidos.

Quando ele disse isto, ela pareceu pela primeira vez verdadeiramente chocada, sobretudo com a expressão dos olhos dele. Era evidente que ainda lutava com o

impacte do que lhes tinha acontecido.

- Não consigo sequer imaginar tal coisa - disse ela francamente.

- Nem eu, mas é melhor que um campo de trabalhos forçados na fronteira com a Checoslováquia. Ou ver os meus filhos morrer de subnutrição ou de uma doença qualquer. Na verdade não tínhamos alternativa.

- É um homem corajoso, Nick - disse ela em voz baixa, impressionada com o que ele lhe tinha contado.

- Não, sou um homem que foi empurrado para fora da sua terra natal por um lunático que quer purificar a raça superior e conquistar o mundo. E os judeus não são bem acolhidos nele nem fazem parte do plano. E, subitamente, por uma artimanha do destino, passei a ser um deles. É mais do que um pouco humilhante, no mínimo. Escorreguei do topo para o fundo da escada, literalmente de um dia para o outro.

79

- Pensa que Hitler é realmente assim tão mau? - perguntou ela pensativamente.

Na perspetiva de Nick, era, sem dúvida, mas ela ainda tinha dificuldade em acreditar que ele era tão perigoso quanto Nick dizia. Até então, nada do que Hitler tinha feito a afetava, exceto que a sua costureira preferida se tinha ido embora e que o seu médico em Munique tinha sido obrigado a fechar o consultório. Mas, fora isso, não tinha sofrido nenhuns maus efeitos. E, de qualquer maneira, o médico estava prestes a reformar-se.

- Na verdade, penso que ele é consideravelmente pior do que todos nós pensamos - disse Nick em tom amargo. - Agora que sei em primeira mão o que ele se prepara para fazer, penso que vai fazer mudanças que nos vão assustar e afetar a todos. Os rapazes e eu somos sem dúvida um bom exemplo disso. E, se o meu pai ainda fosse casado com a minha mãe, seria um criminoso por estar casado com uma judia. Agora, é contra a lei um cristão ser casado com uma judia. Por sorte divorciou-se dela. Nunca teria sobrevivido a isto, ser desenraizado e ter de abandonar tudo o que sempre conheceu, desaparecendo como um ladrão na noite.

- Ele virá também aos Estados Unidos? - perguntou ela, agora com curiosidade

acerca deles.

Com as suas confissões, ele tinha-se tornado para ela numa pessoa real, não apenas um homem superficialmente bem-parecido. Nick abanou a cabeça em resposta à pergunta sobre o seu pai.

- Vai ficar para proteger as nossas propriedades. O que, além de mim e das crianças, é a única coisa que ele alguma vez amou. É um homem de dever, honra e tradição. Ficou para gerir as nossas propriedades até eu regressar. E só Deus sabe quando será. Provavelmente só depois de Hitler sair de cena, ou alguém o expulsar ou lhe dar um tiro, o que me parece uma excelente ideia.

80

- Agora, depois de ter fugido, podia dizer abertamente aquelas palavras. - E, mesmo que eu possa mais tarde regressar à Alemanha em segurança, já não posso herdar as minhas propriedades até as leis sobre os judeus serem alteradas. Os meus filhos e eu já não podemos ser donos de propriedades.

- Pensa que vai haver guerra? - perguntou ela, parecendo ligeiramente nervosa.

- Não sei. Eles dizem que não, mas, quanto a mim, todos os sinais apontam para ela. Os seus comícios parecem chamadas às armas. Penso que ele só vai parar quando conquistar toda a Europa. A Alemanha nunca será suficiente. A ocupação da Áustria foi só o começo.

Estava convencido disso.

- Ele é ambicioso - concordou Monique - e parece haver soldados em todo o lado. A última vez que fui a Munique havia uma quantidade incrível. E a maioria parece ser SS, o corpo de elite.

- Também reparei - concordou Nick. - Consegui manter Tobias fora da Hitler Jugend porque ele tinha asma em criança e temos um médico compreensivo. Não queria que ele andasse a exhibir-se de uniforme, a papaguear as palavras do partido. E, em vez disso, agora vai andar no circo, a brincar com os palhaços. Que raio de alternativa!

- Tenho a certeza de que eles acabarão por permitir que volte, provavelmente muito em breve - disse ela, para lhe dar coragem. Mas Nick tinha muitas

dúvidas.

- Não estou convencido. E, minha querida, até lá, receio bem que a pessoa em que me transformarei quando chegarmos à Flórida nem sequer é própria para que a conheça.

- Não seja ridículo - ralhou ela, e depois baixou a voz, em tom conspiratório. - Eu era manicura quando conheci o meu marido. Ele casou comigo e mudou a minha vida. Não era o circo, mas eu não nasci no mundo

81

pomposo em que o Nick nasceu. Só cheguei a ele por causa de Klaus. E ele ficava muito transtornado sempre que alguém dizia alguma coisa sobre isso. Contratou um professor para me ensinar a falar e agir como uma dama. Era uma confissão admirável, que Nick achou fascinante e encantadora na sua honestidade. E, pensando no assunto, bastava a maneira como ela dançava para a denunciar. Era um pouco íntima de mais, um pouco sedutora e escandalosa de mais para uma dama da alta sociedade e dançava o tango como nenhuma mulher respeitável ousaria. Mas ele não se importou. Era uma mulher agradável e ele gostava de conversar com ela. E que importância tinha isso agora?

- Se eles alguma vez a expulsarem da Alemanha - disse ele maliciosamente, tentando desvalorizar o facto de isso lhe ter acontecido e ainda o magoar profundamente. Era muito mais aristocrático que qualquer um dos idiotas que conhecia no Terceiro Reich -, podemos formar uma equipa de dança ou pode ir trabalhar comigo no circo. Mas não creio que a mandem embora, desde que não seja judia.

- Não sou - confirmou ela -, mas o Nick também não é, na realidade.

- Não é isso que eles entendem e também não é propriamente correto. Faço parte da raça que eles querem suprimir. Segundo eles, é uma raça de criminosos e mestiços.

- Alguma vez voltarei a vê-lo? - perguntou ela com tristeza.

Ele contemplou-a durante um longo momento, antes de responder.

- Provavelmente não - disse em voz baixa. - Não vejo como. Vai fazer uma bela

visita à sua irmã e ao bebê dela, quando nascer. Depois volta para a Alemanha, para a vida que conhece, que o seu marido lhe deu. E eu

82

estarei aqui, no circo. Não “no” circo, mas dentro do circo, tal como os palhaços.

- Não diga isso - repreendeu-o ela, com a voz embargada.

Lamentava-o.

- Porque não? É verdade. E o melhor é habituar-me depressa. Não é uma vida que queira, Monique. - Ela não negou, porque o que ele dizia estava certo. - Podemos escrever um ao outro. Mas, por agora, isso é o melhor que posso fazer.

Ela compreendia agora que ele mantivera a distância, evitando mesmo beijá-la, devido a tudo o que acabava de lhe explicar, não devido a ela. Inicialmente tinha-se mantido muito distante dela, exceto na pista de dança, e ela compreendia porquê. Fora um perfeito cavalheiro, por respeito e bondade. Não queria arrastá-la para os seus sarilhos nem para a vida que estava prestes a ter. Nem sequer queria que ela a visse, e sabia que não veria. Ela voltaria para a Alemanha dentro de um mês e viveria a vida que tinha desde que casara. Uma vida que Nick nunca mais viveria. Tinha nascido nela, ao contrário de Monique. Mas a ela fora permitido ficar e agora ele era um refugiado. A ironia e a injustiça da situação não escaparam a nenhum deles.

Nick gostava de Monique e da sua franqueza. E ela também gostava dele por ser sincero. Não tinha tentado ocultar o que estava a suceder-lhe e sentia uma grande amargura, mas não contra ela. Era tão encantador como ela pensara logo de início. Agora ainda era melhor. Não era apenas um belo e cativante aristocrata: era um autêntico ser humano. E

ela lamentava saber tudo o que estava a acontecer-lhe. Sentia que tinha feito um amigo. Ele voltou então a beijá-la, mas sem paixão. Ela era uma mulher bonita mas, subitamente, as suas vidas eram demasiado diferentes. Como artista de circo, ele não se sentia muito

83

cativante. Sentia-se tudo menos isso ao beijá-la, desta vez castamente na face, e

depois regressou ao seu próprio camarote. Era difícil imaginar como seria a sua vida, mas decerto não seria nada do que alguma vez fora. E não estava ansioso por descobrir.

Nessa noite, deitado na sua cama, ficou muito tempo acordado. Por fim, vestiu um casaco por cima do pijama e saiu, encostando-se à amurada. Nessa altura estava quase a nascer o dia e o Sol apareceu devagar, enquanto entravam no porto de Nova Iorque. Os restantes passageiros estavam a dormir e ele observou a Estátua da Liberdade quando passaram por ela. Os rebocadores já tinham vindo para os conduzir e às sete horas, sob um brilhante sol matinal, entraram no cais. Tinham chegado. E, quer ele se sentisse preparado para ela quer não, a sua nova vida tinha começado.

84

CAPÍTULO 7

Nick foi verificar que todos os cavalos estavam devidamente presos e Toby ajudou-o a limpar as baias antes de desembarcarem. Lucas deu água a todos, como o pai o tinha ensinado a fazer, e pôs aveia nos sacos de comida deles. Nick comentou que durante a longa viagem os três tinham aprendido a ser moços de estrebaria competentes. Logo que se vestiu, foi observar atentamente o guindaste que baixou com todo o cuidado o vagão de carga até ao cais.

Do molhe sobre o rio Hudson, o vagão seria levado para a estação onde se iniciaria a sua viagem até Sarasota. Nick mal teve tempo para encontrar Monique para se despedir dela, antes de se juntar aos rapazes no automóvel que tinha alugado para os levar à estação. Encontrou-a à espera de que o seu interminável amontoado de baús de viagem e malas de camarote fosse retirado por empregados de bordo e carregadores. Tinha vestido um pesado casaco de peles e um espetacular chapéu com véu, além de luvas de pelica branca.

- Está muito bela - disse ele a sorrir. - Obrigado pelos nossos encantadores serões. Há muitos anos que não dançava tanto.

E apercebeu-se de que, sobretudo graças a ela, a suspensão da realidade no barco

lhe tinha feito bem. Era o seu último adeus a uma vida de que tinha sido obrigado a abdicar e tinha gostado de passar aquele tempo com ela.

- Cuide de si - disse ela, olhando para ele com expressão saudosa, desejando que as coisas fossem diferentes, mas não eram. - Escreva-me uma vez por outra.

- Escrevo, sim - prometeu ele, mas nenhum deles tinha a certeza de que o faria e ele pensava que seria pouco provável.

85

O que podia ele ter para dizer que a interessasse, no seu mundo seguro, na mansão do marido no Tirol, depois de regressar de Boston? De uma estranha maneira, ela tinha herdado a vida para que ele tinha nascido, enquanto ele a tinha perdido. Eram como navios que se cruzavam na noite. Ele beijou-a suavemente no rosto, através do véu, sorriu e partiu, enquanto ela ficou na amurada, a vê-lo meter-se no automóvel com os filhos. Lucas estava pendurado à janela, erguendo os olhos para o navio donde acabavam de sair. Um camião plataforma transportava o vagão de carga com os cavalos. Nick tinha reservado um minuto para agradecer a Beauregard Thompson a bondade e o apoio durante a experiência da quase morte de Pluto. Deram um aperto de mãos e o cavaleiro do Kentucky desejou-lhe sorte.

Ao seguirem para a Penn Station, Lucas estava fascinado com tudo o que via e tagarelava muito excitado, enquanto Toby se entregava a um silêncio pensativo. Nick mantinha-se atento, para ter a certeza de que o vagão de carga se mantinha estável e de que o carro com as bagagens não se perdia deles. Nunca tinha tido de tratar sozinho de tantos pormenores e de tomar tantas decisões. Até então, os criados e subordinados tinham tratado de tudo o que estava agora à sua responsabilidade e ele sentiu um novo respeito pelo talento e dedicação deles, ao verificar como era complicado gerir todos os pormenores, em particular em relação aos cavalos. Quando seguiram apressadamente para o comboio, ele parou no escritório da Western Union na estação para enviar telegramas ao pai e a Alex, dizendo que tinham chegado bem a Nova Iorque. Lucas insistia que queria ver a cidade, o Edifício Chrysler e o Empire State Building, que era o edifício mais alto de Nova Iorque, mas Nick disse que não tinham tempo.

Pareceu um feito hercúleo meter o vagão no comboio da Seaboard Air Line Railway e meia hora depois 86

estavam instalados no seu compartimento, com bagagem a toda a volta. Foi um alívio quando finalmente saíram da estação, apesar de não terem visto nada de Nova Iorque. Nick não conseguia deixar de pensar em Monique, que estava a caminho de Boston, e como era mais simples a vida dela. Podia regressar à Alemanha sempre que quisesse, enquanto ele e os filhos tinham fugido. Não lhe escapou a crueldade do destino, mas era assim que o mundo funcionava agora. Pensou também na mãe, quando seguiam para sul no comboio. Teria gostado de tentar encontrá-la antes de sair da Alemanha, mas não tinha tido tempo. E, de uma certa forma, pela primeira vez sentiu-se zangado com ela por o ter abandonado, mas ela era então uma rapariga nova, provavelmente sem alternativa no assunto. Estava decidido a encontrá-la um dia e conhecê-la, mas sabia que por enquanto era impossível, mesmo que alguma vez conseguisse regressar à Alemanha. Se Hitler se mantivesse no poder, Nick seria um apátrida para o resto da sua vida.

- Não vamos voltar, pois não? - perguntou Toby em voz baixa, depois de Lucas adormecer, embalado pelo movimento rítmico do comboio, várias horas depois de saírem de Nova Iorque.

- Não sei - respondeu Nick honestamente. Não queria mentir-lhe nem dar-lhe falsas esperanças. - Depende do que acontecer na Alemanha. Por agora, o nosso lar vai ser aqui.

Não tinham alternativa.

- Com o circo? Para sempre? - Toby ficou horrorizado.

- Durante algum tempo.

- Tenho saudades do avô - disse Toby com tristeza e Nick fez um aceno.

Também ele sentia a falta do pai. Terrivelmente. E de Alex. E da sua casa e da sua vida confortáveis.

87

- Também eu. Tenho a certeza de que também ele sente a nossa falta - disse Nick com tristeza, enquanto o comboio para a Flórida continuava o seu percurso.

Passava muito da hora de jantar quando, nessa noite, o telegrama de Nick

chegou ao solar que fazia parte da mansão. Paul tinha decidido ficar onde estava - a casa principal seria agora demasiado solitária, sem Nick e os rapazes, por isso não voltou para lá. E ficar no solar era uma maneira de se convencer de que eles regressariam. A mansão principal era o lar deles.

Sentiu-se aliviado ao ler o telegrama: tinham chegado bem a Nova Iorque e estavam a caminho da Flórida com os cavalos em bom estado. Nick tinha assinado em seu nome e no dos rapazes e Paul ficou com lágrimas nos olhos ao lê-lo. A sua vida tinha sido muito triste nos últimos cinco dias, sem eles. Não conseguia sequer imaginar uma vida inteira sem eles e tinha envelhecido visivelmente dez anos de um dia para o outro.

Quando Alex recebeu o telegrama de Nick em Schloss Altenberg, mostrou-o a Marianne, que estava sentada na biblioteca com ele. Tinham-se sentido quase tão solitários como o pai de Nick. A ausência de Nick e dos rapazes foi duramente sentida na vida de todos. Alex sentiu alívio ao ler que os cavalos tinham feito a viagem sem percalços. Nick não lhe dissera que Pluto quase tinha morrido. Isso só teria servido para preocupar Alex sem necessidade, visto que agora estava tudo bem e Pluto parecia mais saudável do que nunca. Pelo menos por agora, o futuro deles estava assegurado.

Sempre que o comboio fazia as suas paragens a caminho do sul, Nick levantava-se e ia ver como estavam os cavalos e dava-lhes água fresca. Os rapazes ficaram entusiasmados com o jantar na carruagem-restaurante. Depois

88

o bagageiro foi preparar os seus beliches. Só deviam chegar a Sarasota na manhã seguinte e viajariam durante toda a noite. Lucas adorou a luzinha azul por cima da sua cama no compartimento. Achava excitante tudo o que se relacionava com a viagem. E Toby alegrou-se um pouco depois do jantar, vendo passar a paisagem rural. Nick estava exausto devido à tensão da viagem e à constante preocupação com os filhos ou com os cavalos. Havia imensas coisas a tratar. Não fazia ideia de como era complicado gerir a sua própria vida e não estava a gostar nada do processo. Por muito mau que fosse, seria bom chegar à Flórida e deixar finalmente de andar de um lado para o outro. Tinha a sensação de que tinham vindo do outro lado do mundo para chegar ali. E ainda não tinham

chegado. Estava grato por não terem de voltar a viajar nos três meses seguintes, pois o circo estava instalado na sede de inverno e só sairia em tournée em março. Depois disso andariam na estrada, de cidade em cidade, durante nove meses. Mas agora teriam tempo para se adaptarem à nova vida, apenas com um plano de trabalho leve de espetáculos ocasionais em Sarasota. Assim, tanto ele como os rapazes teriam oportunidade de se adaptarem e instalarem e também de aperfeiçoarem o seu número. Bem gostaria que Alex ali estivesse para o ajudar a melhorar ainda mais, e tentava recordar tudo o que ele lhe tinha ensinado sobre os passos dos lipizanos.

Depois da noite anterior passada em branco no barco, Nick mergulhou num sono profundo no comboio, com o ritmo hipnótico e os sons das rodas nos carris. Era de manhã, num dia de sol intenso, quando finalmente chegaram ao destino. Nick tinha acordado os filhos uma hora antes, para se vestirem e tomarem o pequeno-almoço, mais uma vez na carruagem-restaurant.

Lucas pediu quase tudo o que havia na ementa e tentou fazer o pedido em alemão. Nick obrigou-o a usar o seu inglês titubeante 89

em vez de lhe fazer a tradução. Toby tinha aprendido inglês suficiente para falar um pouco, embora não bem. Tinha de lutar com as palavras, mas as pessoas com quem falou tiveram paciência com ele. Nick deixou que Lucas pedisse para todos e ele não se saiu nada mal e pediu tudo como devia, exceto as panquecas, a que chamou “crepes”, baralhando o empregado.

Os dois rapazes falavam superficialmente francês, que aprenderam com uma ama que tinham tido quando eram mais novos e de que ainda se recordavam, e inglês suficiente para se fazerem entender.

Quando o comboio parou finalmente na estação de Sarasota, tinham a sensação de andar em viagem há semanas ou meses e não há uns meros seis dias no navio e vinte horas no comboio.

Quando Nick saiu do comboio com os rapazes já havia trabalhadores do circo a retirar o vagão de carga e dois carregadores levaram as malas. Não tinha a menor ideia do que devia fazer a seguir quando chegou junto deles um homem com um brilhante fato azul, camisa lavanda e gravata encarnada, com um chapéu borsalino puxado para trás e brandindo um charuto malcheiroso como se fosse uma varinha mágica.

- Senhor von Bingen? - perguntou.

Os dois rapazes ficaram a olhar para o homem, refletindo em silêncio os pensamentos não expressos do pai. Nunca tinham visto ninguém como ele. O homem teve um sorriso rasgado logo que Nick confirmou a sua identidade. Era evidente que o homem de fato azul brilhante era do circo e que tinha vindo ao encontro deles. Foi o que ele confirmou logo que falou.

- Bem-vindos à Flórida e ao Maior Espetáculo do Mundo - disse ele majestosamente, agitando o charuto diante da cara de Lucas.

O rapaz franziu o nariz por causa do cheiro nauseabundo e virou as costas, enquanto o pai apertava a mão do homem.

90

- Obrigado por ter vindo ao nosso encontro - disse Nick com sinceridade, grato pela ajuda.

- Claro. Joe Herlihy - disse ele, abanando a mão de Nick como se fosse uma alavanca, como se quisesse arrancar-lhe o braço.

Joe deu ordens ao pessoal para carregar o vagão de carga no camião plataforma que tinha trazido. O logotipo do circo estava gravado na porta da carrinha de caixa fechada que conduzia e era estranho vê-lo naquele momento. Subitamente tudo se tornava mais real.

- Como se portaram os cavalos durante a viagem?

- Surpreendentemente bem - disse Nick no bem articulado sotaque britânico que tinha ao falar inglês, pois fora em Inglaterra que o aprendera, no colégio interno.

O homem do charuto falava com um sotaque arrastado sulista que Nick tinha dificuldade em compreender.

- Os rapazes falam inglês? - perguntou Joe com interesse e com um amistoso olhar de relance por cima do ombro para os rapazes que iam sentados no banco de trás do furgão.

O vagão seguia atrás no camião plataforma.

- Um pouco. Estão a aprender. Viemos num navio alemão, por isso na verdade ainda não falaram - explicou Nick.

- Podem passar anos sem nunca o aprenderem aqui - disse Joe com um grande sorriso. - Temos trinta e duas nacionalidades no circo e mais de mil e trezentos artistas e trabalhadores.

É uma pequena aldeia, na verdade não tão pequena como isso, talvez mais uma cidade pequena. - Disse-o com um evidente orgulho. - Estou com eles há doze anos. Geralmente sou um espião, pelo menos nos Estados Unidos. Na Europa, é o próprio North que faz a pesquisa e a contratação. E servem-se de mim para receber e saudar pessoas como o senhor.

Temos muitos alemães, bem como checos, polacos e húngaros. Todos eles também falam alemão. Deve sentir-se à vontade.

91

Nick sabia que era preciso mais do que uma língua comum para se adaptar aos seus novos colegas e ao meio, mas se muitos deles falavam alemão, seria agradável para os rapazes e sabia que Lucas se sentiria aliviado. Queria fazer amigos rapidamente, queria sempre. Toby queria praticar o seu inglês, tal como Nick. Havia muitas expressões americanas que ele não compreendia.

- Também há muitos franceses, italianos e espanhóis. Temos um grupo de acrobatas japoneses e uma família de ginastas e malabaristas chineses. Falam inglês, embora eu mal consiga entendê-los. E quase todos os números dos grandes felinos são alemães. Deve ser muito popular no seu país.

Nick sorriu quando ele disse isto. Se era, ele nunca tinha ouvido falar nisso. Na Alemanha, nunca tinha conhecido nenhum domador de leões, nem acrobatas ou malabaristas. Nem sequer conseguia imaginar vagamente como seriam. Mas estava prestes a descobrir.

Ambos os rapazes estavam de olhos arregalados ao atravessarem Sarasota. Era uma pequena vila muito bonita e Joe foi-lhes indicando pequenos pontos de referência. Afinal a distância até à sede de inverno, no parque de diversões, era pequena e, quando lá chegaram, Nick viu uma enorme extensão de terreno com muitos metros quadrados que fervilhava de atividade. Havia uma tenda gigantesca, com uma grande cúpula, onde teriam lugar os espetáculos enquanto

ali estivessem. Havia animais ferozes enjaulados, tendas, arenas para praticar, workshops, estaleiros de caminho-de-ferro e o que parecia ser um mar de caravanas em vários parques de estacionamento enormes. Eram centenas. Depois passaram diante dos portões de uma estrutura enorme que parecia uma casa, mas maior, que Joe disse que era Ca' d'Zan, com o aspeto de um palácio veneziano instalado sobre a baía.

- Os Ringling vivem ali - explicou ele.

92

Nick já sabia que eram os proprietários do circo e que John Ringling North era o presidente desde o ano anterior, depois da morte do tio John Ringling. Era um negócio inteiramente familiar, presidido por seis dos atuais irmãos Ringling. Tinha comprado o Barnum & Bailey Circus há muitos anos, em 1907, e os Ringling detinham agora o controlo total. Tinham efetuado a fusão de dois circos poderosos e prósperos e transformaram-nos num todo assombroso, com mais de mil e trezentos empregados, mais de oitocentos animais, cento e cinquenta e dois camiões e um comboio de cinquenta e nove carruagens. E, para onde quer que Nick olhasse, via pessoas com estranhos vestuários, mulheres e raparigas de tutu e roupas de ballet e homens e mulheres com fatos de ginástica. Naquele dia tinha havido ensaio para os palhaços e Lucas olhava fixamente para eles quando se cruzavam. Falavam animadamente uns com os outros, seguidos por cães de várias formas e tamanhos, com vestimentas engraçadas, que faziam parte do seu número.

- Temos mais cavalos que quaisquer outros animais. Mas os vossos são os únicos lipizanos no país - explicou-lhe Joe.

Nick olhou em volta quando saíram do carro - mais parecia serem dez ou doze circos reunidos num único local. Era mais circo e tudo o que o acompanhava do que algum deles podia sonhar.

- Uau! É tão grande!

Toby assobiou baixinho e o pai estava a pensar a mesma coisa. Dava a sensação de que era fácil uma pessoa perder-se ali. Lucas estava aos saltos, querendo conhecer os palhaços.

- Acabarão por conhecer toda a gente - disse Joe para tranquilizar os dois

rapazes. - E há muitos miúdos com que podem brincar. Serão todos ensinados em conjunto quando formos para a estrada. Quando estamos em

93

Sarasota, os filhos de todos os artistas vão para as escolas locais. São muitos para uma única escola. E os seus dois rapazes também vão para a escola.

Subitamente, parecia ser uma verdadeira comunidade, com famílias, e não só as bizarras personagens do circo.

- Na verdade, este ano viemos cedo para passar o inverno. Tivemos uma greve de atores que nos obrigou a parar quase até julho. Por isso viemos para as nossas instalações de inverno mais cedo do que o habitual, embora tenhamos feito alguns espetáculos extra no Centro-Oeste.

O que tinha sido uma bênção para Nick, pois já ali estavam e não em tournée quando chegaram.

- E penso que vamos partir mais tarde na primavera, o que lhes dará muito tempo para ensaiarem e se instalarem antes de sairmos em tournée. Geralmente começamos em fevereiro ou março. Agora estamos a projetar sair no princípio de abril. Estreamo-nos em Nova Iorque.

Joe olhou para um apontamento que tinha no bolso para confirmar o número da caravana deles e consultou um mapa para a encontrar. Era no terceiro dos enormes parques de estacionamento e, quando o camião encostou junto dele, Nick reparou que era particularmente comprida, embora não muito larga. Quando entraram, parecia um quarto de hotel barato, mas tinha tudo o que precisavam.

Reteve a respiração quando entraram na caravana. Aquele era o seu novo lar e nunca tinha visto nada semelhante, com dois quartos minúsculos e uma cozinha em miniatura. O seu espaço de estacionamento para o Duesenberg era maior que aquilo e ele tentou não manifestar no rosto o que estava a sentir. Os rapazes espreitaram para dentro dos quartos, explorando. Lucas pareceu satisfeito e estava ansioso para sair, para conhecer as crianças que tinha visto a vaguear por ali. Acabavam de vir da escola em 94

vários autocarros escolares. Toby deixou-se cair no único sofá da caravana com

uma expressão exausta e confusa. Tudo era simples e estava limpo, mas nunca nenhum deles tivera consciência de que havia pessoas reais a viver assim. Nick recordou a si mesmo que se tivessem sido enviados para um campo de trabalhos forçados, teria sido muito pior. Ou se tivessem sido obrigados a abandonar as suas propriedades, por serem judeus. Para onde teriam ido?

- Temos uma tenda armada no parque de diversões para os vossos cavalos. Pusemo-la o mais perto que foi possível da vossa caravana. Está calor, por isso eles ficam bem instalados numa tenda. Teremos um atrelado para eles, quando forem para a estrada. Podem arrumar o vosso vagão de carga aqui ou pô-lo num dos comboios - disse a Nick, que acenou.

Sentia-se esmagado com todas aquelas informações e com a minúscula caravana onde viveriam, que era generosa pelos padrões do circo. Os dois quartos eram do tamanho das camas.

Tudo era extremamente diferente do que sempre tinham conhecido e Toby parecia prestes a desfazer-se em lágrimas, o que Nick desejava que não acontecesse. Lucas ficaria transtornado se visse o irmão desesperado. E agora Nick tinha de se preocupar com os dois. Tentava mostrar boa cara por causa deles. Depois pediu a Joe que o levasse à tenda onde estavam os seus cavalos, para poder tratar deles. Sugeriu que Toby e Lucas fossem com ele, para os manter ocupados.

- North quer vê-lo às quatro da tarde - disse Joe a Nick. - Eu venho buscá-lo e levo-o. E têm ensaio amanhã de manhã, às dez horas. Ele também assistirá. Vocês são um número importante para nós - disse generosamente. - Ele gosta de ver todos os números quando chegam. Gosta particularmente de cavalos e tenho a certeza de que vai gostar dos vossos.

Ele próprio é um cavaleiro exímio. E quer ver os vossos lipizanos.

95

- Espero que ele goste do nosso desempenho - disse Nick vagamente.

Não conseguia imaginar-se a encontrar o caminho naquele labirinto de caravanas, tendas, trabalhadores, artistas e grupos de pessoas que vagueavam pela zona como formigas.

Nunca tinha visto tantas pessoas no mesmo sítio em toda a vida. Os rapazes estavam fascinados. Nick viu Toby a observar um grupo de raparigas com fatos de ballet cobertos de lantejoulas. Eram raparigas bonitas e com boa figura e ele desejou que a sua visão os animasse um pouco. E subitamente Nick deu por si a sentir a falta de Monique, que ao menos estava familiarizada com o mundo dele. Tinha a sensação de ter sido largado noutra planeta, nada se assemelhava ao que alguma vez já tinha visto. A própria paisagem tropical era estranha e diferente, além de estar calor.

Joe apontou para a cozinha instalada noutra tenda enorme, onde podiam comer; também podiam cozinhar na caravana, se preferissem, mas nenhum deles sabia cozinhar. Nick nunca tinha cozinhado em toda a vida, e era mais uma coisa que tinha de aprender se queria alimentar os rapazes. Achava que seria esgotante ir à tenda da messe com centenas de pessoas a todas as refeições. E depressa compreendeu que havia uma coisa que não teriam ali: privacidade. Eram tantas pessoas, a viverem tão próximo umas das outras, aparentemente umas em cima das outras! Bastava estender uma mão para tocar na caravana ao lado da sua. Seria difícil conseguir afastar-se e ter um momento de solidão ou ter vida familiar sem ser invadido por centenas de pessoas.

Depois de Joe se ir embora, percorreram a curta distância até à tenda onde os seus cavalos tinham sido colocados em baias e presos em segurança. Viraram as cabeças quando Nick e os rapazes entraram e Pluto sacudiu ferozmente a dele logo que viu Nick, como se o cumprimentasse. Nick sorriu. Ali estava, finalmente, algo que 96

ele conhecia. Dirigiu-se rapidamente para o grande garanhão e acariciou-o, obtendo mais conforto por lhe tocar do que o que lhe dava. Precisava de ver Pluto naquele momento, tal como Nina e os outros. Eles eram a última oferta da sua vida perdida, um último bocado de Alex, um minúsculo vestígio do mundo que tinham conhecido e que tinha desaparecido tão depressa do outro lado do oceano, num país onde já não eram bem-vindos. Era tudo o que restava. Oito cavalos e os seus dois filhos.

Decidiram ficar e escovar os cavalos antes de regressarem à caravana. Pôs em Pluto umas rédeas que alguém tinha tirado do vagão e pendurado num gancho perto da baia dele.

A tenda tinha uma sala de aprestos improvisada, onde tinha sido posta a

forragem deles.

Depois Nick montou o garanhão, e de repente, ali sentado, a vida pareceu-lhe novamente real. Acontecesse o que acontecesse e fossem para onde fossem, tinham-se uns aos outros e os cavalos que Alex lhe tinha dado. Tinha Pluto que voltara à vida por ele e, ao inclinar-se sobre a cabeça do cavalo, sussurrou “obrigado”. Sabia que, por agora, o lipizano era o seu único amigo naquele mundo assustadoramente desconhecido. O garanhão lipizano levá-los-ia a bom porto. Já o tinha feito, ao decidir voltar a pôr-se de pé. E por isso, e por esta oportunidade, Nick estava profundamente grato, por muito estranho que tudo parecesse.

97

CAPÍTULO 8

Embora fizesse todos os esforços para não o mostrar, Nick estava nervoso antes do seu encontro com John Ringling North. Não fazia ideia do que o esperava, da mesma maneira que não sabia o que seria a vida no circo. Era como se tivesse sido largado num planeta diferente, ao observar centenas de artistas de circo e empregados, a andar de um lado para o outro em grupos ou dirigindo-se para os ensaios, com fatos de palco ou roupas de trabalho. Nessa tarde tinha ouvido o rugido de tigres e tinha passado uma fila de elefantes quando ele e os rapazes regressavam à caravana. Tudo o que viam era invulgar, novo e diferente.

Joe Herlihy veio ter com Nick à tenda dos cavalos para o levar à reunião. Olhou com admiração para o belo garanhão branco.

- Os dois lipizanos são incríveis - disse ele, vendo Toby a escovar Pluto. O garanhão sacudiu a cabeça com um ruidoso relincho, como se agradecesse. - Eles fazem um número em liberdade, não fazem? - perguntou, o que significava que reagiam a comandos de voz e sinais.

- Sim, mas também os monto - respondeu Nick. Era mais fácil montar Nina, era mais velha e mais calma e tinha mais treino. Mas Pluto era um desafio maior.

- Deve ser um espetáculo digno de se ver. O seu rapaz mais velho também?

Nick assentiu. Alex tinha trabalhado com Toby antes de partirem. Não era, de maneira nenhuma, um artista de circo, mas montava muito bem e tinha toda a vida à sua frente.

E tinha ensinado a Lucas alguns truques mais simples para ele poder fazer parte do número, se o circo quisesse.

98

- Os árabes também estão todos treinados para atuarem em liberdade.

Nick sorriu a Joe, que usava um fato, se possível, ainda mais espalhafatoso que o que vestira de manhã. Era cinzento com reflexos prateados. Joe era um homem encorpado, pelo que se via muito tecido, e trazia uma gravata em azul-vivo e uma camisa cor-de-rosa. Mas quase parecia normal, no ambiente do circo e com as pessoas vestidas das maneiras mais estranhas que os rodeavam, muitas delas com cores vivas e roupas de fantasia. Para o seu encontro com John Ringling North, Nick tinha vestido um fato impecável do seu alfaiate em Berlim. Não fazia ideia do que devia esperar nem por que razão o presidente, que era o proprietário do circo, queria conhecê-lo.

Antes de saírem, Nick avisou Toby de que depois iria ter com ele à caravana e disse-lhe que tomasse conta de Lucas. Este tinha andado todo o dia num estado de grande excitação, dizendo que queria conhecer todos os palhaços. Para Nick era quase surrealista viver agora no meio deles, que estavam prestes a fazer parte da sua vida quotidiana. Claro que Lucas estava entusiasmado e Toby não sabia o que pensar. Mal tinha falado desde que tinham chegado. Parecia ainda estar numa espécie de sobrecarga emocional por causa da viagem e do estranho lugar em que tinham aterrado.

Nick foi com Joe na sua carrinha de caixa fechada com o logo do circo e poucos minutos depois saíram e entraram num edifício no parque de diversões. Joe conduziu-o ao escritório de North, onde duas secretárias pareciam tão sérias e respeitáveis como se estivessem no gabinete de qualquer advogado ou banco. E logo a seguir, quando John Ringling North saiu, trazia um fato escuro as riscas, semelhante ao de Nick, embora não tão bem feito, camisa branca, gravata azul-escura e sapatos impecavelmente engraxados. O cabelo preto e ondulado estava bem

cortado e exibiu um sorriso rasgado ao cumprimentar Nick de forma agradável, apertando-lhe a mão e convidando-o a entrar. Ao menos aqui Nick sentiu-se como se estivesse num mundo que lhe era familiar. John Ringling North era sério, falava bem e parecia ser um homem inteligente. Convidou Nick a sentar-se diante da sua secretária. Joe tinha-se sumido quando eles entraram.

- Seja bem-vindo à Flórida e à Ringling Brothers - disse acolhedoramente o presidente do circo. - Espero que tenham feito boa viagem e que os seus cavalos não se tenham ressentido.

- Não ressentiram - garantiu Nick, tentando não pensar que Pluto quase tinha morrido durante a tempestade. Mas agora estava bem e de boa saúde. - Queria agradecer-lhe - disse Nick rapidamente. - Estou-lhe muito grato por se ter responsabilizado por mim e pelos meus filhos. Literalmente, salvou as nossas vidas. Nestes tempos que correm, a Alemanha não é um lugar seguro. Para nós, pelo menos. Tudo aconteceu muito depressa para mim e para a minha família e fomos avisados de que devíamos partir o mais depressa que conseguíssemos.

O senhor ajudou-nos a fazê-lo.

- Compreendi isso mesmo pela sua carta - disse John North com cuidado. - Mas devo reconhecer que fiquei um pouco confuso. Pessoas com o último nome como o seu, com um “von”, não são geralmente sujeitas a perseguição religiosa. O que se passa agora na Alemanha? Houve algumas questões políticas de que não tenho conhecimento? Opôs-se abertamente ao atual governo?

Sabia que havia quem o fizesse, com resultados potencialmente desastrosos.

- Só há algumas semanas descobri que a minha mãe, que nunca conheci, era meio judia. Para nós, mudou tudo de um dia para o outro. Estávamos a correr um

risco enorme. Recebemos um aviso particular da Wehrmacht, o exército, de um amigo do meu pai, para partirmos. Ele é general e fez-nos um enorme favor, ao alertar-nos para o perigo iminente. Disse que as coisas vão ficar muito piores. E, para quem é judeu, já estão muito complicadas. - Sabia-o em primeira mão. - E, com a minha ascendência, de que eu nunca tive conhecimento, subitamente os meus filhos e eu corríamos um grande risco. É impossível prever até onde

chegará este tipo de ódio e preconceito. Podiam querer fazer de nós, de mim e dos meus filhos, um exemplo, para mostrar que até os aristocratas que afinal são judeus não serão tolerados e não são bem-vindos na Alemanha de Hitler.

John Ringling North parecia perturbado com o que ele dizia, mas não surpreendido. Recentemente ouvira histórias semelhantes e contratara outros artistas judeus que tinham saído da Alemanha nos últimos anos. Apesar de tudo o que tinham deixado ficar para trás, depois de 1935, pensavam que partir era mais seguro e mais sensato.

- O senhor e os seus cavalos serão uma ótima aquisição para o espetáculo. Nunca tivemos lipizanos, neste país não existe nenhum, embora eu os conheça bem. Serão um festim para as nossas audiências. Belos animais. Estou ansioso por ver os seus. Entrará antes do intervalo com o número dos animais. Os números e os artistas no arame alto irão depois.

Geralmente abrimos com os felinos na arena central. Gostava de o apresentar logo a seguir, também na arena central. - Era uma grande honra, o que Nick ainda não sabia. - O

que também levanta a questão do seu nome. Nós viajamos por todo o país, vamos às grandes cidades e às pequenas vilas. Os americanos não lidam muito bem com os nomes estrangeiros e gostávamos de lhe dar um nome de que eles consigam lembrar-se. Pergunto-me se não se importa de encurtar o seu 101

nome para Nick Bing, apenas como nome artístico, evidentemente. E também me pergunto se tem algum título. O “von” sugeria que tinha ou que podia ter. Nick pareceu embaraçado quando North fez a pergunta, e também surpreendido com a mudança de nome. Mas não havia dúvida de que Nick Bing parecia americano e seria mais fácil de recordar que von Bingen.

- Na verdade, o meu pai tem um título, mas não o usa. Tem um pensamento muito mais moderno e acha-o desnecessário. Ele é conde.

- Podíamos usar isso - disse North, pensativo. - Conde Nick Bing. O conde. - Ia experimentando. - Prefere duque?

- Na verdade, não - disse Nick, demasiado modesto para se assumir como duque, que ele achava embaraçosamente pretensioso. - Preciso mesmo de um título?

Estava horrorizado com a desonestidade e a arrogância da sugestão. Era visconde, graças ao pai, mas raramente usava o título.

- É teatral e os americanos adoram a realeza. Ficamos pelo conde. O Conde, Nick Bing. Penso que vai resultar. E os nomes dos seus cavalos, os dois lipizanos?

North era responsável pelo sucesso financeiro do funcionamento do circo, mas também conhecia perfeitamente os artistas mais importantes, quem eram e o que faziam. Conhecia tudo o que dizia respeito ao circo, e assistia com frequência aos espetáculos. Viajava com eles quando andavam em tournée, no seu autocarro Pullman privado, todo enfeitado e com cobertura prateada. Era presidente há um ano e estava a fazer um excelente trabalho na administração daquela operação complexa. E tencionava assistir ao ensaio de Nick na manhã seguinte, na tenda principal. Era uma apresentação especial.

- O garanhão é Pluto Petra e a égua chama-se Nina. Seguem a tradição segundo a qual o garanhão tem o nome 102

do pai e da mãe e as éguas só têm um nome, mas os seus nomes representam sempre o pedigree. Assim é mais fácil segui-lo. E na tradição purista há seis nomes dos garanhões originais que já vêm do século XVIII. Os criadores de lipizanos têm muito orgulho da sua ascendência e são muito solenes quando se trata dos nomes.

- Não tenho dúvida de que seja verdade - disse North respeitosamente -, mas não queremos que o seu garanhão pareça uma personagem de desenhos animados. E receio que Pluto evoque o cão dos desenhos animados da Disney. Queremos uma coisa um pouco mais grandiosa. Talvez consiga pensar num nome melhor para cada um deles. Queremos começar a anunciar e a divulgar histórias acerca do seu garanhão o mais breve possível. Talvez algumas entrevistas na imprensa e fotografias consigo, antes de começarmos a tournée. Vai ser só daqui a cinco meses, mas gosto de planear com tempo. Veja o que pode sugerir para os dois. E quanto aos árabes?

- Todos têm nomes árabes, também relacionados com o seu pedigree.

- Pode ser - aprovou ele.

Depois discutiram o salário e o que ele ofereceu a Nick era razoável, se bem que

não fosse impressionante. Mas Nick não esperava que fosse. Seria suficiente para ele e os filhos viverem e o circo oferecia-lhes muitos benefícios, a caravana para viverem, comida de graça na messe e cuidados de saúde quando necessários. Não haveria luxos, mas estariam protegidos e em segurança e ele estava empregado, o que lhe parecia um milagre.

- Muito obrigado - disse Nick com considerável emoção.

Estava grato por tudo, e em particular por ele e os filhos estarem em segurança, por muito invulgar que fosse a situação deles. Nunca esperara trabalhar num circo mas recentemente a sua vida estava cheia de surpresas. E o

103

Ringling Brothers era o menor de todos. Tinha renunciado a um país e a uma forma de vida, abandonara a família e o seu lar, transformara-se num criminoso devido a circunstâncias que não podia controlar e descobrira que a mãe que lamentara não ter conhecido durante toda a vida afinal não estava morta e tinha renunciado a ele à nascença. Era muito para digerir e absorver.

- Estou muito interessado em assistir ao seu ensaio de amanhã de manhã - disse John Ringling North calorosamente, acompanhando Nick até à porta do escritório. - Vou preparar o contrato para assinar. Entregamos-lho depois do ensaio.

Nick tinha perfeita consciência de que ainda estava à experiência e de que não haveria contrato se o presidente não gostasse do seu desempenho. Toby ia andar a cavalo com ele e Pluto faria tudo o que Alex lhe tinha ensinado com tanto cuidado. Só esperava que o garanhão estivesse disposto a dar o seu melhor naquele ambiente desconhecido. Nick ia ter uma conversa com ele à tarde. Estava nervoso por o presidente do circo ir ver o número. E se decidisse não o contratar? O que faria ele? O seu desempenho com Pluto tinha de ser notável se queria ter o contrato.

Depois da reunião, Nick encontrou Joe no estacionamento, encostado à carrinha a fumar um charuto. Tinha na cabeça um chapéu borsalino leve a condizer com o fato e que, como sempre, tinha empurrado para trás. Era um visual perfeito para ele. Sorriu quando Nick se aproximou.

- Como correu?

- Bem, penso eu. Ele vem ao ensaio. E mudou o meu nome. - Nick teve um sorriso sardônico, não tinha esperado tal coisa. Aliás, não sabia o que devia esperar. - Agora sou Nick Bing.

- Fica-lhe bem. Soa um pouco a britânico, tal como o seu sotaque quando fala inglês.

104

Riram-se os dois.

- Espero que ele goste do nosso número - disse Nick, nervoso, ao entrar para a carrinha.

Joe era mais ou menos da sua idade. Parecia compreender como Nick se sentia e estava a tentar que Nick e os rapazes se sentissem bem-recebidos e aceites.

- Não se preocupe. Vai gostar, tenho a certeza - disse Joe, tentando tranquilizá-lo.

- Quer que mude também o nome dos lipizanos. O homem que os criou matava-me se soubesse, mas não tenho grande alternativa, pois não?

Nick olhou de relance para Joe, interrogativamente, e este pareceu compreensivo. Aquele era um mundo completamente novo para Nick, o que era visível. A maioria dos artistas que contratavam, exceto alguns muito jovens, já tinha estado noutros circos.

- No circo, o que importa é o drama e a excitação, a hiper-extravagância, como lhe chamamos. Tudo é maior e melhor e mais dramático, ou mais pequeno e mais exótico. Calculei que ele ia querer que mudasse o nome de Pluto - comentou Joe, pondo o motor da carrinha a funcionar.

- Vou tentar lembrar-me de qualquer coisa.

Mas não tencionava dizer a Alex, pois, para ele, seria como um sacrilégio. Alex não tinha maneira de saber ou compreender que este era um mundo completamente diferente, que nada tinha a ver com o mundo deles.

Joe levou Nick até à sua caravana e pelo caminho viram mulheres com as suas roupas que começavam a ser familiares. Joe reconheceu algumas como sendo

trapezistas, no entanto, para Nick, eram apenas jovens bonitas de saias curtas. Reparou nelas, mas não lhe interessavam. E nenhuma delas era do gênero que alguma vez lhe despertasse a atenção. Sempre se sentira atraído pelas mulheres do seu próprio mundo. Estas eram jovens, todas estrangeiras e soltavam risadinhas como meninas da escola.

105

Mas Joe olhava para elas de boca aberta, como sempre fazia, e quase atropelou um rapazito que praticava com andas pela estrada fora. No parque de diversões havia uma constante movimentação de gente a pé, especialmente anões ou gigantes. Nick não conseguiu impedir-se de fixar uma mulher extremamente gorda, que Joe disse ser muito conhecida, e um homem coberto de tatuagens, que passaram por eles, embrenhados numa conversa muito séria. Era um mundo louco e totalmente exótico.

Quando regressaram à caravana de Nick, viu Lucas a rir e a conversar com um anão e com um homem com maquilhagem de palhaço, vestido de bobo e exibindo uma boina, calças curtas, sapatos de ballet e collants brancos. Logo que saíram da carrinha, Nick aproximou-se deles com interesse e Lucas sorriu-lhe com os olhos arregalados e apresentou os seus novos amigos.

- Papá, este é o Pierre. É palhaço. E este é Thomas. Também é palhaço, mas hoje não tem ensaio.

Lucas deu todas as informações como se estivesse ali há imenso tempo e conhecesse as rotinas dos outros e o que elas significavam. Nick nem sequer tinha a certeza de que Lucas soubesse o que era um ensaio.

Nick apertou a mão ao jovem francês, que sorriu abertamente. Tinha estado a divertir-se com Lucas e o anão estava a rir-se quando Nick chegou. Os três estavam muito divertidos.

Era estranho pensar que aquelas pessoas seriam agora os seus amigos e que Lucas e Toby iam crescer no meio de monstros, acrobatas e palhaços. Lucas andava a pedir para ver a senhora tatuada desde que tinham chegado. Joe fizera questão de dizer que não havia “monstros” no circo, apenas “números”, “artistas” e “atores”.

- Eles dizem que eu posso ser palhaço - disse Lucas -, e andar com eles no

carrinho durante o intervalo, e Thomas vai levar-me a ver os elefantes.

106

Nessa manhã tinham visto vários no parque de estacionamento, incluindo duas crias que andavam atrás da mãe com um tratador a correr ao lado deles.

- Parece divertido - disse Nick com um sorriso cansado.

Tinha de se adaptar a muitas coisas desde que tinham chegado de manhã e ainda não tinha um contrato assinado. Tudo dependia do seu desempenho no ensaio do dia seguinte e de John Ringling North gostar do que visse.

- Toby e eu temos ensaio amanhã de manhã, para o presidente do circo. Ele vem ver-nos. A propósito, onde está Toby? - perguntou Nick, olhando em volta.

Não via o filho mais velho em lado nenhum.

- Está lá dentro - disse Lucas, apontando para a caravana.

Nesse preciso momento apareceu uma menina. Tinha caracóis dourados que lhe dançavam na cabeça e grandes olhos azuis. Parecia uma boneca, com um vestido cor-de-rosa, e tinha mais ou menos a mesma idade que Lucas. Vinha da sua caravana, estacionada perto. Mirou-o de alto a baixo com interesse e sorriu, enquanto Nick observava.

- Falas inglês? - perguntou ela ousadamente a Lucas e ele acenou que sim, embora ainda não fosse fluente.

Tinha-se saído bem com o anão e o palhaço. O palhaço francês sabia algumas palavras de alemão, o que ajudava.

- De onde és tu? - perguntou ela com uma expressão de curiosidade.

Entretanto o palhaço e o anão foram-se embora, prometendo visitar Lucas no dia seguinte. Este já estava a fazer amigos.

- Alemanha - respondeu Lucas e ela acenou. Havia muitos alemães no circo e ela conhecia alguns deles.

- Eu sou checa, mas estou aqui desde os dois anos. Falo checo e também alemão
- disse ela, muito prática, e começou a falar com ele em alemão.

Lucas ficou aliviado e entusiasmado por ter encontrado uma amiga com quem podia falar livremente, sem andar à bulha com as palavras.

- Chamo-me Rosie e a minha mãe dança no arame alto, às vezes sem rede. Foi ela que fez o meu vestido - continuou em alemão. Ele pensou que ela tinha um sotaque estranho, mas falava bem. - O meu pai também é checo. Trabalha no trapézio e consegue fazer um triplo salto. Às vezes anda no arame alto com a minha mãe. Não fica satisfeito quando ela não tem rede, mas toda a gente aplaude mais quando não tem. O que faz o teu pai?

Olhou timidamente para Nick, que lhe sorriu. Ela era uma criança adorável, de uma típica família circense. E, para ela, tudo parecia normal. Era a única vida que conhecia.

Para Lucas tudo era novidade e excitação, muito mais que os seus seis anos tranquilos passados a crescer na Baviera, no campo.

- O meu pai monta cavalos e o meu irmão vai ajudá-lo. Chegámos hoje.
- Eu sei. A minha mãe disse para os deixar em paz até estarem instalados. A minha irmã acha que o teu irmão é bonito. Viu-o quando chegaram.

Lucas pensou que aquela era uma informação interessante, ao mesmo tempo que Nick compreendeu que agora os seus filhos iam fazer parte do grande grupo das crianças do circo, que seriam os seus amigos.

- O meu irmão tem quinze anos e eu tenho seis - informou Lucas.
- Eu também - disse Rosie.

Quando ela sorriu, Lucas viu que lhe tinham caído há pouco os dentes da frente. Pensou que isso lhe dava

um aspeto engraçado e Nick pensou o mesmo. Trazia sapatilhas de ballet cor-de-rosa com o vestido. Era o que costumava calçar. Ali não precisava de usar outros

sapatos, só quando ia para a escola.

Enquanto eles conversavam, Nick foi para dentro, à procura de Toby para lhe lembrar o ensaio no dia seguinte e dizer-lhe que o presidente do circo estaria presente para ver o seu número. Quando o encontrou, Toby estava a ouvir rádio e levantou os olhos para o pai com um olhar desfocado.

- Passa-se alguma coisa? - perguntou Nick, imediatamente preocupado.

Toby parecia ter visto um fantasma.

- Houve ataques por toda a Alemanha, há dois dias. Queimaram sinagogas e empresas e as casas das pessoas. Levaram pessoas. Disseram que estavam a libertar a Alemanha do elemento criminoso, mas parece que eram todos judeus. No relatório diziam que meteram na prisão trinta mil homens judeus e vários milhares de mulheres, na Alemanha e na Áustria. Chamaram-lhe Kristallnacht, Noite de Cristal. Aconteceu na véspera de desembarcarmos. Teríamos sido nós, pai, se ainda lá estivéssemos?

Toby estava aterrorizado. Tinham estado isolados das notícias enquanto viajavam. Nick ouvira qualquer coisa no navio, mas pensou que não passasse de mais uma explosão de violência depois de um dos comícios de Hitler. Não fazia ideia de que a perseguição dos judeus tinha adquirido proporções tão drásticas e que estivesse tão fora de controlo. Compreendeu então que foi por isso que o general von Messing lhes dissera que partissem imediatamente. Sabia o que estava para vir e tentou avisá-los. A Kristallnacht não tinha sido uma rusga fortuita. Fora planeada.

109

- Ainda bem que não estávamos lá para saber. Talvez não tivéssemos sido apanhados se lá estivéssemos, mas podia ter acontecido. O país está num triste estado e Hitler é um homem muito perigoso.

Nick sentiu alívio por causa dos rapazes e também pelo pai de quem se tinham separado. Se tivesse ficado, podiam castigar Paul por lhes ter dado abrigo e Nick podia ter sido levado para a prisão e até Toby. Agora que tinham partido, Paul estava em segurança e eles também. Parecia que agora ninguém estava seguro na Alemanha, não só os judeus mas também todos os que estivessem ligados a eles, mesmo pelo casamento, envolvidos com eles de alguma maneira ou que

tivessem negócios com eles. Qualquer judeu ou pessoa que protegesse um judeu estava em perigo. A Kristallnacht tinha sido uma noite de uma violência incrível que chocava o mundo.

Subitamente, Nick ainda se sentiu mais grato por estar ali e compreendeu que tinha feito o que devia. O pai tinha razão. Nick estava agora decidido a fazer o seu melhor desempenho, para lhe oferecerem um contrato e ele poder ficar. Nada era ainda certo, até North aprovar o número deles na manhã seguinte. Tentou que Toby se concentrasse nele, para o distrair do que tinha ouvido na rádio. E disse-lhe exatamente quais as habilidades que queria fazer. Ia tentar que Pluto fizesse todas as suas proezas mais espetaculares e queria que Toby cavalgasse à volta da arena, montando um dos árabes, tanto no início como no fim do número. Não tinha de fazer mais nada. Durante a maior parte do número, Nick recorreria a ordens em liberdade, colocando-se no centro da arena, de chapéu alto e fraque. Toby também se apresentaria de fraque.

Depois de uma noite de insónia naquele ambiente desconhecido, na manhã seguinte os dois homens estavam 110

muito elegantes quando seguiram para a tenda onde tinham os cavalos. Lucas foi com eles, para os ajudar a conduzir os cavalos até à tenda principal. E Nick tinha encontrado dois tratadores para o ajudarem. Nick conduziu os dois lipizanos e Toby e os dois tratadores levavam dois árabes cada, enquanto Lucas seguia ao lado deles, aproveitando para contar ao irmão que tinha sabido de uma rapariga que gostava dele.

- Ai, sim? - disse Toby, cético.

Num único dia, tinha conhecido muito menos pessoas que Lucas. Mas o irmão era incontrolavelmente sociável, enquanto ele era muito mais reservado. A única rapariga com quem não era tímido era Marianne. Tinha-lhe escrito uma carta na véspera, sobre o navio e a chegada ao circo e tinha-a metido no correio nessa manhã. Dizia-lhe que sentia muito a falta dela e que tudo ali era muito estranho, e que também sentia muito a falta do seu avô e do pai dela e da sua casa.

- Como se chama ela? - perguntou Toby, referindo-se à rapariga que Lucas tinha mencionado.

Toby parecia mais velho do que era, com o chapéu alto e fraque, e muito belo. E Nick estava incrivelmente elegante, ao conduzir os dois lipizanos para a tenda principal. Várias mulheres viraram a cabeça quando ele se cruzou com elas, mas ele estava completamente distraído, preocupado com o número que estava prestes a apresentar diante daquele homem tão importante, quando tanta coisa dependia do seu desempenho, as suas vidas e o seu emprego.

- Não sei o nome dela - disse Lucas, falando da admiradora do irmão. - A irmã dela é que me disse. Chama-se Rosie e tem seis anos. Veio da Checoslováquia, mas fala alemão como nós, fala muito bem.

Na cabeça de Lucas, era uma enorme vantagem e achava que para Toby também seria. Via que o irmão 111

mais velho estava muito calado e estava a tentar animá-lo. Mas Toby também estava nervoso por causa do seu número. Compreendia que o pai estava tenso.

Os tratadores ajudaram-nos a prender os cavalos a um poste quando entraram na tenda, que era colossal. Estava a terminar o ensaio de um número de trapézio e Lucas perguntou a si mesmo se seria o pai de Rosie, mas ouviu-os falar espanhol quando saíram, pelo que ficou a saber que não podia ser ele. Ao vê-los atuar, tinha-os achado assombrosos.

A seguir a eles entrou outro grupo e Nick ouviu-os falar polaco. Uma mulher jovem separou-se do grupo e fez um número de arame baixo, que executou em silêncio, fazendo um bailado no arame, enquanto um homem sentado numa cadeira de rodas a observava e lhe dizia o que ela devia fazer. Quando Nick olhou para ela, viu que tinha o rosto de um anjo e o corpo de uma fada, saltando para o ar e depois aterrando equilibrada no arame. Estava hipnotizado por ela, que nunca levantou os olhos. Estava apenas concentrada no que fazia, escutando as instruções do homem na cadeira de rodas. Nick pensou que nunca tinha visto nada com tanta graciosidade. Ela parecia ser pouco mais que uma criança, pois era muito pequena, mas tinha uma graciosidade de adulta. Pensou que devia ter perto de vinte anos. Depois desviou a atenção para os cavalos e falou para Pluto em voz baixa.

- Sabes que isto é importante, não sabes? Não ganhamos o contrato se tu falhares a cabriole ou a croupade. Conto contigo. Isto é tão importante como a noite em que voltaste a pôr-te de pé no navio.

O cavalo acenou com a cabeça, como se tivesse compreendido. Depois Nick falou com Nina, que parecia sonolenta, e fez-lhe um discurso semelhante. Os lipizanos estavam arreados com as suas melhores cabeçadas e selas sem estribos e apresentavam-se tão elegantes como os cavaleiros. Os árabes já estavam a curvetear, a precisarem de 112

exercício, e não pareceram nervosos quando Toby os montou, um a um, e os conduziu à volta da arena. Era evidente que Toby se sentia à vontade. Tal como o pai, tinha estado a observar a rapariga no arame baixo, controlada pelo homem na cadeira de rodas, mas, logo que começou a aquecer os cavalos, esqueceu-se dela. Depois Nick montou Pluto e deu várias voltas à arena. O cavalo parecia eufórico por voltar a ser montado e Nick pensava que ele e Pluto tinham estabelecido uma ligação no navio, quando ele esteve doente.

Desde então, Pluto parecia prestar atenção a todas as suas ordens e fazia tudo o que podia para lhe agradar.

Depois Nick montou Nina, para fazer o aquecimento, e a seguir Toby escarranchou-se nela quando o pai desmontou. Tinham destinado uma hora para os descontraírem. Por volta das dez horas, Nick entendeu que estavam preparados. E, quando teve aquele pensamento, apareceu John Ringling North, que atravessou a arena e foi ter com Nick, apertando-lhe a mão. Nick não sabia, mas North nunca tinha feito tal coisa. Fora um sinal de respeito. Depois sentou-se discretamente nas bancadas, num lugar com boa visibilidade para observar o desempenho de Nick com os seus cavalos.

Lucas pôs uma gravação de Mozart num fonógrafo que tinham ligado num poste de iluminação junto da arena. E o número começou com Nick a galopar elegantemente à volta da arena com Pluto, cada vez mais depressa e terminou com o espetacular lipizano branco a fazer uma levade, erguendo-se nas patas traseiras e mantendo a posição durante um tempo aparentemente interminável. O belo cavalo nunca a tinha executado com tanta suavidade e perfeição e depois saltou facilmente para a courbette, avançado em pequenos saltos. Nick fê-lo galopar outra vez, enquanto Toby se juntava a ele com Nina. Os dois lipizanos pareciam poesia em movimento, executando 113

o seu ballet com infinita precisão, refletindo perfeitamente os movimentos um do outro à volta da arena. Nick desmontou exatamente ao mesmo tempo que Toby e saíram da arena, para Nick dar início às ordens em liberdade. Executaram cada

movimento e cada exercício com um rigor sem falhas, fazendo exatamente o que Nick queria. Não o deixaram ficar mal. E, ao fim de meia hora de exercícios impecáveis, Nick montou Pluto mais uma vez e conduziu-o no desafio da cabriole, onde o esplêndido cavalo esticou as pernas traseiras no ar, e depois fez imediatamente a transição para a croupade, em que Pluto literalmente voou, com as quatro pernas dobradas debaixo do corpo, como se o potente animal não tivesse peso, e aterrou com a mesma graciosidade com que se tinha elevado do solo.

As pessoas que o observavam, tratadores e um grupo de acrobatas, arquejaram ao vê-lo. Pluto tinha sido requintado e, montado nele, Nick parecia o cavaleiro mais elegante do mundo. O desempenho tinha sido perfeito e Pluto fez uma vénia enquanto Nick se manteve muito direito e tirou o chapéu alto na direção de John Ringling North. Nick e Pluto saíram da arena e ele desmontou. Tinha sido uma apresentação extenuante para o cavaleiro e para o cavalo, mas Nick sabia que nenhum deles podia ter feito melhor. Foi o melhor que Pluto alguma vez fizera e Nina também teve um desempenho muitíssimo bom.

Nick ficou ali, ofegante de excitação depois do seu número, a acariciar Pluto. Entretanto John Ringling North saiu das bancadas e veio ter com ele. North vinha de calças de equitação e botas de montar e trazia uma chibata com pega de prata e estava radiante.

- Eles são a coisa mais bela que vi até hoje. E perfeitamente treinados. São tão bons como os lipizanos que vi na Escola Espanhola de Equitação de Viena. Seja bem-vindo ao Ringling Brothers, senhor Bing.

114

Com um sorriso rasgado, estendeu-lhe a mão e apertou a de Nick. Virou-se para olhar para Pluto, que quase não ofegava com o que tinha feito. Era poderoso e jovem.

- Ele voa realmente, não voa? - E virou-se outra vez para Nick. - É isso. É o nome dele. Pégaso, o cavalo voador da lenda grega. E Atena - disse, olhando de relance para Nina.

- Tem o seu número, Nick. Eles são perfeitos. Sejam bem-vindos ao Maior Espetáculo do Mundo. São dignos do nome. - E, dito isto, retirou um envelope do bolso e estendeu-o a Nick. - Já o assinei. Faça o mesmo e deixe-o ficar no

meu escritório. Quero-o na arena central como segundo número, depois dos tigres, no primeiro espetáculo depois do intervalo de inverno. Vão estrear-se no Madison Square Garden.

E depois virou-se para Toby com um sorriso caloroso.

- Bom trabalho, filho. Foste excelente - disse. Toby ficou radiante. Nick tinha os olhos cheios de lágrimas quando John North se foi embora. Estavam em segurança, tinham um lar, ele tinha um emprego. E tinham nascido Pégaso e Atena. Sorriu ao virar-se para Pluto e experimentou o novo nome dele. O cavalo relinchou como se estivesse a rir, mas não pareceu ficar incomodado.

- Obrigado - sussurrou Nick, fazendo-lhe uma festa na cabeça. - Obrigado, Pégaso, por tomares conta de nós. Não te deixarei ficar mal. Desculpa o novo nome.

Mas o recém-rebatizado Pégaso limitou-se a sacudir a cabeça e relinchou de novo, como se aprovasse. E, quando Nick se virou para o conduzir para fora da arena, viu a jovem duende do arame baixo, que estava junto de um poste, meio escondida, de onde tinha estado a observar o desempenho dele. Tinha enormes olhos azuis cheios de vida, como os seus, e uma auréola de cabelo louro claro. Os seus olhares cruzaram-se por um instante, mas ela não sorriu, limitou-se a olhar fixamente para ele, tal como 115

tinha contemplado o assombroso cavalo, e depois pareceu flutuar no ar e desapareceu. Era como uma visão, como se ele a tivesse imaginado e não a tivesse visto de facto, um espírito benévolo que o observava.

- Que linda rapariga - disse Nick casualmente a um dos tratadores que os ajudava a levar os cavalos para a tenda, para esconder o facto de ter estado a olhar para ela tão atentamente como ela o tinha observado.

- É uma dos Markovich - disse o tratador encolhendo os ombros, como se isso explicasse tudo. Mas não explicava nada. Nick nada sabia das tradições circenses nem conhecia os nomes dos artistas, à exceção dos poucos que Lucas tinha conhecido. - São polacos. São todos malucos. Arame alto. Sem rede. O pai dela está numa cadeira de rodas. Matou a mãe dela assim, era uma bela rapariga. Também hão de matá-la. Ela hoje só esteve a praticar no arame baixo. Trabalha lá em cima - disse, apontando para o cimo da tenda. -

As multidões adoram aquilo. Eu penso que é uma coisa terrível que se faz a uma rapariga. Ele não quer saber - disse acerca do pai dela. - Ele fá-lo para fazer vibrar a multidão.

E, se ela acabar numa cadeira de rodas como ele, ele acha que está tudo bem. Ela tem quatro irmãos que fazem o número consigo. A tia dela também está numa cadeira de rodas.

Eu não consigo vê-los. Fico maldisposto - disse ele ao saírem da tenda.

- Como se chama ela? - perguntou Nick, intrigado com o que o tratador tinha dito.

- Christianna. Christianna Markovich. É o grande final, o último número antes da parada final. Mantém as pessoas sentadas até ao fim do espetáculo, à espera para ver se ela cai e morre.

Descreveu a cena de uma maneira que Nick achou sinistra.

116

- Parece uma criança.

Quando a viu de perto parecia ter cerca de quinze anos.

- É mais velha do que parece. Tem vinte e um anos. Está no circo desde que nasceu. É uma das famílias mais antigas do circo. Há outro número de arame alto que está cá há quatro anos. Checos. Grande rivalidade entre eles. Os outros trabalham quase sempre com rede, por isso os Markovich tratam-nos como se fossem lixo - disse ele com um grande sorriso.

Nick estava a começar a conhecer o circo e as pessoas com quem agora vivia, as intrigas entre elas, as invejas e os perigos, mas tinha ficado impressionado com o aspeto etéreo da rapariga que tinha visto a praticar, controlada pelo que devia ser o pai. Os seus olhos tinham-no eletrizado e depois ela tinha desaparecido. Perguntou a si mesmo quando voltaria a vê-la e se teria coragem para a ver atuar. Horrorizava-o pensar que ela trabalhava sem rede e que podia cair. E o pior era pensar que o seu próprio pai estava disposto a correr o risco.

Ele e Toby deram de comer e de beber aos cavalos e Lucas ajudou-os, depois dos

tratadores se irem embora. Lucas tinha ficado entusiasmadíssimo ao ver a atuação do irmão e do pai e mais entusiasmado ficou quando um dos tratadores o levou depois a ver os elefantes e ele conseguiu sentar-se em cima de um deles. A sua nova vida estava cheia de emoções e maravilhas. Quando regressaram à caravana, ainda de chapéu alto e fraque, Nick sentiu-se subitamente mais à vontade, no meio das pessoas bizarras com quem se cruzava.

Várias delas sorriram a Nick e aos rapazes e Lucas acenou ao anão que conhecera e que estava à distância, com um grupo de amigos. Não era afinal um mau local para aterrar, apenas muito diferente. Rosie estava sentada no degrau de entrada deles, à espera de Lucas, quando chegaram a casa.

117

- Onde estiveram? - perguntou ela, agora em inglês.

- O meu pai e o meu irmão tinham de trabalhar - explicou ele em alemão e ela acenou.

Nick reparou então que ela tinha trazido uma rapariga mais velha, que era obviamente sua irmã. Esta olhou para Toby com adoração e ele ficou encarnado como um pimentão. Ficava muito belo com o chapéu alto e o fraque.

- Esta é a minha irmã Katja - disse Rosie, passando para alemão, enquanto Toby tentava parecer displicente sem conseguir.

Parecia hipnotizado pela lindíssima rapariga que Rosie tinha trazido. Vestia um simples vestido azul, tinha cabelo escuro, pernas compridas e graciosas e parecia uma jovem bailarina. Quando Toby começou a falar-lhe em alemão, o seu rosto iluminou-se. Aquela era uma comunidade internacional de dúzias de nacionalidades que viviam juntas, um microcosmo do mundo.

Nick convidou as irmãs a irem almoçar com eles à messe um pouco mais tarde. As raparigas foram pedir aos pais e regressaram dizendo que podiam. Comportaram-se muito bem e foram muito delicadas para Nick. Conversaram os cinco em alemão a caminho do almoço. Katja tinha quinze anos, como Toby e só estavam com os Ringling Brothers há quatro anos, desde os onze, disse ela, porque o seu inglês não era tão bom como o da irmã mais nova, que o falava desde os dois anos. Tinham estado com um circo na Checoslováquia e com outro na Alemanha antes disso, até serem descobertos por recrutadores que os tinham

trazido para os Estados Unidos. Katja disse que gostava muito de estar ali, mais do que do seu antigo circo na Europa, e Rosie só conhecia aquela vida.

- São muito bons para nós aqui - disse Katja a Toby.

118

Toby estava fascinado com ela. Era uma rapariga muito bonita. Disselhes que o pai estava a treiná-la no trapézio. Ao ouvi-la, Nick percebeu que a família delas era a arquirrival dos Markovich e que a mãe da rapariga fazia o outro número de arame alto, mas geralmente usava rede na sua atuação, ao contrário dos Markovich que nunca a usavam. Nick compreendeu que tinha muito a aprender acerca das complexidades do circo, o que as pessoas faziam, os riscos que corriam e como viviam.

Escapuliu-se do almoço durante alguns minutos para ir entregar o contrato que tinha assinado. Deixou-o no escritório de John Ringling North, entregue a uma das secretárias dele. Agora era um deles. Tinha renascido. Até tinha um nome novo. Nick Bing. Tal como Pluto, que agora era Pégaso, o cavalo voador, e bem merecia o nome. A nova vida deles tinha começado naquele dia.

119

CAPÍTULO 9

- Recebi hoje uma carta de Toby - disse Marianne ao pai em tom lamentoso, três semanas depois de se terem ido despedir deles ao navio.

O pai olhou para ela, surpreendido. Pela Alemanha e por toda a Europa continuavam a repercutir-se as histórias da destruição na Kristallnacht, e das pessoas que tinham desaparecido, todas judias. Tinha ficado demonstrada a enorme sensatez de Alex e Paul ao insistirem com Nick para que partisse rapidamente. Ambos estavam aliviados por saberem que ele e os rapazes estavam agora na Flórida e em segurança. Onde estavam nada tinham a temer.

-Já? - respondeu Alex. - Deve ter-te escrito logo que chegou. Recebi um

telegrama do pai deles quando desembarcaram em Nova Iorque, dizendo que os cavalos estavam bem, mas não voltei a ter notícias dele. Como estão?

- Toby parece triste. Escreveu no dia em que chegaram à Flórida e disse que tudo ali era muito estranho.

- Bem, sem dúvida que nenhum deles está familiarizado com a vida no circo, mas pelo menos estão em segurança. Se estivesse num circo na Alemanha, também acharia estranho.

- Provavelmente. Disse que estão a viver numa caravana mais pequena que o nosso vagão de carga para os cavalos. Deve ser muito duro.

Marianne parecia estar com pena dele e Alex fez um aceno. Tinha a certeza de que era difícil, mas menos do que um campo de trabalhos forçados, e sentia-se grato por estarem em segurança, em particular depois da Kristallnacht ter atordoad o mundo inteiro.

Alex foi ver o pai de Nick no dia seguinte. Paul tinha estado doente nas duas últimas semanas e parecia ter 120

envelhecido vinte anos desde a partida de Nick e dos rapazes. A sua solidão era agora difícil de suportar, sem esperança de voltar a ver o filho e os netos nos tempos mais próximos, se é que alguma vez voltaria a vê-los. A agitação na Alemanha parecia estar a aumentar e não a diminuir. Paul tinha muita tosse e Alex achou-o febril e disse que ele devia chamar o médico. Mas Paul insistiu que estava bem. Não parecia, mas Alex não queria criar espalhafato nem mandar o médico vê-lo contra a sua vontade.

- Marianne recebeu uma carta de Toby - disse ele antes de ir embora, com esperança de animá-lo com notícias dos rapazes, mas Paul ficou com um ar ainda mais triste e ter notícias fez com que sentisse ainda mais a falta deles.

- Estão bem? - perguntou e Alex acenou que sim, mas não quis dizer-lhe que estavam tristes, ou que pelo menos Toby estava quando escreveu.

- Estão ótimos. Ele escreveu no dia em que chegaram à Flórida, portanto ainda não se tinham fixado. É tudo novidade para eles. Hão de adaptar-se.

Paul acenou e agradeceu a visita a Alex quando este saiu. Agora sentia a casa

muito vazia, sempre que ia à mansão principal. Fazia eco e parecia fantasmagórica sem o filho e os rapazes. A sua vida era muito solitária.

Alex também se sentia muito triste sem o amigo. Marianne escrevia a Toby todos os dias, com notícias de casa, por muito poucas que fossem. Não lhe disse que a Kristallnacht tinha metido medo a toda a gente. Tinha sido muitíssimo violenta, muitas pessoas tinham sido feridas, metidas na prisão ou simplesmente tinham desaparecido. Sentia-se feliz por estar no campo, onde todo o caos e a agitação das cidades não os afetavam. Contou que o pai tinha decidido não dar o baile de Natal naquele ano. Só faltava um mês mas, com tanta perturbação na Alemanha, as pessoas a serem levadas e a perderem as suas casas nas cidades, tinha entendido que pareceria mal realizar um 121

baile. E dizia também que sem o seu amigo Nick para partilhar as festividades não teria graça nenhuma. Marianne concordou com ele. Também não estava com disposição. O facto de Nick e os rapazes se terem ido embora, para mais tão de repente, caiu sobre eles como uma enorme perda. Até o inverno parecia frio e escuro. A ocasião era de luto e não de júbilo.

Contou a Toby que tinha ido caçar com o pai, mas nem isso tinha sido agradável e, como um mau presságio, a raposa tinha escapado. Contou-lhe também que o pequeno poldro lipizano estava a crescer e adorava correr; ainda tinha o pelo preto, que ia manter durante vários anos. E estavam à espera de outro em breve. Dizia que esperava que Pluto e Nina e os outros cavalos estivessem bem. Contou-lhe tudo o que pôde das suas atividades diárias, que agora lhe pareciam muito maçadoras. Não lhe disse que o pai parecia triste, tal como ela própria, que achava vazia a vida sem o seu amigo Toby e o seu irmãozinho. Desde que tinham nascido, viam-se quase todos os dias. E agora os dias eram muito solitários sem ele.

Quando Marianne recebeu a carta de Toby, nos Estados Unidos era a véspera do Dia de Ação de Graças e Nick e os rapazes já estavam na Flórida há quase duas semanas. Nick tinha recebido uma programação de ensaios, para desenvolver o seu número, numa das arenas da colossal tenda e praticava todos os dias, quase sempre com Toby. Por vezes ia só com Pluto e Nina, agora Pégaso e Atena, já estava a habituar-se aos seus novos nomes. Andava a praticar as suas ordens em liberdade e o treino de precisão e estava a aprender muito a cada dia que

passava. Por outro lado, a destreza de Toby também estava a aumentar. Era mais fácil trabalhar com os árabes, embora fossem menos interessantes como espetáculo.

Nick não tinha voltado a ver Christianna Markovich. Era evidente que praticava num horário diferente e 122

ele não voltara a pensar nela desde a apresentação do seu número a North. Graças a Lucas, conhecia muitas pessoas novas, da Europa de Leste, alemães e alguns franceses. Através de Pierre, Lucas tinha conhecido muitos dos palhaços e trouxe alguns à caravana para conhecerem o pai e o irmão e divertia-se sempre com eles. Conheceu finalmente a dama tatuada, o que o deixou eufórico. Ele e a sua amiguinha Rosie tinham-se tornado inseparáveis e sempre que possível faziam algumas maldades juntos. Jogavam ao berlinde e à macaca, às escondidas por entre as caravanas e todos os jogos que as crianças jogam em todo o mundo. Também visitavam os elefantes e montavam-nos sempre que possível. Foram ver um contorcionista novo e Lucas queria aprender a andar com andas e Pierre, o palhaço, ensinou-lhe como se fazia. Comprou-lhe um pequeno par de andas e Lucas praticava todas as noites com elas.

O que ele queria era usá-las para se apresentar durante o intervalo com os palhaços. Nick tentava não fazer comentários, porque aquele era o mundo em que viviam agora, mas achava que a perspetiva do filho ser um dia palhaço não era para ele um objetivo meritório. Mas, quer gostassem, quer não, eram artistas de circo, como todos os outros. Nick tentava aceitar que esse era, de momento, o seu destino, embora fosse difícil imaginar que seria para sempre.

Finalmente, Nick conheceu a mãe de Rosie e Katja, numa tarde em que ela veio buscar as meninas à caravana dele. Trazia vestido um fato de ginástica e um tutu, pois também ela acabava de vir do seu ensaio.

- Muito obrigada por ser tão bondoso com as minhas meninas - disse ela com um sorriso caloroso.

Chamava-se Gallina. Era uma mulher de uma beleza espetacular, tão encantadora como as filhas. Movimentava-se com agilidade e graça e tinha um corpo esbelto e atlético.

- São umas meninas encantadoras, que se portam muitíssimo bem - disse ele gentilmente, e estava a falar a sério. Gostava das meninas, tal como os seus rapazes.

Ela e Nick conversaram durante alguns minutos e ele reparou que, apesar do seu sotaque checo, falava um alemão elegante, como se tivesse tido uma boa educação em nova. Sentia-se curioso a respeito delas. Gallina explicou que era de Praga e que o pai a tinha mandado para um colégio interno na Alemanha quando era criança, enquanto os pais viajavam com o circo. Só tinha voltado a viver com eles aos catorze anos e tinha insistido em treinar para o arame alto, apesar dos seus protestos. Os pais eram ginastas e artistas de trapézio, não de arame alto como os Markovich, e ela tinha acabado por casar com o pai das meninas, Sergei, cuja família era famosa pelo seu trabalho no trapézio. Nick começava a compreender que existia uma hierarquia muito real no circo, uma espécie de nobreza, consoante os números que executavam, donde vinham, e há quanto tempo os faziam. A família do marido também era checa. Ele tinha cinco irmãos que foram para o Ringling Brothers com ele e mais tarde os pais deles tinham-se reformado. Ficaram na Checoslováquia, tal como os dela, e ela tinha um irmão e uma irmã que ainda trabalhavam com os pais, como ginastas, num circo alemão.

Ela sorria ao olhar para Nick. Tinha passado tempo suficiente na Alemanha para ter perfeita consciência de que ele era um aristocrata e que ali não era o seu lugar. E ficou comovida com a cortesia com que ele a tratou. Tinha-o visto trabalhar com os cavalos e sabia que ele era muitíssimo bom. Desde que ele chegara, vários artistas falavam dele e dos seus primorosos lipizanos.

- Não preciso de lhe perguntar de que circo veio - disse ela, sorrindo-lhe timidamente. Tinha ouvido boatos de que ele era conde, o que não a surpreendia.
- Porque veio para o circo?

124

- Problemas políticos no meu país - disse ele simplesmente e ela não fez mais perguntas.

Já sabia por Lucas que a esposa de Nick tinha morrido e também a irmã a seguir a Toby, que teria agora nove anos. Gallina tinha pena deles. Era um sítio estranho aquele a que tinham vindo parar e perguntava a si mesma quanto tempo

ficariam. Pensava que talvez ele tivesse perdido o seu dinheiro e tudo o que sabia fazer era treinar cavalos e montar, o que estava dolorosamente perto da verdade. Mas tinha a certeza de que ele estava muitos, muitos níveis sociais acima deles, mas nunca a deixava senti-lo, era cortês e cavalheiro e era sempre bondoso com as suas meninas.

- Vim perguntar se querem juntar-se a nós no Dia de Ação de Graças - disse ela calorosamente. - Aqui é uma festa de família importante. Nós fazemos peru e, claro, bolinhos de batata, e também pratos tradicionais checos. É a nossa versão do Dia de Ação de Graças. - Riu-se. - Gostávamos que viesse com os rapazes.

- Terei muito gosto - disse ele gentilmente. - Posso levar alguma coisa? Não sou grande cozinheiro, mas podia levar uma sobremesa.

Sabia que podia ir a uma padaria na vila e comprar umas tartes. Tinham-lhe dito que as tartes de abóbora e de maçã eram tradicionais para o Dia de Ação de Graças.

- Não, são as minhas cunhadas que fazem a maior parte dos cozinheiros. Eu também não sou grande cozinheira. Mas é o vosso primeiro Dia de Ação de Graças aqui e não queríamos que ficassem sozinhos. Além disso, a minha Katja está louca pelo seu Toby. - Ele tinha notado, era impossível não reparar. E Toby estava rapidamente a ficar também louco por ela. Estavam apaixonados. - Ele é um bom rapaz - acrescentou ela, o que comoveu Nick. - E Lucas é um pequeno monstro e nós adoramo-lo.

125

Ambos se riram com o comentário. Lucas já tinha amigos em todos os parques de diversões. E Nick não ficaria surpreendido se já tivesse contactado com cada um dos mil e trezentos artistas pelo menos uma vez. Parecia ter amigos em todos os sítios para onde iam e sabia tudo acerca deles, o que faziam e de onde vinham. E o seu inglês estava a melhorar.

- Ele quer que os meus cunhados o ensinem a fazer malabarismos.

- Isso deve ser interessante. - Nick riu-se da ideia.

- De preferência empoleirado nas andas, imagino. Tem treinado nelas com a maior diligência desde que chegámos aqui.

Enquanto falava, Lucas apareceu na estrada, empoleirado nas suas pequenas andas, com Pierre, que o ensinava a manter o equilíbrio. Rosie caminhava ao lado dele, tão adorável como sempre e segurando-lhe uma das mãos enquanto Pierre lhe segurava a outra. Toby e Katja vinham atrás numa bicicleta de dois lugares que tinham pedido emprestada a alguém.

- Falai no demónio - disse Nick, enquanto o grupo juvenil se aproximava da caravana e viu os respetivos pais a conversar.

- Estamos metidos em sarilhos? - perguntou Lucas com um olhar despreocupado para o pai.

Se fosse o caso, não seria a primeira nem a última vez. Nick tinha-lhe ralhado várias vezes por ele desaparecer. Queria saber sempre onde ele estava, como Gallina fazia com as filhas. Ambos tinham valores europeus bastante severos e regras para os filhos. Outros havia que eram mais descuidados e vigiavam menos os miúdos.

- Não, não estão metidos em sarilhos, para variar - sossegou-o Nick. - A mãe de Rosie e Katja teve a gentileza de nos convidar para o jantar de Ação de Graças

com eles. - As quatro crianças deram vivas. - Penso que isso é um voto de aprovação - disse ele, sorrindo para Gallina.

- Bem, esperamos então por vocês amanhã - disse ela, reunindo as filhas para as levar para casa para jantarem. - Venham às quatro horas, jantamos às seis.

Nick voltou a agradecer e, depois de ela ir embora, foi a uma loja de bebidas e comprou duas garrafas de um vinho bom. Não queria aparecer no dia seguinte de mãos vazias.

Estava grato pelo convite, pois jantavam na minúscula mesa da caravana que mal chegava para dois homens e um rapaz. Andavam quase sempre a tropeçar uns nos outros no limitado espaço de que dispunham.

- Gallina e o marido discutem muito - informou-o Toby, enquanto comiam o frango que Nick tinha assado no minúsculo forno.

Nick estava a aprender a cozinhar, tal como aprendia tudo o resto. Pela primeira

vez na vida, tratava das roupas e fazia a sua própria cama e tinha pedido um aspirador emprestado a um dos vizinhos para limpar a caravana.

- Sergei não gosta que ela faça o arame alto. Quer que ela faça trapézio com ele e com os tios de Rosie e ela não quer. Acha que é demasiado insípido, mesmo quando fazem um triplo, que é de facto muito difícil. Mas eles usam rede. Eu vi-os trabalhar - disse Toby, como se fosse habitual conhecer pessoas que conseguiam fazê-lo.

Há um mês, nem sequer sabia o que era um “triplo”. Agora explicava-o ao pai.

- É uma cambalhota tripla no ar acima do trapézio. Ele disse-lhe que fosse viver com os Markovich se quer ser louca. Eles não usam rede.

- Também já me disseram - confirmou Nick em voz baixa.

127

Agora já estava familiarizado com alguns mexericos e conhecia os nomes das estrelas dos grandes números. Recentemente tinha falado com o treinador dos grandes felinos, que era uma pessoa interessante, tinha vivido muitos anos em África e também era alemão. Era um grupo de pessoas extraordinariamente variadas, de todas as classes sociais e níveis pedagógicos. Alguns tinham níveis de estudos consideráveis. Tinha falado com um homem de outro número com cavalos e ficou confundido ao descobrir que ele tinha frequentado a faculdade de direito mas que preferia o circo. Havia ali uma gigantesca amostra de humanidade, com pessoas de todos os géneros, mesmo que ao princípio lhe parecessem estranhas.

Mas a novidade estava a começar a desgastar-se. E o convite para o jantar de Ação de Graças com Gallina e a sua família comovera-o. Tinha curiosidade em conhecer o marido e os irmãos dela. Sem Alex e sem o pai, sentia a falta de companhia masculina.

Gallina e Sergei e os seus irmãos e respetivas esposas mostraram-se muito acolhedores e amistosos quando Nick e os filhos foram jantar com eles. Entre todos tinham sete ou oito filhos, quase todos rapazes. Havia a expectativa de que todos eles se juntassem à trupe do trapézio. Alguns deles, adolescentes, já lá estavam. Nick gostou muito de Sergei, que tinha um bom sentido de humor e que escondeu imediatamente uma das garrafas de vinho que Nick tinha levado,

dizendo que seria desperdiçada nos irmãos, beberam a outra, além de várias outras garrafas, ao jantar. Mas eram um grupo saudável, e via-se que adoravam as suas famílias e se divertiam com as suas esposas. Nick e os filhos passaram um excelente bocado no seu primeiro jantar de Ação de Graças.

Toby e Katja saíram logo a seguir e sentaram-se a aproveitar o ar ameno da noite, falando das coisas que lhes interessavam. Katja confessou a Toby que um dia 128

gostaria de abandonar o circo e levar uma vida normal em casa, sem viver numa caravana, com o que ele concordou. Ela disse que os pais ficariam muito transtornados se ela lhes dissesse tal coisa. Pensavam que aquela era a melhor vida do mundo, mas Katja não estava de acordo. Queria mais.

- E tu? - perguntou ela a Toby, pousando nele os seus grandes olhos azuis.

Ele pensou um pouco antes de responder.

- Não sei. Não sei o que quero fazer, além de um dia voltar para a Alemanha.

Só dizer aquelas palavras fez com que voltasse a sentir a falta do avô, de Marianne e de todos os seus amigos.

- Eu quero ficar aqui - acrescentou Katja -, na América, não na Flórida. Gostei de Nova Iorque quando lá estivemos. É sempre fantástico estar no Madison Square Garden quando começamos a época. - Os seus olhos brilharam. - Não quero regressar a Praga, era maçadora. Julgo que a minha mãe tem saudades de lá, mas eu não. Aqui é melhor.

Toby ainda não sabia se era verdade. Não tinha chegado há tempo suficiente para decidir. Tudo o que sabia era que gostava muito de Katja e, depois de conversarem durante um bocado, beijou-a. Não lhe disse, mas era a primeira rapariga que alguma vez tinha beijado e, quando pararam, tinha a cabeça a andar à roda. Tal como ela. Voltou a beijá-la e saíram-se melhor. Parecia que era uma coisa que tinha de ser aprendida. Ambos estavam mais que dispostos a treinar. Ainda estavam a praticar quando Lucas veio do outro lado da caravana, viu-os aos beijos e parou de repente. Depois soltou uma risada e desapareceu. Foi contar a Rosie o que tinha visto.

- Que estupidez - disse Rosie com expressão enojada. - O meu pai tem uma fúria

se descobrir. Katja não tem autorização para beijar rapazes. Ele não quer que 129
ela se comporte como “qualquer vagabunda do circo”, seja lá o que isso quer
dizer. Está sempre a dizer-lhe isso.

- Eu penso que eles gostam muito um do outro - confidenciou Lucas e Rosie
concordou. - Acho que não devemos contar.

Ela obrigou-o a fazer um juramento secreto, entrelaçando os dedos mindinhos,
de que não contava, explicando que era uma coisa que tinha aprendido na escola.
No inverno, iam à escola na Flórida mas durante o resto do ano, quando
andavam em tournée, tinham explicadores, de que ela gostava mais. No circo, os
professores não lhes davam tantos trabalhos para casa, mas por vezes a mãe
dava, em vez deles. Queria que ela tivesse uma boa instrução, embora Rosie
achasse que era uma maçada.

Quando Nick e os rapazes regressaram a casa nessa noite, todos pareciam
saciados e felizes. Nick bebera vários copos de vinho e tinha-se descontraído
pela primeira vez em muito tempo. Jogara xadrez com Sergei, tendo ganho, e
gostou de conversar com os irmãos dele. Todos tinham falado em alemão com
ele e com os filhos e checo uns com os outros.

As crianças falaram em inglês umas com as outras. Fora uma maravilhosa tarde
em família e Nick comovera-se por se sentir incluído. Sentiu que agora tinha ali
amigos e Sergei queria ir ver Nick trabalhar com os seus cavalos. Queria ver
Pégaso fazer a sua croupade, que várias pessoas lhe tinham dito que era um
assombro e difícil de acreditar e que, ao fazê-la, Pégaso parecia voar. As pessoas
começavam a conhecê-lo pelo nome, o nome novo, não o antigo.

- São boas pessoas - disse Nick a Toby e a Lucas quando entraram na caravana,
que já não parecia tão lúgubre, sabendo que tinham amigos por perto.

Os olhos de Toby brilhavam como estrelas e só acenou e Lucas soltou algumas
risadas enquanto se preparavam para deitar. Não disse a Toby que o tinha visto
beijar Katja.

130

Toby estava completamente apatetado, quando escovou os dentes, vestiu o
pijama e se deitou. Estava apaixonado. Lucas entrou no quarto do pai para lhe

dar um beijo de boas-noites.

Nick estava na cama, a escrever uma carta ao pai para lhe contar como tinha sido o seu primeiro Dia de Ação de Graças. Era completamente diferente de tudo o que Paul conhecia.

Uma tarde passada com seis homens que apresentavam um número de trapézio e com as suas esposas que eram ginastas, trabalhando Gallina no arame alto. Era difícil encontrar as palavras certas para descrever tudo, mas tinha sido uma tarde perfeita na sua nova vida.

- Boa noite, papá - disse Lucas dando-lhe um leve beijo na face. - Talvez um dia eu seja artista de trapézio, em vez de palhaço - disse entredentes com um bocejo e foi para a cama, arrastando os pés, como se aquelas fossem as suas duas únicas alternativas.

O pai ficou a meditar em como a vida era estranha, como as coisas mudavam depressa e a perguntar a si mesmo o que lhes aconteceria a todos. Se ao menos ele soubesse... Mas, por agora, o que tinham bastava. Era um refúgio seguro da tempestade que fermentava na Europa.

131

CAPÍTULO 10

Todos os anos, o circo fazia um espetáculo de Natal em Sarasota, para os residentes e para testar alguns números novos. Queriam Nick no espetáculo e fizeram-lhe muita publicidade: o Conde com os cavalos voadores Pégaso e Atena. Um fotógrafo tinha tirado algumas fotografias impressionantes a Pégaso suspenso no ar durante a croupade e Nick, montado nele, tinha uma figura elegantíssima, de chapéu alto e fraque. Quando fez o seu número no espetáculo, a assistência ficou entusiasmadíssima e adorou-o. Entrou na parada final montado em Pégaso e Toby em Atena, acenando à multidão com os seus chapéus altos. Era uma cara nova e tanto as mulheres como os homens pareciam muito entusiasmados com ele. As mulheres apreciaram a sua aparência sedutora, era um homem muito belo, e os homens admiraram o que ele fazia com os cavalos.

A apresentação do seu número foi um sucesso retumbante, para enorme satisfação de John Ringling North, que tinha vindo vê-lo, sentado na primeira fila. Até ele achou que o número de Nick era absolutamente perfeito. Vários dos outros artistas também vieram felicitá-lo quando ele foi para os bastidores depois da atuação.

Nick deixou-se ficar por ali, à espera da parada, quando ouviu o diretor do circo anunciar a família Markovich na arena principal, no último número depois do intervalo. Saiu dos bastidores e colocou-se à beira da arena para observar Christianna. Vira-a praticar algumas vezes no arame baixo, com o pai a treiná-la, mas nunca a tinha visto atuar no arame alto. Tinha curiosidade e ficou ali de pé, em silêncio, enquanto ela subia graciosamente pela corda até à minúscula plataforma perto do topo da tenda, com a multidão a observá-la sem emitir um único

132

som. A banda tocava a música do Lago dos Cisnes, que Nick reconheceu imediatamente, mas à qual não prestou atenção, vendo-a avançar com infinita graciosidade da plataforma para o arame.

Instintivamente baixou os olhos para ver o que havia por baixo dela. Havia tratadores, o pai na sua cadeira de rodas e os irmãos que a observavam atentamente, de pé junto do arame alto, para o caso de terem de a apanhar. Mas não havia nenhuma rede e, ao verificar isso, Nick reteve a respiração e manteve os olhos fixos nela. Estava hipnotizado pela minúscula figura quase infantil que parecia deslizar pelo ar, de pé em cima do nada. Estava tão lá em cima que era difícil ver o arame por baixo dos seus pés. Parecia suspensa no ar, a dançar, e sorria ao fazê-lo, como se amasse o que estava a fazer.

O arame oscilou uma vez e toda a multidão ofegou, mas ela manteve o equilíbrio sem esforço. Depois virou-se para trás e de novo para a frente e, olhando-a, Nick começou a sentir-se enjoado. Não conseguia suportar o suspense e a tensão ao vê-la correr riscos tão terríveis. Era fácil compreender porque ela era a estrela do espetáculo. Merecia todo o destaque que tinha pelo que estava a fazer. O seu desempenho parecia interminável à medida que a tensão aumentava e Nick sentiu-se enregelar enquanto continuava a observá-la.

Finalmente, com um último salto cheio de graça, aterrou na plataforma do outro

lado, pouco maior que os seus minúsculos pés e a assistência irrompeu em estrondosos aplausos.

Ela agarrou uma argola presa na corda e deslizou sem esforço até abaixo, aterrando no solo do circo para fazer uma elegante vénia. A multidão pôs-se imediatamente de pé e aplaudiu-a. Ela tinha arriscado a vida pelos espetadores e eles achavam que aquilo era diversão. Deixando-se ficar ali de pé, Nick só depois se apercebeu de que estava a tremer.

Nunca tinha visto nada tão aterrador em toda a vida.

133

Ela passou rapidamente por ele ao sair da arena, mas não o viu e os irmãos seguiram-na como uma guarda palaciana, com o pai a empurrar a cadeira de rodas atrás deles. Em tempos, tinha sido tão bom como a filha e notoriamente mais ousado, e toda a gente estava de acordo que a mãe tinha sido igualmente graciosa até cair ao encontro da morte. Nick não conseguia imaginar nada que compensasse correr tão grande risco. Tinha visto Gallina a atuar antes e tinha sido muito mais cautelosa. O seu número era empolgante, mas nada como aquilo. A atuação de Christianna era uma combinação de graciosidade requintada e agilidade, equilíbrio notável e puro terror. E era demasiado jovem e bela para morrer.

A mãe era pouco mais velha quando perdeu a vida, era Christianna muito jovem. Tinham contado a Nick que tinha sido criada pelo pai e pela tia.

Ainda estava abalado quando, alguns minutos depois, montou Pégaso para a parada. Christianna tinha sido o grande final e com todo o mérito. E depois a parada voltou a aligeirar o ambiente, com todos os artistas a participarem, todos os animais, as estrelas do espetáculo, entre as quais Christianna, montadas em elefantes, enquanto os palhaços cabriolavam à sua volta e a música celebrava o final do espetáculo. Não houve contratempos mas, para Nick, era como se o seu coração quisesse parar ao observar Christianna. Em certo ponto da parada Pégaso curveteou diante dela, que ia de pé no lombo do maior dos elefantes, e ela olhou para Nick. Os seus olhares cruzaram-se, ele saudou-a com o chapéu alto e ela sorriu. Parecia tão leve como o ar, dançando ao seu lado durante um momento, e depois ele conduziu Pégaso num lento meio galope e avançou. Nick apercebeu-se de que ela tinha qualquer coisa de fascinante sempre que a via. Não

sabia se eram os riscos chocantes a que ela expunha a sua própria vida ou a sua pura beleza. Mas, fosse o que fosse, 134

sempre que a via, passava horas obcecado. E não conseguia imaginar por que razão o pai lhe permitia que fizesse aquele número, em particular atendendo ao que tinha acontecido, a ele próprio e à mãe dela. Era evidente que, como Gallina dizia, eles eram loucos.

No fim do espetáculo, ele e Toby levaram de novo os cavalos para a tenda, escovaram-nos e deram-lhes de comer e depois regressou lentamente à caravana com o filho. Sentia-se tonto e quase embriagado com os sons e os cheiros do circo naquele dia. Ainda conseguia ouvir a música dentro da cabeça.

- Esta noite estive a ver Christianna Markovich - disse Nick casualmente a Toby quando seguiam devagar para casa.

A atuação deles próprios tinha sido empolgante naquela noite. Pégaso fora a estrela do espetáculo e Nick com ele.

- É uma loucura o que ela faz - continuou Nick, sentindo-se ainda zozzo ao pensar no que tinha visto Christianna fazer.

A qualquer momento, ela podia ter mergulhado para a morte, com o mínimo deslize. O número no arame alto de Gallina proporcionava um bom entretenimento. O de Christianna era magia que desafiava a morte. A diferença era abismal e Nick tinha-se apercebido dela instantaneamente.

- Toda a gente diz que eles são doidos - disse Toby despreocupadamente.

- O pai dela é, sem dúvida, por deixá-la fazê-lo. Eu matava-te se alguma vez quisesses fazer uma coisa tão perigosa como aquela.

Nick não conseguia compreender. Nada justificava o risco.

- É o que eles fazem - disse Toby com uma risada.

135

Em seis semanas, o circo e tudo o que se relacionava com ele tinha começado a parecer-lhe normal. E agora que estava tolamente apaixonado por Katja também

se divertia. O romance entre eles era inflamado. Ambas as famílias se apercebiam disso e pensavam que era um encanto, desde que não perdessem o controlo. Gallina vigiava Katja com toda a atenção e impunha regras rígidas. Nick tinha avisado o filho de que não podia ultrapassar certos limites, ela era uma boa menina. Toby prometera ser razoável. O namoro era inocente e meigo e os pais de ambos queriam que assim se mantivesse.

Nessa noite, deitado na sua cama na caravana, Nick voltou a pensar em Christianna e no seu extraordinário número do arame alto. Não conseguia afastá-la do pensamento. Continuava a vê-la dançar no arame virando-se para trás e depois outra vez para a frente, muito acima da multidão. Nessa noite teve pesadelos por causa disso, como se a visse cair e no sonho estendia as mãos para a agarrar, mas não conseguia segurá-la a tempo e ela caía num buraco fundo em silêncio, com os olhos a observá-lo, até que desaparecia. Nick acordou coberto de suores frios e ainda pensava nela quando voltou a adormecer. De manhã sentia-se melhor mas detestou o que tinha visto na noite anterior. Achava que tanto perigo era de mais. A tarde falou nisso a Gallina, que revirou os olhos.

- Toda a família tem um desejo de morte - disse ela em tom de desaprovação. - Penso que o pai a impele a fazê-lo. Ele é um velho louco que pensa que a única coisa que importa é o arame alto. Ela devia pelo menos usar uma rede, mas penso que, nesse caso, a assistência não adoraria o número da mesma maneira. Eu não estou disposta a correr esses riscos.

Tenho filhos - disse com toda a simplicidade.

Nick sabia que ocasionalmente ela trabalhava sem rede, mas cada vez menos. E, quando não tinha rede, Sergei 136

ficava zangado com ela durante semanas seguidas. O circo não estava à espera de que ela corresse esse risco, tinha Christianna para o correr. E Christianna tinha uma irmã mais nova que o pai também estava a preparar. Só tinha treze anos e era demasiado nova para o arame alto. Mas não tardaria a estar lá em cima.

Dois dias depois do espetáculo do Natal, Nick e os rapazes festejaram juntos uma discreta véspera de Natal. Tinham comprado uma pequena árvore e enfeitaram-na na caravana.

Nick comprou luzes e Toby ajudou-o a pendurá-las no exterior. A caravana tinha

um aspeto festivo, mas ainda bastante lúgubre. Era o que Nick mais detestava na vida do circo.

Odiava a caravana e viver pior que os seus cavalos. Mas era a vida que tinham. E no circo todos viviam da mesma maneira.

Na véspera de Natal, Nick acendeu as velas da árvore de Natal, o que lhes recordou a Alemanha. Sentiu um nó na garganta quando se sentou com os filhos, tentando não pensar nas pessoas de quem se tinham separado e de uma vida inteira de Natais na mansão. Estavam na Flórida há quase dois meses, mas, de certo modo, parecia-lhe uma eternidade. Os filhos estavam a adaptar-se bem mas por vezes ele perguntava a si mesmo se alguma vez voltaria a ter uma vida normal, no meio das pessoas com quem tinha crescido, na casa em que a sua família vivia há séculos. Aqui, tudo era novidade e totalmente desconhecido para ele, exceto os filhos e os cavalos. Tudo o mais ainda lhe parecia estranho. Interrogava-se se alguma vez se adaptaria totalmente a esta vida ou se lhe seria permitido regressar a casa ou se seria um exilado para todo o sempre.

Os três mantiveram-se em silêncio, observando as velas da árvore, pensando naquilo de que sentiam mais falta. E, quando os rapazes se deitaram, ele apagou as velas. Não queria que a caravana se incendiasse, mas tinha

137

sido agradável acendê-las durante algum tempo. Nessa noite, deitado na sua cama, pensou em Alex e no seu pai, como estariam, como seria o Natal para eles. Estava preocupado por o pai estar sozinho e escrevia-lhe com frequência, mas agora não havia nada que pudesse fazer para o ajudar e sabia que Alex ia visitá-lo sempre que podia. Nas suas cartas, Alex assegurava a Nick que o pai estava a passar bem e ele esperava que fosse verdade.

No parque de diversões o ambiente foi festivo durante a semana entre o Natal e o Ano Novo. As pessoas convidavam-se umas às outras para irem às respetivas caravanas comer e tomar uma bebida. Outras saíam e jantavam na cidade. O circo organizou uma grande festa na tenda principal antes da passagem de ano, a que quase toda a gente assistiu. Nick e os filhos também foram, o que lhes deu oportunidade de conhecer outras pessoas e estar com as poucas que já conheciam. Nick ouviu todas as línguas imagináveis à sua volta e ficou

surpreendido com a quantidade de alemães que havia, além de inúmeros italianos e franceses.

Com as emoções do Natal já ultrapassadas, havia o Ano Novo para festejar e depois das férias os rapazes voltariam para a escola. Gostavam da escola frequentada pelas outras crianças do circo. E o seu inglês estava a melhorar. Partiam em tournée no mês de abril. Nick estava ansioso por partir, pois seria uma bem-recebida mudança que os manteria ocupados. Seria interessante ver novas terras e descobrir a América vila a vila, de uma costa à outra. Também os rapazes estavam muito entusiasmados.

Passaram a passagem de ano com Gallina e Sergei e a respetiva família. Nick e os filhos foram para casa pouco depois da meia-noite. Ele tinha-lhes dado licença para beberem um pouco de champanhe, Toby mais do que Lucas, que só bebeu uma gota. Ele e Rosie jogaram xadrez e adormeceram muito antes da meia-noite e Nick levou-o 138

ao colo quando se foram embora. Tinha sido uma maneira agradável de acabarem o ano, com os seus novos amigos, e também reconfortante por falarem com eles em alemão e partilharem tradições semelhantes.

No dia seguinte, Nick estava a escovar os cavalos quando viu Lucas, que seguia estrada fora com Rosie, dirigindo-se para a tenda maior. Disse-lhe que regressasse a tempo do almoço e Lucas prometeu que sim. Tinha acabado de escovar Pégaso e começava a tratar de Atena quando Rosie entrou na tenda a correr, em lágrimas.

- Lucas aleijou-se - gritou-lhe ela em alemão.

Nick largou o que estava a fazer e ficou a olhar fixamente para ela, aterrorizado com o que podia ter acontecido. Podia ter sido esmagado por um elefante, metido a mão numa jaula dos tigres ou atropelado por um camião. No mundo em que viviam tudo podia acontecer e talvez tivesse acontecido. No circo havia imensos perigos para uma criança, em particular uma criança tão aventureira como Lucas.

- O que aconteceu? Onde está ele? - perguntou-lhe Nick com uma expressão desvairada, largando a escova.

- A tenda maior... quis experimentar o arame baixo e caiu. Acho que bateu com

a cabeça. Ficou com os olhos fechados e não se levantou.

Nick não perdeu tempo a fazer mais perguntas, correu o mais que pôde para a tenda maior, que era o centro da atividade do parque de diversões. Não conseguia imaginar o que teria passado pela cabeça de Lucas para ir brincar num dos arames baixos, instalados para os treinos dos números no arame alto. Correu para a tenda, à procura dele, e viu um pequeno grupo de pessoas junto de uma das estruturas de arame baixo. Abriu caminho, temendo o pior. Já tinha perdido a esposa e a filha, não suportava a ideia de perder um dos filhos, à deriva como estava naquela terra desconhecida, o que fazia com que

139

tudo parecesse ainda pior. Viu Lucas imediatamente, estendido no chão, de calções e blusa de xadrez, mas tinha os olhos abertos e estava a falar quando o pai chegou junto dele. Foi então que Nick viu com quem ele estava a falar: Christianna, com um fato de ginástica de malha branca e sapatos de ballet, ajoelhada no chão, a fazer-lhe festas na cabeça. Lucas sorria para ela e esta pôs-lhe um pano húmido na cabeça e disse-lhe que não se levantasse. Nick virou-se imediatamente para ela, perguntando a si mesmo como é que ela tinha ali chegado e se tinha visto Lucas a brincar no arame. Talvez tivesse achado normal.

- Que aconteceu? - perguntou ele em tom incisivo.

- Não sei - disse gentilmente em inglês, com o seu forte sotaque polaco. Nick nunca tinha falado com ela. - Entrei logo a seguir a ele cair. Ele está bem, os olhos estão ótimos.

Fez um “galo” na cabeça, mas está a ver nitidamente. Podemos chamar o médico, mas penso que dentro de pouco tempo já fica melhor. E o pescoço também está bem.

Ela sabia o que devia procurar e tinha verificado tudo. A sua voz era muito suave ao falar com Nick, mas parecia segura de si mesma e nada assustada e fora muito meiga com a criança.

Nick acenou e virou-se para Lucas.

- Que te levou a fazer isto? Que coisa tão estúpida e perigosa! Podias ter partido o pescoço.

O seu próprio terror dava-lhe um tom agreste à voz, mas estava mais assustado do que zangado. O arame baixo só estava a um metro e meio de distância do chão, o que não era nada comparado com o arame alto, mas era suficientemente alto para se magoar gravemente. Nick ficou aliviado por não ser o caso. Olhou para Christianna com 140

gratidão e pegou no rapaz ao colo. Nessa altura Lucas fechou os olhos e disse que estava agoniado.

- Penso que ele teve uma concussão - disse ela em voz baixa. - Mas se o meter na cama, amanhã está melhor. - E depois sorriu. - Acontecia-me a toda a hora, ao princípio.

- É por isso que é suficientemente corajosa e louca para trabalhar sem rede? - perguntou-lhe Nick, só meio a brincar.

Sempre que a via fazer o seu número, ficava transtornado. E, ao contemplá-la, soube que nunca, em toda a vida, tinha visto olhos tão azuis e com um brilho tão intenso, que se fixaram nele como se lhe lançassem uma luz viva. Ficou sem respiração quando os viu e desejou fechar os seus. Mas não conseguia deixar de a contemplar. Ela era hipnotizante.

- É o que a minha família faz - respondeu ela com toda a simplicidade, nada perturbada com o que ele tinha dito.

Mas tinha sido assim que a mãe tinha morrido e que o pai tivera o acidente. Ele achava que era uma má tradição familiar.

- Quer que eu vá consigo e fique a tomar conta dele durante um bocado? - propôs ela e, sem saber porquê, Nick acenou que sim e a jovem de fato de treino seguiu-o para fora da tenda e dirigiu-se rapidamente para a caravana. - Vou chamar o médico, se quiser - mas Lucas já estava a falar animadamente e parecia estar a recuperar com toda a rapidez, apesar do enorme alto que tinha na cabeça. - Acho que está bem - repetiu ela e entrou com todo o cuidado no atrelado, atrás de Nick que levava o filho ao colo.

- Pregaste-me um susto de morte - ralhou ele a Lucas, que estava com uma expressão embaraçada quando o pai o deitou na cama e foi buscar outro pano húmido.

Christianna já o tinha pronto e estendeu-lho quando ele se virou. Ele colocou-o na testa de Lucas, disse-lhe que ficasse quieto durante um bocado e depois voltou para a sala para agradecer a Christianna a sua ajuda.

- Ele não devia ter feito aquilo - disse Nick, perturbado.

- Não deviam deixar o arame armado. Eu desmonto-o sempre depois de trabalhar. As pessoas não se apercebem de que tem altura suficiente para alguém cair.

Ele acenou e não resistiu a fazer-lhe uma pergunta. Os olhos dela, ardentes, mergulharam nos seus. O olhar dela era intenso. De pé ao seu lado, ele apercebeu-se de que ela era uma pessoa minúscula. Era pouco maior que uma criança, mas era uma mulher e, ao erguer os olhos para ele, o seu olhar era de uma infinita gentileza. Tinha algo de totalmente destemido que o fascinava, bem como a sabedoria de muitas eras na sua expressão.

- Porque faz isso? É tão perigoso! Estive a vê-la no espetáculo de Natal e sentime doente. Estava assustado por sua causa - disse ele meigamente. Ela fascinava-o. - Lamento ter sido brusco, mas detesto vê-la fazer o seu número.

- Eu também costumava sentir-me mal - reconheceu ela -, mas agora já não. Não tenho medo. É por isso que consigo fazê-lo. É o medo que nos faz cair. Se não tivermos medo, não caímos.

Ele achava que era uma atitude demasiado simplista, e também demasiado confiante e otimista.

- E se escorregar?

- Nunca escorrego - disse ela tranquilamente.

Compreendeu que ela não tinha medo nenhum, pelo menos quando estava no arame alto. Mas alguma coisa tinha acontecido que atirara os pais para o chão, para além do medo. E

também eles eram experientes.

- Talvez um dia aconteça. Não há outra maneira de eletrizar a multidão? - perguntou-lhe ele sem rodeios.

- Não dessa maneira. É o que eles querem. É por isso que vêm.

Ele compreendeu que, em parte, o que ela dizia era verdade. Eles amavam o perigo e o risco, ele sentia isso mesmo quando via a reação da multidão à atuação dela.

- Os seus cavalos são muito belos - disse ela, afastando a conversa de si mesma.

- Gosto dos brancos. Parecem bailarinos e o que faz com eles parece ballet.

- É quase ballet e, quando trabalho com eles em par, é assim que se chama. - Nick sorriu ao dizê-lo. - Sabe montar?

- Já montei. Os cavalos assustam-me - disse ela com um pequeno sorriso.

- Acho difícil de acreditar. Dificilmente uma mulher que dança no arame alto sem rede pode ter medo de um cavalo a pouco mais de um metro do chão.

- São imprevisíveis. Nunca se sabe o que vão fazer. No arame, só tenho de depender de mim mesma.

O que dizia era verdade.

- Com um bom cavalo, também pode depender dele. Um dia mostro-lhe.

Ela acenou que sim e pareceu gostar da ideia. Depois foram ver como estava Lucas, que estava deitado na cama, a brincar com um brinquedo, e parecia estar ótimo. Lucas ergueu os olhos e sorriu para ela.

- Obrigado por me ajudar - disse ele com um sorriso tímido.

- Não voltes a brincar no meu arame - repreendeu-o com uma expressão que mostrava que estava a falar a sério.

Ela tinha uma vontade de ferro, que se lia nos seus olhos. Era uma pessoa minúscula, com um espírito enorme. Tinha de ser assim, para fazer o que fazia.

Depois 143

Rosie entrou na caravana à procura de Lucas e de Nick. Este chamou-a para lhe dizer que estavam no quarto de Lucas. Ela apareceu à porta aparentemente em pânico, e depois desfez-se num grande sorriso quando viu que ele estava bem.

- Pensei que estavas morto - disse ela ao amigo.
- Não estava - respondeu, cheio de orgulho. - Só fiquei a descansar um minuto.
- Descansaste durante muito tempo. Chamei-te pelo nome e tu não acordaste.
- Bati com a cabeça, mas agora está melhor. Ela ajudou-me - disse ele, olhando outra vez de relance para Christianna, que sorriu.
- Já estavas acordado quando lá cheguei, só um pouco estonteado.

Fora praticar e encontrou Lucas no chão, a recuperar os sentidos. Rosie já tinha saído a correr, à procura de Nick.

- A partir de agora, quero-os sempre debaixo da minha vista - admoestou-os Nick. - A culpa é minha, por os ter deixado andar sozinhos. Não sabia que seriam patetas ao ponto de brincar num arame.
- A minha mãe também não me deixa brincar nele - confessou Rosie a Nick, ao mesmo tempo que Christianna saía lentamente do quarto.

Não tinha mais nada a fazer ali e não queria intrometer-se. Nick seguiu-a até à porta.

- Quer vir ver os meus cavalos de vez em quando? Pode montar o Pégaso. Eu seguro as rédeas.
- Só se ele não se levantar nas patas traseiras - disse ela timidamente.
- Ele sabe que não pode fazer tal coisa se eu não estiver montado nele ou não lhe disser que o faça - retorquiu Nick com um olhar afetuoso. - Não permitirei 144 que a assuste. Ele é muito manso. E Atena ainda é mais, por isso é melhor experimentá-la a ela.

- Talvez um dia.

- Será sempre um prazer - disse ele, enquanto ela saía da caravana e ficou a apanhar o sol de inverno. O dia estava quente. - E agradeço-lhe mais uma vez por ter ajudado Lucas.

Ele tem sorte por estar presente e saber o que devia fazer.

Ela tinha-o impedido de se levantar depressa de mais, o que teria sido perigoso. Podia ter desmaiado e batido com a cabeça outra vez.

- Estou contente por ele estar bem.

Podia ter partido o pescoço, que era o que ela receara ao princípio. Era assim que tinha morrido a sua mãe. Então ela sorriu de novo para Nick e foi-se embora, com o seu corpo minúsculo modelado pelo fato de malha, regressando à tenda maior. Nick ficou a observá-la durante um minuto e depois voltou a entrar na caravana.

- Ela é bonita - comentou Lucas logo que o pai voltou a entrar. - Gosto dela.

- Eu também - disse Nick, sorrindo-lhe.

- Porque é que toda a gente diz que ela é doida? É simpática.

- Porque trabalha sem rede - explicou Rosie. - É uma estupidez fazer tal coisa. A minha mãe diz que ela faz isso porque o pai a obriga, e ele também é doido. Deve ser muito mau, obrigá-la a fazer tal coisa.

Deixando as duas crianças entregues à sua conversa, Nick perguntou a si mesmo se de facto o pai a obrigava ou se Christianna gostava mesmo do que fazia. Parecia gostar e não tinha escrúpulos em o fazer. Para ela, era apenas trabalho, como qualquer outro emprego. A maioria das pessoas do circo parecia sentir o mesmo, sem se aperceberem de como aquilo era invulgar. Muitos faziam

145

o mesmo ao longo de várias gerações, ao contrário de Nick.

Saiu outra vez para apanhar o sol de inverno e sentou-se numa cadeira que

alguém tinha deixado diante da caravana ao lado da deles. Na outra caravana viviam quatro acrobatas, que por vezes faziam muito barulho à noite. Eram chineses de Hong Kong. Nick sentou-se, acendeu um cigarro e pôs-se outra vez a pensar em Christianna, como era bela e delicada, e corajosa também. Esperava que um dia ela viesse ver os seus cavalos e depois repreendeu-se a si mesmo. Ela tinha vinte e um anos e ele estava prestes a fazer quarenta e quatro. Nem sequer podia pensar em cortejá-la como mulher, apesar de se sentir imensamente atraído por ela. Estava de cabeça perdida pelos olhos dela. Voltou para dentro e afastou-a da ideia. A última coisa que precisava era envolver-se com uma jovem do circo e disse para consigo que, de qualquer maneira, ela provavelmente pensava que ele era demasiado velho.

Mas, apesar das suas boas intenções, pensou nela durante todo o dia. Não deixou de pensar na sua expressão quando disse que não tinha medo do arame alto ou quando a encontrou na tenda maior inclinada sobre Lucas. Tinha uma enorme gentileza e ao mesmo tempo demonstrava grande força. Tentou esquecer-se dela e descobriu que não conseguia e, no fim do dia, sentia-se enfeitiçado. Só pensava naqueles insondáveis olhos azuis.

Ainda estava a pensar nela quando foi dar de comer aos cavalos à noite. Depois de os alimentar, virou-se e viu-a ali de pé. Estava a observá-lo em silêncio com aquele olhar que o mantinha sob o seu domínio.

- Pensei em si durante todo o dia - disse ele, sem saber que mais havia de dizer. - Acho que me lançou um feitiço.

Sorriu. Ao olhar para ela, sentia-se como um rapazinho e não como um homem da sua idade. A diferença de 146

idades entre eles parecia desaparecer quando os seus olhares se cruzavam e se fixavam um no outro.

- Também pensei em si - disse ela devagar. - Vim ver os cavalos.

Ele fez um aceno de compreensão e fez-lhe sinal para se aproximar dele. Quando se aproximou, ergueu-a delicadamente e sentou-a no lombo de Atena. Quando a levantou, ela era leve como uma pena, e depois conduziu a égua para fora da baia, segurando-a pelas rédeas.

- Provavelmente nem a sente, de tão leve que é. Sorriu para Christianna, que

olhou solenemente para ele.

- Mas sou muito forte - disse com orgulho, apontando para uma graciosa perna de bailarina, e ele riu-se.

- Tenho a certeza de que é, Christianna. Suficientemente forte para me inquietar durante todo o dia.

Não estava assustada, apesar do que tinha dito antes acerca de ter medo dos cavalos. E depois ele virou-se para olhar para ela muito sério. Parecia uma fada montada no cavalo e a olhar para ele sem medo. Nenhum deles disse uma palavra. Não precisavam. Ela tinha vindo vê-lo, não os cavalos, e ele sabia.

- Que vamos fazer agora? - perguntou ele como se ambos soubessem o que estava a acontecer.

Não tinha a certeza de nada, exceto que nunca conhecera ninguém como ela. E o que acontecesse agora dependia inteiramente dela.

Ela inclinou-se e pôs os braços à volta dele, ao mesmo tempo que ele a mantinha em cima do cavalo e a beijava suavemente, sabendo que era o que tinha querido durante todo o dia e o que agora se sentia compelido a fazer. Ela retribuiu-lhe o beijo e, quando pararam, sorriu-lhe, como se fosse para fazer precisamente isso que tinha vindo. Voltou a beijá-la e, ao fazê-lo, levantou-a gentilmente e pousou-a no chão, onde ela ficou, à sua frente, 147

de olhos erguidos para ele. E tudo o que ele sabia era que, estivesse onde estivesse, por muito que tivesse andado, tinha chegado a casa. Tinha vindo de outra vida, de outro mundo, atravessara um oceano para a encontrar e no seu espírito não havia a menor dúvida sobre o que estava a fazer com ela, que parecia sentir o mesmo.

- Tenho estado à tua espera. Demoraste muito tempo a vir - sussurrou ela.

- Tinha umas coisas para fazer - disse ele, ainda com os braços à sua volta. - Vamos ter um problema com o arame alto, Christianna - avisou ele, um aviso que era de toda a justiça fazer.

- Veremos - respondeu, sem lhe prometer nada.

- Não cheguei aqui para te ver matares-te. -Já tinha enviuvado uma vez e não queria apaixonar-se por uma mulher que arriscava a vida todas as noites. Não podia voltar a passar pelo mesmo. - Preciso de ti aqui, comigo.

- Também eu preciso de ti... talvez com o tempo deixe de precisar do arame alto.

- É por isso que tu o fazes? Pela excitação?

Teve uma expressão de surpresa. Ela não parecia ser aquele género de pessoa. Era séria, forte e sensata para além da sua idade.

- Não. Faço-o porque é o que se espera de mim. É o que a minha família faz e que precisa que eu faça. Neste momento sou a única que pode fazê-lo. A minha irmã é demasiado nova e tem medo. Os meus irmãos são grandes de mais.

Nick notara que o pai dela era um homem muito mais leve que os filhos.

- Algumas pessoas da tua família sofreram ferimentos graves ou morreram. Não quero que sejas a próxima - replicou Nick, aconchegando-se no pescoço dela e beijando-a outra vez.

148

Teve a sensação que era como se estivesse desde sempre destinado que seria assim, que os seus caminhos estavam destinados a cruzar-se, e que estava escrito há muitos anos, noutra vida. Não conseguia cansar-se dela, só beijá-la era estonteante, tal como sentir a pele dela quando lhe tocava no rosto ou quando ela lhe tocava com mãos suaves. Ela parecia veludo.

- Falaremos sobre isto mais tarde - retorquiu ele, referindo-se ao arame alto.

Já não conseguia pensar. Só queria estar com ela e senti-la nos seus braços. Sentia-a tão pequena e frágil que tinha medo de a esmagar.

- Nunca posso ser tua - sussurrou num tom triste e meigo, mas as suas palavras surpreenderam-no.

- Porque dizes isso?

Pareceu magoado e preocupado e ela baixou os olhos, mas não se afastou.

Sentia-se feliz nos braços dele e não queria sair deles.

- Por tu seres quem és. Eu não passo de uma rapariga do circo e tu eras uma pessoa importante na tua outra vida. Eu sei. E um dia regressarás. Não sei porque vieste, mas sei que te irás embora. Não pertences aqui. Eu pertenço.

- Não sei se alguma vez me irei embora ou se conseguirei regressar - disse ele honestamente num sussurro. - E, se regressar, levo-te comigo. Tu não és apenas uma rapariga do circo, Christianna. Tu és uma pessoa muito especial.

Ele já o sabia. Tinha uma dignidade discreta, uma nobreza e uma graça que tornavam irrelevante para ele o sítio onde se tinham conhecido e de onde ela própria vinha. Teria orgulho em estar com ela, fosse onde fosse, e disselho sem hesitação.

- Serei sempre menos que tu por vir deste sítio - disse ela com tristeza.

149

Compreendia-o perfeitamente, mas não era isso que ele sentia por ela. Ela era a mulher mais estimulante que alguma vez tinha conhecido. E agora Nick não se importava com o seu mundo perdido nem com as pessoas que viviam nele. Num mero instante, tinha sido catapultada para a sua vida e Nick já fazia parte da dela.

- Um dia terás vergonha.

- Nunca - prometeu-lhe ali mesmo. - Não há nada em ti de que possa envergonhar-me. E não me envergonho. Serei o homem mais feliz do mundo se estiveres comigo.

- Tu és um nobre, Nick. Eu sou apenas uma rapariga com um número do arame alto.

- Está calada - pediu com firmeza. - Shhh...

E silenciou-a com um beijo. Pégaso virou-se para olhar para eles e acenou em assentimento. E Nick compreendeu que tudo o que podia fazer agora era provar-lhe que estava a falar verdade. Fosse ela quem fosse e fosse qual fosse o sítio onde se tinham conhecido, ele tinha a certeza. A ligação entre eles tinha-se

formado, irreversivelmente, a partir do instante em que, pela primeira vez, tinham olhado um para o outro. E quando nessa noite saíram juntos da tenda dos cavalos, estava garantida.

150

CAPÍTULO 11

Tudo ficou diferente e infinitamente melhor na vida de Nick logo que Christianna entrou nela. Ao princípio mantiveram a discrição sobre o seu romance, o que lhes pareceu sensato.

Davam grandes passeios à noite, longe do parque de diversões, por onde as pessoas não reconheceriam nenhum deles. Ele só queria estar com ela e conversar e saber mais sobre ela. Partilhavam em muitos casos as mesmas visões da vida e das pessoas, e até do circo, apesar da diferença entre as suas histórias e as suas idades. Ela era sensata para uma jovem de vinte e um anos e fazia-o sentir-se mais novo do que era. Nos seus aniversários seguintes, teria precisamente o dobro da idade dela, mas nenhum deles estava preocupado com isso.

- O que pensaria o teu pai de nós? - perguntou-lhe Nick uma noite, quando se sentaram num banco para conversar.

Tinham caminhado durante uma hora e sabia-lhes bem aquelas escapadelas. Haviam concordado ainda não dizer nem à família dela nem aos filhos dele. Primeiro queriam dar tempo a si mesmos para se conhecerem melhor e protegerem o que partilhavam.

- Ele ficaria preocupado se tu me levasse. Não há mais ninguém para fazer o arame alto, além de mim. A minha irmã Mina é demasiado nova, só tem treze anos. E há quarenta anos que não deixou de haver um Markovich no arame alto. Até Mina ter idade suficiente, compete-me a mim. E ela tem medo.

Christianna nunca tinha, o que dava ainda mais magia ao seu número.

- E, se tu caíres, também não haverá ninguém. O teu pai lesionou-se e o arame matou a tua mãe. Como pode ele querer que tu faças tal coisa?

151

- É a nossa herança. É uma tradição. O meu avô tinha o melhor circo de Varsóvia e depois perdeu o dinheiro todo ao jogo e vendeu-o. Os meus pais vieram para aqui quando eu era bebé, há vinte anos. O circo foi sempre a nossa vida. Mas não é a tua, Nick. Um dia ir-te-ás embora. O meu pai terá medo quando souber o que há entre nós.

- Ele fica preocupado por causa da nossa idade? Nick estava mais preocupado com isso e com o que as pessoas pudessem dizer, que ele andava a perverter crianças ou que a tinha seduzido, o que não era verdade. Até ao momento, a relação entre eles tinha sido casta, embora estivessem a apaixonar-se um pelo outro. Mas ele não queria aproveitar-se dela de maneira nenhuma, amava-a de mais para o fazer. Era a primeira vez em toda a vida que sentia tal coisa, mesmo contando com a sua falecida esposa. Em Christianna, tudo era diferente. Ele sentia-se como se tivesse regressado à vida.

- Não vai preocupar-se com isso - tranquilizou-o ela. - Ele tinha mais vinte e oito anos que a minha mãe. Ela foi a sua segunda mulher. - O pai de Christianna tinha setenta anos e o irmão mais velho dela, do primeiro casamento do pai, tinha quase quarenta, três anos menos que Nick. - Tudo o que lhe interessa é que eu não deixe o circo.

- E se um dia quiseses deixar?

- Nunca conheci nenhuma outra vida - disse ela com simplicidade.

Nick desejava poder partilhar com ela uma vida melhor mas, naquele momento, não tinha outra vida para lhe oferecer e, mesmo que tivesse, ali ela era feliz. Nunca tinha desejado partir. Era a herança dela, tanto quanto a vida dele na Alemanha tinha sido a sua. E era a única vida que ela conhecia. E era o suficiente.

Regressaram lentamente ao parque de diversões, apreciando a companhia um do outro e afastando-se do

152
caos com que viviam malabaristas, palhaços e elefantes, pessoas a rodopiar

constantemente à volta deles. E agora toda a gente estava ocupada, a trabalhar em novos números e novos fatos e a preparar-se para partir na tournée da primavera. Apesar de tudo o que tinha sucedido, Nick nunca se tinha sentido tanto em paz. Christianna rodeava-se de uma paz que trazia equilíbrio e força à existência dele. Agora Nick via tudo de maneira diferente e, em vez de contemplar as suas perdas, via a sua nova vida como uma enorme bênção, com a presença de Christianna. Tinha um ar feliz e descontraído, tal como ela.

Antes de partirem de Sarasota, fizeram vários espetáculos e correções para a época. E agora, quando a via no arame alto, ele sentia-se fisicamente doente, ainda mais do que antes de a conhecer. Ficava sem fôlego de terror até ela descer. Sabia que não poderia suportar eternamente aquela situação, ficava demasiado assustado por sua causa e por duas vezes ela quase perdeu o equilíbrio. Mais tarde, à noite quando ficaram sozinhos, zangou-se.

- Tens consciência do que andas a fazer, Christianna? Estás constantemente a arriscar a tua vida. Não consegues ter assim tanta sorte para sempre.

Estava com uma expressão infelicíssima ao dizer-lhe aquelas palavras. Sentira-se à beira das lágrimas ao vê-la atuar. Era a única coisa em que discordavam.

- Consigo, sim. A minha avó nunca caiu. Morreu de velha.

- Provavelmente é a única. Eu sei que não tenho o direito de mudar o que tu fazes, mas quero que protejas a tua vida e te mantenhas viva para mim.

- É o que farei - disse ela solenemente.

Mas as suas palavras não o acalmaram. Ficava desvairado de preocupação sempre que ela subia a corda para a sua plataforma.

No fim de janeiro, Nick leu nos jornais que Hitler tinha ameaçado abertamente os judeus no seu discurso ao 153

Reichstag. Não se admirou, mas o resto do mundo ficou chocado. O facto de Hitler dizer que não haveria paz “até a questão judaica ter sido eliminada”

tornou tudo claro. Ele sentiu-se ainda mais grato por ter partido depois do aviso do general. Era evidente que ele tinha tido conhecimento do que estava para vir.

Algumas semanas depois, John Ringling North pediu a Nick e a Christianna que fossem juntos ao seu gabinete. Eles tinham a certeza de que ele tinha descoberto o seu romance e que iria criticá-los e manifestar a sua desaprovação. Não havia nada nos seus contratos que os impedisse de estarem juntos, as pessoas do circo tinham constantemente ligações umas com as outras, como ambos sabiam, e algumas casavam-se. Mas Nick receava que, mesmo assim, ele os censurasse e estava tenso quando entraram no gabinete de North. Ambos tinham a sensação de que estavam a ser chamados ao gabinete do diretor da escola. Mas, muito pelo contrário, ele sorriu abertamente ao vê-los. Não faziam ideia nenhuma do que ele tinha em mente e tentavam não olhar um para o outro em busca de conforto.

- Quis chamá-los aos dois para discutirmos uma ideia que tive. Christianna tem sido a nossa maior estrela desde os seus dezoito anos - disse, sorrindo para ela. - E penso que Nick também vai ser. Já está a caminho e ainda não andou em tournée.

Mas os seus lipizanos tinham sido o maior sucesso de todos os espetáculos desde a estreia e Nick era uma figura galante. As mulheres do público ficavam loucas com ele. Era um belo aristocrata europeu, montado num cavalo branco. Era a essência das fantasias de qualquer mulher. E até os outros artistas comentavam que ele tinha uma bela figura.

- Gostaria que pensassem os dois em fazer uma parte de um número juntos. Penso que não vamos conseguir 154

que Nick suba ao arame - disse, sorrindo para ele -, mas agrada-me muito a ideia de Christianna em cima de um dos seus lipizanos. Se puderem criar uma parte de um número em conjunto, durante o seu - continuou, olhando para Nick -, acho que a casa virá abaixo. O belo príncipe e a princesa das fadas. Sabe montar? - perguntou a Christianna.

- Um pouco - respondeu ela, espantada com a sugestão e aliviada por não estarem metidos em sarilhos.

- Eu posso ensiná-la - ofereceu-se Nick imediatamente. Gostava da ideia. - Podíamos fazer uma valsa juntos, a cavalo. Precisarei de trabalhar com os meus cavalos durante algum tempo. Entretanto podemos fazer uma coisa mais simples.

Penso que é uma sugestão maravilhosa.

Nick estava arrebatado, conversaram durante algum tempo sobre o assunto e depois saíram do gabinete de North encantados. Parecia providencial. Era a oportunidade perfeita para estarem juntos nos espetáculos e nos ensaios. Tinham seis semanas para aprenderem o número que North queria, antes de partirem em digressão.

- Uau, e eu a pensar que estávamos metidos em sarilhos - disse Christianna com uma risadinha que a fez parecer ainda mais nova do que era.

- Estaremos, se não criarmos um bom número para ele. Deixa o assunto comigo. Vou começar a pensar nisso ainda hoje.

Nick demorou seis dias a coreografar um número que os seus cavalos fossem capazes de executar e que fosse suficientemente simples para Christianna seguir. Nick ensaiou com ela uma semana depois de terem estado com North. E tiveram tempo para trabalhar o número antes de se estrearem em Madison Square Garden. Ainda estava em esboço, mas resultava e, com prática, depois de acompanhado com música, seria elegante e romântico. Nick

155

mal conseguia esperar para aperfeiçoar o novo número e executá-lo em Nova Iorque. Sabia que a assistência ia adorar.

Ensaivavam diligentemente todos os dias e quando partiram para Nova Iorque, no princípio de abril, Christianna parecia um anjo em cima de Atena. A princípio estava nervosa mas, por razões óbvias, tinha um equilíbrio excecional e conseguia manter-se de pé no dorso do lipizano para cumprir uma parte do esquema que Nick tinha criado e sentia-se confortável na sela durante o resto do tempo, cavalgando ao lado de Nick, montado em Pégaso. Os dois cavalos deslocavam-se com uma precisão rigorosa à volta da arena. Nick estava entusiasmado com os progressos que tinham feito. Christianna aprendia depressa e melhorava de dia para dia. Ainda cometiam erros, mas poucos e nada de que a multidão se apercebesse. Ele adorava fazer o número com ela. John North tinha razão, o número de Nick ganhava em elegância e emoção. Este estava ansioso por experimentá-lo diante de público. Estavam os dois entusiasmados quando ele a acompanhou até à caravana na noite anterior à partida de Sarasota. Encontraram-se com o pai, os irmãos e a irmã mais nova de Christianna, que

tinham terminado o ensaio. Nick cumprimentou-os delicadamente, conversou com os seus irmãos durante alguns minutos e depois foi ter com os filhos. Tal como toda a gente, ainda tinha muito que fazer antes de partirem na manhã seguinte.

No dia em que partiram de Sarasota para iniciarem a digressão, naquele ano mais tarde do que era habitual, toda a gente estava excitada com a partida e Lucas achava que era o dia mais emocionante de toda a sua vida. Os felinos foram embarcados no comboio, com os elefantes e outros animais. Nick meteu todos os seus cavalos num atrelado logo de manhã, depois de lhes dar água e comida. No comboio seguiam estivadores e tratadores para alimentar os animais e atender às suas necessidades. Muitos

dos artistas iam apanhar o comboio, mas alguns conduziam as suas próprias caravanas, como a família de Christianna projetava fazer, bem como Nick e os filhos, seguindo o comboio.

Os grandes equipamentos eram transportados por caminho-de-ferro e por uma frota de camiões. Parecia que toda a cidade estava de partida, o que era quase verdade. Só regressariam dentro de oito ou nove meses, depois de uma digressão por todo o país, parando em vilas pelo caminho e ocasionalmente em cidades, geralmente durante uma noite e raramente durante mais de dois dias, exceto quando atuassem em Nova Iorque, onde ficavam sempre quatro semanas no início da tournée. E toda a gente adorava atuar no “Garden”, porque as condições eram muito boas.

Nick fora informado de que a tournée seria esgotante, mas os filhos não se importavam. Ansiavam pela estada de quase um mês em Nova Iorque. Toby tinha pedido para fazer a viagem com a família de Katja e no primeiro dia Rosie seguiria viagem com Lucas e Nick. Parecia uma troca justa.

Nick fez uma curta paragem para ver Christianna antes de partirem. Só dentro de muitas horas, talvez só no dia seguinte, teria oportunidade de voltar a vê-la. Ela trazia um vestido de verão de algodão branco e sapatos de dança demasiado gastos para andar no arame alto. Ele deu-lhe um beijo rápido antes de partirem. Os irmãos e a irmã dela já estavam à espera na caravana. O pai e a tia seguiam de comboio.

- Os meus irmãos estão a ficar desconfiados - sussurrou ela quando ele voltou a

beijá-la.

Ultimamente tinham falado em lhes dizer alguma coisa, mas ambos tinham a certeza de que iam desencadear uma reação. A presença dele na vida de Christianna e a sua preocupação com o bem-estar dela era uma enorme ameaça para a família. E não lhes agradava que John Ringling North quisesse que ela atuasse com ele. Pensavam 157

que ia diluir o impacto do seu próprio número no espetáculo. Segundo eles, os artistas do arame alto não atuavam em cavalos como acrobatas. Mas North era o presidente do circo e, como Christianna salientou aos irmãos, a palavra dele era lei e eles tinham de concordar. O certo é que Nick e Christianna estavam encantados com aquela legítima desculpa para trabalharem juntos sem que ninguém pudesse objetar. Por outro lado, o número que Nick tinha criado para eles era belo e artístico.

- Até logo - sussurrou ele depois de um último beijo.

Partiu apressadamente e ela sorria quando entrou para a caravana e arrancaram para a longa viagem até Nova Iorque.

Seguiam viagem há várias horas quando o irmão mais velho, Peter, a interrogou acerca de Nick.

- Que se passa com vocês os dois? - inquiriu, dando uma dentada numa maçã.

A irmã mais nova, Mina, ia a dormir ao lado dele no divã. Os outros três irmãos conduziam à vez. As mulheres deles tinham ido de comboio para cuidar da tia e do sogro.

- Nada. Porquê? - Ela nunca lhe tinha mentido antes, mas não queria partilhar o que estava a acontecer com Nick. Ainda não estava preparada. O que tinham pertencia-lhes. Era leal para com Nick e queria protegê-lo e a si mesma. - Temos andado a trabalhar no número que North quer que façamos.

- E que mais? - O irmão estava a sorrir. - Podes dizer-me - bisbilhotou com ar sabido. Tratava-a sempre como se ela fosse uma criança, tal como tratava a irmã de treze anos.

- Não há nada a dizer. É um homem simpático. Somos amigos. Gosto dos filhos

dele.

158

- Estão mais próximos da tua idade que ele, que tem idade suficiente para ser teu pai, Christianna. Espero que tenhas consciência disso.

- Não se passa nada - repetiu ela com um olhar frio.

Não gostava de ser pressionada e não se dava tão bem com o irmão mais velho como com os outros. Ele era demasiado parecido com o pai e tinha ideias antiquadas sobre o número que faziam. E tinha inveja, sempre tinha tido, por ela ser a estrela do arame alto. Sempre desejara tomar o lugar do pai, mas era pesado e a assistência preferia ver Christianna.

Ela era muito mais bonita, mais agradável à vista e mais firme no arame. Peter tinha caído muitas vezes do arame baixo. E nunca nenhuma das suas cunhadas tinha atuado com eles. Elas apenas faziam parte da comitiva e várias tinham inveja dela, em especial a mulher de Peter. Christianna era prudente com ambos.

- Bom, não te ponhas com ideias sobre ele, só porque fica bem em cima de um cavalo. Põe-te de lado em cinco minutos e não vai ficar aqui muito tempo. Conheço o género. Um aristocrata pomposo com um título em maré de azar, por isso vem para o circo com os cavalos para se resgatar. Logo que consiga, desaparece. E não permitas que ele te convença de outra coisa.

Christianna também não pensava que ele ali ficasse muito tempo, mas por outras razões. Merecia uma vida melhor do que aquela, não era a vida própria para ele, mesmo que mostrasse boa cara. Já lhe tinha dito há muito tempo porque havia saído da Alemanha e o que estava a fazer ali e ela não conseguia imaginar que ele ficasse logo que a Alemanha regressasse à normalidade, e todos tinham a certeza de que isso sucederia um dia. A atual insanidade, com Hitler, não podia durar para sempre.

E, se não regressasse à Alemanha, Nick falava em um dia criar cavalos lipizanos, talvez num rancho. Agora não 159

tinha dinheiro para isso mas talvez um dia viesse a ter, enquanto Pégaso ainda tivesse idade para procriar. Havia muito tempo para isso, o garanhão podia viver mais vinte e cinco anos. Mas era o sonho dele. E, dentro de vinte e cinco anos,

Nick teria a idade própria para se reformar. Ela teria de deixar o arame alto muito antes disso, por muito boa que fosse agora. Podia fazer o seu número durante mais dez ou doze anos, se tivesse sorte. E depois Mina teria de ocupar o seu lugar, ou outra pessoa. Mas, pelo menos, ela e Nick podiam sonhar. Por agora, era tudo o que ela tinha.

- Ele disse alguma coisa? - perguntou Peter, persistente, acabando de comer a maçã e atirando o caroço pela janela da caravana, olhando para ela com muita atenção.

- Porque havia ele de dizer alguma coisa? O que fazemos é trabalhar em conjunto e eu tenho muito que aprender.

Peter fez um aceno, temporariamente satisfeito. Não tinha a certeza de que acreditava nela. Tinha visto como Nick olhava para ela, em especial quando estava no arame. Tudo o que sentia estava-lhe nos olhos. Peter estava satisfeito por Christianna não ter notado. Se notasse, era um problema, mas sabia que ela era uma rapariga inocente e que nunca olhava para os homens. Os irmãos e o pai não se sentiriam nada satisfeitos se não fosse assim. Havia muitas mulheres perdidas no circo e ele não toleraria se a irmã fosse uma delas, embora ele próprio tivesse sido conhecido por se deixar seduzir por elas, sem o conhecimento da mulher. Christianna sabia que todos os seus irmãos se comportavam mal com mulheres do circo, mas era uma rapariga e eles tinham regras diferentes para si. Nunca dizia aos irmãos o que via ou sabia ou que tinha ouvido falar deles com outras mulheres. Era uma das

160

razões pelas quais nunca se interessara por homens do circo. Muitos deles tinham devaneios e enganavam as esposas.

- Eu diria que ele tem muito mais a aprender do que tu - disse Peter em tom depreciativo, falando de Nick. - Não faz ideia do que é o mundo do circo.

- É um homem sério - respondeu ela friamente. - E um bom pai. E tenho a certeza de que foi bom para a mulher.

O que era mais do que podia dizer sobre o irmão, que esbofeteava a mulher sempre que bebia de mais. Era comum no circo, tanto a bebida como os maus tratos às mulheres, que acertavam as contas com os maridos indo para a cama

com outros homens. Christianna não gostava nem da moralidade nem dos valores deles, nem de alguns jogos que as pessoas jogavam. Limitava-se a fazer o seu trabalho no arame alto e tomava conta do pai, da tia e da irmã mais nova. Era o suficiente para ela, ou tinha sido até Nick aparecer. Agora queria mais. E ele era infinitamente melhor que os seus irmãos, um perfeito cavalheiro e muito bondoso para ela. Não conseguia imaginar ter alguma vez a sorte de viver com um homem como ele. Nisso, sabia que o irmão tinha razão e ela própria acreditava que era assim. Apesar das suas promessas, tinha a certeza de que quando Nick reequilibrasse a sua vida e poupasse dinheiro suficiente, ou quando a Alemanha recuperasse a sanidade, sairia do circo e não a levaria. Nunca teria lugar na vida real dele. Era apenas uma rapariga do circo, mas estava grata por estar agora na sua vida. Vivía dia a dia o amor com ele.

- Vê lá não te ponhas com ideias malucas - avisou-a o irmão e depois passou para a frente, para seguir viagem na companhia dos outros, enquanto Christianna ficava deitada no divã com a irmã, a pensar em Nick.

Passado algum tempo adormeceu e sonhou com ele.

161

Nick ia muito divertido com Rosie e Lucas e foi fazendo jogos de adivinhas com eles durante a viagem. O comboio de caravanas e camiões do circo, que parecia interminável, ia avançando para norte. Quase todos continuaram a viagem pela noite dentro, com os motoristas a revezarem-se. Mas Toby era demasiado novo para conduzir, pelo que Nick foi fazendo a viagem quase toda sozinho. Quando paravam ia ver como estavam os cavalos, que estavam todos bem. Verificava se tinham água e comida suficientes, limpava o atrelado deles e regressava à caravana. Nick ia pensando em Christianna, desejando que pudessem fazer a viagem juntos. Queria ir visitá-la quando parassem para a noite. Ela tinha-lhe pedido que não o fizesse antes de saírem de Sarasota, com o que ele tinha concordado. Estava a pensar nela quando, de repente, esta apareceu ao lado da caravana pela noite dentro.

- O que estás a fazer aqui?

Ele parecia feliz por vê-la e também surpreendido. Os rapazes já estavam a dormir e ele tinha saído da caravana, para fumar um último cigarro antes de se deitar. O ar estava fresco e estava a descontraí-la, a pensar nela.

- Fugiste? - perguntou e ela acenou que sim com um sorriso travesso, mais parecendo uma criança marota.

Ele riu-se, satisfeito, e puxou-a para os seus braços, para a beijar e abraçar durante alguns minutos.

- Estão todos a dormir - explicou ela, com uma risada. - Os meus irmãos beberam de mais quando parámos.

Era um mau hábito que tinham. E tinha sido um dia longo e maçador para todos.

- Quem me dera que pudéssemos fugir para qualquer lado - disse ele com pena, quando se sentaram lado a lado no degrau da frente da caravana.

Viam-se milhões de estrelas no céu e ouviam-se murmúrios e risos suaves à distância, mas os atrelados estavam quase todos em silêncio e às escuras. Era tarde.

162

- Para onde fugirias tu? - perguntou ela com um olhar terno. Via-se uma fatia de lua por cima deles. - Voltavas para a Alemanha?

Ele hesitou durante algum tempo.

- Não sei. Já não é um bom sítio para estar. Se voltasse a ser como dantes, sim, voltaria. Agora não sei para onde iria.

Ele já não tinha nem país nem um lar. Tudo o que tinha agora era uma mulher que amava, o que, subitamente, parecia muito e muito mais do que tinha tido antes. Puxou-a para mais junto de si e depois sorriu, contemplando os olhos dela que, na escuridão, eram de um profundo azul de oceano. Era a mulher mais bela que ele alguma vez tinha conhecido.

- Para onde irias tu se fugisses? - perguntou-lhe e ela ergueu um olhar tão inocente que lhe dilacerou o coração.

- Para ti - disse simplesmente.

Para ela, a resposta era simples. Ele abraçou-a com força e fechou os olhos,

desejando que o mundo fosse diferente e que pudesse dar-lhe o que já tinha tido. Agora não tinha nada para lhe dar, exceto o seu amor.

Ficaram muito tempo sentados em silêncio, até que ela se mexeu.

- É melhor voltar, para o caso de algum deles acordar.

Desejou por um momento que ela pudesse ficar com ele, mas não havia maneira de tal ser possível, além de que os filhos estavam consigo.

Voltou a beijá-la e ela escapou-se silenciosamente, como tinha vindo. Era como uma visão que ele evocava sempre que pensava nela ou precisava dela, e subitamente ali estava ela, para depois voltar a desaparecer, como um sonho na noite.

Quando ela voltou para a caravana, ouviu os irmãos a risonhar, esparramados na sala e no chão. Foi para o 163

quarto em silêncio, vestiu a camisa de dormir e meteu-se na cama junto da irmã, a pensar em Nick.

Na manhã seguinte, voltaram a partir de madrugada, para fazerem o resto da viagem até Nova Iorque. Chegaram quase à meia-noite e, a partir dali, os estivadores trabalharam duramente, descarregando o equipamento e montando tudo. Era um empreendimento enorme, que exigia quase toda a força de trabalho de que dispunham. Os artistas não tinham nada a ver com aquele trabalho, mas o trabalho dos estivadores e tratadores era enorme.

As jaulas tinham de ser empurradas para o lugar para as primeiras atuações, bem como as jaulas de túnel que faziam a ligação com elas. O arame alto, os trapézios, os postes e as cordas, tudo tinha de ser instalado. Trabalharam durante toda a noite e uma parte do dia seguinte, com a ajuda de alguns palhaços. Os artistas tiveram de ensaiar depois de uma viagem de dois dias. Os acrobatas e ginastas queixavam-se sempre de se sentirem rígidos. As responsáveis do guarda-roupa tinham de organizar os fatos. Havia um milhar de coisas a fazer. Nick e Toby tinham de exercitar os cavalos antes de ensaiarem. Pégaso começou a caracolear logo que Nick o montou. O jovem garanhão estava cansado por estar preso e excitado por ver Nick.

Depois de exercitar Pégaso, Nick foi procurar Christianna e encontrou-a a

baloçar-se num arame baixo que já tinha sido montado. Ele tinha montado um dos árabes para ir à sua procura e ela mostrou-se feliz ao vê-lo. Sorriu-lhe logo que o viu. Estava sozinha.

- Tens tempo para ensaiar comigo? - perguntou-lhe, enquanto ela descia do arame com a maior facilidade e saltava para o chão. - Claro, já acabei.

164

Fora montado um picadeiro para os cavalos treinarem e Nick já tinha combinado um tempo para ensaiar entre dois outros números.

- Vem - disse ele com um olhar carinhoso e estendeu-lhe a mão.

Ela agarrou-a e ele puxou-a facilmente para cima do cavalo, sentou-a à sua frente e partiu a meio galope com os braços à sua volta, segurando apenas levemente as rédeas. Ela estava a sentir-se cada vez mais confortável com os cavalos. Foram buscar Pégaso e Atena e levaram-nos a passo até ao picadeiro de treino. Ali chegados, ele treinou-os nos comandos em liberdade durante alguns minutos para fazerem o aquecimento, enquanto Christianna o observava. O relacionamento dele com os cavalos tinha melhorado ainda mais nos últimos cinco meses, embora soubesse que não era tão bom como Alex. Alguns minutos depois, ajudou-a a subir para a sela de Atena e cavalgaram lado a lado nos lipizanos, fazendo-os executar os seus passos. Como Christianna já tinha comentado, parecia um ballet. Ela parecia mais confiante do que se sentia na sela e Nick corrigia-a gentilmente e ia-lhe dando indicações. No fim, ela pôs-se de pé em cima de Atena e deu a volta ao picadeiro, enquanto ele puxava Pégaso para o lado e depois se juntava a ela para o final.

Estava perfeito e os olhos azuis dela resplandeciam quando pararam.

- Como correu? - perguntou ela com um sorriso de puro prazer. Por um instante, foi quase como se estivesse no arame. Era como se voasse. - Pareceu-me fantástico!

- Tu foste fabulosa! - elogiou ele e, sabendo que ninguém os observava, inclinou-se e beijou-a.

Trocaram um sorriso caloroso. Pareciam membros da realeza montados naqueles cavalos espetaculares e, depois do ensaio, ele acompanhou-a até ao local onde a

caravana estava estacionada.

165

- Até logo - disse ele e voltou para junto dos rapazes, que estavam delirantes por estarem em Nova Iorque e queriam ir visitar a cidade no dia seguinte. Lucas insistia que queria ir ao Empire State Building, por não ter lá ido depois da viagem de barco. Ia ser excitante estar um mês na cidade e atuar no Madison Square Garden. Christianna estava tão feliz por ali estar como as crianças, embora o Garden não fosse novidade para ela. Mas, desta vez, atuaria com Nick, que era o seu proverbial Príncipe Encantado, e sentia-se como uma princesa de um conto de fadas, montando os belos lipizanos com ele. Ambos esperavam que, em Nova Iorque, a assistência ficasse deslumbrada com o seu novo número.

166

CAPÍTULO 12

O desempenho deles na noite de estreia em Nova Iorque foi quase perfeito e Nick estava entusiasmado com Christianna. Ela tinha dado uma nova dimensão ao número e a assistência reagia com aplausos atoadores. Durante o mês que ali passaram, foi ficando cada vez melhor. E adoravam estar em Nova Iorque. Sempre que tinham um dia de folga, Christianna ia passear pela cidade com Nick e os filhos, para conhecer os locais de interesse. Lucas convenceu-os a irem três vezes ao cimo do Empire State Building. E Nick convidava-a a ir com eles a todo o lado. Conseguiram mesmo ir algumas vezes jantar sozinhos.

Quando chegaram a Nova Iorque, o ambiente era tenso entre muitos dos artistas da Europa de Leste, pois Hitler tinha ocupado a Checoslováquia em março e muitos deles ainda lá tinham familiares. Gallina e a sua família andavam particularmente preocupados e transtornados. Falava-se muito sobre o assunto e a preocupação ainda era grande quando o circo saiu de Nova Iorque no princípio de maio, com destino a Boston.

Lucas e o próprio Toby tiveram pena de sair de Nova Iorque. Depois de Boston seguiram para sul, para o Connecticut, e para Baltimore, Washington e

Filadélfia, ficando dois ou três dias em cada cidade. Foi uma programação extenuante depois de terem passado várias semanas em Nova Iorque, que todos adoravam. Os estivadores tinham de desmontar e voltar a montar o circo com intervalos de poucos dias. Estavam habituados, mas era uma quantidade incrível de trabalho.

Depois de Filadélfia, foram para a Pensilvânia rural e para Nova Jérсия, Ohio, Kentucky, Michigan, Wisconsin.

167

Percorreram literalmente todo o mapa. Avançaram para oeste em agosto, para norte, até ao Canadá durante uma semana e depois desceram para Washington e para o Oregon no fim do mês.

Estavam em Eugene, no Oregon, no dia 1 de setembro, quando a Alemanha invadiu a Polónia, o que pôs todo o circo em pânico. Estavam a acabar de chegar a Redding, na Califórnia, quando a Inglaterra, a França, a Austrália e a Nova Zelândia declararam guerra à Alemanha, no dia 3 de setembro, e o mundo inteiro ficou atordoado. A Europa estava em guerra.

Apesar das terríveis notícias e da sua preocupação com o pai, Nick estava muito entusiasmado por estar na Califórnia. Tinha passado toda a viagem ansioso por ali chegar. Sentia-se atraído para a Califórnia desde que tinha chegado aos Estados Unidos. Foram passar dois dias em São Francisco. Nick e os filhos acharam fantástico passear pelo Embarcadero, contemplar os grandes navios e admirar a Ponte Golden Gate, que havia sido terminada há pouco tempo, e outra ponte que se estendia sobre o lado leste da baía. Os panoramas da cidade eram todos belos. A seguir foram a Los Angeles e a San Diego, recuando depois até Santa Barbara, onde tiveram dois dias de folga. Foi a oportunidade para Christianna e Nick passarem algum tempo juntos. Há meses que esperavam que ela surgisse.

Nick não fazia ideia de como ela conseguiu, mas Christianna disse ao pai, aos irmãos e à tia que ia voltar a Los Angeles, onde passaria a noite com três das ginastas ucranianas.

Estas tinham amigos no Vale de San Fernando e de facto tinham-na convidado a

ir com elas. Em vez de aceitar, ela pediu-lhes que a encobrissem. Elas ficaram satisfeitas por poder ajudar. Duas delas desconfiavam da razão, mas não sabiam com quem.

168

Nick pediu a Gallina que prestasse atenção a Toby e Lucas e pediu um automóvel emprestado. Pierre, o palhaço francês, tinha dito que conseguia arranjar um e Nick desfez-se em gargalhadas quando viu do que se tratava. Era o “táxi” amarelo que os palhaços usavam durante o intervalo, na sua atuação, com o logotipo familiar a dizer “O Maior Espetáculo do Mundo”. Nick estava sentado nele à espera de Christianna, que apareceu a correr, com um vestido branco e sapatos autênticos, trazendo na mão uma pequena mala. Ela também se riu ao ver o carro que Nick tinha arranjado para os seus dois dias de ausência. Planeavam aquela escapadela há imenso tempo. E ela estava a rir quando entrou e se sentou ao lado dele. O carro não tinha assento de trás, para caberem mais corpos, quando os palhaços se amontoavam uns em cima dos outros, para depois se “entornarem” na arena central, para fazer rir a assistência. Não tinha nada a ver com o Bugatti azul de Nick nem com o Duesenberg do pai, e ele não conseguia parar de rir, ao mesmo tempo que beijava Christianna e arrancava. Tinham mesmo conseguido escapar-se! Ele levou-a ao Vale de Santa Ynez, que lhe tinham dito ser uma bela região de cavalos e que ele queria visitar com ela. Ficava a duas horas de carro de Santa Barbara e a paisagem, que eles percorreram naquele carro ridículo, era bela.

- Bem, ninguém vai ter dúvidas acerca do sítio donde vimos - disse ele, entrando atrás dela, quando estacionaram o carro diante de um restaurante para almoçar. Comeram hambúrgueres e depois fizeram o resto da viagem. Logo que chegaram ao vale, viram um pequeno hotel que parecia um chalé suíço. Nick entrou, alugou um quarto e subiram. Era um belo dia, o sol brilhava, o tempo estava quente e o quarto era aconchegante, com uma grande cama de dossel. Mal fechou a porta do quarto, Nick tomou-a nos braços e sentiu a pura alegria de a

169

abraçar e estarem sozinhos. Andavam há tanto tempo desesperados por partilhar aquele momento!

- Mal posso acreditar que conseguimos e que estamos finalmente juntos - disse

ele, inspirando o aroma limpo do cabelo dela, e depois beijou-lhe o pescoço.

Há meses que não tinham um dia e uma noite de folga e ela estava constantemente rodeada pela família e quase nunca conseguia afastar-se. O tempo que partilhavam era sempre demasiado breve e infinitamente precioso e agora tinham, finalmente, duas noites inteiras longe de tudo, para fazerem o que quisessem. Era um luxo e um dom inacreditável e tencionavam aproveitá-lo bem, descobrindo-se um ao outro e o êxtase de estarem finalmente juntos e sozinhos.

Christianna ficou tão emocionada, quando chegaram ao quarto, que ficou sem saber o que dizer, enquanto ele a despia lentamente e a deitava delicadamente na grande e confortável cama. No momento seguinte estendeu-se ao lado dela, virando-se primeiro de costas, enquanto despia o resto da roupa. Não queria assustá-la, sabia que era virgem, mas ela estendeu os braços para ele, como se fosse a sua noite de casamento, como era na verdade para eles. Tinham esperado seis meses por aquele momento e ele queria que fosse perfeito. Possuiu-a com toda a suavidade de que foi capaz e fez amor com toda a paixão que tinha sentido por ela desde o dia em que se tinham conhecido. Nunca tinha amado ninguém como a amava a ela.

Depois ela ficou nos braços dele, com uma expressão de tranquilidade e sorriu-lhe com os seus enormes olhos azuis.

- Agora pertenço-te, Nick - sussurrou.

- E eu a ti... Amo-te tanto!

Queria que ela promettesse que nunca mais voltaria a fazer o número do arame alto. Não queria perdê-la nem 170

que alguma coisa de mal lhe acontecesse. Mas sabia que não tinha o direito de lhe pedir que desistisse do seu número, pelo menos ainda não, mas esperava pedir-lhe um dia.

Queria-a longe de todos os perigos da sua vida e queria mantê-la em segurança.

Olhou-a, com tudo o que sentia por ela, e beijou-a. Voltaram a fazer amor e, dessa vez, ainda foi melhor para ela. Revelou-lhe todas as maravilhas dos seus corpos e deliciou-se com a beleza e o regozijo do dela.

Ficaram na cama até quase ao pôr do Sol e depois tomaram duche juntos e vestiram-se. Ela estava perfeitamente à vontade, nua à sua frente, e ele nem conseguia acreditar que ela fosse tão perfeita. Cada centímetro do seu corpo era delicadamente esculpido. Era como uma estátua de uma bela jovem mulher e tudo o que ele queria fazer era contemplá-la com assombro. Foi difícil forçar-se a vestir, mas queria sair, caminhar com ela e visitar a cidade. Quando saíram, meteram-se no carro e passearam pelo campo, seguindo a estrada cheia de curvas à volta das montanhas de Santa Ynez. Só pararam quando chegaram a uma escarpa. Saíram do carro e ficaram a contemplar o Sol, que nessa altura se punha sobre as montanhas e ele soube então que queria regressar um dia àquele sítio com ela.

Em silêncio, deram as mãos e ela apoiou a cabeça no seu ombro. Ficaram a contemplar o vale e ele falou como se fosse num sonho.

- Quero ter um dia um rancho de cavalos aqui, quando puder criar lipizanos. - Virou-se então para ela com uma expressão séria. - Ainda não sei como vamos conseguir, mas quero fazê-lo contigo.

Era, até ao momento, o que mais se aproximava de uma proposta e ela contemplou-o melancolicamente.

- Eu não posso sair do circo, Nick. Tu sabe-lo.

171

Ela tinha sido sempre franca com ele.

- Um dia sairemos. Eu quero uma vida melhor para os meus filhos e para ti e para os filhos de nós os dois, do que a que posso dar-te no circo. Não te quero no arame alto durante o resto da tua vida. - E quase lhe disse que nunca mais a queria no arame alto. - Nós saberemos quando chegar a altura certa, Christianna. De qualquer maneira, agora não tenho dinheiro que chegue. Mas espero ter um dia, e quero que tu venhas comigo. Sei que é este o lugar. Soube no instante em que ouvi falar dele.

Era a primeira coisa que ele via que o compensava do país que tinha perdido. Podia facilmente imaginar-se a ter ali uma vida com ela. E só sairia do circo quando ela estivesse preparada para ir com ele. Ao olhar para o vale daquele ponto alto, tinha a sensação de ter chegado a casa e pôs um braço à volta dela no

preciso momento em que o Sol desapareceu por detrás das colinas e beijou-a. Depois meteram-se no automóvel e regressaram ao hotel.

Nessa noite ele levou-a a jantar fora, num restaurante italiano. Gracejaram e conversaram e ela contou-lhe como era crescer no circo e que tinha querido ser palhaço, o que o fez rir.

- Terias sido um belo palhaço. - Ele soltou uma risada. - Receio bem que também seja o que Lucas quer ser agora. Toby diz que quer ser veterinário, para os cavalos, o que não é má ideia. Um veterinário pode ser-nos útil se um dia tivermos um rancho.

Falava como se já fosse uma realidade e ela olhou-o com preocupação.

- Isso é a sério, não é?

- É, sim.

Ela percebeu que era mesmo a sério.

- E se eu não puder ir contigo? - perguntou ela num sussurro triste, que o comoveu.

172

- Nesse caso terei de te raptar. Sei que será a decisão certa para nós - disse ele em voz baixa, mas ela não conseguia imaginar-se a abandonar tudo o que conhecia.

- Nunca estive em sítio nenhum além do circo. Não conheço outra vida.

Tinha os olhos arregalados ao dizer aquelas palavras e ele compreendeu que estava assustada. Estendeu a mão por cima da mesa e pegou-lhe na delicada mão.

- Quero partilhar a minha vida contigo, Christianna. Não posso dar-te a vida que deixei na Alemanha, mas penso que, um dia, poderei dar-te uma vida boa aqui, quando ambos estivermos preparados. Uma vida feliz para nós e para os nossos filhos.

Era a segunda vez naquele dia que fazia referência aos filhos que teriam e ela sorriu quando ele o disse.

- Também é o que eu quero - disse ela suavemente. - Só não sei como lá chegaremos.

A família dela seria o principal obstáculo que teriam de ultrapassar. Lutaria até ao limite se ela tentasse partir com ele e Nick também o sabia.

- Encontraremos uma solução. Juntos. Estou aqui contigo. - Ela acenou em concordância e levou os dedos dela aos lábios e beijou-os. - Não te preocupes. Vai correr tudo bem.

- Espero que seja verdade.

Ela queria que tivessem uma vida juntos tanto quanto ele, mas não conseguia imaginá-la fora do circo, ao contrário dele.

- É verdade - disse ele em voz baixa.

Depois pagou o jantar, saíram do restaurante e regressaram ao hotel e voltaram a fazer amor. Foi a noite mais perfeita da vida dela, e quando, de manhã, acordou a seu lado, ele estava a sorrir-lhe. Tinha estado a observá-la durante horas, enquanto ela dormia calmamente.

173

Passaram o dia a explorar a região e a conversar sobre o seu imaginário rancho e onde seria. Andaram a patinhar num ribeiro e deitaram-se juntos debaixo de uma árvore, onde acabaram por adormecer. Compraram sanduíches e fizeram um piquenique. Regressaram à escarpa e voltaram a contemplar o pôr do Sol e nessa noite levaram o jantar para o quarto.

Ele queria saborear cada minuto que tinham juntos e depois conversaram sobre o que fariam quando regressassem. Ela disse que os irmãos a matavam se soubessem que ela tinha passado aquelas duas noites com ele. Nick tinha sido o mais cuidadoso possível para que ela não engravidasse. Não queria que nada lhes corresse mal.

- Quero que tu conheças bem a minha família - disse ela suavemente. - Talvez

pudesses vir jantar com eles, com os teus filhos.

- Eu faço tudo o que tu quiseres, Christianna. - Beijou-a e olhou para ela, muito sério. - Estou aqui para ficar, se tu me quiseres.

- Quero - sussurrou ela, acreditando nele.

E, em toda a sua beleza, com o seu encantador corpo nu em cima da cama, parecia uma fada que tivesse vindo pairar na vida dele como um sonho.

- Quero voltar a sair contigo sempre que pudermos - disse ele em voz baixa.

Tinha sido a perfeição para ambos. Sabiam que, quando regressassem ao circo, teriam de ser discretos. Havia sempre muita bisbilhotice sobre quem dormia com quem, mas Nick não queria que fizessem parte delas e queria proteger Christianna de todas as maneiras.

Nessa noite voltou a fazer amor com ela antes de adormecerem e de manhã, quando se levantaram. Depois prepararam-se devagar para sair do quarto que tinha sido a sua suite de lua de mel, sem o benefício de papéis ou de um anel, mas o sentimento que partilhavam era o mesmo.

174

Quando saíram da pequena pousada, ambos sabiam que tinham criado uma ligação que se manteria houvesse o que houvesse, para tudo o que precisassem dela. Agora nem nada nem ninguém poderia intrometer-se entre eles. Ela sentia que pertencia inteiramente a Nick.

No regresso a Santa Barbara, voltaram a falar sobre ele começar a conhecer a família dela. Ela queria que os irmãos gostassem dele, tal como o pai e a tia. Assim as coisas seriam mais fáceis para ela.

- O que pensam eles de agora atuares comigo? Nick sabia que eles não tinham ficado satisfeitos ao princípio, mas ela era tão boa no número que tinha a esperança de que se tivessem acalmado.

- Ainda pensam que eu só devia fazer o arame alto. Pensam que os cavalos são perigosos e têm medo de que eu me magoe.

Ela sorriu ao dizer aquilo, consciente da ironia, e Nick riu-se.

- Mas o arame alto sem rede está muito bem. Oh, céus! - lamentou-se ele.

Ela sorriu e inclinou-se para o beijar.

- Vou sentir a tua falta esta noite - disse tristemente.

Tinha sido maravilhoso acordar ao lado dele durante dois dias.

- Talvez consigamos resolver o assunto, não todas as noites, mas sempre que pudermos. Vou tentar encontrar uma solução com os rapazes. E podemos sair mais vezes. Se tivermos uma noite de folga, podemos desaparecer em qualquer lado.

Não seria fácil, mas ambos estavam decididos a tentar.

Ficaram tristes quando viram aparecer o parque de diversões de Santa Barbara. Tinham sido dois dias maravilhosos. Ela sorriu quando olhou para ele. Agora sentia-se 175

uma mulher, não uma simples rapariguinha, e ele era o homem dela.

Disse-lhe que a deixasse ficar o mais longe possível da caravana dela, para regressar pelos seus próprios meios. Não queria deparar-se com os irmãos no regresso ou, pior, vê-los enquanto estivesse com Nick. E ele tinha de devolver o automóvel ao palhaço.

- Penso que a nossa carruagem está prestes a transformar-se numa abóbora - disse Nick, a rir, quando parou a alguma distância de um grupo de caravanas que nenhum deles reconheceu.

Ela queria ir ter com as ucranianas para combinarem as suas histórias.

- Penso que a nossa carruagem se transformou numa abóbora antes de partirmos - disse Christianna, também a rir-se.

Tinha sido um automóvel ridículo para as suas férias românticas, mas tinha-os levado até onde queriam ir.

- Eu costumava ter um automóvel muito elegante. Nunca pensei que iria para as férias mais românticas da minha vida, com a mulher mais bela do mundo, num carro de palhaços.

Ambos soltaram uma risada, ela beijou-o e depois saiu do carro com relutância, levando a sua bagagem.

- Vejo-te daqui a pouco. - Tinham uma atuação juntos naquela noite. - Obrigada por tudo. Passei uns dias maravilhosos.

- Também eu. - Ele sorriu-lhe de dentro do carro. - Os primeiros de muitos - prometeu. - Até logo à noite. - E depois acrescentou: - Diz olá às ucranianas e agradece-lhes por mim.

- Terei o cuidado de não fazer tal coisa - disse ela com um sorriso descarado.

Não queria que ninguém soubesse com quem tinha estado e não tinha a menor intenção de lhes dizer, embora elas tivessem ficado curiosas quando lhes pediu ajuda.

176

A diferença de idades entre ela e Nick despistaria toda a gente, pelo menos por agora. E tinham sido extremamente discretos para a família dela não saber. Ela seguiu a pé para a caravana das ucranianas, atravessando o parque de diversões, para ver se já tinham regressado.

Quando lá chegou, elas próprias estavam a acabar de voltar de Los Angeles e preparavam-se para o ensaio.

- Divertiste-te? - perguntou uma delas com uma piscadela de olho maliciosa, que Christianna ignorou.

- Sim, obrigada - respondeu ela jovialmente. Voltou a agradecer-lhes e saiu. E tudo resultou na perfeição, pois estava a acabar de sair da caravana delas com a bagagem na mão quando deu de caras com o irmão mais velho, que nem sequer se mostrou desconfiado quando lhe perguntou como tinha corrido a viagem. Nunca lhe passou pela cabeça que ela tivesse passado um fim de semana romântico.

- Divertimo-nos - disse ela com um sorriso inocente.

- Não sei como suportas aquelas raparigas - comentou Peter, baixando a voz para elas não o ouvirem pelas janelas abertas. - São tão ruidosas. Embebedaram-se todas?

Estava a provocá-la. Sabia que elas também bebiam muito quando não estavam a trabalhar. Quase todos os russos bebiam, vodka barata, mas os irmãos de Christianna faziam o mesmo com frequência, pelo que ele não estava em posição de falar nisso.

- Claro que não - respondeu ela com ar modesto. E era óbvio que ele não via nada diferente nela, visto que não a acusou de ter estado com um homem. Mas ela tinha a sensação de que tinha regressado uma mulher diferente e de que toda a gente poderia ver que ela era feliz e estava apaixonada. Contudo Peter não disse nada.

- Tu e os rapazes foram a Las Vegas? - perguntou ela.

177

Eles tinham falado no assunto antes de ela ir embora.

- Não, eu não estava com disposição, por isso ficámos aqui.

- Foi pena.

- Iremos lá dentro de poucos dias. Podemos jogar a qualquer hora.

Em Las Vegas, os casinos estavam abertos vinte e quatro horas por dia. Todos os anos passavam por lá em digressão e a maioria dos artistas adorava. Aquela seria a primeira vez que ela tinha idade suficiente para ir ao casino, mas só estava interessada em vê-lo. Beber e jogar eram os passatempos preferidos dos irmãos, mas não os dela. E andar atrás das mulheres.

Seguiu para a sua própria caravana. A tia e a irmã estavam na sala quando ela chegou. A tia estava a falar da notícia que tinha ouvido nesse dia de que as coisas estavam muito mal na Europa, mas Mina não fez nenhum comentário. Estava habituada à tia que tagarelava interminavelmente, sempre com más notícias. Nenhuma das irmãs lhe prestava atenção.

Tinha sempre uma qualquer catástrofe para anunciar. Christianna cumprimentou as duas e depois foi tomar um duche. Não tinham ensaio naquele dia e só tinha de estar pronta para a atuação com Nick e os lipizanos. Estava impaciente por voltar a vê-lo.

- Não sei porque te incomodas com esses cavalos! - gritou-lhe a tia quando ela ia a sair. - Ninguém se interessa por cavalos!

Era a opinião de toda a sua família, mas John North tinha-lhe pedido para fazer o número e não podiam argumentar com ele.

- Algumas pessoas gostam - gritou-lhe Christianna em resposta, enquanto se despia no minúsculo quarto que partilhava com a irmã. Só com a roupa interior vestida, teve uma perceção intensa que apenas há algumas horas estava a fazer amor com Nick e desejou ainda estar. Só 178

queria não estar grávida. Ele havia garantido que tinha sido cuidadoso, mas ela não sabia bem como. Conhecia várias raparigas que tiveram de fazer abortos, que ela sabia que eram perigosos e dolorosos. Há dois anos, uma rapariga foi a uma curiosa em Nova Jérсия, enquanto andavam em tournée, e três dias depois morreu, de uma infeção. A sua própria tia tinha-lhe dito que isso sucedia a quem tinha relações sexuais com um homem antes do casamento. Christianna tinha ficado aterrorizada. Mas tudo era diferente com Nick.

Os dois dias que passara com ele tinham sido perfeitos.

Nessa noite tiveram um jantar leve na caravana, antes de ela ir para a tenda principal, para se encontrar com Nick. Prestou particular cuidado a arranjar-se e vestiu um fato de malha branco, novo, com tutu, com enfeites prateados. Também espalhou no cabelo algumas purpurinas, que retirou da sua caixa de maquilhagem e que brilhariam sob a luz dos projetores. Prendeu o cabelo num carrapito apertado e calçou sapatos de ballet de cetim branco. Naquela noite queria estar perfeita para ele. Era a primeira vez que atuavam juntos desde a sua lua de mel em Santa Ynez.

E, na sua caravana, Nick vestiu o seu melhor fraque e uma camisa de pique branco que tinha sido feita por medida em Paris, além do seu chapéu alto preferido. Pôs abotoaduras de diamantes no colete branco que tinha trazido da Alemanha e que nunca usava nas atuações. Não as usava desde a chegada do navio. Barbeou-se com particular cuidado antes de se vestir, pôs água-de-colónia

e engraxou as botas, como sempre fazia. Estava com um aspeto impecável quando saiu para selar Pégaso e Atena. Toby já lá estava e tinha exercitado todos os cavalos durante a tarde. Katja estava com ele na tenda dos cavalos. Sempre que possível, ia para todo o lado com ele, que parecia gostar. Ele era tão louco por ela como no dia em que se

179

conheceram. Lucas fazia muitas vezes troça dele. Também ele estava sempre junto de Rosie mas, na idade em que estavam, eram apenas amigos. Toby e Katja já eram namorados e ambos acabavam de fazer dezasseis anos. Nessa noite, também ela estava vestida para trabalhar. Ia fazer parte do número de trapézio com o pai e os irmãos, enquanto a mãe atuava no arame alto. Nick conversou amigavelmente com os dois jovens, enquanto verificava os cavalos, para ver se estava tudo em ordem. Pégaso estava muito bem-disposto. Parecia ansioso por começar.

- Onde foi? - perguntou-lhe Toby, curioso. Desde que tinham vindo para o circo, era a primeira vez que o pai os deixava ficar. Toby não se importou, pois assim conseguia passar mais tempo com Katja e os pais dela, o que para ele era ótimo.

- Santa Ynez - respondeu Nick descontraidamente. - É uma bela região, ótima para cavalos. Gostava de lá ter um rancho, um dia. - Toby fez um aceno de assentimento. - Talvez um dia - disse Nick, montando Pégaso, para tentar acalmá-lo.

Pégaso estava exuberante, como se soubesse que alguma coisa tinha mudado. Tal como Christianna, Nick sentia-se um homem novo. Tinha ganho nova vida nos braços de Christianna.

Um pouco mais tarde, Toby e Nick saíram e dirigiram-se para a tenda. Seguiam montados nos lipizanos, conduzindo os árabes e Katja seguia-os a uma distância segura, para que nenhum dos cavalos a escoiceasse se se empinasse. Já sabia que os árabes faziam isso com frequência. Os lipizanos comportavam-se melhor. Logo que chegaram à tenda, Nick e Toby ficaram muito atarefados, a preparar os cavalos para o espetáculo. Christianna já estava à espera deles e Nick levantou-a e pô-la na sela no momento de entrarem. Ela subiu com facilidade e pôs os pés nos estribos, que ele mantinha mais curtos para ela. Poucos minutos depois os focos incidiram sobre eles. Ela e 180

Nick estavam com um aspeto magnífico e toda a gente concordou que era a melhor exibição que tinham feito até então. A assistência aplaudiu-os ruidosamente quando terminaram.

Naquela noite tinham-se movimentado com total precisão, sem uma falha. Era como se agora se movimentassem como um só corpo, enquanto Pégaso e Atena também pareciam fazer parte da nova ligação entre eles. Tinham galopado de mãos dadas durante o final. Nessa noite, pareciam verdadeiros membros da realeza e a costureira-chefe tinha dado a Christianna uma pequena tiara de pedras de fantasia que cintilavam como as abotoaduras de diamante de Nick. Foram de longe o par mais elegante do espetáculo.

Nick foi prender os cavalos junto da tenda e Toby ajudou-o. Nick ainda teve tempo para fumar um cigarro e descontrair durante um bocado depois do seu número, antes de ouvir o começo da música de Christianna. Voltou para dentro da tenda quando ela subia rapidamente a corda para o arame alto. Chegou à plataforma com a sua habitual graciosidade e o número dela iniciou-se, enquanto Nick olhava para cima, como sempre fazia agora, com o coração nas mãos. Teve o cuidado de se manter afastado dos focos e fora do caminho dos irmãos dela. Ela sorria alegremente ao fazer os primeiros exercícios, mudando de direção no arame e, quando voltou para trás, quase tropeçou. A multidão arquejou, tal como Nick. Os seus olhos nunca se desviaram dela, nem por um instante, querendo estender as mãos e apanhá-la se ela caísse, mas ela recuperou imediatamente o sangue-frio e o equilíbrio e chegou ao outro lado, dando um pequeno salto para a plataforma. Nick quase se sentiu tonto de alívio. Não conseguia imaginar uma vida inteira a observá-la, todas as noites a temer pela vida dela. Aquela situação teria de mudar um dia, mas ainda não. Sabia que era demasiado cedo, mas estava

181

ansioso por tirá-la do arame alto de uma vez por todas, fosse como fosse.

Logo a seguir ela desceu pela corda, ao som de aplausos atroadores, e sorriu ao passar por ele a correr, com os irmãos a segui-la de perto. Depois Nick foi para os bastidores, mas não a viu. Ficava furioso por a multidão adorar saber que ela podia cair a qualquer momento. O que entusiasmava os espetadores era os riscos extremos que ela corria e que quase o punham louco. Ficava sempre de cabeça perdida.

Quando voltou a vê-la, estava montada no elefante em que sempre desfilava no

final. Parecia um perfeito elfo branco, coberta de poeira prateada das fadas, de pé no elefante, segurando a pega da sela, enquanto Nick montava o seu garanhão. Ele parou por um momento, estendeu-lhe a mão, em que ela tocou, inclinando-se para ele, e depois lançou um beijo para a multidão. Os espetadores adoraram, deliciados, enquanto Nick cavalgava ao lado dela durante mais tempo que o habitual. Depois afastou-se em meio galope, enquanto Toby o seguia montado em Atena. Os dois lipizanos eram espetaculares. O programa terminou poucos minutos depois e ele conseguiu ficar sozinho com ela por um momento antes dela sair. Os irmãos estavam à espera no exterior.

- Quase caíste esta noite - disse ele com severidade e uma expressão de aflição nos olhos. - Eu vi, tropeçaste.

- Estava distraída - disse ela, desculpando-se. - Recuperei logo.

- E se não tivesses recuperado? - perguntou ele, sem desviar o olhar dela, nem por um segundo.

- Morria - reconheceu ela, consciente da dor nos olhos dele.

- Não, eu morreria - disse ele suavemente. - Não te esqueças disso.

182

Ela acenou e muito depressa, para ninguém ver, tocou-lhe na mão e depois beijou-lha.

- Amo-te - sussurrou.

- Também te amo - sussurrou ela, e depois desapareceu.

183

CAPÍTULO 13

Depois de Santa Barbara, foram para Solvang, uma divertida vila copiada de

uma aldeia holandesa, com moinhos de vento, e dali seguiram para leste, a caminho de Las Vegas, de que todos gostavam sempre muito. Só lá passaram uma noite, pelo que tinham muito pouco tempo para jogar, mas conseguiram ir aos casinos antes e depois dos espetáculos.

Também fizeram um espetáculo à tarde.

E depois seguiram para a última parte da tournée. Andavam na estrada há sete meses, um pouco menos que nos anos anteriores, e dirigiam-se para sul e para leste, a caminho de casa. Só passavam uma noite em cada cidade, o que era extenuante para os estivadores, que tinham de montar e desmontar tudo num dia. Trabalhavam quase sempre durante toda a noite para desmontar, para poderem voltar a partir de manhã e seguir para a paragem seguinte.

Atravessaram todo o Sul, parando em quase todos os estados e chegando finalmente a Tampa, Flórida, para a última noite.

Durante o mês de setembro, o circo e o mundo inteiro tinham acompanhado as notícias da guerra na Europa, quando finalmente a Grã-Bretanha, a França, a Nova Zelândia e a Austrália declararam guerra à Alemanha. Toda a gente do circo ficou aterrorizada por causa dos familiares que tinham na Europa, como era o caso de Nick. As pessoas do circo foram particularmente afetadas, porque muitas delas provinham da Europa, especialmente da Alemanha, e de vários países da Europa de Leste.

Apesar das notícias chocantes, continuaram a digressão e acabaram em Tampa, no dia 30 de outubro, embora se sentissem desanimados. Há várias semanas que Nick 184

não tinha notícias de Alex nem do pai e as cartas que recebera depois do início da guerra tinham sido fortemente censuradas, com carimbos e selos oficiais, mas tinham passado, porque os Estados Unidos não estavam em guerra com a Alemanha.

Nick andava preocupado com o pai desde que partira. Nunca o dizia nas cartas, mas estava preocupado com a saúde dele. Quando Paul lhe escrevia, parecia envelhecido e desalentado com a situação do mundo. E agora só podia piorar, com a Alemanha em guerra com uma grande parte da Europa. Tinha a esperança de que Alex voltasse a escrever-lhe em breve, normalmente ele dava-lhe mais notícias do que Paul. Tudo o que o pai de Nick fazia era tranquilizá-lo, dizendo

que, logo que as coisas acalmassem, ele e os rapazes podiam voltar para casa. Mas agora era evidente, ainda mais do que antes, que isso não ia acontecer em breve. Talvez nunca, se Hitler se mantivesse no poder. Nick não conseguia deixar de perguntar a si mesmo como teria passado a mãe na deportação aleatória dos judeus para campos de concentração no ano anterior. Não sabia se ela também teria fugido e só podia ter a esperança de que tivesse conseguido, mesmo não a conhecendo.

Nick e Christianna conseguiram passar mais uma noite romântica numa pousada encantadora em Savannah, na Geórgia. As raparigas ucranianas deram-lhes mais uma vez cobertura e Nick confidenciou-lhe que estava muito preocupado com o pai. Ela mostrou-se profundamente compreensiva e sempre meiga. A sua própria família também estava inquieta com os familiares que viviam na Polónia. Embora quase todos estivessem nos Estados Unidos, com o circo, ainda tinham família em Varsóvia, que corria agora grande perigo por causa da guerra.

Christianna estava sob o efeito da magia da relação amorosa com Nick, depois dos momentos roubados 185

que tinham partilhado, e voltou a tropeçar no arame alto na última noite em Tampa. E, quando escorregou, o coração dele quase parou. Tinha sido por pouco, a assistência arquejou ao vê-la e Nick quase chorou. Depois discutiram, como já tinha sucedido várias vezes, e ele voltou a suplicar-lhe que deixasse de trabalhar no arame alto sem rede.

- Não me peças isso, Nick - acabou ela por dizer, irritada. - Não posso deixar de fazê-lo. Não tenho alternativa. Se eu parar, não temos número e temos de ir embora. O meu pai não vai permitir que tal coisa aconteça, nem os meus irmãos. Eles dependem de mim. Isto é o que eu faço. Tal como tu com os teus cavalos.

Os seus olhos eram dois profundos charcos de tristeza, contemplando os dele. Não gostava de o fazer sofrer, mas não tinha alternativa. Ninguém na família tinha alguma vez trabalhado com rede. Os Markovich eram conhecidos por isso mesmo e pela ousadia das suas proezas.

- E o teu pai e os teus irmãos, todos eles, estão absolutamente dispostos a deixar que arrisques a tua vida.

Zangava-se todas as vezes que discutiam aquele assunto e ela prometia sempre a si mesma que não voltaria a falar com ele sobre isso. Ele não compreendia, não

era uma pessoa do circo e estava com eles há menos de um ano.

- Então não vais desistir? - perguntou ele sem rodeios.

- Não, não vou. Portanto, o melhor é não andarmos sempre a falar do mesmo.

- Provavelmente não, se não vais ser razoável. E eu sei que a tua família também não é razoável.

Estava extremamente transtornado porque o facto de ela trabalhar sem rede enchia-o de terror, por ela e por si mesmo. Nada ficou resolvido e estavam frios um com o 186

outro no dia seguinte, quando regressaram a Sarasota. Nenhum deles estava disposto a ceder e muito menos a tomar uma atitude. Mas a tensão entre eles abrandou de novo quando se instalaram em Sarasota para a pausa de inverno e deixaram de ter de atuar todas as noites e de viajar todos os dias. O problema foi temporariamente posto de lado durante a pausa e todos se concentravam nas notícias da guerra, que não eram nada boas. Nick estava constantemente a ouvir rádio, para saber tudo o que pudesse acerca dos acontecimentos na Europa. Parecia-lhe, e nessa altura era a opinião de todos, que Hitler queria dominar o mundo.

Ficava muitas vezes calado quando estava com Christianna, a pensar no pai e em Alex, perguntando a si mesmo como resistiam face à guerra. Sentia-se agora mais culpado do que nunca por não estar lá para ajudar.

- Tenho a certeza de que eles compreendem - disse Christianna, tentando tranquilizá-lo, uma noite em que conversavam sobre o assunto. - Tu não podias ficar.

- Não sei porque hão de compreender - disse ele francamente. - Nem eu próprio consigo compreender. Não faz sentido. Nunca fez. Eu devia estar lá com eles.

Mas agora estava ali e os outros estavam na Europa, a viver o momento e já sem segurança. E não havia nada que pudesse fazer, nem por eles nem por mais ninguém. Estava demasiado longe. E, ao olhar para ele, Christianna viu a solidão e o desamparo nos seus olhos e o seu coração afligiou-se por ele. Desejou consolá-lo por tudo o que tinha perdido, se alguma vez pudesse. A sua relação estava agora mais forte e a ligação entre eles continuava a aproximá-los ainda

mais.

Toby e Lucas também estavam felizes por regressarem a Sarasota, depois de uma lição de geografia de sete meses, percorrendo os Estados Unidos. Lucas brincava com os palhaços todos os dias, depois de vir da escola, tal

187

como fazia antes da digressão. Durante o ano que ali tinham passado Lucas tinha-se transformado num menino do circo, mal parecia lembrar-se da sua vida anterior. Tinha agora sete anos e amigos por todo o circo, entre as crianças e os adultos. Lucas nunca conhecia ninguém que não adorasse ou que não o adorasse. Toby era muito mais reservado. Ele e Katja continuavam apaixonados, de uma forma doce e respeitosa. Passavam longas horas a conversar, faziam os trabalhos de casa juntos e beijavam-se sempre que podiam. Afinal, tinham dezasseis anos. Frequentavam a mesma escola.

Chovia intensamente em Sarasota numa tarde de novembro, quando Christianna apareceu na caravana deles, completamente ensopada, e perguntou se ele e os rapazes podiam ir jantar com a família dela. Sem mais nada que fazer, os irmãos dela tinham passado a semana inteira a resmungar a respeito de Nick, fazendo comentários por ele ser tão chique e snobe, e ela queria que vissem por si mesmos que ele era uma pessoa digna, surpreendentemente modesta e sempre bondosa com ela. Estava cansada dos seus comentários maliciosos. Disse que as cunhadas estavam a fazer jantar e que seria uma refeição simples de salsichas polacas, bolinhos de arroz, vegetais cozidos a vapor e as coisas que eles gostavam de comer e que sabiam fazer. Esperava que Nick não se importasse.

- Vou levar os rapazes à tenda-refeitório - disse com um sorriso.

Tentava levá-los a comer refeições saudáveis sempre que podia, pois estavam em idade de crescer, mas por vezes comiam o que havia a jeito. Nick estava farto da messe e reconhecia francamente que continuava a não ser grande cozinheiro. Felizmente Gallina e Sergei eram generosos com os convites para a sua mesa, muitas vezes para comerem deliciosas refeições checas, que ele e os rapazes adoravam.

188

- Vamos adorar.

Agradeceu o convite a Christianna, que lhe disse que fosse por volta das sete horas.

Recentemente o acampamento andava alvoroçado com conversas acerca da rendição de Varsóvia aos nazis há um mês, o que trazia muita gente em pânico. Nick tinha a certeza de que a família de Christianna também estava transtornada e que provavelmente falariam do assunto nessa noite. Recentemente tinha havido lutas no circo por causa disso. Os sentimentos andavam exaltados e o receio pelas pessoas amadas que tinham ficado nos seus países de origem afetava-os a todos. Alguns dos ginastas polacos atacaram um grupo de alemães no comissariado e John Ringling North tinha posto a circular um memorando geral avisando todos de que tinham de se comportar, fosse qual fosse a sua fidelidade nacional ou as suas simpatias em relação à guerra. Havia um grupo inglês com outro número de cavalos que também tinha andado à pancada com alemães.

Circulou a informação de que Nick e os filhos tinham sido obrigados a sair da Alemanha devido a uma qualquer ligação com judeus, pelo que o contingente antialemão o tinha deixado em paz. Sem esses mexericos a circular, também ele correria o risco de ser alvo de ataques mas, até então, não tinha havido nenhum. Aliás, ele tinha o cuidado de nunca falar de política, exceto com Christianna, Gallina ou Sergei, que eram os seus amigos mais chegados. Não era segredo que odiava Hitler, e tinha boas razões para isso, mas quase nunca falava no assunto. Assim era mais seguro. Um dos números com tigres era executado por dois alemães que eram apoiantes de Hitler e Nick mantinha-se afastado e não fazia comentários com eles. Não queria meter-se em sarilhos. Andava doente de preocupação por causa do pai, Alex e Marianne, cujas cartas demoravam agora muito mais a chegar, pelo que

189

estavam longos períodos sem notícias, exceto quando as via nas atualidades dos cinemas locais, que frequentava sempre que possível, para poder manter-se informado sobre o que se passava na Alemanha, ou quando as lia nos jornais. Mas a maioria das pequenas cidades por onde andavam quase não mencionava a guerra na imprensa. A América não estava envolvida e, nas áreas rurais, ninguém estava interessado.

A família Markovich ocupava três caravanas e Nick e os filhos chegaram pontualmente à caravana do pai de Christianna, como ela lhe tinha dito para

fazer. Nick tinha conseguido ir à cidade e comprar flores para a tia e as quatro cunhadas de Christianna, além de um pequeno ramo para ela, e uma garrafa de vodka para os homens. Não tinha querido aparecer de mãos vazias, e a tia, de cadeira de rodas, desfez-se em sorrisos quando ele lhe entregou o primeiro ramo.

- Muito obrigado por nos receber para jantar, Miss Markovich.

Sabia que a tia nunca casara. Teve um acidente quando ainda era muito nova, dezoito anos acabados de fazer, embora agora já tivesse mais de cinquenta. Era irmã de Sandor Markovich, que sempre tomou conta dela, ainda muito antes de ele próprio estar numa cadeira de rodas. Costurava os fatos para eles, administrava o dinheiro e tomava conta das crianças.

Foi como uma mãe para Christianna depois da mãe desta ter caído. Era uma velha rabugenta e Christianna dizia que não era uma pessoa feliz, mas era-lhe muito dedicada, muito mais que os irmãos ou as esposas destes, que nem sempre eram bondosos para ela. Nick suspeitava de que tinham ciúmes dela por agora ser a estrela. As esposas dos irmãos não faziam parte do número, mas ressentiam-se porque ela era bela e elegante, por ser jovem e pela sua perícia no arame alto. E ressentir-se-iam ainda mais se soubessem da sua relação com

190

Nick. Achavam que ele era bom de mais para ela. E o facto de serem em conjunto as estrelas do espetáculo transformava-os no alvo da inveja dos outros. E não aceitavam a adoração que as multidões tinham por Christianna. Isso só servia para alimentar a chama da inveja que já tinham dela.

O cheiro a salsichas e aos cozinhados europeus era intenso e recordou imediatamente a Nick os cheiros das casas dos agricultores seus arrendatários. Sempre gostou daquele cheiro e, quando era rapaz, desejava sempre ser convidado para jantar com eles, em vez da comida mais elegante que lhe serviam em casa, como ganso, veado ou pato. O pai adorava caçar e comiam caça com frequência. Em criança preferia salsichas. Também a cara de Lucas se iluminou imediatamente quando viu o que iam servir ao jantar. Era muito semelhante à comida alemã do campo e Nick ficava satisfeito por comer uma refeição simples e ter oportunidade de conhecer melhor a família de Christianna. Mal os conhecia, mas eram decididamente considerados a realeza do mundo do circo. Christianna exibiu a dignidade de uma princesa quando Nick e os filhos

entraram e entregaram os ramos de flores a todas as mulheres.

Era um encontro entre realeza e realeza.

Os irmãos ficaram contentes com a vodca que lhes deu, tinha comprado a melhor marca que encontrou no pequeno mercado junto do parque de diversões.

Os homens falaram da guerra durante um bocado e um dos irmãos perguntou-lhe porque tinha saído da Alemanha. Não tinha ouvido os rumores acerca de Nick, e Christianna não tinha explicado. Ficou junto das mulheres, enquanto preparavam o jantar, e deixou os homens sozinhos. A tia estava em animada conversa com Lucas, que lhe dizia que queria ser palhaço quando crescesse. Ela disse-lhe que era melhor se fosse artista do trapézio, mas

191

ele não gostou muito da ideia. Toby estava sentado a ouvi-los delicadamente e ia respondendo às perguntas que lhe faziam. Tinha-lhe dito que queria ser veterinário de cavalos.

Ela achou que devia ser uma maçada.

- Porque saiu da Alemanha no ano passado e veio para aqui? - perguntou o irmão mais novo a Nick.

- Descobri que a minha mãe era meio judia. Nunca a conheci - respondeu com toda a simplicidade, olhando-o olhos nos olhos. Sabia que os Markovich não eram judeus e não fazia ideia do que sentiam acerca do assunto, mas não valia a pena fazer segredo, pois era um facto. - Eles andavam a perseguir os judeus e a tentar expulsá-los. Foi pouco antes da Kristallnacht. Tivemos de partir para estarmos em segurança, pois podíamos ser mandados para um campo de trabalhos forçados ou metidos na prisão. - O que era verdade.

- Não parecem judeus - comentou um dos irmãos mais velhos, distribuindo vodca da garrafa que Nick tinha trazido.

Todos a engoliram num único gole e Nick tentou não fazer uma careta ao fazer o mesmo. Não queria ser grosseiro, mas raramente bebia e ficou com a garganta a arder.

- Sou só um quarto judeu. O meu pai é católico e a minha mãe era meio judia - explicou.

- E conde, pelo que ouvi dizer - disse ele em tom agressivo, bebendo mais uma dose.

O pai entrou na cadeira de rodas e também se serviu de uma dose, parecendo satisfeito ao olhar de relance para Nick.

- Isto deve ser uma grande mudança para si. Disse-o em tom sarcástico.

- A vinda para o circo salvou a minha vida e a dos meus filhos. Estou grato por isso. Um amigo deu-me os 192

cavalos, que trouxe comigo. É a única coisa que sei fazer, montar cavalos e treiná-los. Aprendi muito durante este último ano.

A simplicidade e a honestidade com que o disse silenciaram-nos todos durante um instante. Nick não se fazia importante, era despretensioso e dizia a verdade.

- Não se preocupe - disse um dos irmãos com uma gargalhada súbita, aquecido pela segunda dose de vodka e olhando para Nick com uma expressão mais amável. - Nós também não sabemos fazer mais nada, além do nosso número no trapézio e olhar para a nossa irmã no arame alto. E quanto basta. Tal como o que você faz.

Depois acrescentou generosamente:

- Você é bom. Gosto do que faz com os cavalos brancos. Como é que os ensina a porem-se de pé daquela maneira?

- Está-lhes no sangue. - Nick sorriu. - Nasceram e têm físico para o fazer. Há uma escola em Viena onde lhes ensinam todos os exercícios que fazem. O meu amigo andava a treiná-los antes de mos dar. Eu quero criar lipizanos um dia.

- Devem valer muito - comentou ele e Nick fez um aceno de concordância.

Depois um deles fez-lhe a pergunta que todos queriam fazer, previsivelmente incómoda para Christianna: - Pensa que vai ficar aqui?

- Espero que sim. Preciso do emprego. Tenho de cuidar dos meus filhos. E, quando Hitler acabar, a Alemanha vai estar em ruínas. Isto é tudo o que temos agora.

Não entrava em linha de conta com a mansão e a terra que tinha deixado na Alemanha e que herdaria um dia, se tal lhe fosse permitido e se Hitler já não estivesse no poder ou se tivesse perdido a guerra. Mas, por agora, Nick não tinha acesso a nada e vivia do seu salário, tal como eles, e sabia que assim teria de ser durante muito, 193

muito tempo. Poupava o seu dinheiro, sabendo que de momento era tudo o que tinha.

- E vocês? Ainda têm família na Polónia?

- Só alguns primos. Estamos quase todos aqui. E não somos judeus - disse Peter em tom prático. - Alguns dos malabaristas são judeus e ainda lá têm parentes. Estão a tentar trazê-los para cá, mas ainda não conseguiram. Tem sorte por ter saído quando saiu.

- Sim, tenho - concordou Nick. Tinha havido pogroms na Polónia, na Rússia e na Checoslováquia e os judeus estavam a ser levados para campos de trabalhos forçados e violentamente perseguidos ou mortos. Nick ouviu falar disso nas notícias. - As coisas estão mal por aqueles lados. Todos temos sorte por estarmos aqui.

- Agora somos americanos - disse orgulhosamente Peter, o irmão mais velho -, tal como as nossas mulheres. O meu pai também. Já cá estamos há vinte anos. Christianna também já é cidadã americana. A minha tia foi a última a desistir da cidadania polaca. Aqui é melhor para nós, para todos nós. A América tem sido boa para nós - disse com gratidão.

Até ao momento, também tinha sido boa para Nick, mas ele continuava a sentir-se alemão e não americano e pensava regressar um dia, quando as coisas mudassem, embora já não tivesse a certeza, depois de tudo o que tinha acontecido. Não se sentia ligado a nenhum dos países, nem ao antigo nem ao novo. Ainda não tinha adotado o seu novo país o suficiente para querer desistir da sua herança e da sua terra natal, por muito cruéis que tivessem sido para si. Fora traído, mas por Hitler, não pela Alemanha. Por outro lado, não se sentia americano e pensava que nunca se sentiria. Mas admirava a família de

Christianna por aderir ao país que tinha sido bom para eles e onde já viviam há tanto tempo.

194

- Porque a deixam trabalhar sem rede? - perguntou Nick em voz baixa, numa pausa na conversa sobre a guerra.

Era a pergunta candente que tinha querido fazer-lhes desde que a tinha visto pela primeira vez no arame alto. Fez-se um súbito silêncio. Nenhum deles lhe respondeu logo e depois o pai falou da sua cadeira. Tinha observado Nick com toda a atenção desde que ele tinha entrado na caravana com os filhos. Gostava dele, mais do que esperava. Parecia ser um bom homem e os filhos eram bem-educados, o que ele também respeitava.

- É o que as multidões querem, e é o que nós fazemos. Não querem ver uma rapariguinha a passear-se por um arame a 1,5 metro do solo, com uma vara de equilíbrio e um canário na cabeça. As pessoas respeitam a coragem. Ela é uma rapariga corajosa. Tal como era a minha mulher. Não se conquista nada na vida se não se correrem riscos. As pessoas não compreendem isso, mas respeitam a perícia. Não é fácil andar lá em cima e Christianna é muito boa a fazê-lo. Tem um dom, mais do que eu ou a tia ou a mãe, e não sabemos como será a irmã, se alguma vez tentar, o que pode nunca acontecer. Christianna tem a sua arte no sangue. Nem toda a gente a tem. Estar lá em cima é um talento, não é apenas uma coisa que se aprende ou que se decide fazer. Tal como os seus cavalos. Disse que eles nasceram para fazer os truques que executam. Com Christianna é o mesmo. Ela tem de usar o dom que tem.

- E se cair? - perguntou Nick, tentando compreender o sentido mais profundo do que ele dizia e o que os motivava.

De certo modo eram gladiadores, preparados para entrar na batalha e enfrentar a morte todos os dias. Mas eles não olhavam de frente para a morte, ao contrário de 195

Christianna. E Nick não queria que ela continuasse a fazê-lo. Amava-a demasiado para a perder às mãos do arame alto.

- Não cai - disse o pai, cheio de confiança. - Ela é boa de mais. Muito melhor do que a mãe foi. Não cai. E todos os dias descobre que consegue fazer uma coisa

difícil, uma coisa que pode assustá-la, e vence-a sempre. Ficará cada vez mais forte.

Também podia matá-la, como Nick sabia, mas não conseguia convencê-los. Eram guerreiros que permitiam que uma jovem, diminuta e graciosa, travasse as batalhas deles, à sua própria custa. Ele odiava a situação, mas não queria falar de mais na primeira vez que se encontravam. Era evidente a sua opinião sobre o assunto.

- Pode partir o pescoço se cair de um cavalo. Isso não o detém. Sabe o que está a fazer. Tal como ela. - Era um argumento válido e Nick compreendeu que não ganharia a discussão, pelo menos naquela ocasião. - É difícil as outras pessoas compreenderem.

- Talvez sejamos todos muito valentes e muito tontos - disse Nick filosoficamente.

Mas ele e Christianna corriam todos os riscos e eles não. O pai dela tinha-os corrido, tal como a tia e a mãe, mas os irmãos eram meros observadores, que estavam no chão e corriam ao lado da princesa quando ela regressava à terra. Era a princesa que todos os dias combatia destemidamente os dragões. E fazia-o porque esperavam que ela o fizesse, de maneira a não os dececionar. Do ponto de vista de Christianna e da sua família, era a sua herança e o seu dever.

O irmão mais novo distribuiu mais uma dose de vodka, que Nick recusou, e as mulheres puseram o jantar na mesa. Sentaram-se todos, amontoados na caravana, segurando os pratos cheios de comida. Christianna sentou-se ao lado de Nick, no único lugar vazio, apercebendo-se de que os irmãos o tinham deixado vazio para ela. Era 196

a maneira de dizerem que ele estava aprovado. Não era um deles, mas respeitavam a sua honestidade e a sua maneira clara e simples de explicar o que pensava e quem era. O pai de Christianna falou longamente com ele durante o jantar e, depois de arranjar a mesa, convidaram Nick para um jogo de póquer. Ele aceitou com satisfação, pois era um jogo que apreciava e que jogava bem. Derrotaram-no, mas não sem luta, e todos os homens deram palmadas nas costas uns dos outros e deram-lhe um abraço quando se separaram. Os irmãos estavam bastante bêbedos, mas Nick e o pai de Christianna não e os seus olhares cruzaram-se quando ele saiu. As mulheres já se tinham deitado há muito e

Christianna tinha jogado tranquilamente às cartas com os rapazes. Lucas estava a ganhar e a guinchar de satisfação.

- Obrigado por terem vindo jantar connosco - disse Sandor diplomaticamente.

Era a sua maneira de dizer que o apreciava, sem dizer as palavras.

- Obrigado por nos receber. Foi um jantar delicioso.

Nick sorriu para o homem sentado na sua cadeira, que olhava para ele com curiosidade e novo respeito.

- Você é um homem honesto. Gosto disso. E não se preocupe com Christianna. Ela não vai cair - repetiu.

Tinha compreendido que Nick se preocupava com ela, embora não soubesse até que ponto nem há quanto tempo. E não queria que a filha sofresse ou que ficasse com o coração destrozado, por ir atrás de um homem que vinha de outro mundo, como o pai compreendia perfeitamente. E, se voltasse para a Alemanha, para regressar à sua antiga vida, nunca a levaria com ele. Ela nunca seria aceite nem se adaptaria.

- Espero que não - disse Nick em voz baixa, referindo-se à garantia de que Christianna não cairia. Seria 197

uma perda impensável para ele, se tal acontecesse, mas nada disse ao pai. Não era preciso. Estava nos seus olhos. - Espero que tenha razão.

- Tome cuidado para que ela não caia de um dos seus cavalos - avisou-o o pai, meio a sério, meio a brincar.

- Eu próprio abateria o cavalo se isso acontecesse - disse ele com emoção.

Estava profundamente apaixonado por ela e queria protegê-la de todo o mal.

- Venham visitar-nos mais vezes.

Sandor Markovich estava a falar a sério e sorriu quando deram um aperto de mãos, com Christianna a observar de onde estava sentada.

- Obrigado. Havemos de vir. Eu convidava-os para a minha caravana, mas teria de comprar cachorros quentes na messe. Sou um cozinheiro desgraçado - disse Nick com humildade e o homem sentado na cadeira de rodas riu-se.

- Um dia levamo-lo a um restaurante polaco - prometeu. - Têm comida muito boa, melhor do que a que as minhas noras fizeram esta noite. Vamos lá muitas vezes quando não estamos a trabalhar.

Nick achou que seria divertido. Chamou os filhos e disselhes que estava na hora de irem embora. Foram buscar os casacos e Christianna acompanhou-os até ao frio da noite de Sarasota. Tinha estado a chover, mas a chuva tinha parado e o ar era fresco. Viam-se as estrelas no céu.

- Eles gostaram de ti - disse ela em voz baixa, para ninguém ouvir.

Os rapazes seguiam alguns passos à frente, a conversar um com o outro e sem lhes prestar atenção.

- Do que eles gostaram foi de me bater ao póquer. Tinha perdido dez dólares, o que para ele era muito, mas estava disposto a sacrificar o dinheiro no interesse de 198

melhorar as relações familiares entre os seus dois campos. Também achava que o serão correria bem. E tinha gostado deles, embora odiasse a atitude que tomavam em relação a ela e a maneira arrogante com que encaravam os riscos que corria, como se se sentissem satisfeitos por entregar o bem-estar dela nas mãos do destino, em vez de a protegerem.

- Não, eles gostaram mesmo de ti e o meu pai também. Foste muito simpático para eles.

Agradeceu-lhe com o olhar.

- Também foram simpáticos comigo.

Eram um bocado grosseiros, mas ele reconhecia as suas qualidades; vinham de uma cultura diferente da dele e viviam segundo os valores tradicionais do circo, o que ele respeitava.

Só não queria que ela acabasse magoada.

- Até amanhã - disse, desejando poder beijá-la. Mas não ousou, à vista da família dela e dos seus próprios filhos. Continuava a querer proteger o que partilhavam, embora já estivessem juntos há muitos meses. Tinham dado um passo importante naquela noite, com o pai e os irmãos dela, e não queria fazer nada que o prejudicasse. Tinha-lhes demonstrado, ou pelo menos tentado, que era um homem honesto, merecedor da sua filha e irmã e, se tudo corresse bem, com o tempo eles acabariam por respeitar o que ele e Christianna sentiam um pelo outro. Entretanto, afirmara-se perante os homens, o que era importante na cultura deles e sabia que também era importante para Christianna. Não era o elitista que eles pensavam. Não guardara segredo sobre a razão que o trouxera para ali ou sobre o tempo que planeava ficar. Na verdade, não conhecia os seus próprios planos. Todos viviam num mundo cheio de incertezas. Mas tinha-lhes mostrado que era um homem honesto, que podia ser um deles e que também travava corajosamente as suas batalhas. Por agora, era o suficiente.

199

- Amo-te - sussurrou ela longe dos ouvidos dos rapazes, antes de Nick se afastar.

- Também te amo - respondeu ele também num sussurro e depois dirigiu-se para a sua caravana com os filhos.

- Foram simpáticos - comentou Toby, surpreendido por o serão ter sido tão agradável e a comida tão boa.

- Eu venci Christianna às cartas - disse Lucas com uma gargalhada.

O pai riu-se.

- Ainda bem. Espero que tenhas ganho algum dinheiro, porque os irmãos dela bateram-me ao póquer. São duros de roer.

- Eu gosto dela, papá - disse Lucas em voz baixa, com um bocejo, quando chegaram a casa.

- Eu também - confessou Nick, em voz baixa. Toby sorriu-lhe. Há meses que tinha percebido o que se passava.

- Agora vão deitar-se - ordenou Nick, que ainda não estava preparado para reconhecer mais do que isso diante dos filhos.

Cinco minutos depois tinham escovado os dentes, vestido os pijamas e estavam deitados. Ele foi dar-lhes um último beijo, quase sem conseguir aproximar-se, tão pequeno era o quarto. Depois foi sentar-se na sala da caravana, a pensar no serão e na família com quem Christianna tinha sido criada.

Dissera a verdade, eles eram duros de roer, mas muita gente do circo era assim. Jogavam pelas suas próprias regras e respeitavam a hierarquia definida pelo que faziam. E, na vida do circo, eles eram a nobreza, tal como ele era no seu próprio mundo. A Princesa e o Conde, pensou com os seus botões, inclinando a cabeça para trás e fechando

os olhos, a pensar nela. Na sua imaginação, agora via-a sempre de pé em cima de Atena e ele em Pégaso, quando faziam o seu número. Já nunca pensava nela no arame alto, mas sim como o elfo mágico que montava os lipizanos com ele. E, na sua mente, davam sempre a volta à arena juntos, nos dois espetaculares cavalos brancos, de mãos dadas. Era a única imagem que queria dela. Ela era a mulher dos seus sonhos.

201

CAPÍTULO 14

No fim de novembro, enquanto os americanos celebravam o Dia de Ação de Graças, as coisas continuavam a piorar. Os judeus polacos foram forçados a trazer uma estrela de David amarela no peito ou numa braçadeira para poderem ser identificados. Cinco dias depois foi criado o primeiro gueto polaco.

Na Alemanha, o racionamento tinha sido introduzido quando a guerra foi declarada mas só numa forma atenuada. Hitler não queria que os alemães fossem severamente despojados nem que o moral fosse negativamente afetado, por isso, apesar dos cartões de racionamento, as alterações não foram extremas. Havia alimentos e vestuário em quantidade suficiente, apesar da falta de combustível. Aos judeus foram atribuídas rações de alimentos mais reduzidas, de acordo com a visão que Hitler tinha deles.

Os jovens foram recrutados quando a guerra foi declarada e havia homens de

uniforme em todo o lado, mesmo nos sonolentos campos da Baviera onde viviam Alex e a filha. Embora tivessem comida suficiente, era quase impossível aquecer a mansão com o combustível de que dispunham. As lareiras a lenha estavam sempre acesas, mas a mansão era grande e cheia de correntes de ar e Marianne tinha sempre frio. Deixou de ir às aulas e passava o tempo em casa, que administrava para o pai, e a enrolar ligaduras para os hospitais, para serem usadas nos feridos.

Todos os cavaleiros e moços de estabularia de Alex tinham partido, recrutados para o exército, e ele e Marianne cuidavam pessoalmente dos cavalos, com a ajuda de rapazes das quintas que ainda não tinham idade para ser incorporados no exército. Tratar dos cavalos era agora 202

uma tarefa a tempo inteiro e Alex tinha sido avisado de que a Wehrmacht poderia requisitá-los, dada a sua excelência. Foi informado de que os civis já não precisavam de cavalos daquela qualidade quando dois oficiais de cavalaria vieram visitá-lo e examinaram os estábulos. Era um país em guerra.

As refeições que Marta lhes servia continuavam a ser saudáveis. Usava os cartões de racionamento com “marken” para obter a comida de que precisavam, mesmo que em quantidade ligeiramente menor. Mas conseguia preparar as mesmas refeições excelentes. As únicas coisas cuja falta era notória eram café, laranjas, bananas e chocolate. Mas tinham carne, ovos e produtos agrícolas suficientes. Os cartões de racionamento também eram usados em restaurantes.

Alex sentia-se grato por não ter filhos para mandar para a guerra e por poder continuar a ter Marianne junto de si. Sentia-se aliviado em relação a Nick, agora que tinha fugido com os filhos antes de a guerra estalar na Europa. Alex odiava raivosamente Hitler e tudo o que ele representava e sabia que o pai de Nick alimentava o mesmo sentimento, depois do que lhes tinha acontecido. A revelação acerca da mãe de Nick deixou Paul sozinho e solitário no solar da sua propriedade, esperando ansiosamente por cada carta que Nick lhes mandava.

Alex ia visitar Paul quase todos os dias e tinha assistido ao seu total envelhecimento ao longo do ano, desde a partida de Nick. Era agora uma pessoa diferente, zangado, amargo, revoltado com tudo o que sucedia à sua volta. Passava muitos dias sem falar com ninguém, exceto quando Alex ia visitá-lo. Não desejava ir a lado nenhum e estava a perder o interesse pela administração do seu próprio património. Não havia homens jovens que o ajudassem e, se Nick

e os filhos não podiam herdar os bens, estes começaram a perder todo o significado para Paul.

203

Tal como ele, Alex não gostava do que estava a acontecer, mas era mais novo e ainda conseguia prever um mundo e uma vida depois da guerra quando, como era de esperar, Hitler já não existisse. Paul apenas conseguia imaginar a destruição total da sua pátria e tinha perdido a esperança de alguma vez voltar a ver o filho ou os netos. Os dias eram longos e as noites mais longas ainda, enquanto Hitler continuava a devorar os países mais pequenos da Europa, indefesos contra ele. Por outro lado, pouco antes do Natal Alex notou que o pai de Nick tinha aparecido com uma tosse assustadora. Esteve doente várias vezes durante o último ano, o que o tinha enfraquecido, apesar de não ser muito velho, mas estava com mau aspeto. Alex tinha-o convidado para passar a véspera de Natal com eles, mas Paul apareceu com febre e não pôde ir. Por isso Alex foi vê-lo antes de jantar com Marianne. Quando chegou à mansão von Bingen, Paul delirava com a febre e pediu à governanta que chamasse o médico. Ela prometeu que assim faria.

- Ele está muito doente, pai? - perguntou-lhe Marianne, com expressão preocupada, e o pai aquiesceu.

Nessa noite comeram frango com um excelente molho, que Marta tinha feito, e batatas. Foi uma refeição muito boa, em que o racionamento não se manifestava, embora Marta tivesse usado os cartões com *marken* para comprar a comida.

Até certo ponto, na região considerava-se que Alex era intocável por ser quem era, mas também se esperava dele que fizesse todo o possível para apoiar os esforços do Terceiro Reich, materialmente e em atitudes, para servir de exemplo na comunidade. Por outro lado, Marianne andava cansada e pálida. Trabalhava duramente nas cavalaria, ao lado do pai, para cuidarem dos cavalos. Fazia o trabalho dos homens e de noite enregelava em casa. As privações da guerra tinham chegado depressa e Alex estava preocupado com ela e com a circunstância de a ter a

204

viver num país em guerra. Quase desejava que ela estivesse na América com Nick e os filhos. Pelo menos, estavam em segurança e a América não tinha a

intenção de entrar na guerra. Franklin D. Roosevelt garantira isso mesmo a todos, pelo que os Aliados tinham de se defender na Europa, sem a esperança de ajuda ou salvação vindas de fora. Era uma situação assustadora e Alex tinha perfeita consciência da sua importância, embora não a discutisse com Marianne.

As histórias que Toby contava acerca da vida no circo pareciam-lhe agora ainda mais surrealistas, quando comparadas com o que viviam na Alemanha. O que ele fazia parecia ser muito interessante, montar os lipizanos com o pai e viajar por todo o país, enquanto Lucas brincava com os palhaços, além de desfilar em cima de um elefante no final. Nem agora nem nunca, nada na sua experiência tinha qualquer semelhança com a vida do amigo, em particular agora que a Alemanha estava em guerra e viviam a tensão e as preocupações da situação. Além disso, o inverno estava gélido, enquanto Toby dizia que estava calor na Flórida. Tinham regressado à sede de inverno em Sarasota, onde ia à escola e convivía com os amigos. Sempre que lia aquelas cartas, ela sentia-se como se tivesse cem anos, mas não podia dizer-lhe como a situação na Alemanha era deprimente, pois os censores embargariam as cartas dela ou destruí-las-iam, pelo que tinha de dizer que estava tudo bem e corria pelo melhor, o que não tinha nada de verdade.

- Sim, penso que ele está muito doente - disse-lhe Alex francamente, falando do pai de Nick.

Pior, tinha o forte pressentimento de que Paul tinha perdido a vontade de viver. Odiava o que estava a suceder na sua pátria, fora privado da sua família e, segundo todas as probabilidades, a guerra ia durar muito tempo, demasiado tempo para Paul. Perdeu bastante peso nos últimos meses e estava subalimentado, pois nunca queria

comer sozinho. Alex temia que estivesse demasiado velho e frágil, e sobretudo desanimado, para sobreviver a longos anos de guerra.

- Espero que ele melhore em breve - disse Marianne em voz baixa quando acabavam de jantar.

Mais tarde, quando viu que o pai ia sair para o visitar mais uma vez, perguntou se podia ir. Ele hesitou, não querendo que ela saísse com o frio que estava, temendo que ela própria adoecesse, mas, quando ela implorou, acabou por ceder. Foram os dois a cavalo, para não gastar gasolina no automóvel, que era difícil de obter.

Prenderam os cavalos diante do solar, depois de passarem diante da mansão às escuras. Não tinha iluminação nenhuma à noite, pois já ninguém vivia lá. Ursula, a governanta de Paul, vinha de uma das quintas onde tinha passado toda a sua vida e, no resto do tempo, Paul estava sozinho. Nessa noite, Ursula ainda lá estava, com expressão preocupada.

O médico tinha saído havia pouco e tinha dito que regressaria de manhã. Tinha poucos medicamentos para lhe dar, pois havia falta e os que havia iam todos para o exército para serem administrados aos soldados. Mas Paul disse que não queria medicamentos e insistiu que estava bem.

Alex entrou sozinho no quarto de Paul, deixando Marianne com Ursula na cozinha, onde beberam água quente para se manterem quentes. O solar estava quase tão frio como a Mansão Hemmerle.

Quando Paul abriu os olhos, Alex não gostou do que viu. Os olhos de Paul pareciam vidrados e tinha as faces congestionadas e a arder. Parecia cansado e queria voltar a adormecer.

- Como se sente? - perguntou-lhe Alex, puxando uma cadeira para junto da cama e sentando-se.

Acariciou suavemente a mão do velho, que estava magra, de veias salientes e coberta de manchas. Até à partida de 206

Nick, Alex nunca o tinha considerado velho. Nunca tinha tido o aspeto de um velho, como tinha agora.

- Cansado - disse Paul num sussurro.

E depois teve um ataque de tosse violenta. Alex esperou até que passasse e deu-lhe um pouco de água antes de voltar a falar.

- Tem de melhorar. Nick não gostaria disto. Está a contar consigo para continuar a administrar tudo até ele regressar.

- Nessa altura já estarei morto - afirmou Paul com simplicidade, como se se tivesse reconciliado consigo mesmo.

- Não, não estará. Nick vai atirar as culpas para cima de mim se isso acontecer.

Alex sorriu para o homem que tinha sido como um pai para ele desde que perdera o seu, ainda em criança. Paul tinha-o aconselhado com frequência sobre a maneira de gerir os seus bens e ensinara-lhe tudo o que ele sabia, embora não tivesse conseguido ensinar o seu próprio filho. Mas Alex tinha herdado todas as suas terras quando era novo. Nick tinha podido contar com o pai.

- Vai ser uma longa guerra - disse Paul em voz baixa, depois de recuperar o fôlego. - Os ingleses vão lutar duramente e esperemos que os franceses façam o mesmo. E outros.

Não vão permitir que aquele monstinho se apodere da Europa. Quem sabe? Talvez um dia os americanos também entrem na guerra. Mas não terminará em breve. Ele só vai desistir quando o destruírem e, por Deus, espero que o façam, antes que ele nos destrua a todos e a tudo o que este país representa. Estou demasiado velho para os ver travar esta batalha.

Estou cansado.

Virou-se para Alex com um olhar tão triste que quase lhe destroçou o coração. Apercebeu-se de que aquele homem estava a morrer diante dos seus olhos e não fazia 207

ideia de como impedi-lo. O pai de Nick tinha perdido a vontade de viver.

- Sinto a falta do meu filho. Quando eu morrer, diz-lhe quanto o amava. Isto estará tudo à espera dele quando a guerra terminar. Quero que ele e os filhos regressem nessa altura. É tudo dele. Não podem impedi-lo de reivindicar eternamente a sua herança, em especial quando o monstro desaparecer.

- Então fique cá e tome conta dela para ele até ao seu regresso - disse Alex numa voz mais forte, tentando animá-lo a resistir, mas Paul só abanou a cabeça e virou-se para o outro lado.

Pouco depois, Alex viu que ele estava a dormir e saiu do quarto.

- Como está ele? - perguntou Ursula quando Alex voltou à cozinha.

Ele tinha a certeza de que, se Nick e os rapazes ainda ali estivessem, o pai estaria a lutar pela vida mas, sem eles e sem esperança de voltar a vê-los em breve, já não estava interessado.

- Não está bem - disse-lhe Alex com toda a franqueza, enquanto os olhos de Marianne se enchiam de lágrimas ao ouvi-lo.

Paul von Bingen fora como um avô para ela, o único avô que ela alguma vez conhecera.

- A que horas vem o médico amanhã de manhã?

- Ele disse que ia tentar vir às oito horas.

- Nesse caso, eu volto a essa hora - disse-lhe Alex.

Ela assegurou-lhe que passaria a noite no solar, embora fosse véspera de Natal. Poucos minutos depois, ele e Marianne regressaram à mansão, fazendo um desvio pela aldeia para assistir à missa da meia-noite na igreja local. Estavam a cantar Noite de Paz quando entraram e a assistência era reduzida. Havia só mulheres, crianças e velhos.

208

Para qualquer homem novo, considerava-se uma vergonha ainda estar em casa e Marianne perguntara muitas vezes ao pai se também seria convocado. Mas ele garantiu-lhe que, com quarenta e oito anos, era demasiado velho.

Depois da missa na pequena igreja, regressaram ambos à mansão e sentaram-se aconchegados um ao outro na biblioteca, com a lareira acesa, tentando manter-se quentes. Era provavelmente o Natal mais triste que alguma vez tinham partilhado. Apenas se tinham um ao outro.

Na manhã seguinte, depois de uma curta noite em que se remexeu na cama sem conseguir dormir, Alex foi de novo ver como estava Paul e ficou alarmado quando o encontrou pior.

O médico ainda lá estava e, depois de lhe auscultar o peito, declarou que ele tinha uma pneumonia e disse francamente a Alex que havia poucas esperanças de que recuperasse.

Dependeria da sua vontade de lutar e, pelo que Alex via, Paul não tinha o menor desejo de sobreviver. Dormitou durante o resto do dia e no dia seguinte deslizou para um estado de grande fraqueza, quase comatoso. Alex ficou no solar, junto

dele, e Marianne pegava todos os dias no cavalo e vinha fazer companhia ao pai, mas tinha de voltar para casa para cuidar dos cavalos. Voltava antes de jantar e sentavam-se juntos na sala de estar. Depois jantavam na cozinha.

Durante alguns breves instantes na véspera de Natal, Paul finalmente abriu os olhos e olhou para Alex. Parecia que afinal ia conseguir recuperar.

- Ainda aqui estás? - Pareceu surpreendido quando Alex se inclinou para ele e lhe sorriu. - Não tens mais nada que fazer?

- Não, não tenho - disse Alex com firmeza. - Só quero que melhore. Marianne também cá está. Está lá em baixo. Como se sente? - perguntou Alex, parecendo esperançoso, mas viu que Paul continuava a arder em febre, embora estivesse mais lúcido do que há muitos dias.

209

- Sinto-me ótimo - disse Paul em voz forte e clara. Sentou-se na cama durante alguns minutos e bebeu um gole de caldo que Ursula tinha deixado ao lado da cama. - Sinto-me muito melhor. Tiveste notícias de Nick?

Era a única coisa que lhe interessava e era a pergunta que, ao longo do último ano, fazia a Alex sempre que se encontravam, embora Nick também escrevesse regularmente ao pai.

- Ainda estão na Flórida, na sede de inverno. Ele e os rapazes estão ótimos.

Nick nunca tinha dito a Alex que se tinha apaixonado por Christianna. Sabia que o que sentia agora seria tão estranho para o amigo que não tinha maneira de lhe explicar, por isso nunca tentou. Tinha a certeza de que Alex o censuraria e diria que ele tinha enlouquecido, mas Alex não conseguiria compreender de maneira nenhuma a vida que eles agora tinham nem as pessoas que nela figuravam. E o seu pai ainda menos.

- Iam pôr velas na árvore de Natal, tal como nós fazemos aqui.

Nick não lhe tinha dito que a árvore tinha sessenta centímetros de altura e estava pousada em cima de uma mesa na caravana deles e que teriam de apagar as velas muito depressa para não deitarem fogo a nada.

- É bom que os rapazes não esqueçam as nossas tradições - disse Paul com um ar satisfeito.

Depois deitou-se outra vez e fechou os olhos. Parecia cansado e Alex decidiu passar a noite sentado ao seu lado, embora Paul parecesse melhor e mais forte quando voltou a adormecer. Abriu os olhos apenas uma vez, pouco depois da meia-noite, no primeiro instante do Ano Novo, e sorriu para Alex, que se apercebeu imediatamente de que Paul pensava que ele era Nick.

- Volta para casa depressa. Eles precisam de ti aqui - disse num sussurro.

210

- Voltarei, sim - prometeu Alex, falando pelo amigo. - Também preciso de si, papá - disse em nome dos dois.

Não suportava a ideia de perder o velhote que amava e sabia que a perda arrasaria Nick.

Paul limitou-se a sorrir, olhando outra vez para ele, acenou e adormeceu. Dormiu durante várias horas enquanto Alex dormitava ao lado dele e, quando o Sol nasceu, Alex olhou para ele e soube imediatamente o que tinha acontecido. Paul von Bingen tinha morrido tranquilamente no sono. Tinha partido. Alex ficou sentado durante muito tempo a olhar para ele, acariciando-lhe suavemente a mão, que já estava fria, com o coração oprimido e as lágrimas a correr-lhe pela cara abaixo. Compreendeu que o pior estava para vir.

Agora tinha de dar a notícia a Nick.

211

CAPÍTULO 15

Nick passou a véspera de Natal na caravana com Toby e Lucas e ofereceu a cada um deles um jogo e um suéter que tinha comprado em Sarasota. A Christianna ofereceu uma minúscula medalha de ouro em forma de coração que ela pôs

imediatamente. Christianna recortou uma pequena fotografia dele de uma das páginas do programa do circo e meteu-a na medalha, emocionada. Tinha feito para ele um cachecol de malha, de lã preta muito macia, para usar nas noites frias quando andavam em tournée. Durante os dias de festa passaram juntos todo o tempo que conseguiram sem despertar desconfiança e ela juntou-se a eles quando foram passar o dia de Natal com Gallina e Sergei e os filhos. E, apesar da alegada rivalidade entre elas, as duas mulheres riram-se com os outros e divertiram-se. Nick e os filhos também tinham passado o Dia de Ação de Graças com eles, que eram os seus amigos mais próximos.

- Ela é uma rapariga adorável - disse depois Gallina a Nick, e olhou para ele com a mesma expressão maternal com que olhava para Toby. - E afinal quando é que ambos vão reconhecer que estão apaixonados? Quanto tempo já passou? Não acham que têm o direito de ser felizes? Não podem manter isso em segredo para sempre e qualquer pessoa que olhe para vocês percebe.

- Há quanto tempo é que sabes? - perguntou ele timidamente, questionando se teriam sido menos discretos do que pensavam.

Mas Gallina era uma mulher inteligente e já o conhecia bem. E era difícil esconder a intensidade dos seus sentimentos por Christianna. Os seus próprios filhos tinham percebido e estavam contentes. Adoravam-na e Lucas disse que desejava que o pai casasse com ela um dia

212

para poderem ficar com ela, com o que Toby estava de acordo.

- Já sei há vários meses - respondeu Gallina e ele riu-se.

- Bem, está visto que é impossível guardar segredos aqui. Mas eu não sei como reagirá a família e não quero complicar-lhe a vida. Eles são muito protetores em relação a ela.

- Exceto quando a põem no arame alto - disse Gallina com uma expressão de intensa desaprovação.

Ela própria tinha desistido por completo de trabalhar sem rede, por insistência de Sergei. Mas Christianna continuava a estar na arena principal todas as noites, arriscando a vida para excitação das multidões. Nick odiava cada minuto do seu

número, mas estava sempre presente, a observá-la. Não suportava estar em qualquer outro sítio. E, sempre que possível, conseguiam passar uma noite juntos, mas tinham sido muito cuidadosos para não serem descobertos. Ele não queria prejudicar a reputação dela fosse de que maneira fosse e tratava-a com um enorme respeito. E felizmente também não tinha havido nenhum deslize na sua vida sexual e ela não engravidara. Ele tinha sempre muito cuidado na sua proteção.

Nick não esqueceu as palavras de Gallina. Ele e Christianna passaram a véspera de Ano Novo com eles. E, no dia seguinte, Nick conversou com Christianna antes de irem jantar com a família dela no restaurante polaco preferido do seu pai em Sarasota. Ele tinha convidado Nick e os filhos, para festejarem o Ano Novo.

- O que pensas de, um dia destes, dizermos alguma coisa à tua família? - perguntou-lhe Nick cautelosamente enquanto dava comida e água aos cavalos e ela lhe fazia companhia.

Ela gostava de alimentar Atena e tinha-se habituado a ela por causa do seu número.

213

- Tenho andado a pensar na mesma coisa - reconheceu ela.

- Será que eles vão ficar incomodados? - perguntou-lhe Nick, preocupado.

Quanto a ele, não havia problema, mas não queria que a arreliassem. Era um problema de que ela não precisava, com quatro irmãos e um pai que vigiava todos os seus movimentos.

- Eles gostam de ti - disse Christianna com um sorriso tímido, acariciando a lipizana que lhe fazia festas com o focinho. - E, de qualquer maneira, já desconfiam.

- Podem não ficar satisfeitos por causa da minha idade.

- Têm medo de que te vás embora - disse ela simplesmente. Também o tinham interrogado sobre isso. - Ou que interfiras - acrescentou.

Tinham prestado atenção aos comentários de Nick acerca do arame e tinham falado com ela sobre a preocupação de Nick por ela trabalhar no arame alto.

- Não estou a projetar ir-me embora nos tempos mais próximos - disse Nick calmamente. - Há guerra na Europa. Tive de fugir da Alemanha e não tenho para onde ir. E não sei se alguma vez regressarei, mesmo depois da guerra. Não posso, a menos que as coisas mudem. Portanto, a minha partida está fora de questão. E, sim, talvez interfira se eles não te tirarem do arame alto dentro em breve. Não deixarei de levantar essa objeção. Sabes o que sinto. Tudo o que quero é que te deixem trabalhar com rede. Não acho que seja pedir muito. Se eles te derem uma rede, podes ficar lá em cima até aos noventa anos, que eu não me importo. Sem rede, vou interferir sempre que puder.

Era sempre franco com ela. E também com a família dela. Mas era suficientemente educado para não transformar a questão num problema permanente. Tinha-lhes dito o que sentia e depois calara-se. Quanto mais não fosse,

214

era respeitoso e delicado e Christianna amava-o também por isso.

- O que queres dizer-lhes, se dissermos alguma coisa? - perguntou Nick, curioso.

- Que nos amamos. Penso que é o suficiente.

- E se eles quiserem saber mais? - perguntou-lhe Nick.

- Que mais poderia ser?

- Podem querer saber se eu tenciono casar contigo - disse ele com meiguice.

Era o género de coisa que os pais queriam saber.

- Não tens de lhes dizer isso - retorquiu ela, corando e virando-lhe as costas para se ocupar de Atena.

Ele sorriu então, observando-a, e foi ter com ela, que se tinha escondido atrás do cavalo branco.

- Não fujas de mim - disse ele com um sorriso, afastando-a suavemente do cavalo e virando-lhe o rosto para cima. - Não tens de te esconder de mim. Eu amo-te. Quero casar contigo um dia, mas só quando puder dar-te uma vida boa.

Nunca lhe tinha dito tal coisa e ela enterrou o rosto no peito dele. Tinha tido dúvidas, mas nunca ousara perguntar.

- Esta é uma vida boa - disse ela, erguendo de novo o olhar para ele.

- Não é suficientemente boa. Quero dar-te mais do que isto, uma caravana e uma rede para o teu número, se conseguir convencer o teu pai. Mereces muito mais, Christianna. E, um dia, quero dar-te mais. Adorava comprar um rancho no vale de Santa Ynez. - Tinha-o mantido no pensamento desde que o viram juntos. - Ou noutro local. Onde possamos criar cavalos e ter uma vida tranquila.

- E que faria eu? - perguntou-lhe ela, com um sorriso malicioso.

215

Era uma conversa muito importante que nunca tinham tido antes, acerca do seu futuro e dos seus sonhos, embora ela conhecesse alguns deles, mas não todos.

- Cuidarias de mim - disse ele com um sorriso rasgado -, e terias filhos, se quisesses. Isso depende de ti. Eu gostava, mas tenho os rapazes. Adoraria ter um bebé contigo, quando nos casarmos. Mas serei feliz, desde que te tenha. O resto é decisão tua.

- E não a Alemanha? - perguntou-lhe ela, curiosa em ouvir a resposta dele.

Tal como os irmãos, ela tinha a sensação de que um dia ele queria regressar ao seu mundo, mesmo que sentisse amargura por ter sido forçado a partir.

- Não sei. Depende do que acontecer depois da guerra. Não sei o que lá me restará ou como me sentiria depois de nos terem obrigado a partir. - Era um golpe cruel. - Tenho o meu pai na Alemanha, o que é importante para mim. Se ele estiver velho e precisar de mim, eu regresso. Se não, francamente não sei. Talvez sejamos mais felizes aqui. Teremos de ver como é depois da guerra. Não sei se poderei reivindicar os nossos bens. E quem sabe até que ponto eles destruirão o país? Não confio em Hitler, e neste momento a Alemanha está à mercê dele. Talvez não volte a ser a mesma quando tudo tiver terminado. - Era

uma resposta honesta e ele estava a tentar ser justo com ela. - Não posso pedir-te que cases comigo agora, Christianna. Não tenho nada para te oferecer. Mas quando tiver, pedirei, e espero que digas que sim. - Envolveu-lhe o rosto com as mãos ao dizê-lo e beijou-a.

Tinha-lhe dito tudo o que ela precisava de saber e tudo o que o pai queria ouvir. - Amo-te - acrescentou, para rematar.

- Também te amo. E, quando me pedires, eu direi que sim, tenhas o que tiveres. Não me interessa.

Ele também sabia que ela era assim e amava-a por isso.

216

- Penso que esclarecemos tudo - disse Nick com um grande sorriso quando saíram da tenda dos cavalos.

Ambos pareciam excepcionalmente felizes quando foram buscar Lucas e Toby e foram ter com a família dela ao restaurante para festejarem o Ano Novo. O pai dela também notou que eles pareciam exultantes. E depois do jantar virou-se para Nick com uma interrogação no olhar.

- Vocês os dois têm alguma coisa a dizer-nos? - incitou-os Sandor.

Ele e Nick tratavam-se agora pelo nome, o que era um sinal da sua aprovação.

Nick olhou inocentemente para ele, para o arrelhar um pouco.

- Que coisa?

Nick sorriu ao dizê-lo e Christianna soltou uma risada.

- Estamos apaixonados, papá - disse suavemente.

- Isso sei eu já há muitos meses. Não sou cego, pelo amor de Deus. Mais alguma coisa? Têm planos?

Subitamente parecia preocupado e os seus olhos viraram-se para os de Nick.

- Logo que eu saiba que posso oferecer uma boa vida à sua filha, virei falar

consigo, prometo. Dou-lhe a minha palavra.

- E vai ficar no circo? - insistiu Sandor. Era um negociador duro.

- Enquanto Christianna quiser, dentro do razoável - disse Nick diplomaticamente. - Farei tudo para que ela seja feliz.

Mas já lhe tinha dito o que queria e desejava para eles. E esperava conseguir convencê-la a tentar ter uma vida no mundo real com ele.

- E quero receber um presente de casamento seu no dia em que nos casarmos - continuou Nick brandamente.

- Claro! - disse Sandor, agitando os braços magnanimamente. - O que é?

217

- Uma rede para a minha esposa - respondeu Nick, olhando-o nos olhos.

Durante um longo instante, o chefe dos Markovich não respondeu, mas depois fez um lento aceno de anuência e apertou a mão de Nick.

- Tê-la-ás. Tens também a minha palavra. Os dois homens pareciam satisfeitos e, pensando bem no assunto, para Nick era incentivo suficiente para levá-lo a casar mais depressa, para proteger a vida dela. Mas os dois homens pareciam felizes com o acordo que haviam feito e as garantias que tinham recebido. Agora que o seu amor um pelo outro tinha deixado de ser segredo, Nick e Christianna podiam namorar abertamente, com a aprovação da família dela. Encomendou vodka para a mesa e todos, exceto Toby e Lucas, beberam. Nessa noite, o ambiente era de celebração e era quase meia-noite quando regressaram ao parque de diversões. Nick queria levar os rapazes para casa e Christianna foi com ele. Os irmãos dela ficaram para continuar a beber com o pai, enquanto as esposas e a tia regressavam também ao parque de diversões. Foi um serão alegre e já não precisavam de suportar a tensão de ocultar o que sentiam um pelo outro. Nick estava satisfeito por Gallina o ter incentivado a abordar o assunto. Até ali, tinha tido sempre razão. E Sandor parecia satisfeito com a sua promessa de pedir a mão dela em casamento em data posterior e a sua resposta acerca da permanência no circo também parecia tê-lo deixado contente. Sandor não conseguia imaginar que Christianna alguma vez quisesse deixá-los, pelo que era óbvio que Nick também não quereria. E, um dia, Nick seria um genro muito

distinto. No restaurante, depois de mais algumas vodcas, Sandor já se gabava de que a filha seria condessa. Quando ele o disse, ela estava sentada diante do seu atrelado, a conversar com Nick e os rapazes tinham acabado de se deitar. Decididamente, o Ano Novo estava a começar muito bem. “

218

Quando conversavam em voz baixa, Nick reparou num rapaz com o uniforme da Western Union que se aproximava do atrelado, montado numa bicicleta. Retirou um envelope de uma bolsa que trazia traçada sobre o peito.

- Tenho um telegrama para Nicolas von Bingen. É o senhor? - perguntou em voz muito oficial, o que sobressaltou Nick.

Já não estava habituado a ouvir o seu próprio nome. No circo, todos lhe chamavam Nick Bing. E só via o seu nome nas cartas que recebia de Alex e do seu próprio pai.

- Sim, sou eu.

Nick estava surpreso ao receber o envelope. Assinou uma folha de registo que o rapaz trazia e depois abriu o envelope, enquanto Christianna o observava e o rapaz se ia embora. Nick não fazia ideia do que era. Mal conseguia lê-lo ao luar e os seus olhos foram imediatamente atraídos pelo nome do remetente que assinava o telegrama. Era de Alex.

“Lamento profundamente informar-te que o teu pai faleceu às primeiras horas da manhã do Ano Novo. Tranquilamente de pneumonia. Nada pudemos fazer. Lamento imenso. Os nossos sentidos pêsames e todo o nosso amor. Alex.” Nick leu-o e não disse uma única palavra, incapaz de absorver o que estava escrito, e depois voltou a lê-lo quando o interiorizou.

Foi como se tivesse sido atingido por um raio. Olhou para Christianna e os seus olhos encheram-se de lágrimas quando lho entregou. Não estava à espera daquele último golpe.

Não conseguia imaginar um mundo sem o pai e com uma mãe que nunca tinha conhecido e que provavelmente agora nunca conheceria, graças a Hitler.

Christianna agarrou no telegrama, leu-o e arquejou. Correu imediatamente para

ele e apertou-o nos braços 219

para o consolar. Ele chorava em silêncio e ficaram abraçados. Ficaram assim sentados durante muito tempo, à medida que todo o significado das palavras o atingia. Tinha perdido o pai. Christianna passou essa noite com ele, até à alvorada. O sol começava a brilhar no céu quando ela o deixou a dormir no sofá e regressou ao seu próprio atrelado. Ninguém a ouviu entrar em bicos de pés. Todos os outros tinham bebido de mais na noite anterior e estariam de ressaca quando acordassem.

Quando os rapazes se levantaram e foram ter com Nick, ele acordou e viram a expressão do olhar dele. Não tinha aquela expressão desde que lhes tinha dito que tinham de sair da Alemanha e eles perceberam que tinha sucedido qualquer coisa terrível.

- Que se passa? - perguntou Toby imediatamente. Talvez tivessem de se ir embora do circo e iam mais uma vez perder a sua casa. Lucas também estava assustado. O telegrama estava dobrado e metido no bolso de Nick, pelo que os rapazes não o viram. Ele queria dar-lhes a notícia pessoalmente.

- É o avô - respondeu Nick com tristeza. - Adoeceu gravemente, com pneumonia. - Respirou fundo antes de largar a bomba. Eles estavam à espera. - Morreu ontem. Recebi um telegrama de Alex na noite passada, quando chegámos a casa.

Os dois rapazes desfizeram-se em lágrimas e Nick abraçou-os. Choraram os três durante toda a manhã e foram juntos dar um longo passeio, regressando depois ao atrelado. Quando ali chegaram, Joe Herlihy estava à espera deles para lhes dar os sentimentos, com uma carta pessoal de condolências de John Ringling North, que muito comoveu Nick. Ficou com eles durante alguns minutos e depois foi-se embora, não querendo intrometer-se no seu desgosto.

Nick e os rapazes tinham o coração destroçado. Falaram do pai de Nick durante todo o dia. Christianna não 220

quis incomodá-los e deixou-os sozinhos. Também disse à família o que tinha sucedido. A notícia já tinha chegado a várias famílias do circo e Gallina e Sergei também lhes fizeram uma visita de condolências nessa tarde.

As cunhadas de Christianna prepararam-lhes um estufado de carne, que

Christianna foi entregar nessa noite. Preparava-se para sair rapidamente, mas Nick pediu-lhe que ficasse e jantasse com eles. Ela viu que estavam todos muito tristes. Nick estava ainda mais transtornado por saber que não podiam ir ao funeral do seu pai, mas tinha a certeza de que Alex cuidaria de que ele fosse devidamente enterrado no cemitério da propriedade e de que seria dita uma missa na capela. Era autêntica agonia não estar presente numa ocasião tão importante como aquela. E Nick sabia exatamente qual a razão do acontecimento. Ele e os rapazes tinham sido banidos da Alemanha e era isso que tinha matado o pai.

E naquele preciso momento Nick compreendeu que nunca regressaria. Não o disse a ninguém mas agora tinha a certeza de que viera para a América para ficar. A porta para o seu passado acabava de ser fechada nas suas costas para todo o sempre.

221

CAPÍTULO 16

Tal como Nick esperava que Alex fizesse, este tomou as medidas necessárias para o funeral de Paul no cemitério da família, assistiu à missa em intenção dele na capela da propriedade e encomendou a pedra tumular para assinalar a sua sepultura. Ele e Marianne estavam desolados com aquela perda.

Duas semanas depois houve agitação e muita atividade na aldeia. Alex estava a trabalhar nas cavalariças, a limpar as manjedouras, quando um dos rapazes que o ajudavam entrou a correr, todo corado e muito excitado. Alex virou-se para ver o que tinha acontecido. Andava muito sério e deprimido desde a morte de Paul e mal conseguia imaginar como Nick devia sentir-se, depois de receber o telegrama. Logo a seguir Alex tinha-lhe escrito uma carta, exprimindo tudo o que sentia e a sua profunda paixão pelo amigo. Garantiu-lhe que a ausência de Paul seria intensamente sentida por todos e que ele e Marianne também estavam destrozados.

- Eles estão a apoderar-se da mansão dos von Bingen! - gritou o rapaz da entrada da estrebaria e Alex ficou a olhar para ele, confuso.

- Quem? E vão levá-la para onde? O seu comentário não tinha sentido.

- Os soldados. Penso que é um coronel, ou general. Vieram num automóvel grande e estão a instalar-se.

As palavras dele enregelaram Alex até aos ossos e sentiu-se invadir por uma vaga de raiva, como uma maré de b́ilis.

- Que queres dizer?

Os olhos de Alex eram fogo.

- Estão lá muitos soldados com caixas, e carros grandes e oficiais. A mansão está aberta e alguém me disse 222

que estão a ocupá-la. Vai passar a ser o quartel-general para a região e os oficiais vão lá viver.

A vontade de Alex era matar alguém quando saiu das cavalariças sem comentários e avançou em passo de marcha pelo pátio de acesso à sua própria casa. Marianne tinha saído para visitar uma mulher que acabava de dar à luz numa das quintas, para lhe levar alguma comida para os outros filhos e ver como estava. A ideia de que estavam a ocupar a casa de Nick, duas semanas depois da morte de Paul, era mais do que Alex conseguia suportar. Vestiu o seu fato mais digno, penteou-se, meteu-se no seu Mercedes e dirigiu-se para a mansão de Nick. Tal como o rapaz tinha dito, havia automóveis diante do edifício, camiões no pátio, caixas por todo o lado, duas dúzias de soldados e um coronel responsável, que gritava instruções. Alex respirou fundo, parecendo mais calmo do que estava, e dirigiu-se para o sítio onde estava o coronel. Alex olhou para ele com um sorriso agradável.

- Seja bem-vindo à nossa região - disse Alex, estendendo a mão ao coronel, enquanto observava, com um aperto no estômago, que no carro do coronel flutuavam duas bandeiras com suásticas e o coronel estava ladeado por dois tenentes.

- E o senhor é?...

O coronel olhou friamente para ele, aparentemente nada impressionado.

- Alex von Hemmerle. Mansão Altenberg. A cinco quilômetros daqui. - Apontou vagamente para a direção certa. - Vejo que vem visitar o conde von Bingen - Alex tentou, tanto quanto possível, que o seu tom de voz não revelasse sarcasmo, e conseguiu com alguma dificuldade.

- O conde von Bingen está morto - disse bruscamente o coronel. - Há duas semanas. Estamos a tomar posse da mansão para o exército.

223

- Eu estava a referir-me ao filho dele, o conde Nicolas von Bingen - disse Alex com uma expressão inocente. - Presumo que ele herda o título e os bens do pai.

- Lamento informá-lo - disse o coronel com uma expressão gélida no olhar - de que o falecido conde foi casado com uma judia e o “conde Nicolas”, o filho, fugiu há um ano como judeu, como tenho a certeza de que sabe. Os judeus já não podem herdar nem possuir terra na Alemanha. Esta mansão pertence agora ao Terceiro Reich. Reivindiquei-a em nome do nosso Führer, Adolf Hitler.

A sua continência poderia ter cortado um icebergue e parou a escassos milímetros do chapéu e depois o braço direito estendeu-se na conhecida saudação que dava volta ao estômago de Alex. Alex não retribuiu a saudação e, como civil, não era obrigado, embora alguns entusiastas o fizessem.

- Estou a ver - disse Alex com surpresa. - Não sabia. Mantiveram isso muito em segredo.

Fingiu ignorância e o coronel fez um sinal de assentimento.

- É compreensível. Fui informado de que tem umas estrebarias muito interessantes - disse olhando para Alex com uma expressão mordaz -, e uns belos cavalos.

Portanto, sabia exatamente quem era Alex e era apenas uma questão de tempo até lhes fazer uma visita e possivelmente levar tudo o que quisesse, incluindo a mansão, se assim decidisse. O exército tinha licença para fazer tudo o que quisesse.

- Obrigado pelo elogio. Espero que me faça uma visita, agora que está tão perto.

Alex fez uma vénia formal e bateu os calcanhares ao estilo dos aristocratas alemães, não como os soldados. Era tão respeitosa como a continência do coronel e muito

mais elegante, ao mesmo tempo que lembrava ao coronel a nobreza de Alex, e era essa a sua intenção.

- Muito obrigado, conde. Visitá-lo-ei em breve - garantiu o coronel.

Depois desapareceu pela porta principal do lar de Nick, seguido por uma fila de oficiais e soldados. Alex ficou a olhar para as costas dele, desejando desfazer-se em lágrimas ou gritar. Era a visão mais medonha que alguma vez tinha tido. E aquela seria a próxima má notícia que teria de partilhar com Nick, dizer-lhe que o seu elegante lar, onde ao longo de seis séculos tinham vivido os seus antepassados, fora requisitado pelo Terceiro Reich e era agora habitado por oficiais e soldados. Com alguma sorte, quando o Reich caísse um dia, se caísse, seria devolvido a Nick. Mas só Deus sabia quando isso seria ou o que lhe fariam entretanto. Alex tremia como uma folha ao regressar a casa.

Estacionou o carro e entrou na sua própria mansão, batendo a porta com força. Marianne, que estava na biblioteca, para onde tinha ido para aquecer as mãos à lareira, ouviu-o e compreendeu, pelo barulho da porta da frente, que tinha acontecido algo de mau. Saiu apressadamente da biblioteca enquanto o pai atravessava o patamar. Trazia escrito nos olhos o desejo de matar alguém.

- Qual é o problema, papá? - perguntou, assustada. Ele baixou a voz para lhe responder. Já não confiava em ninguém, Havia pessoas em todo o lado ansiosas por serem fantoches do Reich e que espiavam as pessoas que conheciam ou para quem tinham trabalhado durante toda a vida.

- O exército acabou de se apoderar da casa de Nick. Estão a mudar-se para lá. Agora não quero que vás para lado nenhum. Não saís desta casa sem mim. Compreendes? - disse-lhe severamente. - Há soldados por

225

todo o lado e ainda vai ficar pior. Podiam vir para aqui e até instalar-se cá em casa connosco. Não quero que eles se aproximem de ti, de maneira nenhuma. Tu não saias desta casa! - repetiu e ela compreendeu que ele tremia de medo e raiva. O medo era por ela e a raiva era contra um governo que tinha violentado tudo o

que ele amava incluindo o seu melhor amigo e o lar dele.

- Como podem eles mudar-se para lá, sem mais nada? - perguntou ela com uma expressão de assombro, quando entraram na biblioteca e o pai fechou a porta.

- Não quero que fales com ninguém. Não faças comentários. Não digas nada. Já não conseguimos saber em quem podemos confiar ou quem nos trairá, mesmo na nossa própria casa.

- Era um reino de medo e roubo. O país tinha sido tomado por alarves que estavam preparados para se apoderar de tudo o que queriam. - Penso que o coronel anda atrás dos nossos cavalos.

E, pior do que isso, Alex estava aterrorizado, temendo que um deles, ou vários, andassem atrás da filha. Ela tinha dezoito anos e era uma beleza, e em breve faria dezanove e temia por ela. Tinha um forte pressentimento de que nada deteria aqueles homens.

Apercebia-se agora de que havia várias coisas que tinha de fazer. Uma delas era escrever a Nick para lhe dizer o que tinha acontecido. E a outra era escrever ao seu velho amigo Lorde Beaulieu, para Inglaterra. Há trinta anos tinham andado juntos na escola e durante muitos anos tinham continuado a ser amigos íntimos. Nick também o conhecia bem.

Pronunciava o seu nome “Byewlee”, como os ingleses, não à maneira francesa. Mas Alex compreendia agora que precisava da ajuda dele. Não podia continuar a ter Marianne na Alemanha durante muito mais tempo.

A carta que escreveu a Nick naquela tarde foi uma das mais difíceis que alguma vez teve de escrever, além do 226

telegrama acerca do pai. E Alex também sabia que tinha de a redigir com cautela, de modo a não despertar as suspeitas dos censores. Mas uma carta para a América talvez não despertasse muito interesse e, em vez de usar o nome completo de Nick, como geralmente fazia, dirigiu-a a Nick Bing, com a esperança de que um censor pouco instruído que a lesse não estabelecesse a ligação. E tentaria transmitir a ideia de que se tratava de um acontecimento fortuito e não do desastre que tanto ele como Nick considerariam.

Devido à delicadeza do assunto, demorou muito tempo a escrever a carta.

Explicou que tinha a certeza de que Nick ficaria satisfeito por saber que a velha mansão próxima da sua tinha sido bem aproveitada. Devido à partida do seu outrora legítimo proprietário e a uma morte recente, tinha sido agora ocupada pelo Terceiro Reich e pelo exército, pelo que haveria oficiais e soldados a viver na casa, os quais já se tinham mudado para lá. Alex disse que finalmente daria mais vida à região e o espírito adequado e que tinha a certeza de que Nick ficaria satisfeito ao receber tão boas notícias. Conseguia imaginar a expressão horrorizada na cara de Nick quando a lesse, mas nada podia fazer.

Achava que ele devia saber. Acrescentou apenas uma frase críptica para o animar. “Tudo isso talvez mude um dia, e decerto mudará, se a família regressar, mas por agora são muito boas notícias”. Não tinham nada de feliz.

E, depois de Alex partilhar outras notícias menores com ele, começou a carta para Charles Beaulieu, que foi igualmente difícil de escrever e cujo encaminhamento era igualmente complicado. Escreveu-a e fechou-a dentro de outra carta dirigida a um colega da escola de ambos que estava em Nova Iorque e em que lhe pedia que reexpedisse a carta para Charles.

Alex tinha quase a certeza de que não conseguia enviar uma carta da Alemanha para Inglaterra agora que estavam em guerra. Seria muito mais

fácil a partir dos Estados Unidos e Alex só podia rezar para que a carta chegasse ao destino. Pedia desculpa ao seu velho amigo Beaulieu por lhe pedir um tão grande favor, mas não tinha mais ninguém a quem pudesse recorrer. Levou as duas cartas para a estação do correio nessa tarde, com a esperança de que chegassem aos seus destinos, em particular a que era dirigida a Charles. Depois foi para casa e sentou-se à lareira com Marianne e tentou tranquilizá-la. Tinha sido um dia angustiante para ambos e de uma coisa Alex tinha agora a certeza: tudo ficaria cada vez pior. Não queria dizer-lho, mas queria a filha fora da Alemanha antes que piorasse. Estava tudo nas mãos de Charles Beaulieu.

228

CAPÍTULO 17

A carta de Alex para Nick chegou e ele compreendeu-a perfeitamente, embora Alex a tivesse classificado como “boas notícias”, o que ambos sabiam que não eram. Nick percebeu com toda a clareza que o Terceiro Reich se tinha apoderado da sua propriedade e que o seu pai estava morto, o que já sabia pelo telegrama. E, como Nick já não existia à face da lei, mas apenas como judeu sem direito aos seus próprios bens na Alemanha, segundo o Reich, os bens e a mansão estavam à disposição de quem lhes deitasse a mão e agora eram dele. Já não detinha a posse das suas terras nem de nada na Alemanha. Não estava apenas deslocado, mas também na miséria, sem a sua herança. Tudo o que tinha era o seu título e o seu nome. Estava menos perturbado do que tinha ficado com a morte do pai mas, mesmo assim, estava chocado. E também compreendeu a referência críptica de que, se o Reich caísse, se perdessem a guerra, a sua terra voltaria para a sua posse. Mas quem sabia se isso aconteceria ou quando? Já não podia contar com nada, apenas consigo mesmo.

E, tal como Christianna e a sua família, o circo era a vida de Nick. Tinha sido deserdado por Adolf Hitler. Ao fim de seis séculos em que a sua família tinha vivido sempre no mesmo sítio, agora não tinha nem país, nem lar. Em pouco mais de um ano, tinha perdido tudo, incluindo o pai. Era difícil de assimilar. Tudo o que lhe restava desse passado eram os filhos.

Nesse mesmo dia contou o que se passava a Christianna, que ficou chocada.

- Eles podem fazer isso? Apoderarem-se da tua casa dessa maneira e instalarem-se nela?

229

- Ao que parece, podem - disse Nick com uma expressão de amargura e raiva. - Agora não tenho praticamente nada, sobretudo na Alemanha. Não tenho motivo nenhum para regressar.

Não quero voltar nunca mais à Alemanha.

Parecia estar a falar a sério e ela lamentou-o.

- Talvez eles percam a guerra.

Mas não parecia. Hitler estava a ser agressivo com todos os países vizinhos, tanto nas suas fronteiras como por toda a Europa, e dava a impressão de querer

engoli-los inteiros.

No dia seguinte Christianna contou ao pai e aos irmãos que a casa da família de Nick tinha sido ocupada pelos nazis e eles ficaram com pena dele. E outras pessoas do circo estavam cada vez mais preocupadas por causa dos seus familiares, em especial os que eram judeus e estavam em países sob o controle de Hitler. Também eles não podiam regressar a casa e temiam pelas pessoas que amavam.

No princípio de fevereiro, Hitler declarou guerra submarina sem restrições contra os seus inimigos, ao mesmo tempo que a Inglaterra decretava o bloqueio à Alemanha. Os submarinos alemães estavam a afundar navios. Não voltara a ter notícias de Alex.

A carta de Alex para o seu amigo em Nova Iorque tinha conseguido chegar às mãos de Charles Beaulieu, no Hertfordshire, três semanas depois, no início de fevereiro, e a resposta de Charles, pela mesma via, demorou mais um mês a chegar a Alex, mas a sua reação foi imediata e sincera. Primeiro, dizia que lamentava a notícia acerca do pai de Nick. Também partilhava a preocupação de Alex sobre o que estava a acontecer na Alemanha e sugeria que Alex mandasse Marianne para Inglaterra o mais depressa possível, se conseguisse fazê-la lá chegar, o que ambos

230

sabiam que não seria fácil. Muitas crianças alemãs tinham sido enviadas para Inglaterra pouco antes do início da guerra, bem como húngaras e polacas, na sua maioria crianças judias, que tinham sido retiradas pelos ingleses nos comboios chamados “Kindertransport”, de transporte de crianças, mas, desde que a guerra fora declarada, há seis meses, não era fácil obter asilo em Inglaterra nem encontrar maneira de as fazer lá chegar. E Marianne não era uma criança. Com dezanove anos, era considerada uma mulher. Por isso, teria de sair da Alemanha como adulta, com todos os riscos.

Tanto o bloqueio britânico como o afundamento de navios pelos alemães tornavam a travessia do canal extremamente arriscada. Mas Alex pensava que mantê-la na Alemanha com soldados a toda a sua volta era pior e preferia correr o risco, embora o coração se lhe apertasse com a ideia. Tinha de fazer chegar

Marianne a França, para atravessar o canal a partir dali ou por uma via mais segura, se conseguisse encontrar alguma.

Charles e a mulher, Isabel, estavam mais que dispostos a recebê-la, na verdade, disseram que ficariam encantados, enquanto durasse a guerra, se necessário. Tinham dois filhos, ambos na RAF, a Real Força Aérea britânica, e não tinham filhas. Charles dizia na carta, extremamente bondosa, que Isabel ficaria encantada com a companhia, pois a vida no Hertfordshire era muito monótona naquela época e raramente viam os filhos. Também garantia a Alex que ela estaria em segurança com eles, tão em segurança como qualquer pessoa podia estar em Inglaterra naqueles tempos, mas sem dúvida mais do que na Alemanha. Dizia que muitas pessoas estavam a mandar os filhos e as famílias para a província sempre que possível, mesmo para viverem com estranhos que se tinham inscrito para os receber. E ele e Isabel estavam a pensar em ter crianças

231

a viver com eles, na sua propriedade, que era muito grande. Charles era o sétimo marquês de Haversham e membro da Câmara dos Lordes. Ele e Alex tinham pertencido à mesma turma na escola.

Alex ficou extremamente aliviado ao receber a carta e tudo o que queria agora era arranjar maneira de pôr Marianne em segurança em Inglaterra, sem alertar ninguém do Terceiro Reich. Mas, como a Alemanha e a Inglaterra estavam em guerra, não podia simplesmente reservar uma passagem e mandá-la ir. Tinha de descobrir uma maneira discreta de a fazer sair. Depois de uma análise cuidadosa do problema, pensou que a melhor maneira seria através da Bélgica, que era neutra. Mas não fazia ideia de quem devia contactar para pôr a engrenagem em movimento. Alex não tinha ligações no governo nem no exército e, embora houvesse alguns aristocratas na Wehrmacht e nas SS, achava que eram quase todos um monte de inúteis malcomportados. Não estava disposto a correr riscos com nenhum deles e decerto nunca quando a sua própria filha estava em causa. Também não tinha ligações na resistência, nem desejava utilizá-las para Marianne. Queria que ela saísse legalmente da Alemanha, com os papéis certos. Ainda andava a pensar nisso quando o coronel veio fazer-lhe uma visita para ver os seus cavalos.

Percorreu as cavalariças e parou, espantado, quando viu os quatro lipizanos que Alex ainda tinha, duas éguas e dois garanhões, de que ele precisava por causa da linhagem.

Eram tão admiráveis como Pluto e Nina tinham sido, embora ligeiramente mais velhos.

- Estão treinados? - perguntou o coronel, com expressão de assombro.

- Completamente, até às instruções em liberdade - respondeu Alex, detestando ter sequer de lhes mostrar, mas não podendo recusar.

O coronel podia fazer tudo o que quisesse.

232

- Posso ver? - perguntou ele, cético, e um dos moços de cavalaria ajudou Alex a trazer os quatro cavalos para a pista principal que ele usava para os treinar.

Desejando impressioná-lo e mostrar-lhe como era insignificante, Alex soltou os quatro cavalos na pista e deu-lhes as ordens para os exercícios rigorosos da Escola Espanhola de Equitação para a qual os tinha treinado. Os cavalos foram excelentes, terminando numa levade, a que se seguiu uma croupade em pares em perfeita simetria. O coronel estava quase de boca aberta quando terminaram.

- Foram treinados por si? - perguntou, na dúvida, e Alex acenou que sim, divertido.

Esteve tentado a dizer-lhe que os aristocratas eram muito melhores a treinar cavalos que soldados, mas não disse nada.

- Normalmente mando-os para a Escola Espanhola de Equitação de Viena, mas fiquei com estes quatro para procriação.

Não falou nos dois que tinham ido no ano anterior com Nick.

- Alguma vez os vende? - perguntou o coronel, com os olhos a brilhar.

Estava a imaginar-se montado num dos dois garanhões. Mas Alex não tinha a intenção de lhe dar nenhum. Teria de se apoderar deles e Alex apercebeu-se de que poderia fazê-lo.

- Não, não vendo. Coloco-os na escola em Viena ou fico com eles para procriação. E ofereci dois. Não estão à venda.

O coronel virou-se para ele com expressão de fúria nos seus olhinhos mesquinhos.

- Compreende que eu podia levá-los todos se quisesse, não compreende? Em nome do Reich.

233

Alex demorou muito tempo a responder, olhando-o com sobranceria. O coronel não o assustava. Alex odiou-o.

- Podia - respondeu Alex devagar - mas não creio que um oficial do exército alemão desejasse exhibir maneiras tão execráveis, em particular entre cavalheiros, a menos que esteja enganado, claro, e os oficiais do Führer não sejam cavalheiros.

Os seus olhos nunca se desviaram dos do coronel ao dizer aquelas palavras e o oficialzinho desistiu imediatamente. Era evidente que desejava desesperadamente um dos lipizanos, mas não conseguia encontrar uma desculpa razoável para os confiscar. Não tinha nenhuma razão para o fazer, o exército não precisava deles e ele não era oficial de cavalaria, que era uma guarda de honra a que não pertencia, e Alex sabia-o. Era oficial do exército regular, a Wehrmacht, nem sequer pertencia às SS, o corpo de elite. Mas um dos lipizanos dar-lhe-ia estatuto e dignidade. Alex percebia como ele os desejava intensamente, o que lhe deu uma ideia. Era ousada, perigosa, mas valia a pena, se resultasse.

- Só os dou a pessoas que são extremamente importantes para mim, como tributo de respeito e da minha admiração por elas. Como o Führer, por exemplo - disse Alex com uma expressão séria, enquanto o coronel acenava. - A propósito, quer montar um dos garanhões? São particularmente fáceis, em especial o grande.

Na realidade, a linhagem do mais pequeno era melhor e tinha aceitado melhor o treino, mas o maior era mais vistoso e notou que o coronel gostava dele e achava que correspondia à importância que atribuía a si mesmo. O coronel anuiu imediatamente ao ouvir a sugestão e Alex ajudou-o a subir para a sela que pôs no cavalo grande. O coronel parecia prestes a explodir de êxtase, cavalgando pela pista um cavalo tão extraordinariamente treinado.

234

- É bom de montar, não é? - comentou Alex descontraidamente depois de o coronel dar várias voltas à pista para depois parar ao lado de Alex, baixando o olhar para ele.

- Daria um cavalo como este ao Führer?

O coronel parecia impressionado, mas não ficaria com nenhum, e seria difícil roubá-lo ao Führer se Alex fosse fazer uma oferta tão extraordinária. Teria de o requisitar ou confiscar, mas compreendia que isso faria dele um ladrão de cavalos aos olhos de Alex, o que ele também não queria. Os aristocratas como Alex tinham-no feito sentir desconfortável durante toda a vida e Alex também se apercebia disso.

- Daria - confirmou Alex -, ou a alguém que respeitasse de igual modo.

Olhou para o coronel montado no garanhão. Os seus olhares cruzaram-se e fixaram-se e o coronel compreendeu imediatamente que Alex queria qualquer coisa dele. Tudo o que tinha a fazer era descobrir o que era e se podia satisfazê-lo com facilidade. Tinha um pressentimento de que Alex estava prestes a dizer-lhe e talvez pudessem chegar a acordo. O

coronel não tinha instrução mas não era estúpido e os dois homens compreenderam-se sem palavras.

- Documentação para viagem e passagem segura para Ostende, na Bélgica - foi tudo o que Alex disse e o coronel olhou para ele atentamente. Era uma cidade portuária e o coronel calculava que seria apenas um ponto de passagem numa viagem para outro local.

- Para um judeu?

Isso ele não poderia fazer, nem mesmo por um lipizano. Não era nenhum traidor e tinha ordens rigorosas a esse respeito, vindas do alto comando.

- De maneira nenhuma. Para uma dama de classe elevada. Os papéis dela estão em ordem.

O coronel compreendeu imediatamente.

- A sua filha? - perguntou em voz baixa.

Alex sentiu-se aterrorizado por reconhecer e colocá-la em risco ainda maior, mas não tinha alternativa. Tinha de dizer, para conseguir tirá-la da Alemanha, e aquela talvez fosse a única maneira de conseguir. Anuiu com a cabeça e o coronel demorou muito tempo a responder, montado no garanhão que tanto desejava ter e que podia ter confiscado, correndo o risco de parecer um alarve aos olhos daquele nobre que parecia destemido e descontraído. Mas podia imaginar perfeitamente o que a filha significava para ele. O

suficiente para desistir de um garanhão sem preço em troca dos papéis para uma viagem para a Bélgica, para a tirar da Alemanha, e provavelmente ir para Inglaterra a partir dali. Se a queria na Bélgica, era provável que a mandasse para Inglaterra, atravessando o canal.

- Consegue arranjar-se - disse em voz baixa. - Quando?

- Quando quiser, o mais depressa possível.

Alex tinha mostrado todos os seus trunfos e rezava para não perder, ou a vida dela e a sua própria estariam em risco. Tinha jogado uma partida de póquer com uma parada altíssima com o coronel e esperava não ter cometido um erro ao fazê-lo.

- Vou pensar no assunto - disse o coronel, e desmontou suavemente. - Voltarei a falar consigo dentro de um ou dois dias.

Depois saiu calmamente da pista e das cavaliças, sem nunca olhar para trás, enquanto o coração de Alex lhe latejava loucamente no peito. Sabia que tinha sido uma loucura dizer o que lhe dissera, sendo Marianne o peão que arriscava. Era um jogo muito perigoso e ainda não tinha acabado. Minutos depois o coronel partia com o seu motorista. Alex ficou nas cavaliças perguntando a si mesmo o que havia de fazer. Só havia uma alternativa. Agora tinha de jogar a partida até ao fim, acontecesse o que acontecesse. Os dados estavam lançados, podia ganhar ou perder.

236

Pôs uma rédea de guia num dos seus cavalos de caça e apertou a sela do lipizano grande. Disse ao rapaz que o ajudava que pusesse os outros três nas suas baias.

Montou o grande garanhão e levou-o para fora da pista, conduzindo o cavalo de caça, enquanto o rapaz olhava para ele com surpresa.

- Onde vai?

- Entregar um presente - disse e depois seguiu a trote pela estrada que conhecia bem até à mansão de Nick.

O cavalo de caça seguiu o garanhão com facilidade e, quando Alex chegou à mansão, prendeu o cavalo de caça a um poste que ele e Nick usavam desde crianças e desmontou. Havia soldados no pátio e viu o automóvel do coronel com as bandeiras. Dirigiu-se a um jovem sargento. Fez uma vénia seca e entregou-lhe as rédeas do garanhão.

- Com os meus cumprimentos ao coronel - disse Alex formalmente. - Por favor lembre ao coronel que se esqueceu do seu cavalo Favory na minha cavalaria. Vim devolver-lho.

O sargento sorriu ao ouvi-lo. Sabia que o coronel não tinha nenhum cavalo como aquele. Nunca tinha visto outro como ele. Era um animal espetacular e parecia perfeitamente calmo e à vontade, de pé no pátio.

- Chama-se Favory, da linhagem original dos lipizanos. Boa tarde, sargento.

Alex fez outra vénia, virou costas e saiu do pátio, soltou o seu cavalo de caça, montou-o e afastou-se. Não fazia ideia se resultaria, mas valia a pena tentar. Tinha arriscado tudo no último jogo.

Não teve notícias do coronel nem nessa noite nem na manhã seguinte e não disse nada a Marianne. Tinha arriscado a vida da sua própria filha e possivelmente também a sua, para a salvar e a mandar para lugar seguro.

237

Quando se sentou para almoçar com ela, chegou um cabo num jipe. Disse que tinha uma carta para o conde von Hemmerle e uma das criadas conduziu-o à presença de Alex, que pegou no envelope e o abriu com mãos trémulas depois de ele sair. Não tinha nenhum bilhete, apenas papéis de viagem para Ostende, Bélgica, assinados pelo coronel, em nome de Marianne.

Eram para o dia seguinte. A partida de póquer tinha resultado. Favory tinha comprado a liberdade de Marianne. Os olhos de Alex encheram-se de lágrimas quando os leu.

- O que é, papá? Algum problema? - perguntou Marianne com expressão preocupada.

- Não - respondeu ele em voz baixa.

Voltou a colocar os papéis dentro do envelope, meteu-o no bolso do casaco e comeu o seu almoço com ela, sempre com toda a correção. Quando acabaram, levou-a para a biblioteca e fechou a porta. Depois explicou-lhe a questão.

- Podes não gostar, minha querida, mas tens de fazer o que eu te digo. Aqui é perigoso para ti, demasiado perigoso. Estas pessoas são capazes de fazer tudo e não quero que ninguém te faça sofrer. Tens de sair da Alemanha agora. Há soldados aqui, demasiado perto de nós. Eles têm as suas próprias regras e tu és uma jovem bela. Vou mandar-te para Inglaterra, para junto dos meus velhos amigos, os Beaulieu. Eles concordaram em receber-te e o coronel deu-me os teus papéis para a viagem. Tenho-os no bolso. Tens de partir amanhã.

Disse-lhe tudo de uma vez só e ela desfez-se imediatamente em lágrimas e tentou argumentar, mas ele não lho permitiu. Queria-a fora da Alemanha o mais depressa possível.

- Oh, meu Deus - disse ela subitamente, olhando fixamente para ele. - O pai deu-lhe o Favory, não foi? Disseram-me hoje de manhã que ele tinha desaparecido. Mas agora só lhe resta um garanhão para procriar.

238

- É mil vezes mais importante ter-te em segurança em Inglaterra. Vou meter-te num comboio para a Bélgica amanhã de manhã. Os papéis que ele me deu permitem-te chegar a Ostende e podes apanhar um ferry para Ramsgate, e daí seguir de comboio para o Hertfordshire. Logo que chegares a Ramsgate estás em segurança. E também na Bélgica, graças ao coronel.

Eu dou-te todo o dinheiro que tenho aqui. Charles toma conta do resto e depois acerto as contas com ele. Tens de ir, minha querida. Não temos alternativa. Pensa em Nick, em Toby e em Lucas e na coragem que eles tiveram. E foram para

muito mais longe para ficarem com pessoas que não conheciam. Tu estarás em segurança e serás feliz com os Beaulieu.

- Mas não posso deixá-lo aqui. Estava horrorizada com a ideia.

- Tens de deixar. Eu fico bem. Não andam atrás de mim. Não somos judeus. Não fizemos nada de errado. Coexistiremos pacificamente até esta guerra medonha terminar e depois podes voltar para casa e continuaremos a nossa vida como antes. Mas quero-te fora da Alemanha antes que piore. Não podemos saber o que Hitler fará.

- E se demorar anos? - perguntou ela, limpando as lágrimas, tentando ser corajosa.

- Se tudo correr bem, não demorará muito. Mas isto é o que temos de fazer.

- Quem tomará conta de si? - perguntou ela, recomeçando a chorar.

Ele sorriu-lhe.

- Eu tomo. Fico bem. Não te preocupes comigo. Não sou um velho como Paul. Não estou doente. Vou apenas ficar aqui, à tua espera.

Ela acabava de fazer dezanove anos e ele não fazia ideia de quando voltaria a vê-la, mas estava absolutamente decidido a privar-se do prazer da sua companhia para o bem dela própria.

239

- Tens de preparar a tua bagagem esta noite. Não leves muita coisa, pois terás de ser tu a transportar as malas. Leva o que precisas. E, se esta noite alguém te perguntar alguma coisa, diz que vais visitar uns amigos em Berlim, para assistires a uma ou duas festas.

Naquela época, Berlim era uma cidade muito animada, em que os oficiais e belas mulheres iam a celebrações e festas cheias de sedução. Conversaram durante mais alguns minutos e depois ele mandou-a para o quarto, para fazer as malas. Alex sentou-se numa cadeira e fixou o olhar na lareira durante muito tempo. Tinha sido um jogo aterrorizador, mas correra bem. E, embora fosse sentir terrivelmente a falta de Marianne, sabia que tinha feito o que devia para o bem

dela.

240

CAPÍTULO 18

Quando Alex levou Marianne à estação, às sete horas da manhã seguinte, eram sobretudo soldados e alguns agricultores idosos que entravam no comboio. Ela era a única mulher e durante um minuto pareceu entrar em pânico, com uma mala em cada mão, que pousou no chão do seu compartimento. Alex tinha-lhe comprado um bilhete de primeira classe e ela parecia muito adulta, com um casaco comprido azul-escuro, um chapéu preto com um pequeno véu sobre o rosto e sapatos pretos de salto alto muito senhoris. Assim vestida, parecia muito séria, de alto nascimento e reservada. Ele tinha-lhe dado instruções para que escondesse na roupa a maior parte do dinheiro que lhe tinha dado e que guardasse apenas uma pequena quantia na bolsa.

- Vais ficar muito bem - tranquilizou-a o pai.

Já lhe tinha entregado os documentos para a viagem e o passaporte, além de uma quantia em dinheiro que lhe pareceu sensata. Ela segurava a carteira com força e olhava para o pai com os olhos cheios de lágrimas. Mal conseguia falar. Não fazia ideia de quando voltaria a vê-lo e tentava registar na memória a imagem dele com todos os pormenores.

- Vou sentir tanto a sua falta, papá! - disse, abraçando-o e agarrando-se a ele.

- Também eu sentirei saudades tuas - disse ele, tentando manter a voz forte, por causa dela e a expressão do rosto mais calma do que sentia. - Charles vai escrever-me através de amigos em Nova Iorque para me dizer que chegaste. Tem cuidado, Marianne. Não converses com ninguém.

Depois da mudança de comboio na fronteira, chegaria a Ostende passadas nove ou dez horas e atravessaria o 241

canal naquela mesma noite, a caminho de Ramsgate, apanharia outro comboio e

estaria em Hertfordshire de manhã. Teria de apanhar um táxi da estação até à residência dos Beaulieu, porque eles não sabiam que ela ia chegar e ele não tinha maneira de os informar. Mas Alex sabia que ela era responsável e suficientemente empreendedora para lá chegar pelos seus próprios meios. Só desejava que nenhum dos soldados a incomodasse pelo caminho. Os seus papéis estavam em ordem. Ele próprio os conferiu. E, tendo sido assinados por um coronel do alto comando, ninguém ousaria causar-lhe problemas.

- Porta-te bem, Marianne - disse em voz enrouquecida quando o apito do comboio soou.

Abraçou-a impetuosamente uma última vez e depois saiu do compartimento e saltou para fora do comboio. Ela abriu a janela e inclinou-se para ele, com o chapéu ligeiramente de lado. Estava bela e ele sabia que, na sua mente, a veria sempre daquela maneira. Aquela recordação teria de durar até a Alemanha ser um lugar seguro para onde ela pudesse regressar.

- Amo-o, papá! - gritou ela quando o comboio arrancou.

Ele deu um passo atrás, acenando-lhe com um sorriso rasgado e com a esperança de que ela não visse as suas lágrimas.

- Também te amo! - gritou ele em resposta, quando começava a desaparecer com a estação.

As lágrimas corriam pela cara de Marianne, que estava sozinha no seu compartimento. Nessa altura, já ele não passava de um ponto. O comboio descreveu uma curva e ele desapareceu por completo. Fechou a janela e sentou-se no banco, chorando em silêncio. Ainda não conseguia acreditar que ele a tinha obrigado a partir para ir ter com pessoas que mal conhecia.

Nem sequer conseguia recordar-se dos Beaulieu nem de qual era o aspeto deles e agora ia ter de viver com eles, talvez durante anos. Tudo o

que queria era voltar para casa e esconder-se debaixo dos cobertores ou ir à procura do pai nas cavalariças. Ia abandonar tudo o que estimava e que conhecia e ia para junto de gente desconhecida num país desconhecido. E nessa altura pensou em Nick e em Toby e lembrou-se do que o pai tinha dito sobre a coragem que eles tinham tido, quando haviam partido há dezasseis meses. Parecia que tinham ido embora há muito mais tempo. Logo que chegasse a Inglaterra, ia

escrever a Toby e contar-lhe o que lhe tinha acontecido.

Alex saiu da estação de cabeça baixa e com as lágrimas a correr pelo rosto. Meteu-se no automóvel, sentindo-se como se tivesse mil anos, e seguiu lentamente para casa. Agora não tinha nada por que ansiasse, nada que esperar, ninguém que chegasse a casa à noite, até ao fim da guerra. Passou diante da mansão de Nick e viu todos os soldados de pé no exterior, a conversar e a entrar e sair. Ao passar, viu o coronel que saía do pátio montado em Favory e abrandou para o observar. O coronel virou-se e olhou para ele e Alex fez-lhe uma elegante saudação, num gesto de agradecimento. O coronel retribuiu a saudação e Alex seguiu viagem para casa, pensando na filha que ia a caminho da Bélgica.

Tinha sido um bom negócio. O melhor da sua vida.

Quando Marianne chegou à fronteira da Bélgica, mudou de comboio, transportando as suas duas malas. Eram pesadas, mas podia com elas. Teve um minuto de confusão, sem saber em que linha estaria o seu comboio. Pediu informações e depois encontrou-o e instalou-se no compartimento. Tinha passado pela alfândega sem problemas e o comboio ia diretamente para Ostende. Dormitou pelo caminho e não comeu em todo o dia. Sentia-se mal sempre que pensava que tinha deixado o pai. Ainda se lembrava da cara dele na estação. Acordou algumas vezes

243

a chorar e, quando chegaram a Ostende, estava exausta. Teve de apanhar um comboio para o ferry, para o qual também iam vários outros passageiros. Estava a chover, mas o mar parecia calmo quando lá chegou. Ouvira histórias de horror acerca da travessia do canal da Mancha, mas estava uma tranquila noite de luar e ficou no convés, vendo a Bélgica a desaparecer atrás de si. A Alemanha já parecia estar a anos-luz de distância. Os passageiros tinham sido avisados de que podiam ser torpedeados, embora fosse improvável, sendo um ferry belga, mas pelo sim, pelo não, tinha um colete de salvamento.

O pequeno ferry demorou uma hora até Ramsgate e era quase meia-noite quando chegaram. Um funcionário aduaneiro solitário carimbou-lhe o passaporte e,

embora ela fosse alemã, deixou-a passar. Era bonita e jovem e ele decidiu ser indulgente. Podia tê-la impedido de continuar para investigar, mas não o fez. Estavam dois táxis estacionados no cais e apanhou um deles para a estação de caminho-de-ferro, onde teve de esperar uma hora até chegar o seu comboio. Foi então que, pela primeira vez em todo o dia, finalmente comeu.

Estava esfomeada. Não comia desde as seis da manhã. Comeu uma sanduíche de salsichas e pediu uma chávena de chá. Quando regressou à plataforma com as malas, o comboio estava a entrar na estação. Entrou e instalou-se no compartimento iluminado apenas com uma luzinha azul. Já estava uma mulher no banco oposto, a dormir profundamente, quando ela pousou as malas e um carregador a ajudou a pô-las num porta-bagagem superior. Depois sentou-se e observou a escuridão enquanto percorriam os campos britânicos. Naquele dia tinha estado em três países. Finalmente adormeceu.

O revisor acordou-a quando estavam a entrar em Hertfordshire e ela voltou a pôr o chapéu sem se pentear. Estava demasiado cansada e triste para se incomodar com o aspeto.

Já sentia imensas saudades do pai. Tinha trazido

244

na mala uma caixa cheia de fotografias dele e algumas da mãe. Encontrou facilmente um táxi na estação. Eram oito horas da manhã, vinte e cinco horas depois do início da viagem.

A saída da Alemanha tinha sido fácil com os papéis que o coronel tinha dado ao pai em troca do garanhão lipizano. A sua vida em troca de um cavalo.

Na estação, disse ao motorista que ia para o Castelo de Haversham e ele olhou de relance para ela pelo espelho retrovisor. Era um homem idoso e conduzia o táxi há muitos anos.

Não lhe perguntou de onde vinha, dava a impressão de não querer conversar e foi observando a paisagem à sua volta. Havia vacas nos pastos, carneiros e campos, e algumas casas espalhadas aqui e ali. Por fim, avistou o castelo. Era dez vezes maior que a mansão deles e tinha um aspeto aterrorizador, como se estivesse cheio de fantasmas e gente assustadora.

Quando chegaram ao portão da frente, que estava aberto, ia com vontade de se desfazer em lágrimas. O velho automóvel muito mal tratado entrou no pátio e ela saiu. Pagou ao condutor e ele afastou-se enquanto ela batia à porta principal com a enorme aldraba de bronze. Ali de pé entre as suas duas malas, não fazia ideia do que devia esperar. Apareceu um mordomo de sobrecasaca. Ela tinha a roupa toda engelhada e estava exausta, com o chapéu meio descaído sobre o seu cabelo louro.

Ela olhou para ele com enormes olhos assustados e quase se engasgou, ao dizer o seu nome num sussurro.

- Marianne von Hemmerle. Creio que a senhora marquesa de Haversham está à minha espera. - O seu inglês e as suas maneiras eram excelentes, mas parecia uma órfã e ele teve pena dela. Pegou nas malas e levou-a para o vestíbulo, que era um corredor comprido e escuro cheio de retratos dos antepassados. Era um sítio sombrio e gélido, que dava para uma pequena sala de visitas perto da porta principal. Deixou-a ali e foi logo direito ao jardim, 245

à procura da marquesa, que já estava a jardinar, que era o que fazia durante a maior parte do tempo. Era uma mulher de aspeto juvenil, um rosto de rapariga e cabelo prematuramente branco como a neve, que usava numa comprida trança caída pelas costas. Vestia um velho casaco de xadrez, botas de jardinagem amarelas e um suéter grosso. O mordomo fez uma vénia delicada logo que se aproximou dela. Parecia muito mais respeitável do que ela.

- Senhora marquesa, chegou uma jovem senhora à vossa procura. Miss von Hemmerle. Pelo aspeto, parece ter feito uma longa viagem - disse compreensivamente. - Chegou de táxi e creio que veio da estação de comboio, com duas malas. Levo-a para cima, para um quarto?

Estava habituado a pessoas que iam e vinham a Haversham. Os Beaulieu eram pessoas hospitaleiras e recebiam com frequência os amigos, os amigos dos filhos e pessoas que mal conheciam.

- Oh, meu Deus! - exclamou a marquesa, que largou os utensílios de jardinagem e correu para a porta da sala onde Marianne estava sentada com expressão aterrorizada.

Quando a mulher de comprida trança branca invadiu a sala Marianne pôs-se de pé, recordando vagamente que a tinha conhecido em criança. Nessa altura era

muito magra, muito atlética, muito britânica e muito bonita, num estilo aristocrático descuidado. E, antes que Marianne pudesse dizer uma única palavra, a mulher pôs os braços à volta dela e abraçou-a e depois recuou para a observar e acariciou-lhe meigamente o cabelo louro emaranhado.

- Minha pobre querida. Fizeste uma viagem terrível?

Toda ela era compreensão e bondade. Ao mesmo tempo, dois grandes cães de caça entraram na sala a abanar as caudas, logo seguidos por um Jack Russell Terrier que ladrou à dona e à convidada.

246

- Oh, Rupert, Para com isso! - gritou ela ao pequeno cão e depois voltou a preocupar-se com Marianne, insistindo para que ela viesse para a sala dos pequenos-almoços, para comer qualquer coisa e beber uma chávena de chá.

- William, por favor peça à cozinheira que prepare um pequeno-almoço em condições e um bule de chá - disse. - Lamento, querida, estamos há dois meses com racionamento, mas ela há de arranjar qualquer coisa.

O mordomo desapareceu imediatamente e Isabel levou Marianne para a sala de estar. Esta deixou-se cair ao lado de Isabel num sofá estofado de veludo azul e olhou em volta.

Havia chitas alegres e cores suaves por todo o lado, uma lareira enorme, uma parede coberta de livros e, pelas janelas e pela porta aberta Marianne via jardins, árvores e um lago e os belos terrenos do castelo. Tinha a sensação de que tinha aterrado num sonho, decerto o sonho de outra pessoa, não o dela, enquanto a sua anfitriã se sentava ao lado dela a segurar-lhe a mão e tentando que ela se sentisse à vontade. Nunca tinha conhecido ninguém com um olhar tão bondoso. Nela tudo era acolhedor e caloroso, e pontuava tudo o que dizia com risadas e pequenas gargalhadas, piadas tontas, e depois ralhava com os cães. E, quando o delicioso pequeno-almoço chegou num enorme tabuleiro de prata, Marianne olhou para ela de olhos arregalados. A cozinheira tinha preparado papas de aveia, scones, e um pouco de compota que andava a guardar.

- Muito obrigada por me receber. Lamento ter aparecido de surpresa.

- Nós estávamos à tua espera - disse Isabel Beaulieu com um sorriso caloroso. -

Agora come e depois eu levo-te ao teu quarto para poderes instalar-te.

Enquanto falava, um dos cães de caça roubou um pedaço de scone e Isabel ralhou-lhe e depois riram-se as 247

duas. Apesar do enorme e intimidante castelo em que viviam, nunca em toda a sua vida Marianne tinha conhecido uma mulher tão bondosa e acolhedora. Era como a mãe que nunca tinha tido e sempre desejara ter. E estar ali não era absolutamente nada assustador.

- E como está o teu pai? Charles estava bastante preocupado por vossa causa.

- Está bem - disse Marianne entre dentadas, enquanto os cães olhavam para ela melancolicamente, na esperança de mais um bocado de scone, mas Marianne comeu tudo. Estava esfomeada.

- Deu um cavalo para me tirar da Alemanha, um lipizano - disse, e Isabel olhou para ela, surpreendida.

- Bem, aparentemente resultou e aqui estás. Charles vai ficar muitíssimo contente. Estávamos muito preocupados, sem sabermos quando chegarias. Foi uma altura muito boa para sair da Alemanha, com aquele homenzinho medonho a atacar toda a gente. Vamos pô-lo no seu lugar não tarda nada. Sabes, os meus rapazes estão na RAF - disse com orgulho.

Entretanto Marianne terminou o seu pequeno-almoço e os cães afastaram-se, desolados. Estava embaraçada com a fome que trazia. Tinha comido tudo.

- Agora vou levar-te ao teu quarto para poderes descansar um pouco - disse Isabel, como se Marianne tivesse chegado de Londres para passar o fim de semana.

Consciente de que poderia ficar ali durante muito tempo, e era o mais certo, tinha-lhe dado o seu melhor quarto de hóspedes.

Marianne subiu atrás dela uma larga escadaria de mármore até um quarto no andar de cima e, quando Isabel abriu a porta, Marianne viu uma enorme cama de dossel com uma colcha cor-de-rosa às flores e belas cadeiras de cetim cor-de-rosa. Era um quarto adequado para uma princesa ou uma rainha e, sem pensar, abraçou Isabel e deu-lhe um beijo na face, agradecendo-lhe.

- Sempre quis ter uma filha - confessou Isabel, e depois mostrou-lhe uma bela casa de banho de mármore branco com uma banheira enorme. Poucos minutos depois, uma jovem criada irlandesa de uniforme preto, avental e touca de renda veio preparar-lhe um banho, e depois, com abundância de abraços, promessas de vê-la mais tarde e recomendações de que descansasse enquanto quisesse, deixou Marianne sozinha, que deu uma volta àquele belo quarto e ficou diante da janela a olhar para os terrenos circundantes. Era o sítio mais imponente que ela alguma vez vira, mas, ali parada a olhar para os cisnes no lago, Marianne sentiu saudades do pai e da sua velha mansão cheia de correntes de ar. Tudo aquilo era magnífico, mas não era o seu lar. Isabel era muito simpática e tudo era perfeito, apesar da guerra. Ao contemplar os jardins de que Isabel se orgulhava tanto e nos quais trabalhava tão afanosamente, as lágrimas correram pelas faces de Marianne e tudo o que queria era ir para casa.

CAPÍTULO 19

Depois de almoçar com Isabel, em tabuleiros de prata, na sala dos pequenos-almoços, e de, à tarde, conhecer Charles, de quem também se recordava vagamente, Marianne jantou com eles na enorme sala de jantar, onde se sentaram numa das extremidades da desmedida mesa de jantar que, segundo Isabel, dava para quarenta e duas pessoas. Nessa noite, quando foi para o quarto, Marianne escreveu ao pai por intermédio do amigo em Nova Iorque, para lhe dizer que estava tudo bem, que a casa era bela e que eram muito simpáticos para ela e também para lhe agradecer tê-la mandado para ali. Disse tudo de forma codificada para que os censores não desconfiassem, dando origem a problemas para o pai. Escreveu também a Toby e disse-lhe a verdade, que o pai tinha querido mandá-la para fora da Alemanha, para junto de amigos dele em Inglaterra, pelo que agora também estava no exílio.

Contou que estava numa casa muito bela e que as pessoas eram muito gentis com ela, mas que sentia terrivelmente a falta do pai e da sua casa, apesar de ser perigoso estar lá. Não disse que havia soldados a viver na casa dele, para não o

perturbar. Mas disse que compreendia agora como ele devia ter-se sentido solitário ao princípio e como devia ter sido difícil irem trabalhar para o circo. Contou que a vida com os Beaulieu não tinha nada a ver com o circo, mas que se sentia como a Alice no País das Maravilhas a cair pelo buraco do coelho. Agora nada lhe parecia real, exceto a guerra. Falou-lhe da viagem de algumas horas pela Bélgica na véspera e de como tinha sido perturbadora. Pedia-lhe que lhe escrevesse e disse-lhe que sentia muitas saudades de casa, coisa que não tinha dito ao pai para não o preocupar e para não parecer que não lhe estava grata.

250

Mas dizia que nunca se tinha sentido tão deslocada em toda a sua vida. E referiu que os seus anfitriões, os Beaulieu, tinham dois filhos na RAF, dos quais estavam muito orgulhosos, mas que ainda não os conhecia. Até lhe falou nos cães e disse-lhe que o pai tinha trocado o garanhão Favory pelos papéis para a sua viagem. Pediu a William, o mordomo, para meter as duas cartas no correio no dia seguinte, o que ele prometeu que faria.

A carta dela demorou um mês a chegar às mãos de Toby, que estava em Nova Iorque, na primeira paragem da digressão. O correio era enviado de Sarasota para os vários pontos de paragem. Quando leu a carta, Toby ficou chocado ao saber que também ela tinha saído da Alemanha. Disse ao pai quando estavam a escovar os cavalos nessa tarde, antes do espetáculo da noite no Madison Square Garden.

- Ele mandou-a para Inglaterra? - Nick estava espantado com o que Toby lhe disse. Era evidente que as coisas estavam ainda pior do que ele pensava, para Alex ter mandado Marianne para fora. Sabia que, se não fosse assim, Alex não teria feito tal coisa. - Ela disse com quem está? Pessoas que o pai conhece ou estranhos, algures no campo?

Nick estava cheio de curiosidade e mal conseguia imaginar como Alex devia sentir-se solitário sem ela. Agora também tinha pena dele.

- Está numa espécie de castelo - disse Toby vagamente - com uma família chamada Beaulieu. Têm dois filhos e muitos cães.

Tinha selecionado todas as informações que lhe pareciam pertinentes e Nick riu-

se.

- Oh, meu Deus, Charles - disse, reconhecendo imediatamente o nome. - Andei a estudar com ele, embora ele tivesse mais alguns anos que eu. São pessoas encantadoras e Marianne tem razão. Têm um castelo enorme. Bem, ela sentir-se-á sem dúvida confortável enquanto

251

espera pelo fim da guerra. Alex não podia ter escolhido pessoas melhores para a acolherem. Isabel vai adorá-la. É uma doçura de mulher - disse Nick com um sorriso nostálgico, a pensar nas vidas estranhas que todos tinham agora.

Ele e os rapazes estavam no circo, Marianne estava em Inglaterra com os seus velhos amigos dos tempos de estudante e Alex estava completamente sozinho. Agora, Nick estava ainda mais preocupado com ele, sabendo como ele devia sentir terrivelmente a sua falta. Pelo menos, ele estava com os filhos, por muito estranha que a sua vida fosse, a atuar num circo. E estava feliz com Christianna. Nunca tinha sido tão feliz em toda a vida. E agora que a família dela sabia tudo a seu respeito, tinha-o aceitado e eram todos muito simpáticos com ele e com os rapazes. Jantavam com a família dela com frequência.

Na semana seguinte, Nick recebeu a carta que Alex lhe tinha escrito, que era críptica mas que lhe contava essencialmente a mesma história. Não mencionava a troca de Favory pela saída de Marianne em segurança, mas Nick calculou, com razão, que devia ter havido uma estratégia complexa no assunto. Alex dizia que ainda estava à espera da confirmação de Charles, por Nova Iorque, mas tinha a esperança de que ela estivesse bem. Na realidade, Nick tinha sabido que ela tinha chegado em segurança antes de Alex e sabia que era sem dúvida uma situação difícil para ele.

Pouco depois de receber a carta em abril, souberam que Hitler tinha invadido a Noruega e a Dinamarca. E que a R.A.F estava a bombardear navios alemães ao longo da costa da Noruega e campos de aviação alemães. Estava desencadeada a guerra total. Um mês depois, quando o circo estava na Pensilvânia, as notícias foram muito piores. Hitler tinha invadido a França, a Bélgica, os Países Baixos e o Luxemburgo. Cinco dias depois, a Holanda rendia-se 252

aos nazis, Hitler estava a devorar a Europa. Entretanto, em Inglaterra Winston Churchill era agora o primeiro-ministro.

Por vezes Nick falava com Christianna sobre as notícias. Parecia que nada conseguia deter os nazis, ou ainda não tinha conseguido, e começava a ser impossível acreditar que a Europa recuperaria. Nick estava mais do que nunca preocupado com Alex, em especial agora que estava sozinho. Perguntava a si mesmo o que ele fazia, para além de tratar dos cavalos. A vida de Nick no circo era cheia, com os filhos, Christianna e os ensaios, os espetáculos e as digressões. Ainda não tinha falado nela a Alex e sentia-se culpado por isso. Agora que Marianne estava em Inglaterra, ela e Toby trocavam correspondência com mais frequência. Era mais fácil a circulação de cartas entre os Estados Unidos e a Inglaterra. As cartas de Alex para eles e para a filha tinham de seguir um percurso muito mais tortuoso, indo por Nova Iorque, pois os Estados Unidos não tinham entrado na guerra.

Marianne conheceu Simon, o filho mais novo de Charles e Isabel, em maio, dois meses depois de ter chegado. Ele tinha vinte e dois anos, era piloto de aviões de combate na RAF e tinha-se apaixonado em Londres por uma enfermeira do exército canadiano que tinha conhecido numa festa cujo anfitrião tinha sido o seu próprio esquadrão. Isabel dizia que ele estava louco por ela. Foi muito simpático com Marianne quando a conheceu, embora só tivesse passado uma noite com os pais e estivesse ansioso por regressar a Londres.

Estava aquartelado no Campo de Aviação de Biggin Hill, nos arredores de Londres.

Conheceu também o filho mais velho, apenas com um ano de diferença, Edmund, em junho, quando ele veio passar um fim de semana prolongado com eles, por 253

estar de licença. Também era piloto da RAF e dirigia bombardeiros Wellington, em missões especiais. Já tinha realizado sete missões de reconhecimento sobre alvos confidenciais na Alemanha. Isabel andava constantemente preocupada por causa dessas missões. Tratava-os a todos como crianças e Edmund e Marianne riram-se por causa disso numa tarde em que ele a convidou para dar um passeio pelos terrenos da propriedade. Era parecido com o pai, mas tinha a bondade e o

riso fácil da mãe. Perguntou a Marianne se ela se sentia muito sozinha ali. Ela nunca tinha dito tal coisa à mãe dele, mas a verdade é que ainda se sentia. E tinha saudades do pai.

- Afinal, o teu lar não é aqui. E deves achar-nos todos muito estranhos. Isto não é a tua casa, nem a tua língua nem o teu país. É muito normal que sintas saudades - disse ele, cheio de compreensão. - E isto aqui é tudo muito velho, grande e cheio de correntes de ar - disse, referindo-se ao notável castelo em que tinha crescido.

- Sinto-me tão culpada quando fico triste - reconheceu ela.

Era fácil conversar com ele, que também era de uma beleza notável. Tinha cabelo escuro e olhos verdes e ficava muito elegante de uniforme. Tratava-a como uma amiga e ela divertia-se a fazer coisas com ele quando ele vinha passar o fim de semana a casa. Levava-a à pesca num lago próximo e a passear pela charneca e ensinou-a a ordenhar uma vaca numa das suas quintas, o que ela nunca tinha feito sozinha. As suas vidas até à idade adulta tinham sido semelhantes, exceto que a casa dele era muito mais grandiosa que a dela. Mas era uma pessoa simples e despretensiosa e de grande sentido prático, o que ela apreciava muito nele. Lembrava-lhe um pouco Toby, com a diferença de que tinha mais quatro anos que ela, em vez de dois anos menos, e tratava-a quase sempre como se fosse uma garota.

254

- Tenho dezanove anos! - queixava-se ela. - Não tenho doze!

Desafiou-a mesmo a fazerem uma corrida pela alameda principal do jardim depois de terem feito uma aposta sobre quem corria mais depressa.

- Fizeste batota! - acusou-o ela, a rir e ofegante.

- Não fiz nada!

E depois fez com que ela se perdesse no labirinto do jardim e ela ameaçou-o de morte se não a tirasse dali, depois de passar uma hora ao sol. Por fim, ele teve piedade dela e mostrou-lhe o caminho para a saída. Gostavam de estar juntos, como duas crianças, enquanto ele lá estava, e Isabel comentou mais uma vez com Charles que ela era muito boa menina e que Edmund gostava muito de estar

com ela. Achava que Marianne era boa para aliviar o stresse dele depois da tensão das missões. Isabel sentia-se feliz ao vê-lo tão descontraído e Marianne parecia finalmente sentir-se feliz. Tinha andado triste desde que tinha chegado.

- Ela não é uma menina, Izzie - corrigiu o marido. - É uma mulher e muito bonita. O nosso filho não é cego, como tu sabes, e tenho a certeza de que também já deu por isso.

- Penso que não - disse ela inocentemente. - Eles andam há dois dias a brincar como crianças.

Tinha feito bem aos dois. Quando terminou o fim de semana, Marianne não estava tão saudosa de casa e Edmund tinha tido algum descanso das suas missões a voar sobre a Alemanha.

Marianne ficou triste ao vê-lo partir no domingo à tarde.

- Com quem vou brincar quando te fores embora? - disse ela tristemente quando ele veio despedir-se.

Estava mais uma vez de uniforme e parecia muito mais adulto do que quando brincava pelos campos com ela. Ela gostava mais dele como companheiro de brincadeiras do que vestido formalmente.

255

- Lamento, mas vais ter de te divertir sozinha - disse ele com um sorriso agarotado. - Também podes perseguir os cães à volta do lago. Podes voltar a ordenhar as vacas, se quiseses.

Mas nada seria tão divertido sem ele. Para eles era fácil estarem juntos e tinham tido algumas conversas sérias acerca da guerra. Ele sentia-se tocado por ela ter crescido sem mãe e, apesar de tudo, parecer tão normal. Numa manhã em que tinham ido dar um passeio a cavalo, ele ficou impressionado por ela ser uma cavaleira tão hábil. Não lho disse, mas cavalgava melhor que ele.

Prometeu regressar quando voltasse a estar de licença e, depois da sua partida, a casa pareceu demasiado silenciosa. Marianne disse precisamente isso a Isabel, que a deleitou com histórias de todas as travessuras que os filhos tinham feito quando eram novos. Concordou que a casa ficava horivelmente séria e

sossegada sem as maroteiras deles.

Nos dias a seguir à visita de Edmund, a Itália entrou na guerra contra a Grã-Bretanha e a França. A França foi derrotada pelos alemães. Marianne sentia-se grata por ter saído da Alemanha quando saiu. Agora não poderia ter saído pela Bélgica, que estava ocupada. E duvidava de que o coronel lhe tivesse proporcionado uma passagem segura, mesmo em troca de um garanhão lipizano. O pai tinha-lhe escrito que o coronel agora percorria todo o condado montado em Favory, o que o fazia sempre sorrir e pensar nela.

Isabel dizia com frequência que ficava doente só de pensar em Paris, uma cidade tão bela, nas mãos dos alemães. No fim de junho apareceram fotografias na imprensa de Hitler a passear-se por Paris, o que a enraiveceu ainda mais. Entretanto, o General de Gaulle era reconhecido como o líder das Forças Francesas Livres, que se opunham ao marechal Pétain, que chefiava o governo de Vichy-256

Isabel considerava-os traidores por terem entregado tão facilmente a França aos alemães. Pelo menos, de Gaulle estava disposto a resistir e estava a organizar a França Livre a partir de Londres.

Isabel, Charles e Marianne tinham esperança de que os rapazes voltassem a casa em julho, mas a batalha da Grã-Bretanha começou e eles estavam demasiado ocupados a cumprir missões de retaliação e nunca tinham licenças. Um mês depois, em agosto, os alemães começaram a bombardear campos de aviação e a realizar raids diários e missões de bombardeamento sobre a Inglaterra e, em finais de agosto, a Luftwaffe bombardeou o centro de Londres pela primeira vez. Depois Simon telefonou para casa e, com voz muito emocionada, disse à mãe que a jovem enfermeira com quem andava tinha sido morta. Parecia destroçado e Isabel teve imensa pena dele.

Dois dias depois do bombardeamento de Londres, a RAF bombardeou Berlim e, embora não tivessem confirmação, Isabel tinha o pressentimento de que Edmund fazia parte dessa missão.

Depois disso, ele veio finalmente a casa, por dois dias. Havia mais de dois meses que não vinha a casa e todos ficaram felizes por o verem. Simon não voltara desde que a namorada tinha sido morta, mas não tinha tido nenhuma folga. Sentiram-se gratos por verem Edmund vivo e de boa saúde. Ele parecia cansado

e reconheceu que não tinha dormido muito nos últimos tempos, mas estava bem-disposto.

Ele e Marianne foram nadar no lago mas, nessa ocasião, tiveram conversas mais sérias que antes, sobre a guerra, sobre a morte e como era viver numa incerteza constante. Ele disse que estava contente por ela não estar em Londres e que a devastação tinha sido medonha. Disse que ver tudo aquilo e todas as pessoas que tinham ficado feridas tornava mais fáceis as suas missões de bombardeamento sobre a Alemanha, apesar de detestar a ideia de que 257

ia fazer mal a mulheres, crianças e civis e não apenas a bases do exército e a alvos militares. Marianne achou-o mais sério do que em junho. Era uma forma muito dura de amadurecer.

- E tu? - perguntou-lhe ele meigamente. - Ainda tens saudades de casa?

Nessa altura, ela já ali estava há seis meses e estava mais adaptada, além de que adorava a mãe dele.

- Ela é muito boa pessoa - disse Marianne com evidente admiração por Isabel. - Sinto remorsos por me terem às costas. Podem demorar anos até eu voltar para casa.

Por vezes sentia-se embaraçada por ser um fardo tão grande para eles. E Charles tinha de lhe dar dinheiro de bolso, que o pai tencionava pagar mais tarde, mas ela não se sentia à vontade por ficar ali tanto tempo.

- Precisas mesmo de vencer esta guerra, para eu poder ir para casa - disse-lhe ela de brincadeira, quando passeavam pelos jardins.

Ele sorriu.

- Agrada-me bastante que estejas aqui - disse ele, olhando para ela. - Na verdade, gosto mesmo muito, por isso talvez não vença a guerra por enquanto.

Pegou-lhe na mão e segurou-lha enquanto passeavam. Ela parecia surpreendida, mas desta vez ele não andava tão brincalhão. A guerra estava a abalar os nervos de toda a gente, até de Izzie, que andava agora constantemente preocupada com os filhos. Todos queriam que a guerra acabasse, em especial Marianne, que andava ansiosa por causa do pai.

Antes de partir, Edmund levou outra vez Marianne a dar um passeio e olhou muito sério para ela.

- Se me acontecer alguma coisa, tomas conta da minha mãe, tomas, Marianne? Ela ama-te e seria muito duro para ela se alguma coisa acontecesse a algum de nós, a mim ou a Simon.

258

Era uma tremenda responsabilidade que ele lhe confiava e depois sobressaltou-a ainda mais.

- Na realidade, pensei que devia dar-te a conhecer, antes de partir, que a minha mãe não é a única pessoa que se apaixonou por ti. Penso que também estou apaixonado por ti.

Desde junho que não deixo de pensar em ti.

Por um momento, Marianne ficou sem saber o que dizer. Até então, tinha pensado nele como amigo, como Toby. Perguntou a si mesma se o facto de ser confrontado com a morte todos os dias o tornava mais intenso a respeito de tudo mas, quando ele a contemplou fixamente, também se sentiu estremecer por dentro e, quando se apercebeu, estava nos braços dele e estavam a beijar-se. Quando se separaram para respirar, ela estava ofegante e olhou para ele também com um ar muito sério.

- Por favor, mantém-te vivo, Edmund... Penso que também te amo.

Tudo tinha acontecido muito depressa e ele era sem dúvida um belo homem, mas ela amava o seu lado agarotado e o gosto pelo divertimento, o seu enorme sentido de humor e bondade.

Era muito parecido com a mãe.

- Darei o meu melhor, e agora que temos isso resolvido, devo dizer-te que não “penso” que te amo: eu sei que te amo. Só não queria assustar-te quando o disse.

- Obrigada - disse ela com um sorriso tímido, cabelo louro despenteado a emoldurar-lhe o rosto como um anjo. - Também te amo. E falei a sério. Por favor, mantém-te vivo, eu preciso de ti.

Já tinha perdido demasiadas pessoas que estimava e agora que acabava de o encontrar, não queria perdê-lo.

- Eu não vou morrer - disse ele em voz baixa. - Não te faria tal coisa.

- É uma promessa? - perguntou ela, olhando-o de frente, quando se aproximavam de casa.

259

- Uma promessa solene - disse ele, olhando-a nos olhos.

- Espero que a cumpras.

- Podes confiar.

Depois ele beijou-a e abraçou-a por um instante, desejando senti-la junto de si.

- Regresso logo que puder. Neste momento não me dão muitas folgas, mas volto logo que me deixarem.

Ela fez um aceno de assentimento e beijaram-se uma última vez. Entraram em casa com uma expressão de inocência que não enganou o pai dele nem por um instante mas que desiludiu a mãe.

- Ela é uma menina tão bonita e tão meiguinha - lamentou-se ao marido, depois da partida de Edmund. - Não sei porque é que não se interessa por ela. Trata-a como se fosse uma irmã mais nova.

O marido soltou uma gargalhada ao ouvir o comentário dela.

- Minha querida, eu amo-te, mas és mesmo cega. Penso que ele está perdidamente apaixonado por ela, só que não quer que nós saibamos.

Conhecia o filho melhor do que ela.

- Achas? - perguntou Isabel, em choque. - Ela sabe?

Estava assombrada.

- Tenho a certeza de que sabe. Nunca dei por que Edmund estivesse interessado

nos teus jardins. E está sempre a levar Marianne a passear por eles. Ousaria dizer que, quando andam lá fora, não andam propriamente a admirar as tuas rosas.

- A sério? - Ela olhou-o fixamente, assombrada. - Bem, espero que tenhas razão. Ficarei muito desiludida se não tiveres. Eles fazem um belo casal, não achas? Terão uma linda descendência.

260

- Acho que estás a adiantar-te de mais - lembrou-lhe ele. - Eu disse que pensava que ele está apaixonado por ela, não disse que vão casar-se na próxima semana.

- Bem, desde que penses que ele está apaixonado por ela, por agora chega. Mas eu ficava contente. Ela não teria de voltar para a Alemanha e podia ficar aqui a fazer-me companhia.

E, depois da guerra, podiam viver aqui.

- Já pensaste em tudo não foi? - troçou ele. - Talvez seja melhor deixares que sejam eles a organizar as coisas por enquanto, só agora ao princípio.

- Bem, talvez deixe - disse ela, pensativa. - Só não quero que ele perca a oportunidade. Ela é uma rapariga maravilhosa.

- Ousaria dizer que ele pensa o mesmo. Bem sabes que ele não é tolo. Está com ela e conversa com ela, não és só tu. E, na verdade, concordo contigo numa coisa, ela é uma rapariga encantadora. Tenho muita pena de Alex. Agora deve ser uma desgraça na Alemanha.

- Pelo menos está no campo, como nós. Não gostaria de viver na cidade, com todos aqueles bombardeamentos, fosse em que país fosse.

Duas semanas depois, os alemães bombardearam Londres, Southampton, Bristol, Cardiff, Liverpool e Manchester. A Grã-Bretanha tinha sofrido um duro golpe.

Três semanas depois, os alemães invadiram a Roménia, o que transtornou muita gente do circo. Havia muitos ginastas e malabaristas romenos no espetáculo e de repente ficaram tão preocupados como todas as outras pessoas. Graças a Hitler,

as notícias vindas de toda a Europa eram terríveis. Para os americanos, a guerra ainda era dos outros e não tinham a intenção de se envolver, mas a maior parte do elenco do circo vinha de países que estavam a ser gravemente afetados. Toda a gente andava 261

deprimida e, quando realizaram a última semana da digressão, andavam todos tristonhos.

Em novembro, quando regressaram a Sarasota, Nick e os dois filhos já estavam há dois anos na América e com o circo. Era difícil acreditar. Também estava apaixonado por Christianna há quase o mesmo tempo. Com dezassete anos, nessa altura já Toby parecia um jovem americano e o seu inglês era quase perfeito, enquanto Lucas, com oito anos, sentia e agia como se tivesse sido sempre um menino do circo. Mal conseguia recordar-se da sua outra vida e, por vezes, Nick sentia o mesmo. Estava agora instalado em rotinas circenses confortáveis. Ele e Christianna continuavam a ser as estrelas do espetáculo.

A digressão fora um sucesso e tinham atuado bem, mas toda a gente se sentia feliz por regressar à Flórida para passar o inverno. Os rapazes regressaram à escola e Nick estava ansioso por ter algum tempo livre para passar com Christianna. Tinha-a convidado a ir passar um fim de semana prolongado com ele a Nova Iorque e ela adorara a ideia. E, como tinham feito antes, pediram às raparigas ucranianas que os cobrissem.

- Porque é que vocês não se casam em vez de andarem a jogar às escondidas a toda a hora? - perguntou uma das raparigas a Christianna, que encolheu os ombros.

- Não estamos preparados - respondeu ela jovialmente.

Também já tinha pensado o mesmo, embora desconfiasse de que Nick achava que não tinha o suficiente para lhe oferecer ou uma margem de segurança suficiente economizada. Era muito mais velho que ela e muito responsável naquelas questões. Queria proporcionar à esposa uma vida abastada ou, pelo menos, uma vida melhor da que podia dar-lhe por enquanto.

Também pensava que tinham tempo, pois ela apenas tinha vinte e três anos. Para ele, ela era um bebé e ficava sempre chocado quando se 262

lembrava de que ela só tinha mais seis anos que Toby. Na ideia de Nick, isso

dava-lhe mais tempo para poupar algum dinheiro.

Nesse ano, ele e os filhos passaram o Natal com a família Markovich. Fizeram juntos a ceia de Natal e ele levou duas garrafas de vodca, pois já sabia bem o que os irmãos de Christianna conseguiam beber.

Estiveram todos juntos no espetáculo de Natal e agora os irmãos dela troçavam dele sempre que se cruzavam e já não se admiravam quando Nick ficava a ver, com a respiração suspensa, sempre que ela estava no arame alto. Nick sabia que nunca se habituaria mas, ao menos agora, quando estava a vê-la, já quase nunca se sentia doente.

Com o aproximar do fim do ano, enquanto todos aproveitavam a pausa de inverno, Nick cumpriu a promessa de a levar a Nova Iorque entre o Natal e o Ano Novo. Não tinham espetáculos programados, por isso podiam afastar-se durante alguns dias.

Ficaram num pequeno hotel perto do Madison Square Garden e passearam pela Times Square. Levou-a a ver as Rockettes no Radio City Music Hall e ela adorou. Nevou enquanto estavam na cidade e Nick recordou-se da Alemanha. Depois levou-a a dar um passeio de carruagem aberta pelo Central Park, foi como um cartão de Natal. Quando finalmente regressaram à Flórida, tiveram pena de partir. Tinha sido mais uma viagem perfeita.

Edmund também conseguiu ter três dias de folga durante o Natal, ao contrário de Simon, que continuava a fazer parte de missões de bombardeamento à Alemanha. Ao menos, Charles e Isabel tiveram um dos filhos em casa, pelo que estavam muito gratos. Edmund veio diretamente para Hertfordshire logo que teve a licença. Marianne estava tão feliz por o ver como os pais dele. Logo

263

que a viu, ele abraçou-a, levantou-a do chão e rodopiou com ela ao colo.

- Que diabo, tantas saudades tuas que tenho tido! - disse ele e ela riu-se.

Não o via há mais de um mês e a sua última visita tinha sido tão romântica como a anterior. Tinham passado a maior parte do tempo a beijarem-se e a fazer

planos. Desta vez, depois do almoço no dia do seu regresso, Edmund passou algum tempo a sós com a mãe. Fosse qual fosse a sua conversa, Marianne notou que ele parecia muito satisfeito. Dava-se muitíssimo bem com os pais, melhor que o irmão mais novo, que era mais independente e mais retraído e não vinha a casa com tanta frequência. Edmund tinha a mesma natureza calorosa e afetuosa da mãe. Simon era mais reservado, mais parecido com Charles.

Novou na noite em que Edmund chegou a casa e ele levou Marianne a dar um passeio pelo parque. Ela fez bolas de neve e atirou-as para cima dele, que retaliou e a bombardeou, escondido atrás de uma sebe.

- Para com isso! Não é justo! - gritou-lhe ela. - Eu sou uma rapariga!

Estavam os dois corados e a rir, com o cabelo polvilhado de neve quando ele saiu de detrás da sebe, a agarrou e a beijou.

- Obrigado por me recordares - disse ele, voltando a beijá-la. - Quase me esquecia.

E beijou-a com tanto amor que tudo o mais desapareceu da cabeça dela e ficaram ali de pé, com a neve a cair. Ela esqueceu-se das saudades que tinha da Alemanha, do pai e do Natal em casa. Nos braços dele, só conseguia pensar em quanto o amava. E ele tinha mantido a promessa e ainda estava vivo. Andava sempre preocupada com ele e rezava pelo seu regresso em segurança das suas missões. Até àquele momento, tudo corria bem.

264

- Amo-te, Marianne - disse ele suavemente e depois, com um sorriso, pôs um joelho em terra e ergueu os olhos para ela com uma expressão de meiguice e pegou-lhe na mão. - Marianne von Hemmerle - disse solenemente - dás-me a honra de casares comigo? Sentir-me-ei muito, muito feliz, se me aceitares.

Ela olhou para ele, assombrada, e acenou em silêncio, ao mesmo tempo que os olhos se lhe enchiam de lágrimas. E, de repente, sentiu um baque intenso de saudades do pai, desejando poder partilhar aquele momento com ele, sem ser através de uma carta que demoraria uma eternidade a chegar-lhe às mãos, se alguma vez chegasse. Mas sabia que ele aprovaria, pois estimava muito os Beaulieu, e que ficaria feliz por saber que ela ia casar com o filho deles. Tinha a certeza, mesmo tendo apenas dezanove anos. Mas estavam todos a crescer

depressa, com a guerra.

- Sim - sussurrou, ofegante, enquanto a neve lhe pousava nas pestanas e no cabelo. - Sim, caso contigo.

Ele pôs-se de pé e beijou-a, mais apaixonadamente do que alguma vez a tinha beijado.

- Quando? - perguntou ela quando regressavam a casa.

- Em breve - respondeu ele e no exato momento em que entraram na sala de estar tirou do bolso uma pequena caixa de veludo preto.

A mãe tinha-lha dado nessa tarde quando ele lhe disse o que tencionava fazer. E nessa mesma tarde tinha também informado o pai, que lhe deu a sua bênção. Estavam ambos felizes com a escolha do filho e nenhum deles se incomodou por ela ser tão nova. Era uma rapariga muito madura e achavam que era perfeita para ele.

Marianne abriu cautelosamente a caixa e arquejou quando viu o que continha. Nunca tinha visto nada tão belo e Isabel pensava que ficaria encantador nela. Tinha pertencido à bisavó de Edmund e era um belo diamante

265

redondo solitário, muito maior do que Marianne alguma vez tinha esperado usar. O anel de noivado da sua própria mãe era muito mais pequeno e o pai sempre tinha pensado dar-lho quando ela fizesse vinte e um anos. Agora teria o seu próprio anel de noivado antes dessa idade. Beijou-o e ele meteu-lho no dedo. Tinha o tamanho certo e ela ficou a contemplá-lo na mão, maravilhada. Era a coisa mais extraordinária que alguma vez lhe tinha sucedido e, por um momento, a sua expressão revelou tristeza. Era um momento agri-doce para ela.

- Querida, que se passa? - perguntou Edmund com expressão preocupada, enquanto os olhos dela se enchiam de lágrimas ao olhar para ele.

- Quem me dera poder contar ao meu pai e que ele pudesse vir ao nosso casamento.

Mas nenhum deles queria esperar pelo fim da guerra, que ainda poderia

prolongar-se por muitos anos. Edmund tomou-a nos braços e abraçou-a e depois foi à copa buscar um copo de champanhe para cada um. Entretanto ela pôs-se a admirar o anel e ele entregou-lhe o copo.

- Para a minha muito, muito bela noiva. À nossa - disse ele e cada um deles bebeu um gole.

Depois disso, sentaram-se na biblioteca, a conversar sobre o casamento. Edmund queria que fosse muito pequeno, apenas com a família mais próxima, na capela da propriedade.

Não era muito diferente do casamento que ela teria planeado em casa, na Alemanha, na capela de Schloss Altenberg.

- Quando queres que nos casemos? - perguntou-lhe ela.

Por um instante, a expressão dele foi cautelosa, não querendo pressioná-la se ela não se sentisse preparada. Tudo tinha acontecido muito depressa. Só estavam apaixonados há seis meses mas, em tempos de guerra, tudo parecia acontecer mais depressa.

266

- Tenho de voltar a partir no princípio de fevereiro. Seria demasiado cedo? - perguntou ele, hesitante.

Mas ela sacudiu a cabeça, sorrindo-lhe. Era perfeito. Também não queria esperar.

- Parece-me maravilhoso. De qualquer maneira, só preciso de um vestido. - E depois a sua expressão ficou mais uma vez solene. - O teu pai quererá levar-me ao altar?

Edmund tinha a certeza de que ele acharia que era uma honra representar o seu velho amigo.

- Claro. E eu gostaria que Simon fosse o meu padrinho, se também conseguir ter uma licença nessa altura. Talvez o senhor Hitler nos dê uma folga durante alguns dias.

Ficaram sentados a conversar até a lareira se apagar e depois ele acompanhou-a

até à porta do quarto. Entrou, mas não ficou muito tempo. Não queria perder a cabeça antes do casamento. Iam casar dentro de seis semanas. Mal podia esperar e ela estava tão entusiasmada como ele. Também chorou algumas lágrimas quando nessa noite escreveu ao pai, a contar o que se passava, desejando que ele partilhasse o momento com ela. E sentiu-se ainda mais triste por saber que passariam muitas semanas até ele receber aquela carta, que lhe enviava via Nova Iorque.

Na manhã seguinte, ao pequeno-almoço, agradeceu repetidamente à futura sogra o anel, mostrando-lho no dedo. Agora considerava Isabel como sendo da sua própria família.

- Fica muito bem no teu dedo - disse Isabel, sorrindo-lhe com satisfação. - Desejo-te as maiores felicidades, minha querida menina. - E bateu palmas, encantada. - Finalmente, vou ter uma filha!

E, ao ouvi-la, Marianne deu-lhe um abraço bem apertado. Quando Edmund desceu nessa manhã para tomar o pequeno-almoço, parecia estar ainda mais feliz que 267

a noiva. Era um Natal perfeito para todos no Castelo de Haversham. Edmund e Marianne estavam noivos. Tiveram um maravilhoso jantar de Natal na sala de jantar, conversando animadamente sobre o casamento. Isabel ia ajudá-la a tratar do vestido de casamento, que seria feito pela sua própria modista, numa aldeia próxima, que, segundo ela disse, fazia um trabalho muito competente. Simon telefonou-lhes quando estavam a acabar de jantar, felicitou o irmão e prometeu fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para vir ao casamento. Quanto a Isabel, nunca se tinha sentido tão feliz. Ambos os filhos estavam vivos e de boa saúde e Marianne seria o aditamento perfeito à família. Todos estavam de acordo que, apesar da guerra e da ansiedade relacionada com ela, era o melhor Natal das suas vidas. Mas nos momentos tranquilos da sua privacidade, Marianne pensava no pai e nos Natais que tinham partilhado. Para ela, mais do que para qualquer outra pessoa, foi uma noite agridoce, de grande júbilo pelo presente e de tudo o que recebia e de tristeza por causa do passado e de tudo o que tinha perdido.

Na Alemanha, com a partida de Marianne, naquele ano Alex não se preocupou em enfeitar uma árvore. Sabia que só serviria para o deprimir. Tinham sido nove

meses muito difíceis para ele. Um dos seus cavalos tinha morrido, um grande cavalo de caça de que gostava imenso. O tempo tinha estado medonho e a sua casa estava constantemente gélida. Sem Marianne para alegrar os seus dias, a sua vida nunca tinha sido tão desolada. Sem os von Bingen e sem Marianne, foi o Natal mais negro da sua vida, à exceção do ano em que tinha perdido a mulher. E, em certos aspetos, este era ainda pior. Não tinha ninguém. Quando perdeu a mulher, ainda tinha Marianne para alegrar os seus dias.

268

Não tinha grande coisa de comida em casa para o jantar. Detestava comer sozinho. Estava a cozer umas cenouras e umas batatas do quintal quando ouviu bater à porta das traseiras.

Não esperava ninguém e, quando abriu a porta, viu um dos seus rendeiros que segurava um homem com uma perna ferida. Durante muito tempo, nenhum dos homens disse uma única palavra.

- Peço desculpa por vir incomodá-lo, senhor conde - disse o rendeiro em voz baixa.

Alex apercebeu-se de que ambos estavam a tremer por causa do frio.

- Entrem. - Afastou-se da porta, ainda sem saber o que eles queriam. Notou que o homem que não conhecia parecia assustado e estava sempre a olhar para trás.

- Em que posso ajudá-los? - perguntou ao rendeiro.

- Preciso de lhe pedir que me empreste um cavalo - disse ele simplesmente. - Não queria ir buscá-lo sem pedir.

- Bem, ao menos isso - disse Alex, apagando o fogão em que tinha cozinhado o seu jantar simples. - Além disso, esta noite não pode levar um cavalo para lado nenhum. O terreno está coberto de gelo. Acaba por ficar coxo e parte uma perna em cinco minutos. Porque precisam de um cavalo?

O rendeiro olhou de relance para o amigo e depois para o senhor da terra em quem confiava e que conhecia desde sempre.

- O meu amigo precisa de chegar à fronteira com a Suíça.

- É um longo caminho até lá. Posso perguntar porquê?

O rendeiro abanou a cabeça e o homem ferido sentou-se numa cadeira com um gemido. A perna devia doer-lhe.

269

- Penso que o seu amigo não está de maneira nenhuma em estado de viajar. - Alex avaliou a situação. Depois reparou que havia sangue a pingar no chão e compreendeu que o mais provável era que o homem tivesse sido atingido por um tiro. - Virá alguém à sua procura? - perguntou-lhe diretamente.

- Agora não. Talvez amanhã. Julgo que eles devem pensar que estou morto. Só vão verificar de manhã - disse o ferido com toda a franqueza.

- Isso é tranquilizador. - Alex lançou um olhar sardónico para os dois e perguntou a si mesmo no que estaria a envolver-se. E depois lembrou-se de outra coisa. - É judeu?

O homem hesitou e depois acenou que sim. O amigo tinha-o convencido de que o seu senhorio era um homem em quem se podia confiar.

- Levaram a minha família há dois meses. Eu estava num leilão, noutra condado, a vender um cavalo para poder alimentá-los. Quando voltei, tinham desaparecido. Todos eles, a minha mulher, os meus dois filhos, a minha mãe e a minha tia. Mulheres e crianças.

- Sabe onde estão?

- Foram enviados para um campo de concentração. Não sei onde. Tenho estado escondido desde então. Há dois dias, uma das patrulhas viu-me. Não sabem quem eu sou. Estava escondido no bosque. E depois voltaram a ver-me esta noite. Tenho tentado manter-me longe de todas as pessoas que conheço - disse, olhando para os dois. - Um deles atingiu-me com um tiro. Não sei se se darão sequer ao trabalho de voltar. Eu ia tentar partir esta noite, se me desse um cavalo.

Parecia desesperado e era evidente que estava com dores.

- Tem a bala na ferida? - perguntou Alex cautelosamente.

Se fosse esse o caso, teriam de a extrair. Ele nunca tinha feito tal coisa.

- Só me atingiu de raspão.

Alex acenou, tentando pensar no que devia fazer com ele. A sua casa nunca tinha sido revistada, mas podiam mudar de ideias se houvesse um homem em fuga nas proximidades, mesmo que não suspeitassem dele. Nem tinham razão para suspeitar. Por enquanto.

- Devíamos pôr-lhe desinfetante. Uísque serve - disse ele, procurando uma garrafa num armário e acabando por encontrá-la. - É melhor ficar escondido em qualquer lado durante uns dias e voltar a partir quando puder caminhar. Tenho uma adega lá em baixo. E depois podemos pensar na maneira de o fazer chegar à fronteira, mas não a cavalo. Não vou matar os meus cavalos por sua causa - disse severamente.

Não estava muito entusiasmado por ser arrastado para aquele projeto. Mas agora estavam ali e era Natal. Não tinha mais nada que fazer. Disse ao homem que descesse as calças e despejou o uísque na ferida, que parecia estar limpa. E depois conduziu-os para a adega, que estava seca mas era fria. Voltou ao andar de cima e arranjou-lhe um cobertor e depois passou pela cozinha e pôs uma batata e algumas cenouras num prato e levou tudo para a cave. Entregou-lhe também a garrafa de uísque.

- Isto talvez ajude.

Depois, ele e o rendeiro voltaram para cima. A adega não tinha luz, o homem precisava de dormir.

- Quando sair, veja se há sangue na neve - disse ao rendeiro - e volte dentro de dois dias. Nessa altura ele já deve estar melhor.

- Não pensei que o recebesse. Lamento, senhor conde. Nós só queríamos um cavalo.

- Não tem importância - disse Alex, parecendo cansado. - Prefiro levar um tiro

por causa de um homem do que por causa de um cavalo. Havemos de resolver o que vamos fazer.

E, a propósito, Feliz Natal.

- Feliz Natal, senhor conde.

Foi-se logo embora, com uma expressão desconfiada.

Depois Alex foi ver como estava o seu hóspede inesperado. Tinha comido, cheirava a uísque e já estava a dormir. Alex nem sequer sabia se ele estava a dizer a verdade, mas confiava no rendeiro e era com ele que tinham vindo ter. Por isso tinha decidido ajudar. A história que ele tinha contado era de partir o coração. Tinha perdido a família toda de uma única vez. E não era o único. Havia muitos mais, demasiados, como ele por toda a Alemanha. Pessoas que não tinham tido a sorte de ir trabalhar para um circo com oito cavalos e um vagão de transporte antes da guerra e que agora não tinham maneira de partir. Para Alex, tudo aquilo parecia errado, enquanto apagava as luzes e subia a escada para se ir deitar. Tentou não pensar no quarto vazio de Marianne, como fazia todas as noites quando passava diante dele. Ficou horas acordado, tentando decidir o que fazer pelo homem que estava na sua adega.

Na manhã seguinte foi mais uma vez ver como ele estava. A ferida continuava limpa e ele sentia-se melhor. Também ninguém veio fazer buscas à casa. Não havia soldados em lado nenhum e a governanta estava de folga durante dois dias. Voltou a levar comida ao homem e deixou-o vir ao andar de cima para se servir da casa de banho. Depois levou-o outra vez para a adega. Não disseram nada um ao outro, exceto o homem, que lhe agradeceu numa voz emocionada quando Alex voltava a trancar a adega. A casa ficou em silêncio total e, na tarde seguinte, o seu rendeiro regressou.

272

- Como está ele? - perguntou quando Alex o deixou entrar em casa.

- Parece estar bem.

E nessa altura já Alex sabia o que tinha a fazer. Tinha enchido o depósito com todo o combustível que tinham e calculado até onde podia ir. Quase até à fronteira com a Suíça, mas não até lá. Até muito perto, se o homem fosse

inteligente e cauteloso e conseguisse avançar suficientemente depressa.

- Tenho um amigo que pode ajudá-lo - disse o reneiro com cautela. - Se conseguir levá-lo até à basílica de São Lourenço em Kempten. Tem uma casa perto e leva-o daí até ao destino.

E foi então que Alex compreendeu. Aquilo não tinha sido um acidente ocasional. Era evidente que o reneiro andava a ajudar judeus a fugir. Tinha ouvido falar de algumas pessoas corajosas que faziam o que podiam e o seu reneiro era uma delas.

- O meu carro está na garagem. Ele pode ir desde a adega até à garagem sem que ninguém o veja. Quero-o na bagageira. Partiremos durante o dia. Parece menos suspeito que viajar de noite. Eu levo-o até ao seu amigo. E depois vamos esquecer que isto alguma vez aconteceu.

O reneiro olhou para ele cheio de gratidão e acenou em anuência.

- Meta-o no carro agora. Eu estarei na garagem dentro de dez minutos.

Depois Alex foi ao quarto para se preparar: fato completo e chapéu. Vestiu um sobretudo pesado e, quando saiu de casa, estava devidamente arranjado, como se fosse visitar amigos. O reneiro estava à espera dele na garagem.

- Ele está lá dentro?

273

O reneiro acenou que sim e depois, sem uma palavra, entregou uma pistola a Alex.

- Pode precisar dela.

Alex hesitou, depois pegou nela e meteu-a no bolso.

- Obrigado.

Dito isto, meteu-se dentro do Hispano-Suiza e pôs o motor a trabalhar enquanto o reneiro abria a porta da garagem. Arrancou enquanto o homem se afastava devagar, parecendo um lavrador a caminho de casa.

Alex seguiu pela estrada principal em vez de tomar uma estrada secundária e passou diante da propriedade dos von Bingen a uma velocidade normal. Um soldado mandou-o parar e reconheceu-o imediatamente.

- Boa tarde, senhor conde - disse respeitosamente. - Tudo em ordem?

- Tudo bem, obrigado. Vou visitar uns amigos.

O soldado fez-lhe sinal para que avançasse. Não controlou os papéis nem olhou para dentro do automóvel. Sabia que não precisava de o fazer e Alex seguiu viagem, até ser de noite, e ainda continuou depois disso. Passou por um posto de controlo e parou. Um dos soldados perguntou ao outro se era preciso controlar a bagageira e o outro disse-lhe que não. Alex seguiu viagem sem problema. Lembrava-se do local onde o seu rendeiro lhe tinha dito que fosse para se encontrar com o amigo. Não era tão perto da fronteira com a Suíça como provavelmente o seu passageiro que seguia na bagageira desejaria, mas tratariam de o passar na fronteira e estavam sem dúvida melhor equipados do que Alex para o fazer, com o seu casaco e chapéu e de sapatos de passeio. Nem sequer queria pensar no que poderia ter sucedido se o soldado do segundo posto de controlo tivesse aberto a bagageira e o encontrasse. Alex ainda sentia o peso da pistola no bolso, mas não queria usá-la.

274

Dirigiu-se para o endereço que lhe tinha sido dado, saiu do carro e bateu à porta. O homem que a abriu ficou sobressaltado ao ver um Hispano-Suiza diante da porta e uma pessoa com o aspeto de Alex. Fez um aceno e trocaram uma palavra-passe que o rendeiro lhe tinha dado. Estavam numa estrada de campo sem ninguém à sua volta. O homem que tinha vindo à porta abriu a bagageira e ajudou o ferido, que se despediu em voz rouca e agradeceu a Alex. Mal conseguia andar depois de fazer a viagem sempre apertado, mas desapareceu dentro de casa. A porta fechou-se e Alex arrancou sem mais comentários ou conversas, regressando pelo caminho por onde tinha ido. Tinha sido chocantemente fácil e, ao seguir para casa, foi pensando nisso.

Passou pela mansão dos von Bingen nessa mesma manhã, ainda cedo, e o coronel estava no exterior para dar um passeio a cavalo. Favory curveteava e saía vapor das suas narinas.

O coronel fez uma continência ao conde e Alex abrandou com um sorriso.

- Está a apreciar o seu lipizano, coronel? - perguntou delicadamente.

- Muito, de facto, conde.

- Ele está com bom aspeto.

O coronel sorriu e deu-lhe uma palmada no pescoço.

Alex seguiu viagem e alguns minutos depois estava em casa, como se nada tivesse acontecido. A governanta chegou poucos minutos depois e fez-lhe uma chávena de chá, enquanto Alex foi tirar o chapéu e o sobretudo. Depois foi à cozinha buscar a chávena de chá e foi para o seu escritório. Ainda sentia a pistola no bolso. Pegou nela e fechou-a à chave numa gaveta. Tinha sido uma boa noite de trabalho, a primeira daquele género para ele e, beberricando o chá fumegante, calculou que não seria a última. Nessa noite, tinha-se aberto uma porta e ele tinha optado por transpô-la. Não voltaria atrás.

275

CAPÍTULO 20

O casamento de Edmund e Marianne em Haversham correu exatamente como eles tinham planeado. Simon conseguiu um dia de folga para ser o padrinho e Charles levou-a ao altar.

Levava um vestido de cetim branco, feito pela modista de Isabel, que lhe modelava a figura e lhe dava o aspeto de uma jovem deusa, e levava o véu que a própria Isabel tinha usado há vinte e cinco anos. Assistiram ao ato vinte amigos dos Beaulieu que moravam nas redondezas, além de uma meia dúzia dos companheiros mais próximos de Edmund na RAF.

Todos os jovens estavam de uniforme e Isabel insistiu com toda a gente para que não se falasse na guerra durante o resto do dia. Casaram na capela da propriedade, que Isabel encheu de flores da sua estufa e foi ela mesma que fez o ramo da noiva, com orquídeas brancas também da estufa. O tempo também esteve bom.

A noiva tinha um aspeto requintado e estava radiosa. O noivo estava enlevado. Almoçaram na interminável mesa da sala de jantar, que quase ficou cheia. Estava coberta de passarinhos de prata e flores frescas. No fim do dia, os noivos seguiram de automóvel para Brighton, para uma lua de mel de três dias no Grand Hotel, que era divertido e antiquado e que ambos adoraram, embora estivesse muito mudado. Edmund tinha recordações de infância de tempos ali passados que queria partilhar com ela, apesar dos sacos de areia e do aprovisionamento de tempo de guerra. Só tinham olhos um para o outro e para a vida que tinham à sua frente. Ter-se-iam sentido felizes numa tenda sob um céu estrelado, desde que estivessem juntos, que era tudo o que lhes importava. Estavam loucamente

276

apaixonados um pelo outro. A passadeira de madeira estava encerrada, mas perseguiram-se até à praia como crianças, recolhendo ao quarto a intervalos regulares para fazerem amor. E, quando Edmund regressou a Haversham com a sua noiva, esta tinha uma expressão tranquila e feliz. Ele passou uma última noite com ela no grande quarto de hóspedes cor-de-rosa e ela chorou na manhã seguinte quando ele partiu e obrigou-o a prometer mais uma vez que regressaria.

- Sabes que volto, Marianne. Sempre - disse ele, beijando-a pela décima vez em igual número de minutos.

Finalmente partiu. Tudo tinha sido absolutamente perfeito e ela andou meio atordoadada durante muitos dias. Escreveu ao pai para lhe falar do casamento e depois a Toby que, ao ler a carta, não conseguia acreditar que ela se tinha casado. Só tinham dois anos de diferença e ele ainda andava enlevado com Katja, mas não conseguia imaginar-se a casar com ela nos próximos dez anos, e mesmo assim... Marianne tinha-se tornado adulta e, com dezassete anos, ele ainda se sentia como uma criança. Falou ao pai do casamento quando recebeu a carta. Nick sorriu e abanou a cabeça.

- Isso faz-me sentir realmente velho. Lembro-me de quando ela nasceu, ainda não há assim tanto tempo. Não comeces a ter ideias! - disse a Toby, que fez uma careta e abanou a cabeça.

- Nem pensar! Eu sou demasiado novo. Tal como ela.

Não tinha a certeza de o pai aprovar que ela tivesse casado tão nova, mas com as raparigas era diferente. Era difícil acreditar que não a via há dois anos e meio. O

tempo tinha passado a voar. E a vida deles mudara tanto! Agora ela ficaria a viver sempre em Inglaterra e era viscondessa, num castelo maior que o deles. Entretanto, ele, o pai e o irmão viviam numa caravana, com o

277

circo, e estavam mais uma vez em digressão. Aquela era agora a vida deles e Toby já estava habituado a ela. Todos estavam. Sentiam-se bem assim e gostavam das rotinas familiares, embora mudar de cidade todas as noites por vezes fosse difícil. Mas também se tinham habituado a isso.

Quando chegaram à Califórnia, em julho, Nick voltou a levar Christianna a Santa Ynez. Agora tinham um automóvel em condições e ficaram no mesmo hotel. Umas raparigas romenas encobriram Christianna, embora Nick estivesse convencido de que o pai dela sabia a verdade e optava por fechar os olhos. Tinha ganho muita estima por Nick e pelos rapazes e sabia que as intenções dele em relação à filha eram muito sérias. Não brincava com ela. Amava-a profundamente. E ela amava-o.

Foram até à mesma escarpa onde tinham ido na primeira vez e ele contemplou a terra que esperava comprar um dia. Chamava-lhe “o seu rancho” e Christianna ria-se dele. Ainda falava dele quando se virou e olhou para ela com uma expressão meiga.

- Tenho andado a pensar - disse cautelosamente. Queria ter a certeza de que o que ia dizer também estaria bem para ela. - Que achas de nos casarmos quando regressarmos à Flórida no fim da digressão?

- Estás a propor-me casamento? - perguntou ela, provocando-o.

Pensou que ele estivesse a brincar ou apenas a pensar em voz alta. Por vezes falavam nisso, mas ele dizia sempre que só casaria com ela quando tivesse economizado o suficiente.

E nenhum deles conseguia poupar muito dinheiro a trabalhar para o circo, embora Nick fosse sempre cauteloso e andasse a poupar há três anos. Ainda não tinha economizado o suficiente para um rancho e talvez nunca conseguisse, mas tinha o que precisava para casar com ela e sentir-se à vontade.

278

- Ainda não - disse ele em resposta à pergunta dela e depois pôs um joelho em terra no sítio onde estavam, no topo da escarpa. - Agora estou - disse, erguendo o rosto e sorrindo-lhe.

- Casas comigo, Christianna?

Ela arregalou os olhos.

- Estás a falar a sério? Agora?

- No fim da digressão.

Queria levá-la numa verdadeira lua de mel e só poderia fazê-lo quando regressassem à sede.

- Quero dizer, estás a pedir-me em casamento agora?

- Sim, estou. Amo-te e quero acordar junto de ti todas as manhãs durante o resto da minha vida.

Andavam a encontrar-se às escondidas há dois anos. Já era suficiente.

- Sim - disse ela, arquejante. - Sim... sim! Queria gritar o “sim” do alto da escarpa. Ele pôs-se de pé e beijou-a e deixou-a assombrada quando tirou um minúsculo anel de noivado de uma caixa que trazia no bolso. O diamante era pequeno, mas era um verdadeiro anel de noivado. Andava a planear o pedido há muito tempo e queria fazê-lo ali no futuro “rancho” deles. Ela não acreditava que ele alguma vez conseguisse tê-lo de facto, mas era um sítio tão bom como qualquer outro e era um local muito romântico. Pôs-lhe o anel no dedo e voltou a beijá-la e depois pegou-lhe ao colo, meteu-a no automóvel e levou-a de novo para o hotel, onde fizeram amor para festejar a ocasião, dois anos depois de terem feito, também ali, amor pela primeira vez.

- Vai ser um grande casamento se nos casarmos no circo - disse ela depois de fazerem amor.

- Penso que não poderemos fazê-lo de outra maneira - retorquiu Nick, com sentido prático. - O circo vai fazer um grande espalhafato.

Tudo fazia parte do alvoroço por serem estrelas do circo, mas ele estava

preparado.

279

No dia seguinte, quando regressaram ao parque de diversões de Santa Barbara, deram a notícia à família dela. E a notícia de que estavam noivos espalhou-se com toda a rapidez.

Receberam mesmo um telegrama de felicitações de John Ringling North, que também sugeria que realizassem o casamento em Ca' d'Zan, a primeira residência de John e Mabel Ringling e que era a sua propriedade palaciana em Sarasota. Ia ser uma festa ainda maior do que Nick tinha pensado e os Ringling queriam toda a publicidade que conseguissem obter.

Quando regressaram a Sarasota, no princípio de novembro, a data estava marcada, Christianna tinha o vestido e John Ringling North ia mandar fazer cartazes comemorativos do casal que seriam vendidos na tenda principal durante o ano seguinte. Nick e Christianna eram as estrelas do circo e eram tratados como realza. Seria um verdadeiro casamento real. Casariam, tal como ele tinha proposto, em Ca' d'Zan, no primeiro sábado depois do Dia de Ação de Graças e todos os artistas estavam convidados. Esperavam que estivessem presentes oitocentas pessoas no casamento, com uma tenda especial para jantar e baile.

Nick tinha pedido a Toby que fosse o seu padrinho e Lucas levaria as alianças. Este já tinha demasiada idade, com nove anos, mas levou a tarefa muito a sério e segurou as alianças com toda a força no casamento. Joe Herlihy fez um brinde especial. A noiva estava radiosa e Nick estava belo como sempre, de casaca e gravata branca. Foi um acontecimento fabuloso, uma verdadeira extravagância circense e os cartazes deles esgotaram-se na primeira noite, pelo que foi preciso fazer mais. Concordaram em fazer um espetáculo especial no dia a seguir ao casamento, no qual ela apareceu de fato de ginástica e tutu brancos e com o seu véu nupcial. No dia seguinte, Nick levou-a para o hotel Breakers, em Palm Beach, para passarem a

280

lua de mel. Era um hotel elegante e foram tratados como estrelas de cinema enquanto ali estiveram.

- Bem, Mrs. von Bingen - disse-lhe ele com um sorriso, uma noite, depois de

fazerem amor - ainda não estás cansada de mim?

- Nunca me cansarei de ti, Nick, até morrer - disse ela solenemente.

- Provavelmente isso será muito depois de eu já cá não estar.

Ela tinha menos vinte e dois anos que ele, mas nenhum deles se sentia incomodado por isso. Na sua união, tudo estava bem.

Quando regressaram a Sarasota, toda a gente os felicitou de novo e foram os heróis do momento. Eram aplaudidos de pé em todos os espetáculos. Ainda ninguém estava cansado do seu casamento de conto de fadas e, quando apareciam juntos montados nos lipizanos, a multidão aclamava-os. No dia a seguir ao regresso de Palm Beach, Nick foi falar com Sandor.

- Venho cobrar o meu presente de casamento - lembrou ele ao sogro.

- Que presente é esse? - perguntou Sandor para o provocar. - Tens a minha filha. Não chega?

- Não, eu disse-lhe que o único presente de casamento que queria de si era uma rede para o número dela. Disse-o há dois anos e concordou comigo. A partir de agora, ela vai atuar com uma rede - disse Nick resolutamente.

Sandor percebeu que ele estava a falar a sério e ficou com uma expressão preocupada.

- A assistência não vai gostar - avisou.

- Eles habituam-se. Eu disse-lhe que casava com ela. E cumpri a minha palavra. O Sandor deu-me a sua. Demos um aperto de mão a selar o acordo. A rede, ou hoje ela deixa de fazer o arame alto.

281

Sandor olhou longamente para ele com expressão feroz, e depois acenou que sim. Nick era um negociante duro mas era um homem de palavra.

- Esta noite - recordou ele a Sandor, que quase rosnou.

E nessa noite, quando ela entrou, Nick seguiu-a até às cordas. E viu-a. Estavam oito tratadores a segurá-la. E ela também viu e virou-se para ele, surpreendida.

- O meu pai sabe?

- É o presente de casamento dele para nós. - Nick teve um sorriso aberto e beijou-a. - Agora vai fazer o teu número.

Ele ia apreciar o número dela, pela primeira vez em três anos. E, quando a multidão avistou a rede, aplaudiu. Aprovou. Nick ergueu os polegares para Sandor, que lhe acenou.

Agora ela nunca acabaria numa cadeira de rodas, nem daria uma queda para a morte. Christianna tinha finalmente a sua rede, graças a Nick.

Duas semanas depois do casamento, continuavam a ser tema de conversa no circo. Christianna estava calmamente a coser algumas peças de roupa na caravana e a ouvir rádio quando Nick, que tinha ido dar de comer aos cavalos, entrou e se inclinou para lhe dar um beijo, feliz ao vê-la e a desfrutar a sua vida de recém-casados. Nessa altura o programa que ela estava a ouvir foi interrompido e o locutor anunciou que os japoneses tinham bombardeado Pearl Harbor, no Havai. Ambos se calaram, hipnotizados pelo que ele estava a dizer.

- O que quer ele dizer?

Christianna olhou para Nick, pensando que não tinha percebido.

- Tu ouviste-o. Navios de guerra americanos foram bombardeados e afundados pelos japoneses em Pearl Harbor.

282

Era algo que ninguém nos Estados Unidos tinha alguma vez pensado que pudesse suceder. Tinham sido atacados no seu próprio território. A América fora finalmente forçada a entrar na guerra.

Poucos minutos depois, algumas pessoas começaram a sair das caravanas e foram dando a novidade uns aos outros. Havia um grande burburinho por todo o lado. Havia quem estivesse em pânico, temendo que houvesse também bombardeamentos na Flórida. Uma hora depois, todo o circo estava em

efervescência por causa das notícias. As pessoas estavam coladas aos rádios. E John Ringling North anunciou que um dos seus espetáculos especiais de Natal tinha sido cancelado nessa noite. Todos ficaram em casa a ouvir as notícias e Toby e Lucas ficaram com eles na caravana, a ouvir o rádio.

No dia seguinte, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha declaravam guerra ao Japão. E, três dias depois, Hitler declarava guerra aos Estados Unidos. A América estava em guerra.

Dois mil quatrocentos e três homens e mulheres tinham morrido em Pearl Harbor e 1178 estavam feridos. A tenda principal continuava às escuras e Nick perguntava a si mesmo se alguma vez voltaria à normalidade. Estava a falar com os cunhados sobre isso quando Toby chegou com um ar embaraçado. Nick perguntou a si mesmo o que teria ele armado.

Toby disse-lhe uma hora depois, quando ficaram sozinhos.

- Alistei-me, pai - disse ele, meio orgulhoso e meio assustado, receando a reação do pai.

- Tu fizeste o quê? - Nick olhou para ele, horrorizado. - Não podes fazer isso!

- Posso, sim. Tenho dezoito anos. E eles recrutavam-me de qualquer maneira.

- Nem sequer és americano - lembrou-lhe Nick. Não queria que o filho fosse para a guerra.

283

- Eles aceitaram-me - disse ele em voz baixa e ar determinado. - A Alemanha roubou-nos a nossa cidadania. Parto para o campo de treino dentro de duas semanas.

- Isso é uma loucura! - Nick saiu da caravana de cabeça perdida, quase a desfazer-se em lágrimas.

Não queria que os filhos arriscassem a vida por nenhum país, nem o mais velho nem o mais novo. Mas Toby tinha razão. Teria sido recrutado. Quando Nick contou a Christianna, ela percebeu como estava transtornado.

- Talvez ele tenha razão, tê-lo-iam recrutado - disse ela em voz baixa.

- Ele é alemão - lembrou-lhe Nick.

Mas também isso se transformou rapidamente num problema.

Dois dias depois, as autoridades da Imigração dos Estados Unidos vieram ao parque de diversões interrogar todos os cidadãos alemães que estavam a trabalhar no circo. Muitos eram estivadores e vários números importantes tinham artistas alemães. Todos os números com cavalos, dois dos números com grandes felinos, Nick, muitos palhaços, vários ginastas e a sua estrela contorcionista. Foram interrogados um a um acerca da sua lealdade. Os que eram judeus foram imediatamente isentados e foi-lhes permitido que pedissem asilo.

Os outros receberam a oportunidade de regressar ao país de origem se assim quisessem, enquanto outros tinham um estatuto mais complicado, entre os quais Nick. Tinha sido considerado judeu pelos alemães, pelo que tanto ele como os filhos se qualificavam para asilo, mas agora ele também era casado com uma americana. Christianna era cidadã americana. Portanto ele tinha a opção de pedir asilo ou de pedir a cidadania através da mulher.

- Como vai ser, Mr. Bing? - perguntou o funcionário da imigração, com uma prancheta na mão.

284

Tinha-lhe devolvido o passaporte e os dos filhos. Nick teve apenas uma leve hesitação.

- Gostaria de me tornar cidadão americano.

Era o seu ato final de renúncia definitiva à Alemanha. O funcionário tomou um apontamento na prancheta.

- Entraremos em contacto consigo nas próximas semanas - assegurou-lhe. - E quanto ao nome? Vejo que o seu passaporte foi emitido com um nome diferente do que usa no circo.

Qual deles quer que figure nos seus documentos de cidadania?

- Nicolas Bing - disse em voz clara.

Tinha perdido o “von” e o título, mas tinha um nome com que podia viver, um nome que nunca mais o relacionaria com a Alemanha.

- Entendido - disse o funcionário e passou para o seguinte, ao mesmo tempo que Nick olhava para Christianna.

- Importas-te? - perguntou-lhe e ela abanou a cabeça.

- Podes ser o que quiseres - respondeu, mas pensava que ele tinha tomado a decisão correta.

Nos dias seguintes, souberam que vários artistas, sobretudo alemães não judeus, iam regressar à Europa. Tinham decidido não ficar. Não queriam estar sob suspeita de serem espiões.

Nos dias que se seguiram, Nick só conseguia pensar que Toby ia para o exército e ia dar entrada num campo de treino.

A melhor coisa da sua vida tinha acontecido apenas há alguns dias, quando casou com Christianna. E agora estava prestes a acontecer o pior. O seu filho ia para a guerra.

285

CAPÍTULO 21

Toby partiu para o campo de treino em São Francisco imediatamente antes do Natal, depois das lacrimejantes despedidas de Katja, bem como do pai, da madrasta e do irmão. Christianna estava tão transtornada como Nick e Lucas e durante os últimos dias apareceram dúzias de pessoas para lhe desejarem boa sorte. Toby e Katja foram inseparáveis durante os dias que faltavam para a sua partida. Passaram juntos todo o tempo que conseguiram, beijando-se, de mãos dadas, mas todas as outras pessoas também queriam um pouco do seu tempo.

Muitos dos outros jovens estavam de partida, mas Nick e a sua família eram muito estimados e Toby era um rapaz muito meigo. Pierre veio despedir-se em forma de pantomima e conseguiu que Nick se risse, o que agora era raro. Andava de cara franzida e olhos vermelhos desde que Toby se tinha alistado, depois de Pearl Harbor. Não tinha receio de mostrar quanto sentiria a falta do filho. E soluçou abertamente na manhã da partida de Toby. Katja estava igualmente inconsolável e Lucas e Christianna agarraram-se um ao outro e a Nick depois das despedidas. Gallina manteve-se por perto, também desfeita em lágrimas, para reconfortar a filha.

Toby regressaria para uma visita em fevereiro, antes do circo partir em digressão em finais de março ou princípio de abril. E depois o exército enviá-lo-ia para qualquer sítio, mas por enquanto ainda ninguém sabia para onde.

Por isso, o Natal foi um período muito triste para Nick e a sua família. Nick não teve disposição para comprar e decorar uma árvore, pelo que Christianna fê-lo em seu lugar e ela e Lucas penduraram luzes no exterior da

286

caravana, mas agora Nick andava sempre sério, aterrorizado com o receio de perder o filho.

Nessa altura, quem tinha decidido sair do circo já havia partido ou estava a preparar a bagagem. As suas decisões tinham sido rápidas, pelo que o número de Nick com os cavalos era ainda mais importante, pois os outros estavam de partida. A única vez em que Nick sorria agora era durante a sua atuação e nada que Christianna fizesse conseguia alegrá-lo.

Ela andava sempre preocupada com ele e falou com Gallina sobre isso.

- Ele sofreu muitas perdas na vida - explicou meigamente Gallina. - Está assustado. Tem paciência. Ele há de animar-se.

Christianna fazia tudo o que podia para melhorar a disposição, mas o Natal foi horrível e a passagem de ano não foi melhor. Nick ficou em casa quando ela foi com a família para o tradicional jantar do Dia de Ano Novo no restaurante polaco, mas o pai e os irmãos disseram que compreendiam. Christianna e Lucas acompanharam os outros. Mas Nick não estava com disposição, pois ainda estava demasiado transtornado por causa de Toby.

Em janeiro, Nick recebeu uma carta de Alex, nessa altura de uma maneira mais complicada, através de um amigo em Genebra, que a reenviou para Nick, dado que a América tinha entrado na guerra. Alex não dizia nada sobre a situação na Alemanha nem sobre a sua vida, devido aos censores, mas dizia a Nick que Marianne e o marido estavam à espera de um filho em finais da primavera. Era o primeiro neto de Alex e ele estava muito entusiasmado. Dizia que sentia terrivelmente a falta dela e mal conseguia esperar para um dia poder vê-la e também o bebé, além de conhecer o marido dela. Quando Nick pousou a carta, olhou para Christianna com um sorriso pesaroso e um gemido.

287

- Sinto-me um ancião - disse-lhe. - O meu amigo Alex vai ter o primeiro neto. Tem mais quatro anos que eu, mas eu também podia ter um.

Nick tinha agora quarenta e seis anos e Alex acabava de fazer cinquenta, o que também era espantoso. Parecia que tinha sido ontem que eram rapazes, com vidas que pensavam que nada poderia afetar ou que alguma vez pudessem mudar. E agora tudo tinha desaparecido. Nick trabalhava num circo, Alex estava sozinho e não via a filha há mais de um ano e Toby ia para a guerra.

Nick e Christianna não tinham voltado a falar em ter um filho. Pearl Harbor tinha acontecido apenas alguns dias depois do seu casamento e ele só conseguia pensar no alistamento de Toby, nos filhos que tinha, não nos que não tinham.

E quando Toby voltou depois do treino em São Francisco, foram uns dias angustiantemente agrídoces. Cada segundo era precioso e Nick nunca o deixava afastar-se nem por um minuto.

Queria estar com ele todo o tempo possível. Toby apresentou-se uma última vez com o pai, com o seu uniforme de cabo, a pedido do diretor do espetáculo. Quando ele e o pai conduziram os lipizanos nos seus últimos passos, a multidão pôs-se de pé e aclamou-os. Aplaudiam por causa de Toby enquanto as lágrimas corriam pela cara de Nick. O diretor do espetáculo tinha explicado ao microfone que Toby ia embarcar para a guerra.

Havia muitos mais como ele, no circo e em todos os caminhos da vida. Cada jovem da América exibia um uniforme e, de um dia para o outro, tinha o aspeto de um homem. Até Lucas parecia subitamente mais velho e mais maduro. Quanto a Toby, regressara do campo de treino com um aspeto sólido, forte e

saudável. Esteve cinco dias em casa, que passaram depressa de mais, e na noite antes da partida anunciou que ele e Katja tinham ficado noivos.

288

Ela e toda a família estavam tão chorosas como Nick por causa da partida dele. Na véspera da partida de Toby, depois de acompanhar Katja até ao atrelado dela, os dois irmãos ficaram deitados, no quarto que tão bem conheciam, e Lucas abraçou-o e disse-lhe quanto iria sentir a sua falta. Toby tinha lágrimas nos olhos quando abraçou o irmão, que estava a chorar.

Toda a família de Christianna veio despedir-se dele de manhã. Sandor chamou-o seu neto e disse-lhe que estava muito orgulhoso dele e que seria um grande americano. E Katja e a respetiva família vieram despedir-se dele ao comboio para a Califórnia e ninguém conseguia deixar de chorar.

Nos dias a seguir a Toby partir para Fort Mason, Nick tentou manter-se ocupado com os cavalos e praticar outras rotinas para o seu novo número sem Toby. Mas Christianna e Nick atraíam todas as atenções, sobretudo agora. Nick tinha escrito a Alex para lhe contar que Toby se tinha alistado, mas sabia que demoraria muito até ele receber a carta e ainda mais até Nick ter notícias dele, através da Suíça. Mas era perturbador pensar que o menino de Nick estava no exército e que a menina de Alex estava prestes a ter um bebé. O tempo tinha voado.

Em abril, Toby conseguiu fazer chegar uma mensagem a Nick, vinda de Fort Mason, em que lhe dizia que ia embarcar. Não estava autorizado a dizer para onde, mas disse que era no Pacífico. Conhecía dois outros alemães na sua companhia e nenhum deles ia ser enviado para a Europa. Mas ao menos ele tinha sido autorizado a combater pelo seu país de adoção. Nick preferia que ele não tivesse de ir. E, ao mesmo tempo os americanos de origem japonesa estavam a ser enviados para campos de detenção no Oeste. O governo queria ter a certeza de que não havia lealdades divididas entre nenhum deles. Mas Nick não

289

sabia mais nada acerca do destino para onde o filho ia ser enviado. Toby prometeu escrever-lhe sempre que pudesse e Nick meteu a carta numa caixinha, junto de outras que ele tinha escrito do campo de treino. Tinha-as guardado todas.

Receberam outra carta dele em maio, vinda do Havai, quando andavam em digressão, e ele parecia feliz e entusiasmado, embora pouco pudesse dizer acerca do que estava a fazer ou para onde ia. Entre as restrições sobre ele e os censores que liam as cartas de Alex, Nick sentia-se como se estivesse na escuridão acerca de ambos mas, pelo menos, recebia cartas de vez em quando. Interrogava-se se Marianne já tinha tido o bebê, mas nem isso sabia. E não tinha tido notícias dela desde que Toby partira para o campo de treino.

Geralmente ela escrevia para ele e não para Nick e era Toby que lhe dava notícias dela.

O bebê de Marianne devia nascer nos primeiros dias de junho. Tinha sido uma gravidez fácil, embora os dias lhe parecessem demasiado compridos sem Edmund. Isabel pedia-lhe ajuda no jardim, para a manter ocupada, a caminhar e a mexer e apreciava imenso ter a nora junto de si e vê-la desabrochar como uma bela flor. E Isabel estava felicíssima por causa do bebê. Tal como Edmund, que vinha a casa sempre que podia, o que não sucedia com frequência. Sempre que vinha, acariciava suavemente o ventre da mulher, assombrado e empolgado com o seu desenvolvimento. Adorava sentir o bebê a dar pontapés e ficava sempre entusiasmado, como se fosse a primeira vez que o sentia. Não era provável que conseguisse, mas tinha dito que tentaria ter uma licença por volta da data prevista para o nascimento do bebê, na primeira semana de junho. A mãe avisou-o de que os primeiros bebês se atrasavam quase sempre. Disse-lhe que ele próprio tinha nascido com três semanas de atraso e nessa altura ela quase já tinha

290

mudado de opinião e estava convencida de que ele seria sempre descortês e atrasado. Mas perdoou-o logo que o viu.

Edmund também tinha dito que, se ela entrasse em trabalho de parto quando ele estivesse na base, tentaria trocar com outra pessoa o seu período de sentinela ou mesmo uma missão programada e viria para casa o mais depressa que pudesse, embora a sua base fosse na Ânglia Oriental, que ficava a várias horas de distância. Mas disse que faria o possível e ela sabia que era o que faria. Tinha decidido ter o bebê em casa, em Haversham, pois os hospitais estavam agora tão atarefados com os feridos que se sentiria culpada por ocupar uma cama e a atenção das enfermeiras por uma situação tão normal. Teria o médico local e a

sogra a assistir ao nascimento e, com um pouco de sorte, Edmund estaria de licença ou viria pouco depois, para conhecer o bebê. Ela queria dar-lhe um filho, que era o que se esperava deles, mas Edmund tinha reconhecido, em segredo, que desde o princípio queria uma menina, que fosse igualzinha a ela. Queriam ter muitos filhos, pelo menos cinco ou seis, e estavam ambos encantados com a chegada, aparentemente fácil, do primeiro.

Por puro milagre, Edmund conseguiu ter uma licença de cinco dias no fim de maio, até aos primeiros dias de junho, que era precisamente quando ela esperava o bebê e tinha esperança de que chegaria a tempo, antes da partida dele. Isabel prometeu pô-la a trabalhar no jardim e tiveram uma vaga de calor que, segundo Isabel, não deixaria de trazer o bebê, se a jardinagem e os longos passeios não resultassem. Mas Marianne queria ficar sentada muito quieta antes da chegada de Edmund, para que também não nascesse demasiado cedo.

Estava enorme e Isabel estava sempre a dizer que deviam ser gémeos, embora o médico não tivesse ouvido um segundo coração. Mas Isabel 291

achava difícil acreditar que um só bebê fosse daquele tamanho. O rosto e os membros de Marianne tinham-se mantido magros, mas a barriga estava desmedida e agora Edmund fazia troça dela sempre que a via. Dizia que ela parecia ter roubado a bola de praia a alguma pobre criança e que a trazia escondida debaixo do vestido. Ela sentia-se desconfortável por causa do calor e achava que mal conseguia mexer-se. Tinha dificuldade em calçar as meias e tinha desistido de as usar no calor. Não havia em Haversham ninguém que a visse e a sogra disse-lhe que não se preocupasse. Não tinha importância. E naqueles tempos muitas raparigas não usavam meias, pois eram muito difíceis de obter.

Na noite anterior à data prevista para a chegada de Edmund, este telefonou a Marianne da base. Acabava de lhe ser distribuída uma missão importante e não o autorizavam a fazer a troca nem a começar a gozar a licença nos dois dias seguintes. Disse que terminaria rapidamente e que ela mantivesse as pernas cruzadas até ele chegar. Ela prometeu fazê-lo e ele teve de largar o telefone com toda a rapidez, pois dúzias, quando não centenas de outros aviadores tinham de telefonar por causa de licenças canceladas. Ela só teve tempo para lhe dizer que o amava e que ele viesse depressa para casa e ele disse à pressa que também a amava e desligou. Ela foi dar a Isabel a desoladora notícia de que a chegada dele tinha sido adiada por causa de uma missão e disse também que tinha a certeza de

que não teria o bebê nos próximos dias.

Na noite seguinte ouviram-nos. Centenas de aviões voaram sobre a Grã-Bretanha, a caminho da Alemanha. Ela, Isabel e Charles viram-nos. Não sabiam quantos eram mas o céu noturno estava cheio deles, voando implacavelmente a caminho do alvo, e ela soube instantaneamente que Edmund era um deles. Contemplou o céu a sorrir e sussurrou que o amava. Só souberam mais tarde que eram mil bombardeiros e que se dirigiam para Colónia.

292

- Não admira que ele não pudesse vir a casa - disse Isabel quando voltavam para dentro. Tinham ouvido a aproximação daquela formação maciça e tinham ido à rua para ver. -

Devem ir ali centenas de aviões, até uns mil.

Charles achou que era um exagero, mas veio a saber-se que não era. Havia aviões no céu até onde a vista humana alcançava e continuaram a ouvir-se depois de terem desaparecido.

Era o mesmo zumbido que os enchia de pavor à noite, quando os aviões alemães os sobrevoavam para bombardear as suas cidades. Já era um som conhecido de todos. Marianne só podia calcular que a população civil alemã ficasse tão aflita como eles. As suas cidades estavam em ruínas e a Inglaterra tinha sido duramente atingida, havia destroços por todo o lado nas ruas de Londres, embora Marianne não tivesse lá estado para ver, desde que tinha chegado. Isabel não deixava, nem Edmund, depois de se casarem. Marianne estava a desfrutar da vida no campo, onde estavam mais seguros que em Londres.

Nessa noite partilharam um jantar tranquilo na sala de jantar, enquanto Marianne fazia o relato dos sinais do bebê e se estaria ou não prestes a chegar. A conversa desviou a atenção de todos, que assim não pensavam demasiado em Edmund. Marianne dizia a si mesma que era apenas mais uma missão, igual a tantas outras, e que em breve ele estaria de regresso a casa. No dia seguinte ou no outro, ele não sabia ao certo, e tinha prometido telefonar logo que pudesse. E pela noite dentro ouviram os aviões que regressavam.

Eram demasiados para serem os alemães e o som deles era igual ao do batalhão que tinha partido. Marianne ficou deitada na cama com uma sensação de alívio,

sentindo as contrações habituais que tinha tido nas últimas semanas. Ele estava quase a chegar a casa. E ela começava a pensar que o bebé também chegaria em breve.

293

Nessa noite, as contrações foram mais fortes que o habitual mas de manhã não tinha acontecido nada de importante e ela desceu a escada a bambolear-se para ir tomar o pequeno-almoço, ainda grávida e parecendo muito cansada.

- Dormiste bem, querida? - perguntou a sogra, dando-lhe um beijo, ao mesmo tempo que se servia de uma torrada e um ovo de uma das suas galinhas.

Há um ano que não viam bacon. Esses tempos deixaram de existir desde a guerra. Mas havia muitos ovos nos galinheiros e frangos na mesa. Era a única carne que tinham. Isabel notou que Marianne parecia cansada, mas não se admirou. Compreendeu que o bebé já não demoraria muito a chegar.

- Ouvi os rapazes, quando regressaram ontem à noite.

- Eu também.

Marianne tinha-se sentido muito mais tranquila ao ouvi-los voltar. Queria que Edmund regressasse em breve. Ainda não tinha telefonado, mas ela partiu do princípio de que ou estava a dormir depois da missão ou a tentar conseguir a autorização para sair antes de lhe telefonar a dizer quando chegaria a casa. E Isabel levou-a mais uma vez para o jardim depois do pequeno-almoço, dizendo que tinham trabalho para fazer.

- As minhas rosas estão uma desgraça! - lamentou-se, ao mesmo tempo que Marianne saía e calçava as suas botas de jardinagem sem meias.

Ainda estavam ocupadas e Charles estava a ler o jornal no escritório quando William, o mordomo, veio dizer-lhe que tinha chegado um cavalheiro para falar com ele. Era um general do exército que vivia na região e ele e Charles eram velhos amigos. Charles ficou imediatamente com uma expressão de satisfação.

- Mande-o entrar.

294

Ficou contente por ter uma companhia masculina. A tagarelice constante de Isabel a respeito do bebê tinha começado a esgotar-lhe a paciência. Ela não conseguia pensar em mais nada. Pôs-se de pé quando o general seu amigo entrou no escritório e estendeu-lhe a mão para o cumprimentar.

- Bernard, caro amigo. Que prazer vê-lo! Estamos à espera de um neto a todo o momento e as mulheres não sabem falar de mais nada. Estão a pôr-me louco. É ótimo vê-lo!

O seu velho amigo sorriu ao ouvi-lo, mas estava com ar sério quando se sentou diante da secretária de Charles. Foi direto ao assunto. Não queria induzi-lo em erro nem perder tempo numa conversa sem interesse. Os seus olhos fixaram-se nos de Charles, cujo coração teve um sobressalto.

- Tenho más notícias para si, Charles - disse simplesmente.

Tinha querido dizer-lhe primeiro, de preferência a sós, atendendo à sua longa amizade.

- Um dos rapazes?

A voz de Charles era pouco mais que um sussurro. Foi tudo o que lhe saiu. O general acenou.

- Edmund. A noite passada. Foi abatido sobre Colónia. Mandámos mais de mil e cem aviões. Voltaram todos menos quarenta e três. Edmund não conseguiu. Lamento imenso.

Estava terrivelmente desgostoso por causa do amigo. Esforçando-se por não perder a compostura, Charles pôs-se de pé e caminhou à volta da sala, destroçado, ao mesmo tempo que o general se aproximava dele e lhe dava umas palmadas no ombro. Ele próprio tinha perdido dois filhos desde o princípio da guerra. Não era uma situação que desconhecasse, razão pela qual tinha vindo. O chefe do esquadrão de Edmund tinha-lhe telefonado, sabendo

295

que estava na região e que era amigo do pai do jovem piloto.

- Oh, meu Deus, que hei de dizer à mãe? - Charles olhou o amigo nos olhos com

pânico e desespero. Era o que tinham temido e que esperavam que nunca acontecesse, como todos os pais em Inglaterra e todos os outros países. - E é o bebé dele que vai nascer a qualquer momento, possivelmente ainda hoje.

O general sabia exatamente como era duro. Era um momento terrível, de um desespero inimaginável na vida de qualquer pai ou mãe, sucedesse como sucedesse. Pelo menos, podiam dizer que naquele caso tinha sido por uma causa nobre e não um acidente estúpido causado por um bêbado agarrado ao volante. Edmund defendia a Inglaterra dos seus inimigos.

Mas agora isso era um fraco consolo.

- Quem me dera poder fazer qualquer coisa - disse o general com bondade.

Mas sabia que não havia nada a fazer. Tudo o que podia fazer era dar a notícia da forma mais compassiva possível. Outros eram notificados pelo Ministério da Guerra por um telefonema ou por um mensageiro de bicicleta que chegaria à porta com um telegrama. O general tinha-lhes poupado isso. Charles estava grato pela bondade e pensou na pobre Marianne. Tinha agora uma enorme pena dela, tanto como de si mesmo. Não conseguia imaginar como sobreviveriam, mas sabia que conseguiriam. Tinham de sobreviver. Não tinham alternativa.

O general despediu-se discretamente. William teve um mau pressentimento quando fechou a porta depois de ele sair. Sentindo-se em estado de choque, Charles saiu para o jardim, em busca das mulheres. O sol estava demasiado intenso, as aves faziam demasiado barulho e as pernas dele pareciam de borracha. Sentia-se como se o mundo tivesse chegado ao fim. Mas não podia deixar transparecer os seus sentimentos antes de lhes dar a notícia.

296

- Tiveste uma visita? - perguntou Isabel com alegria. - Quem era?

Ergueu os olhos para ele com um sorriso mas, ao ver o olhar dele, compreendeu e imobilizou-se imediatamente. Os seus olhares cruzaram-se e ele acenou, ao mesmo tempo que ela largava os utensílios de jardinagem e a sua mão se erguia instintivamente para o coração, como se pudesse impedi-lo de sangrar, mas sem conseguir.

- Edmund? - disse imediatamente.

Charles voltou a acenar e depois deu dois passos e tomou-a nos braços para a consolar, puxando Marianne para si com um braço ao passar por ela. Ela ainda não sabia, não compreendeu a comunicação entre eles que existe ao fim de vinte e cinco anos de casamento. Charles e Isabel tinham precisado de poucas palavras. Marianne parecia confusa.

- O que se passa com Edmund? - Marianne parecia em pânico, subitamente entalada entre os sogros, com a sua barriga enorme. Tinha a sensação de que não conseguia respirar.

- Ele está bem?

O sogro olhou para ela com a mesma honestidade com que o general tinha olhado para ele.

- Não, não está - disse simplesmente. - O avião dele caiu sobre Colónia a noite passada, na missão que vimos partir. Mil bombardeiros. Ele não regressou.

- Ficou ferido? Foi feito prisioneiro? - perguntou ela, desvairada, não querendo aceitar o que tinha acontecido.

- Abateram-no. O avião despenhou-se - disse ele tão meigamente quanto possível, para que ela aceitasse, mas ela não conseguiu.

- Por vezes as pessoas sobrevivem. Como sabem eles o que aconteceu?

Ele não queria dizer-lhe o que o general lhe tinha dito antes de ir embora, que o avião tinha explodido e que tinha sido rápido. Não havia sobreviventes.

297

- Eles sabem - disse em voz baixa, com um braço à volta dos ombros dela, apertando-a contra si para lhe dar o pouco conforto que podia, enquanto Isabel se agarrava a ele com os olhos vidrados, sem dizer nada.

Também estava preocupada com Marianne. Tinham alguém para reconfortar, além de eles próprios. Ela tinha perdido o marido e pai do seu filho ainda por nascer.

- Ele prometeu-me que nunca morreria - disse Marianne, zangada, gritando com

eles. - Disse que regressava sempre!

Engasgou-se com um soluço e depois deixou-se cair nos braços dos sogros, chorando histericamente. Isabel levou-a carinhosamente para casa, para a deitar.

- Ele disse... prometeu... não é verdade... eles estão a mentir... ele volta hoje para casa.

Tentava tudo, mas nada ia alterar o que tinha sucedido. Nem negações nem súplicas, nem fúria nem sofrimento. Agora, só o queria a ele.

Isabel foi-a tranquilizando com sons murmurados, ao mesmo tempo que as lágrimas corriam pelo seu próprio rosto. Obrigou Marianne a deitar-se e deu-lhe água a beber. Charles entrava e saía do quarto como um fantasma, sem saber o que fazer por ela. Estavam os três a chorar. Simon telefonou ao fim da manhã e também ele estava a chorar. Tinham acabado de lhe dar a notícia. Teve uma infeção num ouvido e não pôde seguir na mesma missão, embora tivesse sido destacado. Isabel deu graças a Deus por ele não ter ido. Se tivesse perdido os dois, seria a morte dela, e de Charles, que estava tão destroçado como a esposa e que não tinha palavras para exprimir o que sentia. Estavam todos numa verdadeira agonia e Marianne soluçou durante todo o dia, sem conseguir acreditar no que tinha sucedido. Acabou por cair num sono leve e Isabel saiu do quarto para ir à procura do marido.

Este estava sentado no escritório, com ar destroçado, e ergueu os olhos quando ela entrou.

298

- Lamento - disse ele à mãe do seu primogénito e desfez-se mais uma vez em lágrimas.

Ela veio para junto dele e abraçou-o, também a chorar.

- Era tão bom menino - disse ela, desolada, e ele acenou que sim. - Mas Simon também é - continuou com lealdade. - Temos sorte em tê-lo - recordou a Charles, embora nos últimos anos tivesse sido mais próxima de Edmund, que era uma pessoa mais expressiva. - O que vamos fazer por aquela pobre rapariga? - disse ela depois de se sentarem um ao pé do outro e de ela se assoar ao lenço que ele lhe estendeu. Ele tinha sempre um lenço no bolso.

- Não podemos fazer nada - respondeu honestamente. - Cuidamos dela e da criança. Ela vai ficar aqui connosco, evidentemente - acrescentou, verbalizando os pensamentos da esposa.

- Não pode voltar para a Alemanha. Meu Deus, como eu odeio aqueles estupores - disse ele sentidamente, esquecendo-se de que a nora era alemã, tal como o pai dela, que ele estimava profundamente.

Mas eles eram exceções. Tinha agora um ódio tremendo por um país e todo o seu povo e pelo homem que tinha desencadeado uma guerra em nome deles e matado tantos outros, e o seu próprio filho, no processo.

- Espero que ela não regresse à pátria depois da guerra - disse Isabel tristemente.
- Pelo menos teremos o bebé dele. Talvez seja um rapazinho parecido com ele.

Agarrava-se ao que podia para se consolar.

Tinham de planear uma cerimónia em memória do filho e Simon dissera que viria a casa para assistir a ela. Mas não conseguia pensar nisso agora, com o bebé a preparar-se para nascer a qualquer momento. Parecia demasiada crueldade programá-la agora, estando Marianne ainda à espera do bebé dele. Seria mais do que ela poderia

suportar. Isabel mal conseguia pensar com clareza quando voltou ao andar de cima e entrou no quarto de Marianne. Viu que ela ainda estava a dormir. Seguiu para o seu próprio quarto, deitou-se e adormeceu. Não tinha comido desde o pequeno-almoço, nenhum deles tinha aliás comido nada. Pouco depois ouviu Charles subir a escada e sentiu-o deitar-se ao seu lado. Ele agarrou na mão dela e ali ficaram, de mãos dadas, em silêncio. Nada lhes restava para fazer ou dizer, só lhes restava estarem ali juntos.

Na manhã seguinte Marianne não desceu para o pequeno-almoço. Geralmente levantava-se cedo e às dez horas Isabel subiu para ver como ela estava. Bateu à porta e não obteve resposta. Foi encontrá-la na casa de banho, de joelhos no chão, a vomitar para dentro da sanita. Os olhos que ergueu para a sogra pareciam mortos. Ela própria se sentia como se tivesse morrido na véspera. E subitamente Isabel sentiu-se grata por ela não ter dado à luz no dia em que tinha recebido a notícia. Teria sido demasiada crueldade ter o aniversário da morte dele todos os anos no aniversário do nascimento do filho. Mas, pelo menos, ela tinha o seu bebé. Isabel estava vestida de luto e tinha dado instruções a William, o

mordomo, para pôr uma coroa fúnebre na porta e Charles tinha-o mandado pôr a sua bandeira a meia haste. Ao cair da noite todos os vizinhos sabiam e tinham começado a chegar cartões de pêsames manuscritos. Toda a gente os lamentava e agora havia muitas outras famílias - demasiadas famílias - na mesma situação que eles. Pelo menos o seu filho tinha tido uma morte de herói. Tentou dizer a si mesma que isso era importante, mas na verdade não era. O seu menino estava morto. Mas o de Marianne ainda estava vivo e Isabel fez um esforço para se concentrar e pôs uma toalha molhada em água fria na cabeça da jovem que continuava a vomitar, num estado miserável. Estava pálida, com a pele cinzenta, a puxar para o esverdeado. O dia anterior tinha sido de mais.

300

- Como está o bebé? - perguntou-lhe Isabel em voz baixa.

Marianne nunca tinha tido tão mau aspeto.

- Não se mexe - disse Marianne, parecendo nem sequer se importar.

- Contrações?

Marianne encolheu os ombros.

- Na verdade, não. Doem-me as costas e sinto-me mal.

Disse isto e voltou a vomitar. Isabel puxou o autoclismo, puxou-lhe o cabelo para trás e lavou-lhe a cara com água fria, com Marianne deitada no chão da casa de banho, demasiado indisposta para se mexer ou voltar para a cama. Tudo o que queria naquele momento era morrer. Ele tinha-lhe mentido e desta vez não ia regressar, depois de ter prometido.

Era uma promessa que ele não podia cumprir e ela odiava-o por isso.

- Vamos, eu ajudo-te a ires para a cama - disse Isabel.

Ajudou-a a levantar-se do chão mas, logo que se levantou, Marianne dobrou-se sobre si mesma e um jorro de água veio não se sabe donde e cobriu o chão da casa de banho. Isabel percebeu imediatamente do que se tratava e Marianne ficou em pânico.

- Não posso ter o bebé agora, estou demasiado doente.

Isabel ajudou-a a despir a camisa de dormir e procurou uma lavada no armário, enquanto Marianne voltava a dobrar-se sobre si mesma e se agarrava a ela entre soluços. Estava num estado terrível e Isabel deitou a mão a um monte de toalhas, estendeu-as em cima da cama e conseguiu que Marianne se deitasse.

- Volto num instante - prometeu e saiu rapidamente do quarto, tentando parecer calma.

Deparou-se com Charles que estava no corredor e se preparava para descer com um ar lúgubre.

301

- Vai buscar o médico! - disse-lhe ela rapidamente e ele ficou imediatamente com uma expressão preocupada.

- Ela está bem?

- Não. Sim. Está desesperada, mas está a ter o bebé. Acabaram de lhe rebentar as águas e está bastante doente. Diz-lhe que venha já.

Regressou apressadamente ao quarto e Charles desapareceu, para fazer o que ela lhe tinha dito. Quando Isabel regressou, percebeu que Marianne estava a ter contrações violentas.

Ergueu tristemente os olhos para a sogra.

- Não quero o bebé - disse, desesperada, com as lágrimas a correrem pela cara abaixo. - Ele nunca mais volta para casa.

- Eu sei, querida, eu sei... - disse Isabel, acariciando-lhe suavemente a mão.

Logo a seguir Marianne estendeu a mão e agarrou-a. As dores tinham começado a vir com violência no momento em que as águas rebentaram. O bebé estava preparado, quer a mãe estivesse, quer não. Estava na hora.

As dores tornaram-se mais violentas e mais prolongadas durante a meia hora seguinte. Entretanto Isabel foi buscar mais toalhas, desejando que o médico se

apressasse. Não queria assistir ao parto sozinha e nunca tinha feito tal coisa. Não era parteira. Marianne gemeu e soltou um grito quando a porta se abriu e o médico entrou, de maleta na mão. Vinha com uma expressão sombria e compreensiva, pois tinha acabado de saber a notícia, depois de ver a coroa na porta.

- Lamento imenso - disse a Isabel e depois as suas atenções viraram-se rapidamente para a viúva de Edmund.

Na noite anterior tinha ocorrido a Isabel que a sua nora era agora uma viúva com vinte e um anos. Parecia um cruel princípio de vida, tal como era cruel perder um filho, como lhe sucedera. Quando o médico olhou

302

para Marianne viu, pelos sinais, que as coisas estavam a avançar depressa. Ela parecia desesperada quando olhou de relance para ele e agarrou o braço e depois o ombro de Isabel.

- Não posso ter este bebé - disse, ofegante, para o médico. - Não estou preparada.

- Talvez não. - Ele sorriu-lhe com bondade. - Mas penso que o bebé está.

Não lhe disse que, naqueles assuntos, de nascimento e de morte, não havia alternativa, mas essa era a verdade. E o bebé dela ia nascer naquele dia, estivesse ela preparada ou não.

Examinou-a com toda a suavidade possível e ela soltou um grito, que Charles ouviu no vestíbulo e o fez fugir precipitadamente para o rés-do-chão, aterrorizado com os sons.

Isabel foi buscar os lençóis velhos que tinha posto de lado para o parto, pediu a uma das criadas que trouxesse mais toalhas e voltou para junto de Marianne, que estava outra vez a vomitar e em profundo sofrimento a cada contração.

- Isto é horrível - gritou ela. - Não posso fazer isto sem Edmund.

- Ele está aqui contigo, Marianne - disse Isabel calmamente. - Estará sempre contigo. Não te deixará sozinha. Ouve-o na tua cabeça. Ele não permitirá que

nada te aconteça.

Marianne olhou para ela ao ouvi-la dizer aquelas palavras e de repente ficou muito calma e deixou de gritar. Era exatamente o que ela precisava de ouvir e o médico fez um aceno de aprovação enquanto apalpava a barriga de Marianne. O bebê estava a descer muito bem e depois Marianne olhou para os dois com um olhar aterrorizado quando uma força maior que tudo o que ela tinha alguma vez conhecido fez pressão dentro dela. O médico disse-lhe que fizesse força ao mesmo tempo que ela se 303

apoiava nas pernas. Tudo estava a acontecer muito depressa e Marianne estava assustada, gritando a cada contração e depois deixou-se cair para trás, apoiada nas almofadas, e desistiu.

- Não posso, não posso - disse, a chorar, e depois a força apoderou-se mais uma vez dela e soltou um grito longo, horrível, interminável, que se prolongou até terminar num pequeno mas potente grito. Marianne olhou para ambos com assombro e depois viu um pequeno rosto entre as suas pernas.

- Oh, meu Deus - exclamou, a chorar, e olhou para eles com sorrisos à mistura com as lágrimas.

O bebê tinha cabelo escuro como Edmund e Isabel pensou que era exatamente igual a ele. O médico disse a Marianne que continuasse a fazer força e o bebê deslizou para fora com outro longo grito e começou a chorar ferozmente. Era uma menina, tal como Edmund tinha desejado. Marianne recostou-se nas almofadas com um sorriso vitorioso e lágrimas a correrem-lhe pela cara abaixo.

- É parecida com Edmund - sussurrou Isabel a Marianne, também a chorar, com todo o júbilo e toda a mágoa do nascimento, em especial agora.

Marianne também se tinha apercebido. O bebê era a imagem dele. De repente, Marianne tinha crescido e amadurecido, ali deitada enquanto o médico cortava o cordão umbilical, envolvia o bebê num pequeno cobertor que Isabel lhe entregara e encostava a bebê ao seio da mãe. Tinha olhos azul-lavanda como os da mãe, mas o resto era do pai, sem a menor dúvida.

Os três soltaram exclamações de encanto com a beleza da bebê e depois deitaram-na num berço. Isabel ajudou a limpar a mãe, depois lavou a bebê, pôs-lhe uma fralda e devolveu-a à mãe. O médico estava contente pois tudo tinha

corrido bem, na realidade tinha sido um parto fácil e demorara apenas quatro horas desde o princípio até ao 304

fim. Isabel suspeitava de que ela tinha entrado em trabalho de parto na noite anterior sem saber. Deixou Marianne sozinha com o médico durante alguns minutos e foi à procura de Charles para lhe dar a notícia. Ele estava no escritório a beber uísque puro. Ela sorriu quando se apercebeu. Ele merecia, por isso não fez comentários.

- Vossa Senhoria tem uma linda neta - disse ela, dando a volta à secretária para lhe dar um beijo e beber um gole de uísque.

Ele sorriu. Ela era uma boa mulher e também corajosa. Tinha ultrapassado os últimos dois dias de forma admirável, como sempre. Em mais de vinte e cinco anos, nunca o tinha desiludido e sabia que isso nunca aconteceria.

- Estão ambas bem?

Parecia preocupado. Não queria outra tragédia, para nenhum deles.

- Perfeitamente. O bebé é enorme, mas Marianne portou-se muito bem. E a menina é parecidíssima com Edmund.

Ele pareceu ficar contente, embora ligeiramente desiludido por ser uma menina.

- Pelo que ouvi, durante um bocado parecia horrível.

- Parece sempre. Só que já te esqueceste. Eu quase deitei a casa abaixo com os nossos. Provavelmente estavas demasiado embriagado para te aperceberes.

- Penso que saí para ir à caça.

Sorriu-lhe pela primeira vez em dois dias, mas aquele era um acontecimento feliz, por muito grande que fosse a sua perda. E era uma parte de Edmund que teriam com eles para sempre.

- Queres vê-la? - propôs Isabel.

Mas ele pareceu ficar nervoso com a sugestão. Ainda era um pouco cedo de mais para ele.

- Deixa a pobre rapariga recuperar pelo menos durante algumas horas.

Isabel fez um aceno de concordância e regressou para junto de Marianne e do bebé. O médico saiu pouco depois e prometeu regressar no dia seguinte. Tinham sido precisos alguns pontos, o que era de esperar com um bebé tão grande, e previa que Marianne ficasse dorida, aliás já estava. Mas ela olhava para o seu bebé, enlevada, e sorriu para a sogra quando ela entrou.

- Ela é tão linda - disse Marianne suavemente, tocando nos dedos minúsculos das mãos dela.

Também tinha posto à mostra os pés para poder ver os dedinhos. Tinha tudo o que devia ter. Marianne nunca tinha visto nada tão requintado como a sua menina.

- Que nome vais dar-lhe?

Marianne pensou durante algum tempo. Tinha estado a olhar para os seus olhos cor de violeta.

- Violet - respondeu, com expressão tranquila.

O que Isabel lhe tinha dito acalmara-a e lembrara-lhe que, de certo modo, Edmund faria sempre parte da sua vida, através desta criança.

- Violet Edwina Alexandra Isabel Charlotte Beaulieu - disse, e Isabel riu-se.

Estava a homenagear o pai da bebé e todos os seus avós de uma vez só, pois seria a única criança de Edmund. Isabel comoveu-se.

- Meu Deus - disse a rir - vai ter de casar pelo menos com um príncipe, com tudo isso, ou com um duque no mínimo. E sentar-se num trono.

Mas Isabel estava muito satisfeita com as opções dela, contemplando Marianne com a filha nos braços. Pensou em Edmund e sentiu-o perto dela e em silêncio fechou os olhos e ela e a filha adormeceram. Isabel alisou suavemente os cobertores e saiu do quarto em silêncio, regressando aos seus aposentos. Ainda tinha muito que fazer e nada

tão jubiloso como acolher a sua neta. Tinha a cerimónia fúnebre do filho para planear e o seu coração estava apertado quando saiu. O percurso de Marianne com o seu bebé estava apenas a começar. E o seu próprio com o seu filho já tinha acabado. Os dois extremos da vida tinham-se juntado demasiado cedo.

307

CAPÍTULO 22

Era o mês de julho e o circo andava em digressão na Califórnia quando Nick soube por Alex que Marianne tinha tido uma menina e perdido o marido, tudo em apenas dois dias.

Alex nada dizia das suas próprias atividades, mas Nick imaginava que pouca coisa acontecia no condado e que a sua vida era tranquila, embora muita coisa sucedesse na frente da guerra, tanto na frente russa como no norte de África. A maré ainda não tinha mudado para os Aliados. Nick mantinha-se constantemente a par do que acontecia no Pacífico.

As notícias de Toby eram escassas, embora tivesse escrito a Katja dizendo que queria casar com ela se viesse a casa passar o Natal, ou na primeira licença que tivesse. E ela não conseguia falar em mais nada sempre que Nick a via. Ambos os jovens alimentavam assim a esperança e em certa medida uma afirmação de vida para fazerem planos.

Nick leu avidamente as notícias acerca do primeiro ataque aéreo americano na Europa, na França ocupada, em meados de agosto. Os Estados Unidos juntaram-se à Grã-Bretanha em contínuas missões de bombardeamento contra a Alemanha.

O circo chegou a São Francisco e foi montado para ficar dois dias em Oakland. Nick estava a engraxar as botas, como sempre fazia antes do espetáculo de cada noite. Christianna oferecia-se sempre para lho fazer, mas ele sorria e dizia que era uma daquelas coisas que um homem tinha de fazer com as suas próprias mãos. Apresentava-se sempre impecavelmente, quer em roupa de trabalho quer de fato formal. Estava a ouvir as notícias no rádio e não ouviu o mensageiro de

bicicleta que parou junto da caravana. Quando ergueu os olhos, um rapazinho de uniforme da Western Union estendia-lhe um envelope com

308

mão trémula. Por um instante, Nick recusou-se a aceitá-lo e depois agarrou-o de repente. Agora odiava telegramas. O mensageiro fugiu antes de Nick ter tempo para o abrir.

Ficou ali, imóvel, a lê-lo, com as botas engraxadas enterradas na poeira e a escova ao lado delas. Leu e releu vezes sem conta sem conseguir interiorizá-lo. Não permitiria...

O Departamento da Guerra lamenta informar que o Cabo Tobias Bing... morto em combate... serviços distintos prestados ao seu país... lamenta informar... lamenta informar...

as palavras nadavam-lhe diante dos olhos e ele soltou um surdo uivo animal. Christianna ouviu quando vinha na estrada e pôs-se a correr, pensando que algum animal estivesse ferido. Encontrou Nick com um ar desorientado e o telegrama apertado na mão. Tirou-lho e leu-o. Depois abraçou-o enquanto ele chorava descontroladamente. Graças a Deus, Lucas andava por fora com os palhaços, andava a ter aulas de malabarismo. Levou Nick para dentro da caravana e ele ficou ali, imóvel, de pé, ainda a chorar.

- Está morto... está morto... oh, meu Deus, eles mataram-no - repetia ele vezes sem conta.

Toby era uma criança. Tinha quase dezanove anos e agora a sua vida tinha terminado. Nick estava inconsolável e Christianna teve-o nos braços durante horas, enquanto ele se balançava para trás e para diante, chorando a perda do filho.

Em poucas horas a notícia espalhou-se pelo circo. Já tinha havido muitas baixas de rapazes que se tinham alistado ou que tinham sido destacados, pessoal de apoio, artistas, filhos, irmãos, a lista era extensa e agora Toby figurava nela. Tinham uma página no programa a homenagear aqueles que haviam morrido ao serviço do seu país. Os irmãos e o pai de Christianna apareceram à tarde para conversar com Nick, mas ele estava quase incoerente e chorou abraçado ao sogro, como uma criança, e Sandor também chorou.

- Era tão bom rapaz - dizia Nick. - Nunca me deu preocupações.

Sandor ficou sentado junto dele durante muito tempo e por fim Christianna perguntou-lhe se ele queria cancelar o número dessa noite. Ele não estava em estado de continuar, mas sabia que era o que se esperava dele e entendia que tinha de o fazer. Ele e Christianna faziam o número principal e a assistência ficaria furiosa se não aparecessem, fosse qual fosse a razão. A sua tragédia privada não era problema dos espetadores e ele abanou a cabeça em resposta à pergunta dela.

- Tens a certeza?

Estava preocupada com ele e John Ringling North, Joe Herlihy e o diretor do espetáculo vieram vê-lo. North tinha dado ordem para que a bandeira do circo fosse posta a meia haste. Toda a gente estava muito desgostosa com o que tinha sucedido. Christianna ouviu Katja a gritar quando Gallina lhe disse. Todos os que tinham conhecido e amado Toby estavam arrasados. O pior foi dizer a Lucas, que ficou deitado na cama a soluçar, lamentando a perda do irmão que tinha sido o seu herói e o seu melhor amigo durante toda a vida, ainda mais do que o pai.

Quando saiu para o espetáculo dessa noite, Nick parecia que ia para um funeral e não estivera em estado de ensaiar, embora não fosse necessário. Eram capazes de executar o número de olhos fechados. E, mesmo que o seu desempenho dessa noite não tivesse brilho, provavelmente a multidão não daria por isso. Os cavalos eram tão espetaculares e Christianna tão bela que tudo o que Nick precisava era de estar presente. Era tudo o que conseguia fazer naquela ocasião.

Christianna ajudou-o a vestir-se e ele seguiu-a cegamente até à tenda dos cavalos, onde os tratadores o ajudaram a levar os animais para a arena principal. Todos apresentaram os seus sentimentos por causa de Toby.

O diretor do espetáculo pediu um momento de silêncio por um dos seus valentes rapazes caído em combate e referiu o nome dele, no princípio do número. Felizmente Nick não ouviu, pois teria ficado destroçado. Estava arrasado. Os filhos eram tudo para ele e era a segunda criança que perdia, depois da filha, há

nove anos. Dos três filhos, só Lucas ainda era vivo.

A sua conhecida música de apresentação soou, que era a deixa para o início, e Nick e Christianna aproximaram-se dos focos de luz, montados em Pégaso e Atena. Nick sorria, mas mais parecia uma careta, e Christianna tentava empenhar-se mais do que era habitual, para compensar o que pudesse faltar a Nick, mas o desempenho dele foi impecável. Ela conhecia-o suficientemente bem para saber que estava a movimentar-se cegamente, sem prestar atenção a nada, mas mais ninguém dava por isso. Ela sorria-lhe para o encorajar, mas ele estava desorientado e mais parecia estar com um ataque de sonambulismo. O próprio Pégaso fez o número quase sem orientação de Nick e, quando saíam da arena, Nick segurava as rédeas sem as controlar e não viu uma estaca que alguém tinha deixado no caminho. O garanhão também não a viu, tropeçou violentamente e quase caiu. O choque despertou Nick do seu torpor, mas tarde de mais. O lipizano tinha-se magoado na perna e coxeava fortemente quando saíram da arena. Nick desmontou imediatamente para verificar, tal como Christianna, que estava junto dele.

- O que sucedeu? - perguntou ela, assustada.

Sabia a importância que Pégaso tinha para ele e aquele não era um dia próprio para que alguma coisa corresse mal. Mas o choque da perda de Toby e o estado em que Nick estava tinham provocado o percalço. Pela primeira e única vez, ele não tinha prestado a atenção devida.

311

- Forçou um ligamento - disse Nick sucintamente. - A culpa foi minha. Não estava a prestar atenção. Não vi o que estava no chão.

Prestava sempre atenção a essas coisas, mas naquela noite não o tinha feito. Só conseguia ver Toby, que nunca mais voltaria para junto dele. Não tinha prestado a mínima atenção à segurança de Pégaso.

Pediu um atrelado para levar o garanhão para a tenda. Não queria feri-lo ainda mais a caminhar. E pediu a um dos tratadores dos animais que lhe chamasse um veterinário o mais depressa possível. Levou Pégaso para a tenda, friccionou-o com linimento e ligou a perna aleijada, mas Pégaso mal podia caminhar quando saiu do atrelado. Para qualquer cavalo, era uma situação desastrosa e Christianna rezou para que Pégaso fosse exceção. Sabia que, se tivessem de o abater, isso

seria a morte do marido, ele que já estava meio morto de desgosto.

Pela primeira vez em quatro anos, Nick não foi ver o número dela nem desfilou a cavalo no final. Ficou na tenda, à espera do veterinário, que veio depois da meia-noite. Parecia saber o que estava a fazer e não poupou as palavras ao falar com Nick.

- É mau. Não posso dizer que não é. Não está partido, mas creio que o ligamento está rasgado e não apenas forçado. Pode ter de abatê-lo.

Era um animal pesado com um corpo potente e pernas finas e graciosas. Era uma combinação letal quando um cavalo sofria uma lesão e muitos cavalos de corrida tinham sido abatidos por não conseguirem recuperar. Nick recusou-se a aceitar a previsão catastrófica do veterinário.

- Não vou abatê-lo - disse sombriamente.

- Podemos pô-lo numa funda no ar, para não ter o peso sobre as pernas - sugeriu o veterinário - mas não pode mantê-lo eternamente assim. Mais cedo ou mais tarde, a perna tem de sarar ou terá de aceitar que não vai sarar.

312

Nick achou que a funda era uma boa ideia, pelo que perguntou ao veterinário se conhecia alguns ranchos de cavalos competentes na região. Ele mencionou um em Santa Rosa. Nick ficou toda a noite junto de Pégaso e telefonou ao rancho de Santa Rosa de manhã. O dia anterior tinha sido o pior dia da sua vida. Peggy Taylor, a mulher que atendeu o telefone do rancho, prometeu vir ver Pégaso nessa tarde. Parecia esperta e Nick tinha a esperança de que ela soubesse o que estava a fazer. Ela disse que tinha salvo um cavalo no ano anterior com o tipo de funda de que o veterinário falava e que ainda a tinham.

Felizmente, o circo ia ficar cinco dias em São Francisco e Nick tinha tempo para tomar uma decisão antes de partirem. Informou o diretor do espetáculo de que Pégaso não poderia atuar nessa noite. Podia montar um dos árabes enquanto Christianna montava Atena. Tinha um árabe preto que seria uma boa contrapartida para ela e o diretor do espetáculo aceitou.

Não podia estar à espera de que ele montasse um cavalo coxo.

A dona do rancho de Santa Rosa veio às duas horas e, depois de conversarem durante uma hora, examinou Pégaso. Nick gostou dela. Ela disse que tinham um veterinário excelente.

Ele concordou em levar Pégaso para o rancho antes do espetáculo da noite. Partiram às três horas e às cinco o veterinário tinha visto o cavalo e tinham-no instalado na funda para não apoiar o peso nas pernas. Era tudo o que podiam fazer de momento. Christianna tinha ido com ele. Estava preocupadíssima com Nick, ainda mais do que com o cavalo.

Ele parecia destroçado e exausto e ela sabia que não tinha dormido.

Às sete horas puseram-se a caminho, de regresso a São Francisco. Chegaram ao parque de diversões em cima da hora da sua atuação, sem ensaio, mas Nick esteve mais atento que na noite anterior, embora ela soubesse como

313

ele estava cansado, E, desta vez, observou o chão, em busca de obstruções e objetos soltos. O árabe preto que ele montou atuou bem. A assistência quase não notou a diferença e Atena brilhou quando Nick a dirigiu nos seus passos, com Christianna em cima dela, parecendo uma princesa de conto de fadas. A multidão adorou.

Nos três dias seguintes ele foi a Santa Rosa para ver Pégaso e Lucas e Christianna foram com ele. Nick estava carrancudo e quase não falava com eles. Ela sabia que estava a pensar em Toby, não no cavalo, mas ele concentrava-se em Pégaso quando chegava ao rancho. Até então, não tinha havido nenhuma alteração. O veterinário com quem voltou a encontrar-se disse que demoraria várias semanas, ou mesmo meses, se se curasse e que, no fim, podiam ter, mesmo assim, de o abater. A boca de Nick formava uma linha severa.

E tomou a decisão de o deixar ali por enquanto e continuar na digressão. Mais tarde voltaria a Santa Rosa sozinho, depois do Oregon e de Seattle, e de seguida iria mais uma vez juntar-se ao circo.

Nick esteve levantado durante a maior parte da noite e Lucas foi meter-se na cama ao pé dele. Soluçaram os dois, abraçados um ao outro.

No dia seguinte, quando partiram de São Francisco, Nick estava com um aspeto

doentio. Mal falou com Lucas e com Christianna na viagem para norte. Durante as duas semanas seguintes, telefonou para o rancho de Santa Rosa duas vezes por dia. Não havia alterações e ele decidiu manter Pégaso lá mais um mês. Nessa altura regressariam ao Médio Oeste e entretanto continuou a utilizar o árabe preto para o seu número, mas regressaria para ir buscar Pégaso logo que o veterinário e Peggy Taylor entendessem que ele estava curado.

- Como está ele? - perguntou-lhe Christianna depois do último telefonema.

314

- Na mesma - disse ele, descoroçoado.

Era o fim de semana do Dia do Trabalho e estavam todos no Nevada. No dia seguinte atuaram em Las Vegas e Nick jogou durante toda a noite e embebedou-se, o que ela nunca o tinha visto fazer. Agora andava sempre infeliz e ralhava com Lucas, o que não era nada habitual nele. Mal falava com Christianna e não tinham feito amor desde a morte de Toby.

Estava a fazer o luto do filho e o facto de Pégaso estar coxo foi a última gota. Christianna perguntava a si mesma se ele voltaria alguma vez a ser o mesmo. Era uma pessoa diferente, de quem ela não gostava e que nem sequer conhecia. Não falou disso a ninguém, exceto, por fim, a Gallina. Disse-lhe, a soluçar, que se sentia agora infelicíssima e que nada do que fazia o ajudava.

- Dá-lhe tempo. É o segundo filho que ele perde, além da primeira mulher. É um abalo terrível. Reza para que Pégaso melhore. Ele também não está a ajudar.

Christianna sabia que a amiga tinha razão e, um mês depois, no dia um de outubro, no Illinois, Peggy telefonou-lhe.

- Penso que é melhor vir cá - disse-lhe com tristeza. - Ele não come, Nick. Parece-me que está simplesmente cansado de estar ali pendurado. Talvez esteja a perder a esperança.

O mesmo sucedia a Nick, mas não queria que Pégaso morresse. Pediu uma licença de duas semanas no circo, o que nunca tinha feito antes, e os cunhados concordaram em conduzir os atrelados dos seus cavalos e tratar dos cavalos com Lucas. Prometeu que, se fosse possível, regressaria mais cedo.

Pediu um caminhão emprestado e ele e Christianna demoraram dois dias e duas noites a ir do Illinois até Santa Rosa, conduzindo todo o tempo que conseguiam e dormindo dentro do caminhão parado na berma da estrada

315

quando estavam demasiado cansados para continuar. Quando chegaram ao rancho e viram Pégaso, Christianna compreendeu, tal como Nick, que estava tudo acabado. Estava suspenso, com as patas no ar, e já parecia meio morto. Tinha perdido todo o seu espírito e toda a sua vida. O veterinário descia-o com poucos dias de intervalo e a perna estava mais forte, mas não parecia querer pôr-se de pé. O veterinário disse que não conseguia saber se a perna estava fraca por falta de exercício e por ainda lhe doer ou se Pégaso queria deitar-se e morrer. O veterinário não queria dar-lhe essa oportunidade, pelo que o mantinha na funda, embora já tivessem passado seis semanas desde que se tinha aleijado e Toby tinha morrido. Tempo suficiente para o lipizano sarar, embora ainda não fosse tempo suficiente para Nick recuperar da perda de Toby. Estava profundamente deprimido e ficou ainda pior quando viu o cavalo.

Nick fez-lhe festas na cabeça e falou-lhe meigamente e Pégaso pareceu revigorar um pouco quando o viu. Sacudiu a cabeça e relinchou e também pareceu reconhecer Christianna.

Tanto ela como Nick ficaram muito desgostosos quando viram o estado em que ele estava. Parecia um cavalo velho e muito cansado, embora tivesse apenas oito anos, o que era pouca idade para um lipizano e pudesse viver uns bons quinze ou dezasseis anos mais, se optasse por viver. Mas não parecia querer.

Peggy ofereceu-se para os deixar passar a noite com ela e eles agradeceram-lhe o pequeno quarto de hóspedes. Ela não o disse, mas Nick tinha de tomar uma decisão acerca de Pégaso. Ele estava a evitar, mas era uma crueldade deixá-lo definir se não fosse recuperar. E, pensando nisso, ele foi passar a noite na cavalaria. Ficou lá muito tempo e duas horas depois Christianna, preocupada, foi atrás dele. A perda de Pégaso não ia ajudá-lo a ultrapassar a perda de Toby, nem sequer a adaptar-se. Só tornaria a situação ainda pior.

316

Foi encontrá-lo acorado contra a parede da cavalaria, a falar com o cavalo em voz baixa e segura. Estava a lembrar-lhe a viagem de barco, que tinham feito há

quatro anos, quando se tinha deitado e quase tinha morrido.

- Agora tens de tomar a mesma decisão - disse-lhe, erguendo os olhos para ele, e Pégaso acenou, como se compreendesse, enquanto Christianna se mantinha à distância a observá-los.

Nick não fazia ideia de que ela estava ali. - Decidiste pôr-te de pé quando estávamos no barco. Nessa altura eu precisava de ti, tal como preciso de ti agora. Não podes desistir e eu também não. Toby não queria que nenhum de nós o fizesse. Ele era um bom rapaz e continuaria a estar aqui se pudesse. Acho que ele ficaria muito desiludido connosco os dois se desistíssemos. - Quando ele disse aquilo, os olhos de Christianna encheram-se de lágrimas. - Prometo-te que, se tentares mais uma vez, eu hei de dar-te uma vida boa, tomarei conta de ti até ao fim dos teus dias. Estamos juntos nisto.

Pégaso voltou a acenar e Nick pôs-se de pé e acariciou-o e depois viu a esposa, que os observava.

- Não sabia que estavas aqui - disse ele em voz baixa, embaraçado com o que ela podia ter ouvido.

Não tinha querido reconhecer perante ela a intensidade do seu desespero, mas ela amava-o e compreendia, mesmo assim, e ele viu essa compreensão nos seus olhos.

- O que fizeste na noite em que ele voltou a pôr-se de pé no barco? - perguntou, com um olhar de curiosidade tanto para o homem como para o cavalo.

Andava a pensar naquilo há vários dias, mas não tinha querido incomodar Nick com perguntas.

- Só fiquei sentado toda a noite ao pé dele e implorei-lhe que se pusesse de pé. - Nick sorriu à mulher, comovido por ela ter vindo à cavalaria. Sabia que ela estimava muito os dois. E, nas últimas seis semanas, ele não

317

tinha sido capaz de lhe dar nada, emocionalmente. Andava demasiado esgotado para lhe dar fosse o que fosse, mas ela compreendia. - Disse-lhe que a minha vida estava acabada se ele não se pusesse de pé e que as nossas vidas estavam

nas mãos dele.

Agora não era tão verdade mas, de certa maneira, ainda era assim. Nick não estava em estado de suportar outro golpe e sofrer outra perda.

- Porque não passamos esta noite com ele? - sugeriu Christianna, entrando na baia. - Ficamos aqui com ele e dizemos-lhe quanto o amamos e quanto precisamos dele - disse ela, com uma expressão de inocência e Nick abraçou-a.

- Tu és uma mulher assombrosa. E amo-te mais do que alguma vez te disse.

- Eu também te amo, Nick - disse ela suavemente - e também te amo a ti, Pégaso. Portanto, põe-te melhor, que isto já se arrastou de mais. Toda a gente do circo sente a tua falta e aquele pequeno árabe preto parece estúpido comparado contigo, por isso tens de voltar.

Conversava como se estivesse a falar com uma criança. Pégaso sacudiu a cabeça e relinchou como se estivesse a rir-se. Christianna e Nick sentaram-se na baia dele e Nick abraçou-a.

Achava que era o homem com mais sorte do mundo. Não tinha sentido nada assim nas últimas seis semanas. De repente estava com melhor aspeto do que tinha desde meados de agosto, já quase parecia o velho Nick. Ficaram sentados na baia a conversar durante um bocado e depois ela apoiou a cabeça nele e adormeceu. Acordaram de manhã com a luz do Sol a inundar a baia. Pégaso estava a olhar para eles, como se perguntasse a si mesmo o que eles estavam a fazer ali e os olhos dele tinham uma luz bem conhecida. Nick pensou ver qualquer coisa que não tinha estado presente na noite anterior.

318

Christianna viu o mesmo. Tinha o mesmo olhar de quando estava prestes a entrar para atuar, quando ouvia a música do seu número e sabia que era a sua deixa para avançar.

- Vamos ver - disse o veterinário quando chegou. Desceram a funda e, com toda a cautela, Pégaso saiu dela e olhou em volta, depois olhou para trás, como se estivesse a rir-se para Nick e saiu da baia a trote. Vagueou em liberdade durante alguns minutos e depois Nick deu-lhe as suas conhecidas ordens de voz. Ele regressou imediatamente, parecendo ter as pernas seguras e fortes. O veterinário

sorria alegremente e Nick tinha lágrimas nos olhos.

- Talvez ele só sentisse a sua falta durante estas semanas - disse o veterinário com um ar intrigado. - Nunca se sabe, com cavalos, sobretudo de raças tão especiais como este.

Têm uma personalidade própria.

Nick olhou de lado para Christianna, que sorria por entre as lágrimas.

- O que acha, doutor? - perguntou Nick ao veterinário.

Não queria pôr o cavalo em risco ou outra vez a coxear. O veterinário verificou mais uma vez a perna que tinha sofrido a lesão antes de falar.

- Parece-me que a perna está forte e não tem problemas em servir-se dela para andar. Acho que devem levá-lo para casa, poupem-no durante umas duas semanas e vejam como ele se comporta. E, como se feriu numa pata dianteira, penso que não precisam de se preocupar com ela quando voltar a atuar. Com o trabalho que fazem com ele, todo o peso fica sobre as patas traseiras.

Deu uma palmada na cabeça do garanhão e olhou-o nos olhos.

- Porta-te bem, Pégaso. Acaba com isso de teres pena de ti próprio. Andávamos todos muito preocupados contigo. Trata de voltar ao trabalho!

319

Pégaso voltou a relinchar e Peggy deu-lhes um dos seus atrelados para cavalos. Estavam preparados para partir nessa mesma tarde.

- Nunca conseguirei retribuir-lhe o que fez - disse ele, muito sério. Ela tinha cobrado os preços mínimos pela estada de Pégaso e tinha-se empenhado a fundo para o ajudar.

- Devolveu-o à vida.

- Não, não devolvi - disse ela em tom firme, e tinha a certeza do que dizia. - O Nick é que o devolveu à vida, quando ficou a noite passada junto dele. Eu nunca tinha visto uma coisa assim. - E deu uma palmadinha a Pégaso antes de o

meterem no atrelado para regressar. - Porta-te bem e não lhes dê problemas. São pessoas simpáticas e amam-te.

Beijou-o entre os olhos e depois Nick levou-o para o atrelado. Estavam prontos para partir.

Demoraram quatro dias até se juntarem ao circo, no Kentucky, e tinham estado ausentes exatamente uma semana, em vez das duas que tinham planeado. Todos ficaram entusiasmados ao ver que Pégaso vinha com eles. Recearam que Nick tivesse de o abater, tal como ele próprio. Mas Pégaso parecia tão cheio de vida como sempre quando viu Atena e os outros cavalos. E, quando Nick o levou para fora, para o exercitar, estava animado correndo à volta da pista. Demorou algum tempo até recuperar a força, mas Nick trabalhava com ele todos os dias e, na terceira semana de outubro, em Raleigh, Carolina do Norte, Pégaso fez o seu regresso triunfal. Estava de volta. Tinham sido dois meses longos e difíceis e os tempos mais duros da vida de Nick, ainda piores que quando teve de sair da Alemanha ou quando entrou para o circo. Desde a morte de Toby, tinha a sensação de que estava a afogar-se. Mas tinha regressado à superfície, tal como Pégaso. Tinham sobrevivido ao pior, com a ajuda de Christianna. Ela nunca estivera tão bela como na noite 320

em que voltaram a atuar juntos na arena principal. Resplandecia. Pégaso voava. Lucas fez uma curta aparição num dos árabes. E, embora sentisse terrivelmente a falta de Toby e soubesse que sempre sentiria, Nick era um homem feliz. Tinham vencido a tempestade e sobrevivido.

321

CAPÍTULO 23

Quando regressaram à Flórida para a pausa de inverno, Pégaso já tinha recuperado o seu ritmo habitual e Nick já quase era outra vez ele mesmo. Estava mais melancólico e havia ocasiões em que a falta de Toby quase o esmagava, mas agora também tinha bons momentos. E já apreciava outra vez a companhia de Lucas. Até tinham passado um serão com Gallina e Sergei. Mas a pobre Katja ainda estava arrasada. Toby fora o seu primeiro amor e ela não conseguia

convencer-se de que ele nunca mais regressaria. O mesmo sucedia a Nick, mas era a verdade. Por vezes pensava também em Marianne, que tinha perdido o marido tão cedo, viúva com vinte e um anos, com um bebé que o marido nunca tinha visto. Desejava que estivesse a passar bem. Também se preocupava com Alex e esperava que ele se mantivesse firme, com os nazis praticamente seus vizinhos. Nick estava satisfeito por estar em Sarasota e por não ter ficado na Europa. Se tivesse ficado, provavelmente já estariam todos mortos.

Quando regressaram às suas instalações de inverno, reparou que Christianna dormia muito e estava sempre cansada. Os três meses desde a morte de Toby também tinham deixado marcas nela.

- Estás bem? - perguntou-lhe, preocupado, um dia que ela tinha mais uma vez dormido até muito tarde.

- Estou ótima - disse ela, sorrindo-lhe. - Só cansada.

- Não tens idade para andares cansada - respondeu ele, para a provocar. - Isso é para velhos como eu.

- Tu não és velho - respondeu com um sorriso.

322

Ele tinha quarenta e sete anos. Mas tinha sofrido muito nos últimos quatro anos. Continuava tão belo como na primeira vez em que ela o vira embora, desde a morte de Toby, os seus olhos revelassem uma tristeza que talvez ficasse para sempre. Só o tempo diria. Mas ela sabia que, em certos aspetos, perder um filho era como uma ferida profunda que nunca sarava. Nessa noite, invulgarmente cedo, estava mais uma vez na cama e a dormir profundamente. Ele começava a ficar preocupado.

- Tens a certeza de que estás bem? - perguntou-lhe mais uma vez na manhã seguinte. - Não costumas dormir assim tanto.

Ela deu-lhe uma resposta vaga e garantiu-lhe que estava ótima, mas subitamente ele teve a sensação de que estava a esconder-lhe qualquer coisa. Tinha andado tão consumido consigo mesmo, com a sua perda e com o ferimento de Pégaso que, nos últimos três meses, lhe tinha prestado muito pouca atenção. Ficou preocupado, mas ela era sempre paciente e compreensiva, talvez mais do que ele

merecia.

- O que se passa que não estás a dizer-me?

De repente teve receio de que ela estivesse doente e não quisesse sobrecarregá-lo. Ela fez uma longa pausa antes de responder, o que confirmou os seus piores receios e puxou-a para os seus braços com uma expressão de terror. Por favor, meu Deus, pensou, por favor não permitas que eu perca mais uma pessoa que amo.

- O que se passa?

- Nada. - Ela sorriu-lhe, enquanto ele continuava a abraçá-la. - Estou ótima. - E depois compreendeu que não era justo continuar a guardar o segredo. E talvez ele agora estivesse preparado para o ouvir. Nos últimos dois meses não tinha estado e podia perturbá-lo ainda mais. - Vamos ter um bebé - sussurrou com a cara encostada ao peito dele e depois ergueu o rosto para ele, com os olhos cheios de amor.

323

Ele não respondeu logo, a pensar em Toby e na filha que tinha perdido e perguntando a si mesmo se seria capaz de voltar a passar pelo mesmo. Agora estava obcecado com tudo o que pudesse acontecer a Lucas. Era o único filho que lhe restava. Mas também sabia que não tinha o direito de privar Christianna de ter o seu próprio filho, o filho de ambos.

Abraçou-a de olhos fechados e depois olhou para ela com uma ternura ainda maior.

- Porque não me disseste? - perguntou, mas já conhecia a resposta à pergunta.

- Não era o momento certo.

Ambos compreendiam que era verdade. Agora ele estava preparado para ouvir, o que não tinha sucedido nos dois meses anteriores.

- Há quanto tempo sabes?

Sentia-se culpado por ela não ter podido partilhar com ele uma notícia tão

importante.

- Algum tempo. Cerca de dois meses, pouco depois da morte de Toby e de Pégaso se magoar. Nessa altura não podia dizer-te. E tu não te terias sentido feliz. Estás feliz agora?

- perguntou cautelosamente, e ele beijou-a.

- Muito, muito feliz. Quero uma menina igualzinha a ti. Quando vai ser?

- Em junho. Mas ainda posso fazer a digressão. Toda a gente faz.

Ele olhou para ela com assombro e começou a rir. Tinha crescido próximo de mulheres que enlanguesciam durante meses a fio, descansavam, dormitavam, faziam o que lhes apetecia e se queixavam e ela queria ir na digressão com o circo e ter o bebé algures pelo caminho.

- Estás louca - disse ele, troçando dela, e depois compreendeu o que ela tinha andado a fazer e ficou imediatamente transtornado.

Fazia o seu número no arame alto, embora com rede, o seu número a cavalo com ele, a montar elefantes 324

e a percorrer o país durante aqueles dois meses. Perguntou a si mesmo se seria também por isso que não lhe tinha dito, porque queria continuar a fazer tudo e sabia que ele teria um ataque.

- Espera lá! Eu não quero que faças o número no arame alto se estás grávida, nem que andes a cavalo comigo. Não quero que percas este bebé - disse ele muito sério, já em pânico.

Não estava habituado a mulheres como ela e ela era mais forte do que parecia. Estava habituada a trabalhar muito.

- Não vou perdê-lo - disse ela com a maior tranquilidade. - Quero fazer o arame alto enquanto puder. Não têm ninguém para me substituir. E tu também precisas de mim. Posso continuar a atuar no nosso número durante mais tempo que no arame alto.

- O quê? E dar à luz na pista principal durante a digressão? Christianna, não vou

permitir que faças tal coisa!

- Vais, sim. Não podes impedir-me!

- Posso, sim. E vou impedir-te, sim. O teu pai sabe?

Ela abanou a cabeça.

- Não quis dizer-lhe antes de te dizer. Não seria justo. - Nick ficou comovido com aquela manifestação de respeito. - Mas ele não vai importar-se. A minha mãe fez o arame antes de me ter, e sem rede - disse ela orgulhosamente.

- Fantástico! Portanto, podia ter caído ainda antes de te ter, e onde estaria eu? Christianna, por favor... por favor... não ponhas o nosso bebé em risco, nem a ti. Eu amo-te demasiado para também te perder. E se interrompermos durante um ano e não fizermos a digressão?

-Não podes fazer isso no circo. Perdes o teu lugar.

325

Ela sabia mais sobre isso do que ele, mas a ideia de ela andar a cavalo, precariamente de pé no dorso de Atena, e de fazer o número do arame alto, estando grávida, punha-o louco. Desta vez nem Gallina o apoiou, quando ele se queixou. Também sabia como funcionava o circo. Era um mundo duro e feroz.

- Ela tem razão - disse-lhe. - Deve trabalhar enquanto for possível, sem correr riscos loucos. E não há razão para não ter o bebé durante a digressão. Há hospitais em todas as terras onde vamos.

Não era a vida que ele queria proporcionar à esposa, mas Christianna não parecia importar-se e a discussão foi-se azedando. Nick não tinha maneira de vencer, por muito que tentasse. Ela amava-o e era-lhe leal, mas também era obstinada e a família concordava com ela e não com ele. Tinham imensos exemplos que demonstravam que ele não tinha razão.

Ela acabou por concordar em deixar de fazer o arame alto em março, durante os ensaios para a tournée, quando o seu corpo começou a deformar-se. E ele conseguiu que ela usasse uma sela em vez de se pôr de pé em cima de Atena no seu número. Também passou a usar roupas mais finas, para que a barriga cada

vez maior não se notasse. Era nova e o seu corpo era forte, por isso conseguiu escondê-la durante muito tempo. Mas em finais de abril já nem Christianna conseguia ocultá-la e teve de se afastar, pelo menos durante os dois meses seguintes. Os espetadores ficavam comovidos quando o diretor do espetáculo anunciava e explicava porquê e ela saía com uma vénia todas as noites, no princípio da atuação de Nick. Ficava bela com um vestido prateado claro e ele erguia o chapéu alto em sua honra quando começava a atuação dos lipizanos, mas ela sentia-se frustrada por não trabalhar até ao fim.

326

- Nesse caso devias ter sido palhaço ou malabarista - troçava Nick, adorando vê-la, e abraçando-a enquanto o seu ventre crescia.

Lucas andava entusiasmado com o novo bebé e esperançado de que fosse um rapaz. Nick também andava excitado. O nascimento do filho de ambos dava-lhe esperança e a sensação de que ia recomençar toda a sua vida. Estavam na alvorada de uma nova era. A única coisa que o perturbava era querer dar a Christianna e à criança que ia nascer, e mesmo a Lucas, uma vida melhor que a que tinham agora. Estava com o circo há quase cinco anos e sentia-se velho e cansado. Com quarenta e oito anos, queria dar-lhes mais. E continuava a alimentar o sonho de um dia ter um rancho.

Ao mesmo tempo que alimentava os seus sonhos para a família e esperavam pelo bebé, andando de terra em terra, a guerra arrastava-se. Os alemães renderam-se no Norte de África em maio e os Aliados iam ganhando força. Nos últimos dias da gravidez de Christianna, os olhos do mundo viravam-se para a brutal dizimação do Gueto de Varsóvia e a medonha destruição de vidas humanas que ali ocorreu. Por se tratar da Polónia, Christianna ficou particularmente transtornada. Os alemães eram monstros e tinham andado a eliminar sistematicamente os judeus da Europa. Nick apercebia-se todos os dias de que, se tivesse ficado, ele e os filhos já estariam mortos há muito, como decerto a sua mãe já estava.

Quando chegaram a Santa Barbara, em junho, Nick levou-a a Santa Ynez, como sempre fazia, uma espécie de peregrinação aos seus sonhos. Mas dessa vez não ficaram no hotel, pois ela estava demasiado volumosa e desconfortável e já

tinham passado dois dias sobre a data, o que o punha nervoso. Estava muito mais ansioso do que quando os outros filhos tinham nascido. Talvez por ser mais velho ou porque Christianna era tão delicada e minúscula

327

para ter aquele bebê e ele temia por ela. As perdas nos últimos anos atingiram-no duramente. Estava desesperadamente assustado, temendo que lhe acontecesse alguma coisa, mas ela parecia estar perfeitamente calma e em paz quando o tranquilizou. Lembrava-lhe sempre que Gallina e a sua própria mãe tinham dado à luz nas suas caravanas. Nick não achava que isso fosse tranquilizante e implorava-lhe que não fizesse tal coisa. Queria-a num hospital, com todo o apoio que pudesse ter.

- Vai correr tudo bem - dizia-lhe ela, cheia de confiança.

- Sim, vai, num hospital, com um médico e muitas enfermeiras a dar-te assistência. Não vamos fazer isto à maneira do circo, por favor.

As origens dele manifestavam-se na maneira como encarava aquele assunto. Não encarava o parto de forma descontraída e queria que ela tivesse a melhor assistência médica possível.

Sentia um certo alívio por saber que, nas três semanas seguintes, estaria a dar espetáculos em cidades de dimensão razoável. Santa Barbara, São Francisco, Portland, Seattle, Spokane. Ficaria perfeitamente tranquilo se ela tivesse o bebê numa dessas cidades, e era por essa razão que tinha concordado em deixá-la fazer a digressão. E ela seguia, feliz, com a enorme barriga, cheia de energia, assistindo todas as noites à atuação dele, acenando à multidão e tomando conta de Lucas. Ele perguntava a si mesmo se seria da sua natureza ou apenas uma questão de juventude. Tinha vinte e seis anos e ainda parecia ter catorze.

No regresso de Santa Ynez, depois de visitarem a escarpa que ele gostava de visitar todos os anos, jantaram no restaurante italiano e regressaram à caravana. Lucas ia passar a noite na caravana de Gallina e continuava a adorar estar com Rosie, se bem que, com onze anos, ela já fosse menos maria-rapaz e por vezes agisse como uma menina, 328

o que o aborrecia. Mas perdoava-lhe quase sempre e continuavam a ser amigos.

Nick sorriu a Christianna quando regressaram à caravana e, depois de devolverem o automóvel que tinham pedido emprestado, ele soltou uma risada ao ver como ela estava enorme.

Parecia uma bola de circo com braços, pernas e cabeça. O seu tronco estava completamente redondo. Adorava abraçá-la à noite e sentir o bebé a espremer.

Pouco depois, já deitados, estava a fazer precisamente isso quando sentiu que toda a barriga dela ficava dura como uma pedra e Christianna fez uma careta.

- O que foi isso?

Teve um sobressalto, tal como ela.

- Provavelmente qualquer coisa que comi ao jantar. Talvez o bebé não tenha gostado.

Tinha comido muito pouco, porque, segundo ela, não tinha espaço.

Ele sentiu que o bebé dava mais alguns pontapés e também localizou um pé ou um braço a empurrá-lo, o que o fez sorrir, e depois a barriga dela voltou a ficar dura e, dessa vez, ele ficou preocupado.

- Tens a certeza de que está tudo bem? Não devíamos ir para o hospital?

Ela riu-se e esfregou a barriga, que voltou a ficar mole.

- Claro que não. Não se vai ao hospital por um problema de digestão.

Disse-o com um sorriso, mas ele não ficou convencido.

- Como sabes que é um problema de digestão? Estava desconfiado, mas Christianna não estava preocupada. Virou-se de lado e beijou-o.

- Sei porque sim - disse ela e beijou-o.

- Só quero que saibas - recordou-lhe ele - que se me faltares ao respeito, me recuso a tocar em ti. Vais ter o bebé de um momento para o outro. Não vou ser

329

responsável por fazer alguma coisa mal ou por te magoar ou ao bebé.

Ela voltou a rir-se com o que ele disse.

- Eu sei, eu sei - e depois aconchegaram-se um no outro e, sentindo-se em segurança nos braços dele, ela adormeceu.

Ele adorava enrolar-se nela e dormir na sua companhia. A existência dela na sua vida tinha-lhe dado bastante conforto. Instalou-se junto dela e adormeceu. Acordou quando a sentiu contrair-se e soltar um leve gemido.

- Christianna? Estás bem?

Não percebeu se ela estava acordada ou a sonhar, mas ela respondeu-lhe em voz sonolenta.

- Estou bem. Doem-me as costas.

Nick esfregou-lhas e ela estava quase a adormecer mas depois acordou sobressaltada, com uma sensação de dor intensa. Olhou para ela e sentou-se na cama. Compreendeu que ela estava com dores.

- Penso que estás a ter o bebé. Não é um problema de digestão. - Subitamente compreendeu que ela se recusava a reconhecer a situação e que já estava há algum tempo com contrações.

- Levanta-te, querida, vamos embora.

- Quero ficar aqui - pediu em voz baixa.

- Não podemos - respondeu ele com firmeza. - Não quero que tenhas o bebé aqui.

Quanto a isso, ele era irredutível.

- Eles não vão deixar-te estar comigo - queixou-se em tom lamentoso. - Estou assustada...

Nesse momento, uma dor violenta apoderou-se dela e agarrou-se aos seus ombros com as duas mãos. Ele percebeu, pelo seu olhar, que a dor era de facto muito forte.

- Eu fico contigo se eles permitirem - prometeu.

330

Levantou-se, vestiu as calças e uma camisa, calçou as meias e os sapatos, depois penteou-se rapidamente.

- Vamos - pegou-a ao colo e embrulhou-a num cobertor.

Tentou pô-la de pé, mas ela já não conseguia caminhar e ele ficou em pânico, com receio de que tivessem esperado demasiado tempo. Sentou-a no divã da sala.

- Vou buscar o carro.

Já tinham tudo preparado para levar o carro de um dos trapezistas que morava ao fundo da rua e que tinha concordado em deixar as chaves no assento. Quando lá chegou, encontrou as chaves, pô-lo a trabalhar e voltou à caravana, para ir buscar Christianna, que estava a braços com contrações terríveis e mal conseguia falar. Não o deixou pegar-lhe ao colo.

- Não posso... Não posso... - sussurrou. - Dói de mais... não me pegues - pediu-lhe e depois gritou.

- Christianna, não me faças isso... minha querida, por favor, vamos embora.

Mas ela estava num sofrimento terrível e ele não teve coragem para lhe pegar e levá-la. Ela estava cheia de dores e não o largava. Ajudou-a a deitar-se no divã e correu para a caravana ao lado, para acordar Gallina.

- Chama um médico, uma ambulância, alguém, ela está a ter o bebé!

- Pensei que vocês iam para o hospital - comentou Gallina, olhando para ele, espantada, ainda meio adormecida.

- Acho que é tarde de mais, ela não me deixa mexer-lhe.

Nessa altura Gallina ficou imediatamente desperta e prometeu chamar alguém para lá ir, até os bombeiros, se tivesse de ser. Nick regressou à sua caravana a correr, rezando para que alguém aparecesse depressa. Quando chegou junto de

Christianna, ela tinha voltado para a cama e estava a retorcer-se, cheia de dores.

331

- Não posso... - repetia - não posso... - e depois era despedaçada por outra dor e ele não sabia o que havia de fazer.

Por fim agarrou-lhe as mãos com força, olhou-a nos olhos e compreendeu o que tinha a fazer. Não era diferente do que tinha feito com Pégaso quando ele tinha querido desistir.

- Podes, sim - disse-lhe com firmeza. - Sim, podes, sim. Estás a conseguir... vai correr tudo bem... eu estou aqui.

- Não! - gritou ela, ao ser rasgada por uma dor tão potente que teve a sensação que estava a afogar-se e já não conseguia vê-lo.

Estava tudo debaixo de água exceto a dor que a seguia para todo o lado e conseguia ouvi-lo mas não o via. Ele observava-a com uma expressão de terror. Não queria perdê-la nem o bebé se alguma coisa corresse mal. Depois deitou-a meigamente e, quando olhou, já via a cabeça do bebé a passar, avançando para ele, enquanto Christianna gritava, um longo, interminável uivo de agonia, até que o bebé ficou nas mãos dele e ela deixou de gritar e fez-se silêncio na sala. Era uma menina, com o cordão umbilical enrolado à sua volta. Não emitia nenhum som, mas olhava para ele de olhos bem abertos e ele estava a chorar, com ela ao colo. Virou-a com cuidado e deu-lhe palmadinhas nas costas, até ela respirar e começar a chorar e Christianna também começou a chorar.

- É tão linda - disse ela com assombro. - E amo-te tanto.

Tocou no rosto dele e olharam um para o outro, a rir e a chorar ao mesmo tempo.

- Também te amo.

A experiência por que ele tinha acabado de passar compensava quase tudo o que lhe tinha sucedido. Era a maior oferta da sua vida. Tal como Christianna. E o bebé deles.

332

Não fazia ideia de como devia cortar o cordão umbilical, mas não teve de o fazer. Os bombeiros chegaram cinco minutos depois e tomaram conta do assunto. Sabiam o que tinham a fazer. Ofereceram-se para levar Christianna para o hospital, mas ela não quis e o bebé estava ótimo. Já estava a mamar e a olhar à sua volta com interesse. Nick compreendeu que nunca esqueceria o instante em que ela tinha nascido e o que tinham partilhado. Christianna tivera razão. Não queria estar longe dele e, se tivesse ido para o hospital, ele teria perdido tudo aquilo. Era o maior milagre de todos.

Os bombeiros verificaram os sinais vitais de Christianna e do bebé e ajudaram-nos a limpar as coisas, também com a ajuda de Gallina. Uma hora depois, os bombeiros foram-se embora, desejando-lhes boa sorte. Nessa altura já outros artistas se tinham juntado na estrada. Gallina disselhes o que tinha acontecido e todos ficaram felizes por eles.

Lucas veio ver a irmãzinha durante uns minutos e depois foi outra vez brincar com Rosie na outra caravana.

Christianna estava deitada no seu minúsculo quarto, com o bebé nos braços, e Nick olhou para ambas com adoração.

- Foste fantástica - elogiou-a ele - e tão corajosa!

- Não, tu é que foste. Estou tão contente por termos estado juntos - disse ela meigamente, ao mesmo tempo que Nick acariciava a bochecha do bebé, que tinha adormecido nos braços da mãe.

- Também eu. Tu tinhas razão.

Ela tinha quase sempre razão. Christianna parecia saber o que era melhor para eles. Combinaram chamar-lhe Chloe se fosse uma menina e Nick sussurrou o nome e depois beijou Christianna. Ao olhar para elas, compreendeu que um dia lhes daria uma vida melhor que aquela, 333

naquele minúsculo quarto de uma caravana, percorrendo o país de lés a lés, sem um sítio a que pudessem chamar o seu lar. Sabia que o faria, não sabia como, mas fá-lo-ia. Christianna merecia, tal como a sua menina e Lucas... mas, por agora, o que acabavam de partilhar era em si um milagre e suficiente para ambos. Enrolou-se na cama ao lado delas e adormeceram os três. Fora um longo dia.

CAPÍTULO 24

Um ano depois, na primavera de 1944, quando Chloe tinha quase um ano, a maré começou a mudar. Os Aliados bombardeavam implacavelmente a Alemanha e desembarcaram na Europa, os russos obrigavam os alemães a recuar e as forças de Adolf Hitler estavam finalmente a perder terreno. Tinham sido tempos difíceis e ainda não tinham acabado. Mas, por fim, nascia a esperança de que Hitler não conquistasse o mundo. As coisas evoluíam no sentido certo.

Nick andava preocupado com o seu velho amigo Alex, havia quase um ano que não tinha notícias dele. As cartas já não conseguiam chegar ao destino. Tivera notícias de Marianne, que também não sabia nada do pai. Nick rezava para que ele ainda estivesse vivo. Nessa altura, a filha de Marianne já tinha dois anos e ela vivia com os sogros em Haversham.

Dizia que era uma vida tranquila, mas as suas cartas tinham um inconfundível tom de tristeza. Com vinte e três anos, tinha perdido o seu país, o seu lar, o marido e possivelmente o pai. Dizia que a maior alegria da sua vida era a sua menina. Tinha mais um ano que Chloe, a filha de Nick e Christianna, que também era a luz da vida dele.

Depois de Alex ter ajudado o amigo do rendeiro a chegar perto da fronteira com a Suíça e de, antes disso, o ter escondido na adega, houve outros judeus que se tinham mantido escondidos ou tinham passado despercebidos e que tentavam fugir antes que fossem mandados para campos de concentração. Eram quase sempre homens que tinham força suficiente para sobreviver às dificuldades e eram suficientemente astutos para fugir dos alemães e que viviam escondidos ou em fuga. Por vezes tinha havido 335

mulheres e uma vez duas meninas cuja família inteira foi apanhada, estavam a tentar chegar a França, onde as esperava uma tia que estava disposta a escondê-las.

Alex nunca fazia planos para ajudar essas pessoas mas, sempre que a oportunidade surgia, estava disponível e fazia o que podia. Não havia resistência organizada, apenas um grupo de pessoas suficientemente corajosas para ajudar. Era agora a única coisa que dava sentido à sua vida. Marianne estava em Inglaterra, em segurança com os Beaulieu e a filha, ele odiava os seus compatriotas e estava disposto a fazer tudo e mais alguma coisa que estivesse ao seu alcance para minar os nazis. Também tinha uma fachada perfeita, como aristocrata distinto de quem ninguém suspeitava. Com o tempo, esta atividade tomou conta de toda a sua vida. Era agora a sua razão para estar vivo e continuava a ajudar e a esconder pessoas, apoiando-as na sua fuga. Sabia que era a sua missão. Também se tinha tornado mais ousado à medida que ganhava mais experiência. Mesmo assim, o alto comando local continuava a tratá-lo com respeito. Era apenas um nobre da região, sozinho com os seus cavalos, que viam fazer as suas cavalgadas todos os dias. Tinha uma relação de cordialidade com todos os oficiais e convidava-os para jantar várias vezes. Achavam-no um homem encantador.

Em junho de 1944, os Aliados começaram a desembarcar na costa do norte da França. Com esperança de que chegassem em breve e querendo preparar-lhes o caminho, Alex ajudou um grupo de homens a dinamitar um comboio que transportava mísseis e munições. Fazia o possível para causar estragos entre os nazis. Tinha corrido bem.

Nessa noite Alex trabalhou integrado numa equipa de seis homens, com uma mulher entre eles. Era a primeira vez que fazia uma coisa daquele género, mas concordara 336

em juntar-se a ele quando disseram que precisavam da sua ajuda.

Foi surpreendentemente fácil estender o arame para os explosivos, e pela noite dentro trariam a dinamite num carro de mão e também a pé e de automóvel. Alex projetava seguir pelo bosque para se juntar a eles. Era destemido e, se o matassem, não se importava. Marianne estava em segurança com os Beaulieu e o mundo que ele conhecia e amava tinha sido desfeito em estilhaços nos últimos cinco anos. Nada do que ele sempre tinha amado existia. E tudo o que ele pudesse fazer para destruir os nazis como vingança parecia-lhe justo.

Nessa noite transportou sacos de ração cheios de explosivos, que entregou homem a homem para os armarem. E depois ficaram todos no bosque, à espera

do comboio da manhã seguinte.

Quando ele apareceu, de madrugada, deitaram fogo aos fusíveis. A reação foi imediata. O comboio ficou completamente desfeito com tudo o que transportava. A sua missão fora realizada com sucesso. Desapareceram como névoa no bosque e Alex foi para casa pela floresta. Acabava de chegar ao caminho para a mansão quando o coronel apareceu, vindo do nada, montado em Favory. O cavalo ainda reconhecia o homem que o tinha treinado e escarvou o solo quando o viu. Alex sorriu para o cavaleiro e para o cavalo, parecendo o perfeito cavalheiro a dar o seu passeio matinal.

- Vai para algum lado, conde? - perguntou-lhe o coronel com um brilho malévolo no olhar.

- Apenas dar um passeio matinal, coronel. Como está esse nosso amigo? Parece animado. Está tudo bem? Parece que teve alguns problemas esta manhã.

Toda a vizinhança tinha ouvido a explosão. Não havia maneira de ignorá-la. Alex não podia fingir ignorância.

- E onde estava há uma hora, conde?

337

- A apanhar ar - disse ele inocentemente.

O coronel observava-o. Alex percebeu que ele estava desconfiado, mas era destemido.

- Pelos trilhos do comboio? Por lá tresanda a dinamite - disse o coronel com raiva.

Estava em maus lençóis, por a explosão ter ocorrido no seu departamento e sob a sua responsabilidade. Naqueles tempos, o alto comando era sensível a traições e fracassos.

O coronel não queria isso na sua folha de serviço e Alex sabia-o.

- Tresanda? - respondeu Alex em tom ameno. Nessa altura, o coronel puxou de uma arma e apontou-lha à cabeça.

- Pensa que eu não sei o que tem andado a tramar, a esconder judeus e a arranjar sarilhos! O aristocrata inocente de sempre, a olhar de cima para nós. E agora pensa que pode dinamitar um comboio de munições e ficar impune! Ando há meses a vigiá-lo!

Tremia de raiva. Alex só sorriu.

- Anda? Deve ter sido uma desilusão para si. Eu levo uma vida discreta.

Se estava a tentar assustá-lo, não tinha conseguido, mas Alex tinha a mão na pistola que trazia no bolso, pelo sim, pelo não. Era a arma que lhe tinha sido entregue na primeira noite em que o seu rendeiro viera procurá-lo com o homem que ele tinha escondido na adega durante dois dias.

- Não tão discreta como gostaria que nós pensássemos. E, quando os Aliados vierem, vai recebê-los de braços abertos?

- Eles estão para vir? - perguntou Alex, fingindo-se surpreendido. - Que notícia interessante. Não ouvi essa na rádio.

- O que ouviu? - perguntou o coronel aproximando-se, com o cavalo a dançar.

338

- Soube das nossas vitórias na frente leste e que os ingleses se encolhem de medo sob as nossas bombas. Não é a verdade, coronel? Propaganda ou verdade?

- Seu traidor! - disse o coronel, aproximando-se. - Odeio gente da sua laia! Sempre arrogantes. Pensam que são melhores que todos os outros porque nasceram com um título e uma mansão e que podem fazer tudo o que querem.

- E o coronel pensa que pode roubar-nos tudo isso e ser um de nós. Não consegue, tal como o Führer. Não pode roubar-nos isso, coronel. Teria de ter nascido um de nós. É assim que funciona.

- Seu estupor! - gritou o coronel e armou a pistola apontada à cabeça de Alex.

- Pode matar-me ou expulsar-nos da Alemanha. - Alex falava também por Nick.
- Mas há milhares como nós e no fim acabaremos por ganhar. A verdade, tal como a honra, é mais poderosa que a espada. Não consegue desonrar-nos. Pode

matar-nos, mas seremos sempre mais que os da sua laia.

Ao dizê-lo com os olhos cheios de ódio e de raiva, o coronel carregou no gatilho. Queria silenciá-lo para sempre. Mas Alex tinha a pistola apontada para ele, pronta e armada.

E, quando o coronel disparou, Alex fez o mesmo, não sobre o homem, mas sobre o cavalo. Alex sabia que esse seria para ele o golpe decisivo, e muito mais subtil. E quando Alex caiu ao chão, morto, o mesmo sucedeu a Favory, debaixo do coronel. Alex tinha sido o último a rir e tinha escolhido a saída mais elegante, o que era característico dele. Foi um verdadeiro nobre até ao fim.

339

CAPÍTULO 25

O verão de 1944 foi uma época estranha também para o circo, um verão de desastres. Naquele ano tinham decidido alterar o percurso e dirigiram-se para norte nos primeiros meses da digressão, projetando seguir mais tarde para oeste. Por isso, em julho, em vez de estarem na Califórnia, estavam em Hartford, Connecticut. E, a 6 de julho, com os grandes felinos na arena central para a primeira atuação, desencadeou-se um incêndio nos primeiros vinte minutos do espetáculo. Começou como uma pequena labareda que subiu pelas paredes laterais da tenda. A banda começou imediatamente a tocar o hino nacional, Stars and Stripes Forever, que era o sinal combinado de SOS para avisar todo o pessoal do circo de que alguma coisa corria mal, sem alarmar a multidão. O diretor do espetáculo tentou avisar a assistência, para que saísse da tenda sem entrar em pânico, mas uma falha na corrente elétrica fez com que a sua comunicação não fosse ouvida. O microfone ficou em silêncio no preciso momento em que as pessoas começaram a reparar nas chamas. Começaram a fugir precipitadamente para as saídas, duas das quais estavam bloqueadas pelas grandes jaulas dos felinos e pelos túneis que os levavam até à arena. Foi um pandemónio. As pessoas ficaram separadas das crianças e a tenda com revestimento de parafina, que tinha sido tratada para ficar impermeabilizada, irrompeu em labaredas e abateu-se em oito minutos, para horror da assistência, do pessoal de serviço e de todos os que assistiram. A partir dali, desencadeou-se

uma batalha para retirar os que estavam no interior, salvar crianças, encontrar pais, afastar os animais para o mais longe possível e extinguir o fogo. Morreram cento e sessenta e oito pessoas e mais de setecentas ficaram feridas.

340

Todas as pessoas ligadas ao circo ficaram arrasadas e em estado de choque com a perda de vidas e os estragos. Algumas das vítimas estavam tão queimadas que o seu reconhecimento era impossível, mas muitas foram mortas pela multidão que as espezinhou na sua tentativa de fuga. Foi uma tragédia.

Posteriormente, cinco funcionários do circo foram acusados de homicídio involuntário e o circo aceitou a responsabilidade financeira de pagar todos os danos que fossem exigidos.

Mas a tragédia tinha deixado a sua marca em todos. Nessa altura John Ringling North já não geria o circo, tendo saído no ano anterior, mas toda a gente ligada ao circo teve um desgosto profundo com o sucedido. Nick e Christianna, bem como toda a gente que conheciam, estavam profundamente abalados. E, tragicamente para aqueles que o conheciam e estimavam, Joe Herlihy tinha morrido no incêndio. Acabava de regressar de uma viagem de pesquisa e queria ver algumas das novidades do espetáculo. Nick e Christianna ficaram destroçados pela perda de um bom amigo.

O circo encerrou durante a investigação e reabriu em Akron, Ohio, um mês depois. Desalentados com o sucedido e a trabalhar sem tenda com bom ou mau tempo, chegaram ao Texas e decidiram terminar a época mais cedo, regressando a Sarasota. E, quando regressou à Flórida, depois do desastre, Nick compreendeu que estava na hora. Queria deixar o circo.

Era uma existência insegura e nómada. Queria uma vida normal para os filhos e foi precisamente isso que disse a Christianna.

- Isto é normal - insistia ela.

Nunca tinha conhecido outra coisa, ao contrário dele e, mesmo que não pudesse proporcionar-lhes a forma de vida em que tinha sido criado, queria dar-lhes estabilidade. Queria mais do que excêntricos tatuados e mulheres barbudas,

números no arame alto e felinos, malabaristas e 341

contorcionistas, para Chloe e Lucas. Sabia que Lucas ia sentir a falta dos palhaços e das amizades que tinha feito nos últimos seis anos, mas queria que Chloe crescesse num ambiente saudável e racional, como as outras crianças. Mas, dissesse o que dissesse, não conseguia convencer Christianna, que queria ficar a todo o custo. O que o pai dela tinha previsto estava a revelar-se real. Nick compreendeu que um dia partiria.

Em novembro, Nick recebeu uma carta de Marianne que o deixou destroçado. Há meses que temia ter aquela notícia. Os Serviços de Informações Militares ingleses, a pedido de Charles Beaulieu, tinham conseguido descobrir que Alex se tinha envolvido em atividades subversivas em pequena escala contra as autoridades na sua região, salvando muitas vidas. Fizera tudo o que estava ao seu alcance para minar os nazis e ajudar judeus e tinha mesmo colaborado na destruição de um comboio de munições como missão final. Na mesma manhã fora morto a tiro e o seu corpo largado junto da porta de entrada de sua casa. Foi enterrado no cemitério da família por um dos seus rendeiros. Mas não havia agora nenhuma dúvida sobre o que tinha acontecido ao velho amigo de Nick. Alex morrera há vários meses e Marianne estava arrasada quando partilhou a notícia com Nick.

Em resposta, este escreveu-lhe uma extensa carta de apoio, mas tinha sofrido, mais uma vez, uma dolorosa perda e Christianna andava preocupada com ele. Andava agitado, infeliz e triste, e nem as tolices de Chloe conseguiam alegrá-lo. A guerra já durava há demasiado tempo para todos e o preço cobrado era demasiado elevado.

Em Inglaterra, Isabel disse o mesmo a Charles. Estava preocupadíssima por causa de Marianne, que era uma jovem a levar uma vida de velha e que estava numa grave situação de hipocondria depois de ter sabido, em outubro,

342

da morte do pai. Depois do choque da perda de Edmund, dois anos antes, estava mais uma vez com uma profunda depressão. Ficara viúva havia dois anos e meio. E embora Marianne adorasse Violet, a sua tristeza pela morte do pai era superior a qualquer prazer que lhe fosse proporcionado pela sua menina.

- Não podemos fazer nada - declarou Charles, parecendo cansado.

Isabel andava sempre a tentar resolver os problemas de toda a gente, mas não havia maneira de aliviar o fardo da guerra até ela terminar. Simon fora ferido no ano anterior e estava de novo em atividade, o que já era uma fonte de tensão suficiente, depois da perda de Edmund. Foi um período terrível para todos. Charles pensava que o que tinham a fazer era resistir a tudo até ao fim.

- Penso que devemos mandá-la para Londres - disse Isabel, apresentando a sua última ideia genial.

- O quê? E correr o risco de ser morta por uma bomba ou pela queda de estilhaços de um edifício em chamas? Estás louca?

- Nem toda a gente morre em Londres. Reconheço que eu própria não gosto muito da ideia, mas ela tem vinte e três anos, não tem amigos aqui, não tem expectativas nem nada que fazer. Podem andar a largar bombas sobre Londres, mas há festas e gente e jovens oficiais que gostam de namoriscar.

- Oh, pelo amor de Deus! Espera até a guerra acabar, Izzie.

Mas ela estava preocupada por causa de Marianne e por ter ficado tão desanimada desde a morte do pai. Nem sequer parecia apreciar Violet, que era uma criança encantadora.

- Podemos ficar com a menina aqui. Pelo menos mandá-la só fazer uma visita. Está demasiado deprimida por causa da morte do pai. Precisa sair daqui.

343

Discutiu com ele durante um mês e, por fim, depois do Natal mandou Marianne para Londres, para ficar com primos dos Beaulieu que tinham uma casa encantadora na praça Belgravia, perto de um abrigo antiaéreo. Marianne começou por dizer que não ia mas, quando partiu, parecia mais animada e entusiasmada com a visita a Londres. Isabel tinha escolhido os primos com quem Marianne ia ficar porque tinham uma filha da mesma idade, que podia apresentá-la a gente jovem, para mudar de ambiente. Durante quatro anos, não tinha convivido com ninguém exceto os sogros. E a própria Marianne só se apercebeu da imensa falta que lhe tinha feito estar com pessoas da sua idade desde a morte de Edmund quando chegou a Londres e a prima Julie a levou a uma série de festas e a apresentou aos seus conhecidos. Convenceu Marianne a prolongar a sua estada e a fazer com ela trabalho voluntário num hospital dois

dias por semana. No resto do tempo, saíam todas as noites. Sentia a falta de Violet mas o tempo que passou em Londres era terapêutico e restabelecia-a, pelo que Isabel insistiu com ela para que se deixasse estar. A sua viagem a Londres estava a fazer por ela o que Isabel tinha esperado que fizesse. A sua voz voltou a ser juvenil e mais feliz do que nos últimos anos.

Marianne telefonava com frequência aos Beaulieu e a sua voz parecia de uma pessoa diferente. Não contou à sogra mas, no Dia de Ano Novo, tinha conhecido um jovem oficial da Virgínia, um americano chamado Arthur Garrison, e desde então encontrava-se quase todos os dias com ele. Nunca, em toda a sua vida, se tinha divertido tanto. E quando, em fevereiro, regressou a Haversham para ver a filha, parecia uma pessoa diferente. O próprio Charles teve de reconhecer que a ideia louca de Isabel tinha sido a decisão certa, como sempre. As suas “ideias loucas” eram geralmente as melhores.

344

Charles teve uma conversa séria com Marianne quando ela regressou. A guerra não tinha acabado, mas, quando terminasse, ela teria de decidir o que fazer a respeito de Schloss Altenberg e se queria manter ou vender a propriedade. Ela não conseguia imaginar-se a viver de novo na Alemanha. A sua vida era em Inglaterra com eles e, para si, seria demasiado triste estar em Altenberg sem o pai. Talvez a vendesse, embora soubesse que seria doloroso fazê-lo. Durante todo aquele tempo mantivera a esperança de regressar mas, sem o pai, isso já não tinha sentido para ela.

- Calculei que fossem esses os teus sentimentos - disse Charles com sensatez. - Mas queria fazer a pergunta. Ajudar-te-ei quando chegar a altura certa. E, minha querida, é evidente que queremos que fiques aqui connosco. Terás sempre aqui o teu lugar.

Edmund tinha-lhe deixado uma quantia substancial no seu testamento de que ela não estava à espera. Charles sabia que o pai dela tinha tido uma fortuna considerável e muitas terras. Provavelmente a Alemanha estaria em muito mau estado depois da guerra, mas ela era a única herdeira. E entre Edmund e o pai dela, teria direito a um montante muito substancial em dinheiro. Estava em segurança para toda a vida.

Marianne regressou a Londres ao fim de uma semana e voltou a encontrar-se

com Arthur Garrison. Partilhavam a paixão pelos cavalos. Ele tinha uma quinta de criação de cavalos na Virgínia, onde os pais os criavam. Tinha-a herdado pouco antes do início da guerra, por morte dos pais, e ela falou-lhe dos lipizanos do seu próprio pai. Ele ficou fascinado por eles, e por ela também, mas apercebia-se de que ela era muito reservada quanto a permitir que entre eles houvesse uma ligação amorosa. Divertia-se com ele e adorava conversar, mas provocava-o mais como amiga. Uma noite, depois de jantarem, ele acabou por questioná-la sobre o assunto.

345

- Perdi o meu marido há dois anos e meio - disse ela sobriamente - num ataque aéreo à Alemanha. E este ano perdi o meu pai. Não o via há quatro anos, desde que vim para Inglaterra.

A minha mãe morreu quando eu nasci. - Respirou fundo e tentou explicar-lhe o que sentia. - Só não quero perder mais pessoas. Tudo o que tenho é a minha filha e os meus sogros.

Receio que, se me dedicar a qualquer outra pessoa, ela também morra.

Estava a ser o mais franca e direta que conseguia ser e, ao dizê-lo, os seus olhos encheram-se de lágrimas.

- Mas tens vinte e três anos, Marianne. Não podes ter medo de amar alguém em todo o resto da tua vida porque podem morrer! Isso não é justo. Quando a guerra acabar, todos nós voltaremos às nossas vidas normais. Ninguém andará a fazer raides de bombardeamento ou a ter bombas a cair-lhe em cima. Viveremos com os riscos da vida comum.

- A única família que alguma vez tive foi o meu pai - disse ela tristemente. - Agora ele desapareceu. Os meus melhores amigos morreram ou saíram da Alemanha. Nunca mais voltarei a viver na Alemanha. Os meus sogros querem que eu fique aqui. E o único homem que alguma vez ameí foi Edmund, que morreu na véspera do nascimento da minha filha. Não sei se tenho coragem para voltar a tentar.

Arthur tinha mais cinco anos que ela e era maduro para a idade.

- Pagaste um alto preço por esta guerra. Agora vais ter de aprender a viver em

tempo de paz.

- Ainda não acabou - recordou-lhe ela.

Ele ainda podia morrer, como qualquer outra pessoa.

- Acabará em breve. E também não podes viver eternamente escondida no campo. És demasiado nova para ISSO.

346

- Talvez me mude para Londres - disse ela vagamente.

Na verdade, ainda não sabia o que queria fazer. Ele era bondoso e atento e tinham os mesmos interesses. Era muito atraente e protetor em relação a ela. E ela gostava verdadeiramente dele.

- Dás-me uma oportunidade, Marianne? - perguntou ele com meiguice. - Por favor?

Nunca tinha conhecido ninguém como ela.

- Não sei se sou capaz - respondeu com toda a franqueza.

- Vamos tentar os dois, juntos - disse ele com expressão bondosa.

Era uma das coisas que ela mais apreciava nele, a sua gentileza e a bondade com que a tratava. Tal como Edmund e o seu próprio pai. Arthur lembrava-lhe muito Edmund por isso, embora ele fosse muito americano e falasse de uma forma suave, com um sotaque sulista, e não como um inglês. E não era absolutamente nada parecido com o falecido marido de Marianne. Era louro, ao contrário de Edmund, que era moreno, o que era um alívio. Teria sido demasiado estranho se fosse parecido com Edmund. Mas ambos tinham o mesmo espírito.

- Não vou pressionar-te - prometeu ele.

Era inteligente e compreendia que isso seria má ideia. Ela não respondeu, mas sorriu-lhe, parecendo mais calma.

Nas semanas seguintes, iam jantar e encontravam-se com amigos. Ele era

ajudante de campo de um general, pelo que não tinha missões de combate e ela não precisava de andar com medo de que ele morresse em consequência de operações arriscadas. Veio visitá-la a Haversham num fim de semana e os sogros de Marianne também gostaram dele. Era de boas famílias e educado, de tão boas famílias como eles, à maneira americana. E foi maravilhoso com Violet, que reagiu muito bem. Acima 347

de tudo, foi fantástico com Marianne. Mas a situação dele e a “vida real” inquietavam muitíssimo Isabel, que falou nas suas preocupações a Charles depois de ele ir embora.

- E se ela casar com ele e for para a América? - perguntou ela com tristeza.
- Nesse caso vamos visitá-la e ela vem ver-nos. Tu própria o disseste, não podemos mantê-la aqui trancada para todo o sempre. Ela é uma mulher jovem.
- Eu estava a pensar em Londres, não na Virgínia - disse ela melancolicamente.

Também teria imensas saudades de Violet se se fossem embora, mas sabia que Charles tinha razão e ela queria o que fosse melhor para Marianne. E Arthur Garrison parecia ser o homem certo. Só Marianne ainda não estava convencida e continuava a mantê-lo à distância.

No princípio de abril, Arthur estava desanimado. Tinha o pressentimento de que Marianne nunca mais se permitiria voltar a amar, ou pelo menos durante muito tempo. E ele estava apaixonado por ela. Deixou de lhe telefonar durante alguns dias para fazer uma pausa e Marianne ficou admirada. Nos últimos meses já se tinha habituado a passarem muito tempo juntos e a ter constantemente notícias dele. Falou nisso a Julie, que sugeriu que talvez o tivesse afastado e Marianne passou os dias seguintes a pensar no assunto, temendo ter feito precisamente isso. E subitamente compreendeu que não queria que tal acontecesse. Gostava dele mais do que queria reconhecer.

Pareceu aliviada quando, por fim, ele voltou a telefonar-lhe.

- Senti a tua falta - confessou e ele sorriu alegremente ao ouvi-la.
- Bem, isso é uma boa notícia! Pensei que estivesses aliviada por não teres notícias minhas. Eu quase tinha desistido.

- Não me sinto aliviada, Arthur - disse ela com toda a franqueza. - Apenas assustada.

- Sei que estás. Também eu. Mas, por vezes, as coisas boas podem ser assustadoras. Só temos de ter a coragem de as agarrar.

- Não sei se tenho essa coragem - ou se queria tê-la, mas agora sabia que também não queria perdê-lo.

Foi mais calorosa quando esteve com ele nessa noite, ao jantar, e animada enquanto conversavam. Dessa vez, ele beijou-a quando a levou a casa. Ao princípio ela hesitou e depois deixou-se ir e beijou-o com uma paixão há muito esquecida. Ele não a pressionou para mais nada. Voltou a beijá-la, agora ao de leve, e disse-lhe que lhe telefonaria de manhã.

Os olhos dela tinham uma expressão sonhadora quando entrou em casa e Julie a viu.

- O que te aconteceu? - perguntou-lhe Julie e Marianne sorriu misteriosamente e não respondeu. - Não me digas que a Bela Adormecida está a acordar outra vez. Deus do Céu!

Aleluia!

Também Julie andava preocupada com ela. Marianne parecia congelada quando chegou a Londres, como se tudo dentro dela estivesse morto.

- Talvez - foi tudo o que Marianne se permitiu dizer, subindo a escada para se deitar.

Mas, quando voltou a ver Arthur na noite seguinte, as coisas estavam a avançar de forma muito agradável.

Passadas duas semanas, depois de terem dançado todo o serão num clube privado, conversaram sobre a queda de Berlim, que se esperava fosse em breve, e ela compreendeu subitamente que, quando a guerra acabasse, ele regressaria à Virgínia. E, ao pensar nisso, de repente ficou em pânico. Fez um comentário sobre o assunto e ele sentiu-se feliz ao ouvi-la.

- Posso considerar que é um sinal de esperança? - perguntou.

349

Ela sorriu e ele beijou-a. Tinham-se beijado muito nas últimas semanas e ela não estava tão desinteressada como temia. Pressentia que ela era uma mulher ardente. Só que tinha sido gravemente ferida. Mas ele era um homem paciente e estava disposto a passar uma vida inteira a ajudá-la a recuperar. Tentava dar-lhe a saber isso mesmo e pensou que, finalmente, ela estava a ouvi-lo.

Nas semanas seguintes, quando a guerra terminou na Alemanha, Arthur fez tudo o que podia para a tranquilizar. Estavam juntos quando a rendição dos alemães aos Aliados foi anunciada e foi um dia de júbilo em Inglaterra e por toda a Europa. Para Marianne foi um momento agri-doce, sem Edmund e sem o pai. Arthur disse que em junho regressaria provavelmente à América e à sua quinta de cavalos na Virgínia.

- Vou ter de ir à minha casa na Alemanha para decidir o que fazer com ela. Tenho praticamente a certeza de que vou vendê-la. Nunca poderia viver ali sem o meu pai, ainda mais sabendo que foi lá que ele morreu. Penso que, no fim, ele deve ter acabado por odiar a Alemanha. Eu já não quero voltar a viver ali. Charles Beaulieu disse que me ajudaria a pô-la no mercado.

- E os cavalos?

- Já não há cavalos. Os alemães ficaram com eles. As cavaleriças estão vazias. E a casa. Pelo menos o alto comando alemão nunca se apoderou dela. - E depois sorriu-lhe. -

Provavelmente tinha demasiadas correntes de ar e era demasiado difícil de aquecer.

Ele riu-se ao ouvi-la. Pelo que tinha visto, a maioria dos castelos europeus parecia ser precisamente assim. Perguntou a si mesma se Nick também venderia a sua antiga mansão ou se regressaria à Alemanha. Depois de passar sete anos na América, onde tinha a sua vida, ela pensava que não. A Alemanha estava acabada para todos eles.

350

Conversaram pela noite dentro. E duas semanas depois Arthur disse-lhe que ia regressar a casa no fim de junho. Ela acenou tristemente quando ele lhe disse.

- Gostaria de te perguntar uma coisa, Marianne. Compreenderei, decidas tu o que decidires. Dar-me-ás a honra de casar comigo? Sei que não é fácil para ti e, na América, será uma vida completamente nova. Mas eu amo-te e à pequena Violet. Adoraria que fosses minha esposa.

Ela hesitou durante uma eternidade, olhando-o, e ele ficou com a certeza de que ela ia recusar. E depois ela fez um aceno afirmativo. Arthur quase caiu da cadeira, desejando dar um grito de regozijo. Mas não quis assustá-la. Em vez disso beijou-a e prometeu tomar conta dela para o resto da sua vida e ela acreditou nele. Mas não lhe pediu que nunca morresse.

- Também te amo. Tentarei ser uma boa esposa.

- Não tens de tentar ser nada — disse ele, voltando a beijá-la.

- Tenho de decidir o que fazer com a propriedade do meu pai na Alemanha e de pôr a casa à venda. Talvez possa vir em setembro.

- Quando estiveres preparada. Estarei à tua espera. E ela sabia que estaria, por muito que ela demorasse.

351

CAPÍTULO 26

Arthur partiu para a América no fim de junho para ser desmobilizado e regressar à Virgínia. Em julho Marianne foi à Alemanha. Era a primeira vez que regressava em cinco anos e o país estava arrasado. Ficou destroçada com o que viu. E quase desesperou quando voltou a ver a mansão da família, vazia, triste e abandonada. Levou com ela o velho advogado do pai e pediu a dois dos rendeiros e às suas mulheres que a ajudassem. Passou uma semana a arrumar a casa. Tinha de dar destino aos bens do pai e a muitos dos seus próprios.

Foi difícil decidir o que havia de dar e o que iria guardar ou vender. Queria enviar alguns bens de família para a América, como as peças de prata e o serviço de porcelana da sua avó, além de algumas peças de mobiliário de que gostava muito e um retrato do pai. Também destinou uma tarde inteira para passar em revista os tesouros da sua infância.

Eram agora outras tantas recordações e todas elas a entristeciam. Acabou por ficar com muito poucas coisas e decidiu vender muitas peças de mobiliário e os próprios retratos dos antepassados com a mansão. Na realidade, nunca tinha gostado deles e agora já não tinham utilidade para si.

Nas cavaliarias não havia nada para guardar. Todos os lipizanos e árabes tinham desaparecido. Ela e o advogado decidiram o preço que ela queria pela propriedade. Os automóveis do pai tinham desaparecido da garagem, até o Hispano-Suiza que ele tinha adorado, também roubado pelo Terceiro Reich. Os objetos não tinham importância para ela. Sentia a falta do pai. Tinha vindo despedir-se.

Parou junto da sepultura do pai, sem qualquer identificação, junto da capela da propriedade. Ninguém tinha mandado fazer uma lápide, pois tinha sido morto pelo Terceiro Reich, e pediu ao advogado que tratasse disso.

352

Visitou os rendeiros antes de partir e agradeceu-lhes os muitos anos de serviço prestado ao pai. Era uma dama dos pés à cabeça, com todo o sentido de honra e responsabilidade que o pai lhe tinha ensinado pelo exemplo.

Depois ela e o advogado passaram de carro diante da mansão dos von Bingen. Também parecia estar vazia e abandonada. Marianne estremeceu quando pensou em quem tinha ali vivido e que ninguém da família regressaria. Era uma tristeza devastadora.

Quando saiu da Alemanha e regressou a Haversham, Marianne tinha a sensação de que se arrastara por centenas de anos de história. Esperava nunca mais voltar. A sua vida ali tinha acabado. Fim. E era um alívio regressar para junto dos Beaulieu. Na verdade, eles eram agora a sua única família, além de Violet. Em setembro ia para a América, para casar com Arthur, e Isabel e Charles estavam felizes por ela. Tinha prometido passar o verão com eles e regressar sempre que possível. Eles também iriam visitá-la à Virgínia.

Ela e Isabel passearam pelos jardins no dia em que regressou de Altenberg, como costumava fazer com Edmund. Ela tinha evoluído muito nos últimos cinco anos e os Beaulieu foram muito bons para ela. Tinha crescido. Violet florescia e eles tinham perdido um filho. O mundo mudara. E agora ela ia para a América, onde teria uma vida nova. Olhou para Isabel e sorriu quando regressavam a casa, recordando o terror sentido no dia da sua chegada. Agora aquele era o seu lar sob muitos aspetos e eles eram como os seus pais, e não só de Edmund. Quase o sentia junto de si quando entrou na sala de estar. Era onde estava Violet, a brincar com o avô, e tão parecida com o pai.

Seria um novo capítulo para Marianne, um novo país, uma nova vida, e finalmente estava preparada. E sabia que Edmund teria aprovado.

353

Quando acabou a guerra na Alemanha, Nick teve de tomar a mesma decisão difícil que Marianne. Tinha uma mansão, grandes propriedades e quintas com rendeiros. A casa e as terras ainda lhe pertenciam, agora que o Terceiro Reich tinha caído e ele podia ser de novo o proprietário do seu património. Mas, ao contrário de Marianne, não tinha nenhum desejo de regressar, nem sequer para uma visita. Tinha a certeza. A mãe-pátria tinha-o traído. E sabia que ficaria com o coração desfeito ao ver tudo outra vez, e o solar onde o seu pai tinha morrido de desgosto, cumprindo o seu dever para com Deus e a pátria até ao fim. E ver a mansão de Alex abandonada, agora que ele estava morto, não seria melhor.

Nick decidiu vender tudo e fazer definitivamente a sua vida nos Estados Unidos, o país que o tinha acolhido. Comunicou a Christianna a sua decisão e ela não ficou surpreendida.

Sempre tinha acreditado que ele faria o que dizia: não regressaria à Alemanha. Eram demasiados acontecimentos que o magoavam.

Quando a guerra acabou, Nick tinha contactado um grupo da Cruz Vermelha e uma organização de refugiados judeus para tentar localizar a mãe e em setembro informaram-no do que ele suspeitava. Tinha morrido com o marido, quatro filhos e vários outros familiares, incluindo os pais. Toda a família tinha sido varrida como tantas outras. Não ficou surpreendido, mas sentiu-se triste. Ela tinha tido mais filhos, mas nunca o conhecera. Era como se a tivesse perdido outra vez quando lhe deram a notícia.

Ficou surpreso quando o velho advogado do pai o contactou, no seguimento da sua troca de correspondência no verão, a pedir a autorização de Nick para vender o património.

Um conde austríaco tinha-lhe proposto um preço muito interessante para comprar tudo e, depois de uma noite de reflexão, Nick aceitou. Não era uma fortuna como a que tinham antes da guerra mas era muito

354

dinheiro, o suficiente para fazer o que quisesse. E sabia o que queria fazer. Queria comprar o rancho em Santa Ynez com que sonhava há anos. Um que já existisse quando comesse a procurar ou um que ele criasse. Mas era a sua oportunidade. Tinha ficado sete anos com o circo. Acabava de fazer cinquenta anos e queria um lar para eles e para os seus filhos.

Disse a Christianna que, quando regressassem à Flórida, queria sair do circo e comprar um rancho na Califórnia. Ela ficou horrorizada quando ele lhe disse. Tivera sempre a esperança de que aquele dia nunca chegaria. Mas agora ele tinha dinheiro para o fazer e proporcionar a todos uma vida maravilhosa. Os dias de pobreza e privações tinham acabado, e, para ele, os seus anos no circo.

- Não posso ir - disse Christianna com voz embargada.

- Estás a falar a sério? - Ele ficou chocado. - Agora podemos fazer o que quisermos. Já não temos de viver como ciganos numa caravana.

- Mas isto é tudo o que eu conheço, Nick - disse ela, em pânico.

Tinha vinte e oito anos e aquela era a única vida que alguma vez tinha conhecido. Chloe tinha dois anos e ele queria que ela tivesse mais do que o circo, antes que se transformasse também na sua única vida, como já era. Sabia que Sandor e os irmãos de Christianna não ficariam contentes, mas entendia que aquela era uma mudança importante para eles. E

devia-a também a Lucas, que tinha treze anos e precisava de boas escolas e de um futuro e não apenas de palhaços como os seus melhores amigos, além da senhora barbuda.

Christianna ficou tão transtornada que se recusava a falar com ele sobre a

questão. Não tinha dito ao pai mas, sempre que Nick tentava puxar o assunto para a conversa, 355

ela dizia que não queria sair do circo. Ele queria dar conhecimento imediato, mas concordou em esperar até janeiro ou fevereiro, ou até março ou abril, quando partissem em digressão. Mas voltou a garantir-lhe que deixariam o circo. E ela recusou-se de novo a discutir o assunto com ele. Mas Nick estava resolvido, tomara uma decisão e tinha o dinheiro para comprar ou criar um belo rancho para cavalos e provê-lo de excelentes cavalos de reprodução, até lipizanos, se quisesse. Voltava a ter liberdade, mas entretanto tinha aprendido muito.

Nick recebeu uma carta muito meiga de Marianne pelo Natal e ficou surpreso ao saber que ela tinha vindo viver para a Virgínia, se tinha casado com um criador de cavalos e já estava à espera de um filho dele. Disse-lhe que a mansão dela ainda não tinha sido vendida, mas tinha a certeza de que em breve a venderia. E, o que era mais importante, era feliz e estava em paz. Parecia muito apaixonada pelo marido. Queria que Nick e a família fossem visitá-la. Estava ansiosa por vê-lo e sugeria que fossem em janeiro. Ele falou com Christianna e explicou-lhe que Marianne era muito importante para ele, quase como uma filha, e ela concordou em fazer a viagem com ele. Só tinha mais quatro anos que Marianne e Violet tinha mais um ano que Chloe. E seria a primeira vez que Nick a via em sete anos. As recordações que Lucas tinha dela já eram vagas, mas as de Nick eram límpidas como cristal.

No fim de semana a seguir ao Ano Novo foram para a Virgínia, como estava planeado. Quando Nick e Christianna conheceram Arthur, ambos acharam que ele era uma pessoa maravilhosa e perfeita para Marianne. Violet era adorável e a quinta de cavalos de Arthur, espetacular. Ele pertencia a uma antiga família sulista e sabia muito acerca de cavalos. E, embora ao princípio sentisse alguma timidez, Marianne foi tão calorosa e acolhedora, tal como Arthur, que Christianna também se divertiu. Lucas lembrou-se de Marianne logo que a viu. Ela sentiu-se triste

356

por não poder ver Toby, o que fez com que a sua ausência e a de Alex fosse ainda mais sensível para Nick. Mas, apesar disso, passaram um tempo maravilhoso com Marianne e a sua família. A visita foi um enorme sucesso. Ele

e Christianna falaram dela durante todo o caminho de regresso à Flórida. E, quando regressaram, ele lembrou mais uma vez a Christianna que queria despedir-se do circo. Não voltaria a fazer uma digressão. Os seus anos no circo estavam terminados. E queria uma quinta de cavalos como a de Arthur.

Inevitavelmente, a conversa transformou-se numa discussão que durou semanas e que ele não conseguiu vencer. Ela arrastou o pai e os irmãos, que também discutiram com ele.

Nick disse simplesmente que estava velho de mais para continuar no circo. Queria um rancho de cavalos, queria criar cavalos e ponto final. E, para Christianna, era o circo e mais nada. Não queria outra vida e recusava-se a ir com ele.

Em março chegaram à conclusão de que iam separar-se. Ele ia para a Califórnia com Lucas, para fundar um rancho. Ela ficava com a família e Chloe ficava com ela. O coração de Nick doía-lhe por perder as duas, mas sabia que tinha de fazê-lo. Visitaria Chloe sempre que pudesse e, quando ela fosse mais velha, podia visitá-lo no rancho. Christianna tinha o coração tão destroçado como ele, mas concordou. Os seus caminhos iam separar-se e nenhum deles seria feliz se fizesse o que o outro queria. Não se divorciavam mas separavam-se. Gallina ficou arrasada quando soube. E Lucas também estava infeliz. Ia sentir a falta dos amigos do circo e amava Christianna e a sua irmãzinha. Mas Nick tinha a certeza de que o melhor para eles era partir e não vacilou.

Ele entregou o seu aviso de despedimento antes de partirem na digressão e John Ringling North veio falar com ele, para tentar dissuadi-lo. Mas, quando acabaram 357

de conversar, ele disse que compreendia e agradeceu a Nick por ter ficado tanto tempo. Compreendia que tinha chegado a hora de seguir o seu próprio caminho.

- Salvou a minha vida - disse-lhe Nick com gratidão. Mas, passados sete anos, tinha de ir embora. - Nunca esquecerei.

Os dois homens apertaram as mãos. Nick tinha decidido partir para a Califórnia no mesmo dia em que o circo saía de Sarasota para a digressão. Não havia animosidade entre ele e Christianna, era apenas uma decisão muito triste e, para ambos, uma encruzilhada na estrada. Cada um tinha de seguir o seu próprio caminho. Não era o mesmo caminho e já não seguiam na mesma direção.

Nessa semana Nick tinha-se despedido de todos os seus velhos amigos e na noite anterior à partida carregou os atrelados dos cavalos com tudo menos os cavalos. Depois ele e Christianna passaram a sua última noite juntos na caravana. Ele queria fazer amor com ela, mas não fez. Viu-a dormir toda a noite, mas não lhe tocou. Sabia que a amaria para sempre e ela disse o mesmo na manhã seguinte quando se levantaram. Ele sabia que, a partir dali, teria saudades dela todos os dias, mas tinha de seguir o seu sonho.

Seguiram juntos para a tenda dos cavalos e Christianna chorou ao afagar Pégaso pela última vez. Ia sentir saudades dele e também de Atena.

Nick e Lucas foram carregar os cavalos e Christianna ficou a observá-los com as lágrimas a correr pela cara abaixo. Sorriu tristemente para Nick e ele deu-lhe um beijo ao de leve no alto da cabeça e virou as costas para ela não ver que tinha os olhos cheios de lágrimas. E, quando ficou tudo carregado e pronto, foi dar um beijo a Chloe e olhou intensamente para a mulher.

- Cuida de ti. Não desistas da rede só porque eu não estou a ver.

358

Ela abanou a cabeça, sabendo que nunca faria tal coisa. Estava a tentar não pensar em tudo o que ele tinha feito para melhorar a sua vida.

Um dos irmãos dela meteu-se na caravana deles para a afastar e acenou a Nick. Tinham pena de que ele se fosse embora. E depois a coluna de caravanas e veículos do circo dirigiu-se para a saída. Nick e Lucas meteram-se na fila para sair do parque de diversões na caravana nova que Nick tinha comprado. Tinham chegado à saída quando Nick parou com uma expressão de pânico. Olhou para Lucas e depois fez inversão de marcha e voltou para o parque.

- O que está a fazer, pai? - perguntou Lucas, confuso.

- Não interessa. Espera aqui - disse Nick, parando a caravana fora da estrada e saltando para fora.

Correu para onde as outras caravanas estavam alinhadas. Correu até a ver, ao lado da estrada, com as malas e com Chloe ao colo. Peter transportava o resto dos sacos. Parecia uma refugiada em zona de guerra, com os olhos arregalados, aterrorizada.

- Pronto, eu desisto. Nós ficamos. Ficamos no circo para sempre. Eu amo-te - disse Nick, trémulo como se fosse feito de geleia por dentro.

Para ele, o sonho não valia nada sem ela. E amava-a mais do que a qualquer rancho.

- Nós vamos para a Califórnia - disse ela em voz trémula. - Vamos embora.

Cada um deles estava disposto a desistir de tudo o que queria pelo outro. O irmão dela sorriu-lhes e pousou os sacos.

- Vocês são ambos doidos. - Mas estava feliz por eles. - Afinal para que lado vamos?

- Califórnia - disse ela em voz límpida, a olhar para o marido e a sorrir.

359

- Tens a certeza? - perguntou Nick. - Eu fico se tu quiseres. Só te quero a ti. O resto não é importante.

- É, sim. Para todos nós. Vai ser bom para Lucas e para Chloe. Eu não quero que ela cresça lá em cima, no arame alto, ou aterrorizada, como a minha irmã.

Ela e Nick dirigiram-se para a caravana dele e o irmão seguiu-os com o resto da bagagem. Peter beijou-os aos dois e Nick abriu a porta para falar com Lucas.

- Esquecemo-nos de uma coisa - disse em tom neutro.

- O quê? - perguntou Lucas, sem perceber a razão do atraso.

- Christianna e a tua irmã. Elas vêm.

A cara de Lucas abriu-se num sorriso rasgado. Christianna instalou Chloe no assento de trás com um saco de brinquedos e sentou-se ao lado de Lucas.

Acenaram ao irmão dela ao saírem do parque de diversões e dirigiram-se para a Califórnia. Era uma longa viagem e demoraram dez dias, avançando devagar com os cavalos, mas nunca olharam para trás.

360

CAPÍTULO 27

Foram precisos sete meses para Nick e Christianna encontrarem o seu rancho no vale de Santa Ynez. Procuravam todos os dias e a propriedade ideal acabou por lhes cair nas mãos, junto do monte escarpado que Nick sempre tinha adorado nas suas peregrinações anuais a Santa Ynez. Encontrar um rancho naquele sítio foi a realização do seu sonho.

Viveram numa casa arrendada enquanto reconstruíram a casa do rancho e, no fim do ano, o Rancho Pégaso estava pronto e a funcionar. Nick comprou outros seis lipizanos e alguns árabes. Queria criar os melhores lipizanos do país, sendo Pégaso o seu principal garanhão, como fora sempre o seu plano.

Lucas sentiu a falta do circo e dos palhaços, mas gostava da sua nova escola e fez muitos amigos, enquanto Chloe crescia e florescia. E até Christianna concordou que a vida normal numa casa era melhor para todos.

Nick trocou correspondência com Marianne no Natal. O bebé dela, um menino, tinha nascido em julho e já estava grávida outra vez. Tendo ficado sem o pai, estava grata pelo contacto com Nick, que era o último vestígio da sua vida na Alemanha, perdida com a guerra.

Toda a família de Christianna veio passar com eles vários dias durante as férias e voltaram no verão seguinte, durante a digressão. A partir de então, passou a ser tradição virem duas vezes por ano, todos os anos. A casa ficava a rebentar pelas costuras quando eles chegavam, com muitos cozinhados, risos, conversas e passeios a cavalo pelo rancho.

Embora o pai ainda não se tivesse conformado por Christianna ter saído do circo, estava contente por vê-la com um bom homem e uma vida estável. E, apesar da sua relutância inicial, Mina tinha tomado o lugar de

Christianna no arame alto. Não tinha tido alternativa, com a saída da irmã, e assumira o papel sem se queixar. Agora parecia mais confiante. Namorava um

ginasta romeno e o irmão pensava que acabariam por se casar. Sentiam-se felizes por ele ser do circo. Só Nick se libertara, ao escapar-se com a sua noiva.

Para Nick, e até para Christianna, o circo começava a parecer um sonho que se desvanecia. Adoravam viver no rancho. O circo fora excitante, mas agora tinham uma vida com que ela nunca tinha sonhado. Tinham uma bela casa, amigos e Lucas também adorava a escola e os amigos. Christianna adorava os cavalos. Com o tempo, Nick veio a ter os melhores lipizanos do estado e queria ter os melhores do país. Os potros de Pégaso começaram a nascer e eram melhores que as expectativas de Nick.

Depois de abandonarem o circo, Marianne mandava-lhes um cartão de Boas-Festas todos os anos, anunciando mais um bebé. Já tinha quatro com Arthur, três rapazes e uma menina, além de Violet. Nas cartas, dizia que os Beaulieu vinham visitá-los à Quinta Garrison uma vez por ano e que ela, Arthur e as crianças ficavam com eles em Inglaterra, em Haversham, todos os verões. Dizia que eram uns avós maravilhosos também para os seus outros filhos. E, acima de tudo, era feliz com Arthur. Dizia que ele era o homem mais bondoso que havia à face da terra e que partilhavam uma vida magnífica. Tal como Nick e Christianna no seu rancho. Cada um deles tinha encontrado a vida dos seus sonhos, depois dos anos turbulentos da guerra.

Ao longo de dezanove anos, depois de Nick e Christianna terem saído do circo, Marianne andou ocupada com os filhos, o marido e a quinta. Ela e Arthur aumentaram-na e ela levava constantemente os filhos a exposições de cavalos, pois todos eles eram importantes

362

cavaleiros de competição. Por isso nunca conseguiu fazer uma visita à Califórnia durante esses anos. A sua vida estava demasiado ocupada, com cinco filhos ativos e o marido.

Com Nick passava-se mais ou menos o mesmo. Nunca conseguia, nem queria, afastar-se. Lucas e Chloe também lhes davam que fazer. Por outro lado, o controlo da procriação de Pégaso e dos outros cavalos obrigava Nick a estar sempre presente e intensamente ocupado no rancho.

Nick sentia-se envergonhado e muitas vezes também culpado pelo tempo que já havia passado sem que se encontrasse com Marianne e ela sentia o mesmo, mas

os anos passavam demasiado depressa. Só em 1965 é que Marianne e Violet estiveram em Santa Barbara para um espetáculo equestre em que Violet interveio. Estava a treinar para os Jogos Olímpicos e Marianne queria ir ao Vale de Santa Ynez com ela, para finalmente visitar Nick e Christianna, nem que fosse só por um dia. Projetava deixar os outros filhos em casa com Arthur e tinha um dia livre com Violet depois da exibição. Em resposta, Nick escreveu-lhe e convidou-as a passarem o fim de semana. Tinha a sensação de que tinha dececionado o seu velho amigo, por não estar com a filha de Alex há tanto tempo. Ela era agora uma mulher, com cinco filhos já crescidos. Nick tinha setenta anos e Christianna, quarenta e oito. Chloe fazia vinte e dois nesse ano. Estava a terminar a universidade ao abrigo de um programa de Stanford em Florença e falava fluentemente italiano ou, pelo menos, era o que afirmava.

Lucas tinha trinta e três anos, havia casado com uma rapariga fantástica do Vale e trabalhava no rancho com o pai. Só estavam casados há um ano e ainda não tinham filhos, mas Nick calculava que acabariam por lá chegar. Lucas e Sally não tinham pressa. Nick gostava muito da nora. Pertencia a uma família que era proprietária de um 363

rancho próximo e era tão louca por cavalos como os Bing. No rancho, era conhecedora e prestável. Nick tinha convidado Marianne e a família dela para o casamento de Lucas mas, embora com muita pena, ela não tinha podido ir. Agora queria ao menos conhecer Sally e não via Lucas desde os catorze anos dele, o que também lhe causava tristeza. No seu coração, todos faziam parte da sua família e sempre fariam.

Quando Marianne chegou ao rancho e saiu do carro, depois do espetáculo equestre em Santa Barbara, Nick achou que estava praticamente na mesma como quando tinha vinte e cinco anos, há dezanove, da última vez que a tinha visto. Era a mesma loura bela, alta, esbelta e de aspeto aristocrático que tinha sido em jovem, na Alemanha, e quando tinha casado com Arthur, há dezanove anos. E, tal como Nick e Lucas, estava na América há muitos anos, desde que tinha casado com Arthur. Violet, com vinte e três anos, era uma jovem senhora muito bela.

Marianne foi apanhada de surpresa quando viu os lipizanos de Nick, recordaram-lhe os do pai, há tantos anos. E ficou contente por encontrar Pégaso ainda vivo, com trinta e um anos. Considerava-o um velho amigo e foi às cavaliças onde ele estava, para o cumprimentar. Agora estava velho e pouco se mexia, mas

ainda era um cavalo espetacular, tal como tinha sido quando ela era uma adolescente e o pai o tinha dado a Nick. Fora muito útil a Nick para estabelecer a linhagem dos seus cavalos. A ele se devia o sucesso do rancho. E Violet ficou muito entusiasmada quando viu Pégaso e também os outros lipizanos. Era uma cavaleira da cabeça aos pés, tal como o avô, que nunca conhecera. E tinha a exuberância e a excentricidade ligeiramente britânica da avó paterna, Isabel Beaulieu, com quem passava os verões. Violet disse que os Beaulieu e o seu padraсто também se davam bem. E, embora Arthur nunca tivesse adotado Violet, por deferência

364

para com o pai dela e os Beaulieu, Violet estava muito ligada a si. Ele também havia sido sempre fantástico com ela e tratava-a da mesma maneira que os seus próprios filhos.

O encontro de Marianne com os Bing foi maravilhoso e passaram um fim de semana fabuloso. Nick percorreu todo o rancho a cavalo com Marianne e conversaram sobre o pai dela e algumas das recordações em que Nick não tinha ousado pensar durante muitos anos. Evidentemente, continuava a sentir a falta de Alex e de Toby. Mas, para ele, a vida na Alemanha tinha-se desvanecido na bruma, à exceção de Alex, Toby e o seu próprio pai, Paul. Para ambos, fazia parte de outro tempo. Tudo parecia ter acontecido há muito, muito tempo.

Embora Violet tivesse menos dez anos que Lucas e Sally, todos eram tão apaixonados por cavalos que falaram de cavalos durante todo o fim de semana e do treino de Violet na equipa equestre olímpica. Viram-na andar a cavalo no rancho e não se admiraram quando, três anos mais tarde, souberam pela televisão que ela ganhara a medalha de ouro. Esteve radiante durante a cerimónia e Nick sentiu-se muito orgulhoso ao vê-la. Sabia que Alex também estaria contente.

Lucas e a esposa, Sally, tinham uma vida tão ocupada no rancho que estiveram casados mais seis anos antes de terem o primeiro filho, o primeiro neto de Nick, um menino a quem deram o nome de Alex, em honra do velho amigo do avô. Lucas escreveu a Marianne a dar-lhe a notícia, que a comoveu. Enviou-lhes um minúsculo par de botas de montar como presente para o bebé, em memória do pai e do seu amado antigo amigo Toby, o irmão mais velho de Lucas. As suas famílias estavam indissolúvelmente ligadas, mesmo depois de passados todos aqueles anos.

Nessa altura, Chloe andava a estudar medicina equina na Universidade de Davis, para ser a veterinária dos 365

cavalos no rancho do pai e os pais estavam encantados com o que ela estava a fazer.

Quatro anos depois tiveram uma triste notícia quando Violet lhes escreveu a dizer que Marianne tinha morrido num acidente de automóvel, quando se dirigia para um espetáculo equestre. Só tinha cinquenta e quatro anos. Foi o fim de uma era para Nick, que ficou profundamente desgostoso. Marianne fora a última sobrevivente de um mundo perdido, além de Lucas, que na época era demasiado novo para recordar fosse o que fosse exceto a sua vida no circo, depois de vir para os Estados Unidos. Marianne fazia parte da família alargada de Nick, através da sua ligação a Alex, era um último vínculo que os relacionava e agora também ela tinha desaparecido. A sua morte precoce foi um abalo violento para Nick. A filha dela, Violet, manteve a amizade nos anos seguintes. Era ela que geria a quinta de cavalos do padraço, dado que nenhum dos seus irmãos estava interessado e Arthur tinha-lhe entregue a quinta depois da morte da mãe. Disse que queria viajar e, sem a esposa, já não queria a responsabilidade da quinta.

Violet casou um ano depois da morte da mãe com outro criador de cavalos de uma quinta vizinha e, um ano depois, teve uma menina, a quem deu o nome de Nicola, em honra de Nick.

Nessa altura já este tinha oitenta e dois anos e ficou muito comovido com o gesto dela. Ainda estava de boa saúde e muito ativo, embora nesse ano Lucas tivesse assumido a administração do rancho. Mas o pai ia a todos os leilões com ele quando compravam novos cavalos e ainda tinha uma capacidade de avaliação infalível. Os cavalos que Nick comprava eram soberbos para manter as estirpes e Lucas havia aprendido bem as lições do pai. Lições que Nick tinha aprendido com Alex, há quarenta anos.

O pequeno Alex, filho de Lucas, tinha seis anos quando a filha de Violet, Nicola, nasceu. Ele era o orgulho 366

do avô. Nick ensinou-lhe tudo acerca dos lipizanos e contava-lhe muitas histórias sobre o circo e os palhaços que haviam sido amigos do pai quando ele tinha a mesma idade que Alex tinha agora. Alex adorava ouvir as histórias que o avô lhe contava sobre Pégaso, o circo e os palhaços. Sabia tudo acerca de

Pégaso, embora o garanhão tivesse morrido antes de Alex ter nascido. Estava enterrado no rancho.

Nick e o neto davam um passeio a cavalo todas as tardes, geralmente antes do pôr do Sol, durante o qual Nick lhe contava histórias sobre o circo, o seu tio Toby que tinha morrido na guerra, o seu pai quando era novo e o seu amigo da Alemanha, cujo nome tinha sido dado a Alex, e os belos cavalos que ele tinha, como os treinava bem e como ele tinha sido corajoso durante a guerra. Alex ficava fascinado com as histórias do avô. Um dia davam o seu passeio a cavalo quando Nick deixou de falar, parecendo estar a descansar na sela. O belo lipizano que ele montava, um dos filhos do grande Pégaso, virou-se simplesmente para casa, encaminhou-se devagar para a cavalaria e o cavalo de Alex foi atrás dele.

- O avô está a dormir - disse Alex ao pai, quando chegaram à cavalaria.

O rapazinho não parecia preocupado e Lucas olhou de relance para o pai, apercebendo-se imediatamente do que tinha sucedido. Nick tinha estado ativo e cheio de vida até ao fim, amando a vida, feliz no seu rancho e apaixonado pelos cavalos. Morreu precisamente como gostaria de morrer, montado num lipizano, galopando pelos campos do seu rancho com o neto e desfrutando da sua vida e do seu mundo enquanto o Sol se punha nas montanhas que ele tinha amado.

Lucas mandou o filho ir buscar a mãe e depois, com muita suavidade, desceu o pai da sela pela última vez.

Enterraram-no num recanto tranquilo do rancho, perto do local onde Pégaso estava enterrado, no monte 367

escarpado que ele tantas vezes tinha visitado com Christianna ao longo dos anos. Levaram-no para o local numa carreta puxada por dois lipizanos. O seu lipizano preferido, selado e sem cavaleiro, seguia atrás, com Christianna ao seu lado.

Ela visitava-o todos os dias e conversava com ele. Por vezes ia para junto dele montada num dos lipizanos. Ele tinha-lhe dado uma vida maravilhosa e ela nunca se arrependeu de ter vindo para o rancho. Ele tivera razão em relação a ambos e, já com sessenta anos, ela ainda era uma bela mulher. E amou-o até ao fim.

CAPÍTULO 28

As licitações seguiam-se rapidamente umas às outras no leilão, próximo do castelo de Haversham, no Hertfordshire, em Inglaterra. Era um leilão que se realizava todos os anos e atraía entusiastas de todo o mundo. As pessoas mais entendidas em cavalos e os compradores mais sérios vinham comprar árabes, cavalos fabulosos para espetáculos equestres, cavalos de caça, cavalos de salto e, sempre que possível, lipizanos. Era o segundo lipizano da lista, um garanhão que mereceu as mais altas licitações e um dos residentes da região, uma senhora, alegadamente membro da família, uma Beaulieu que estava no castelo, não desistia. Levantava o seu chicote de equitação quase impercetivelmente e mantinha os olhos fixos nos do leiloeiro. Não tinha a menor intenção de perder aquele fabuloso garanhão a favor de ninguém. Estava a fazer-lhe uma dura concorrência um homem alto com chapéu de cobói, que se mantinha um pouco afastado, languidamente de pé. Mas os seus olhos eram penetrantes e argutos e um dos informadores vigiava-o atentamente, enquanto a licitação continuava a subir a um ritmo muito rápido.

- A senhora de camisa rosa - voltou a dizer o leiloeiro.

Logo a seguir, o informador assinalava mais uma licitação do lado.

Pouco depois, todos os outros desistiram e, por fim, com um aceno e um sorriso, o homem com chapéu de cobói desistiu. A mulher de camisa rosa teve um sorriso vitorioso, ao mesmo tempo que duas atraentes mulheres, uma de cada lado dela, lhe davam palmadas nas costas. A mulher que comprou o lipizano era alta e loura e parecia ter pouco mais de trinta anos. Deu os seus dados a um

369

dos informadores, enquanto o leilão continuava para o cavalo seguinte. Poucos minutos depois levantou-se do seu lugar e foi à caixa pagar o cavalo. O homem de chapéu de cobói foi ter com ela e estendeu-lhe a mão num cumprimento. Calçava botas de cobói já muito gastas, a condizer com o chapéu.

- Só queria felicitá-la. É um cavalo deslumbrante - disse ele com um sorriso

aberto.

Tinha sido o concorrente perdedor e não queria perder. Mas pressentiu que a mulher que tinha comprado o lipizano não ia desistir, fosse qual fosse o preço. Quanto a ele, a sua última licitação já ultrapassava em muito o seu limite. Tinha comprado dois outros cavalos nesse mesmo dia, uns árabes fabulosos com que estava muito contente, embora o lipizano fosse a razão da sua presença. Os árabes eram um extra a que ele não tinha conseguido resistir.

- Obrigada - disse a mulher loura em tom agradável, com um sorriso levemente embaraçado. - Lamento, mas interessei-me particularmente por lipizanos.

- Também eu - respondeu ele com descontração.

- Comprou-o para espetáculo?

- Não, para procriação.

- Eu queria-o para o mesmo. Talvez possamos um dia conversar sobre isso. Sou do Rancho Pégaso, da Califórnia.

Tinha a certeza de que, se ela conhecia cavalos, já ouvira falar do seu rancho. E apercebeu-se de que ela era americana, embora as mulheres com quem ela estava fossem inglesas.

- Quinta Garrison, da Virgínia. - Ele conhecia-a.

- Estou em casa das minhas primas, aqui perto.

Não quis dizer-lhe que estava no castelo que pertencia às primas. Ia parecer snobe. A atitude dele era muito discreta e informal. E ela tinha sido muito intensa durante 370

o leilão. Era uma mulher bonita. Estava de botas e fato de montar, pois nesse dia tinha andado a cavalo até à hora do leilão.

- Para ser franca, comprei-o por razões sentimentais. Os lipizanos fazem parte da história da minha família.

Achava que devia explicar porque tinha sido tão agressiva na licitação, mas ele

não parecia importar-se. Não estava ressentido por ter perdido a favor dela, mas pareceu interessado no comentário dela.

- Também fazem parte da história da minha família - disse ele vagamente.

Os olhos dela pareciam-lhe vagamente familiares, mas não sabia o que era, como se já se tivessem encontrado antes.

- Antes da guerra, o meu bisavô deu ao melhor amigo dele dois lipizanos na Alemanha e salvou a vida dele. Desde então, são uma espécie de amuleto da sorte para todos nós.

Ela sorriu e ele reparou que os seus olhos eram muito azuis, da mesma cor dos dele, embora ele fosse muito moreno e ela muito loura e ele tivesse o bronzeado da Califórnia e rugas à volta dos olhos por os semicerrar por causa do sol. Devia ter pouco mais de quarenta anos e era um belo homem.

- O melhor amigo do meu avô deu-lhe dois lipizanos na Alemanha e ele foi trabalhar para o circo com eles, o que lhe salvou a vida - disse cautelosamente o homem com o chapéu de cobói, comparando as histórias que, estranhamente, encaixavam uma na outra como duas metades de um todo.

- Oh, meu Deus - exclamou ela, olhando fixamente para ele como se tivesse visto um fantasma. - Eu não falei do circo porque parece sempre um disparate e nunca tive a certeza absoluta de que a parte a respeito do circo fosse verdade. A minha mãe falava-me nisso, mas era sempre um pouco vaga a respeito do circo e a minha avó 371

morreu antes de eu nascer, por isso não podia perguntar-lhe.

- Se estamos a falar dos mesmos dois homens, a parte do circo era verdade. O meu avô saiu da Alemanha com dois lipizanos e seis árabes num vagão de caminho-de-ferro em 1938

e foi trabalhar para o circo. Como se chama? - perguntou-lhe ele, parecendo desconcertado.

Como era possível que duas pessoas relacionadas com aquela história tivessem vindo a Inglaterra para comprar o mesmo cavalo? Ele achou que era o destino.

- Nicky Steele. O nome de solteira da minha avó era von Hemmerle. Marianne von Hemmerle. O pai dela chamava-se Alex. Mandou-a para Inglaterra, para casa de amigos, para sair da Alemanha, em 1940. Casou aqui com um piloto da RAF, o meu avô, durante a guerra. Ele morreu e depois ela foi para a América e voltou a casar. A minha mãe, Violet Beaulieu Steele, é a filha do inglês, por isso é meio inglesa e tenho primos aqui.

- Eu tenho o nome do seu bisavô. Chamo-me Alex Bing. O apelido do meu avô era von Bingen. Nicolas von Bingen, que ele mudou para Nick Bing quando foi para o circo e o apelido manteve-se. Nunca recuperou o apelido verdadeiro depois de sair do circo. Provavelmente porque era mais fácil.

Ela parecia igualmente chocada com o que ele dizia.

- Penso que me puseram o nome do seu avô. Nicola, as pessoas chamam-me Nicky. Tudo isto é tão bizarro. - Estava arrepiada. - Quem me dera que a minha avó ainda fosse viva para poder contar-lhe. Espere até contar à minha mãe. Sou eu que administro a quinta da família na Virgínia.

- O meu pai ainda é vivo, Lucas Bing. Tinha seis anos quando saíram da Alemanha e foi para o circo com o irmão e o meu avô. O meu pai tinha um irmão mais velho, Tobias, que morreu no Pacífico em 1942. O meu pai

372

tem oitenta e dois anos e ainda está de boa saúde. O meu avô Nick morreu quando eu tinha seis anos, há trinta e sete anos. Eu tinha ido dar um passeio a cavalo com ele quando ele morreu, no nosso rancho. Foi como se adormecesse enquanto estávamos a conversar. Todos os puros-sangues que temos no rancho vieram do Pégaso original, o garanhão que eles trouxeram da Alemanha antes da guerra.

- Eu ouvi falar do vosso rancho. Conheço todos os nomes. A parte acerca do circo sempre me confundiu. Parecia-me muito estranho e nunca tive a certeza de que fosse verdade - disse ela, parecendo um pouco embaraçada.

Ele riu-se.

- Também sempre achei estranho. Mas divertido. As histórias do meu avô eram fantásticas. Casou com uma artista do circo, do arame alto. Morreu o ano

passado, com noventa e seis anos. Era sensacional, polaca e uma bela mulher. Quer continuar a conversar sobre isto enquanto tomamos uma bebida?

Os olhos dele procuraram os dela, em busca de mais alguma coisa, como se ela fosse um fantasma do passado.

- Acho uma ótima ideia. - Ela sorriu-lhe. - Quer vir a casa depois do leilão? Mas prepare-se, “a casa” é do tamanho do Palácio de Buckingham, embora esteja a desfazer-se em pedaços. Mas é um lugar assombroso. Foi onde a minha avó viveu durante a guerra e onde a minha mãe nasceu. O meu avô tinha morrido na véspera, numa missão de bombardeamento aéreo.

Os seus caminhos cruzados eram abundantes em história e mais pareciam um filme.

Ambos tinham a sensação de viajar no tempo. Alex apresentou-se em Haversham duas horas depois e tomou chá e depois um uísque com as primas, que mais tarde disseram a Nicky que achavam que ele era incrivelmente

373

bem-parecido. Ela também tinha notado. Era difícil não notar. Ele era espetacular e ao mesmo tempo muito discreto. Ela tinha dito às primas que estavam relacionados pela história e por dois lipizanos e fez-lhes um resumo rápido da história antes da chegada dele. Ela achara que tudo aquilo era fascinante e que ele era ainda mais fascinante que a história.

Parecia um cobói autêntico.

- Destino, minha querida - disse a prima Fernanda.

E ergueu as sobrancelhas a ponto de quase lhe chegarem à cabeça, lançando a Nicky um olhar sugestivo quando Alex disse que era divorciado e que não tinha filhos. Nicky tinha trinta e sete anos e nunca havia casado, estivera sempre demasiado ocupada a criar cavalos. Pelo que ele dissesse, tinha cerca de seis anos mais que ela, embora, na verdade, Nicky não estivesse preocupada com isso. Ela adorava a história deles.

As três mulheres e Alex passaram um bocado agradável e por fim ele disse que tinha um encontro com amigos do leilão no hotel e que tinha de ir embora.

- Cuide do seu lipizano - disse ele a Nicky, com um sorriso caloroso, ao sair. - Ganhou-o com toda a justiça. Vá dando notícias.

Estava ansioso por falar daquele encontro ao pai. Ia regressar à Califórnia na manhã seguinte com os dois cavalos que tinha comprado. E, dois dias depois, Nicky voltaria à Virgínia com o lipizano. Alex lembrou-lhe o nome do seu rancho antes de ir embora. E ela repetiu o nome da sua quinta de cavalos na Virgínia. Nenhum deles seria difícil de encontrar na Internet.

- Vamos procurar no Google - disse a prima, com uma risada, depois de ele ir embora.

Pareciam miúdas da escola. Ficaram impressionadas com o tamanho do rancho e encontraram uma fotografia muito boa dele e também uma do pai, um homem mais 374

velho mas ainda muito atraente. Era uma família bem-parecida. E havia também uma fotografia de Nick Bing, o falecido fundador do rancho. E de Pégaso, o garanhão que tinha dado o nome ao rancho.

- Acho que deves telefonar-lhe em breve ou ir fazer-lhe uma visita - sugeriu a outra prima depois de outro uísque.

- Para dizer o quê? - perguntou Nicky com ar embaraçado.

Sentir-se-ia uma pateta se lhe telefonasse, apesar da história comum.

- Telefona-lhe e pede-lhe conselhos a respeito do cavalo que compraste agora. Penso que o vosso encontro foi uma fatalidade. A mão do destino. Pensa nisso, o avô dele e o teu bisavô eram os melhores amigos. O teu avô salvou a vida do avô dele e agora vocês encontram-se aqui, setenta e seis anos depois.

- Não passa de uma coincidência - disse Nicky, desvalorizando o assunto. - Mas bizarra, reconheço.

Nessa noite Nicky telefonou à mãe, na Virgínia, e contou-lhe. Violet ficou comovida com a história. Lembrava-se de ter conhecido o pai e o avô de Alex quando visitou o rancho com a mãe, Marianne, depois de um espetáculo equestre em Santa Barbara, em 1965, quando andava a treinar para os Jogos Olímpicos, três anos antes de ganhar a medalha de ouro.

- Foi tudo antes de eu ter casado e de te ter e também antes do nascimento do homem que conheceste hoje. Como é ele?

Estava com curiosidade. As duas famílias ainda trocavam cartões de Boas-Festas todos os anos, mas já não se lembrava dos pormenores. E o homem que a filha tinha conhecido no leilão refletia a sua própria história, pois as duas famílias estavam de certo modo interligadas.

- É simpático. Do género cobói bem-parecido - disse Nicky, pensativa.

375

- Ficou aborrecido por teres ficado com o cavalo?

- Não, foi muito cavalheiro. Eu não estava disposta a desistir do cavalo - disse ela, e a mãe riu-se.

- Tenho a certeza!

Depois de tomar uma decisão, Nicky nunca cedia nem um milímetro. Era voluntariosa e independente, razão pela qual não tinha casado. Nunca havia encontrado o homem indicado para ela e provavelmente já não queria encontrá-lo. Gostava demasiado da sua liberdade.

- Bem, fico ansiosa por ver o cavalo. Deve ser uma estampa! - disse Violet calorosamente.

Eram todos loucos por cavalos. Estava-lhes na massa do sangue.

- Ele é mesmo uma estampa - respondeu Nicky, deliciada, referindo-se ao lipizano.

Contou à mãe todos os pormenores a respeito dele. Dois dias depois, Violet viu com os seus próprios olhos, quando Nicky o levou para casa. Era ainda mais belo do que ela esperava e um espécimen extraordinário da raça.

Nicky começou imediatamente a trabalhar com ele e a tentar domá-lo, mas ele era o cavalo mais feroz e mais obstinado que ela tinha visto em toda a vida. Era forte e independente.

E, durante o mês seguinte, resistiu a todos os seus esforços para o treinar, embora já tivesse treinado vários lipizanos antes dele e conhecesse bem a raça.

Chamou-lhe Snow. Ele tentava mordê-la sempre que ela dizia o nome, como se não lhe agradasse. No resto do tempo, atirava-a ao chão sempre que tinha oportunidade. Ela nunca tinha sido atirada tantas vezes ao chão por nenhum cavalo que tentasse treinar e andava cheia de nódoas negras da cabeça aos pés, mas estava decidida a não desistir. Uma vez quase telefonou a Alex Bing para lhe pedir conselho, a sério e não como ardil, mas não quis admitir que estava a ter problemas com o cavalo. Era embaraçoso. Nunca tinha tido um cavalo que não conseguisse domar, exceto aquele. Era completamente selvagem e,

376

passados dois meses, perguntava a si mesma se não deveria vendê-lo. Voltou a pensar em telefonar a Alex Bing para lhe propor o garanhão para reprodução, mas não queria vender-lhe um mau cavalo. Contudo, começava a pensar que Snow não serviria para nada a não ser para procriação. Tinha uma linhagem imaculada e um temperamento perverso.

Decidiu levá-lo a uma exposição de cavalos quando foi a Santa Barbara para um evento de saltos. Estava a pensar em vendê-lo a um criador da região.

Depois da exposição, deixou os cavalos saltadores numa cavalaria de Santa Barbara e, num impulso de momento, decidiu seguir para Santa Ynez para visitar o rancho de Alex Bing. Meteu Snow num atrelado para um só cavalo, para lhe pedir um conselho. Não telefonou antes de chegar. Não projetava ficar muito tempo e, se ele estivesse ocupado, ia-se embora imediatamente.

Ficou impressionada logo que entrou na propriedade ao ver o rancho muito bem mantido e as enormes cavalariças. Era óbvio que tinham muitos cavalos. Viu-o sair de uma delas logo que chegou. Parou a caravana e ele virou-se para olhar para ela. Sorriu como se estivesse à espera e ela riu-se, saindo do lugar da frente, de calças de ganga e com uma blusa branca fresca. Ele trazia o mesmo chapéu que tinha usado em Inglaterra ou um muito parecido.

- Bem, o que a traz aqui?

Mostrou-se contente por vê-la e reconheceu-a imediatamente quando se dirigiu a ela.

- Trouxe um amigo para uma visita - disse, apontando para o atrelado.

- Alguém que eu conheço?

- Talvez. - Abriu a porta do atrelado e trouxe Snow para fora.

Era um cavalo esplêndido e ambos ficaram a admirá-lo durante um bom minuto. Alex estava satisfeito por voltar a vê-lo, e a ela também.

377

- Como se tem ele portado? - perguntou Alex com interesse, ao mesmo tempo que um homem muito mais velho aparecia à porta de uma das cavalariças e os observava com um sorriso.

Tinha a sensação de que sabia quem ela era. Alex tinha-lhe contado a história quando regressara de Inglaterra e Lucas tinha ficado impressionado pela absoluta coincidência do seu encontro no leilão. Pressentiu que aquela era a mesma rapariga e que trazia o cavalo.

Ela riu-se com a pergunta e foi franca com ele.

- É um problema monumental. Atira-me ao chão sempre que o monto. Morde-me se disser o nome dele. Creio que nunca servirá para nada além de procriar. É impossível treiná-lo.

Tinha treinado muitos cavalos, mas aquele não tinha conseguido.

- Vai vender-mo? - perguntou Alex com uma expressão de grande interesse, apalpando as pernas e os flancos do cavalo com mãos conhecedoras.

Snow ficou tranquilo e deixou-o mexer-lhe, enquanto Nicky esperava que ele esbravejasse. Mas não esbravejou. Olhou para Alex como se fosse um velho amigo e, ao observá-los, ela compreendeu porque tinha vindo. Subitamente tudo ficou límpido como cristal na sua mente.

- Não - disse em voz tranquila - vou dar-lho. Tenho este louco pressentimento de que ele quer estar aqui. Além disso, é uma tradição da família. A minha família dá cavalos à sua, lipizanos, de setenta e seis anos em setenta e seis anos.

Alex riu-se e abanou a cabeça. Sabia quanto ela tinha pago por ele. Uma fortuna.

- Não posso aceitar uma tal oferta. Sorriu ao dizê-lo.

- Tenho a certeza de que o seu avô disse qualquer coisa do género ao meu bisavô em 1938.

378

- É provável - respondeu Alex, observando-a calmamente e depois voltou a olhar para o garanhão. - Que nome lhe deu?

- Snow - disse ela, e o cavalo virou-se e lançou-lhe um olhar malévolo, mas não tentou morder-lhe.

- E se fosse Pégaso? - perguntou Alex, e o cavalo virou-se de novo, com o que parecia ser um sorriso.

- Está a ver o que eu quero dizer? Nem sequer gosta do nome que lhe dei. Garanto que ele me odeia. Acho que ele queria vir consigo desde o princípio.

Era o que parecia, vendo-o encostar o focinho a Alex. Trazia freio e cabeçada e Alex saltou facilmente para o seu dorso nu e conduziu-o de um lado para o outro. O gigantesco lipizano ficou manso como um cordeiro. Alex olhou para Nicky e sorriu.

- Quer dar uma volta? Posso arranjar-lhe um cavalo na cavalaria.

Ela trazia botas de montar e acenou, ainda incapaz de acreditar que ele montava aquele enorme garanhão em pelo sem nenhum problema. Tinha magia a lidar com cavalos e o lipizano parecia saber que havia chegado a casa e tinha um amigo. Tratara Nicky como se fosse uma inimiga desde que ela o tinha comprado.

Lucas viu o que eles estavam a fazer e trouxe-lhe um cavalo logo a seguir. Apresentou-se e Nicky explicou quem era. Ele soubera no momento em que a viu.

- Belo garanhão - comentou, falando do lipizano que ela tinha trazido.

- Ele pertence aqui - disse ela simplesmente.

E logo a seguir partiram a meio galope e Alex não teve o menor problema com ele. Andaram durante muito tempo e mesmo assim ainda estavam no seu enorme rancho.

- Não sei porquê, mas tinha o pressentimento de que viria aqui. E também sentia que voltaria a vê-lo - disse Alex calmamente, referindo-se ao garanhão.

379

- Deve ser vidente - disse ela e ele riu-se.

- Não, mas senti que o nosso encontro tinha sido tão estranho, como se estivesse destinado ou tivesse acontecido por alguma razão antiga.

E depois viu para onde a tinha levado sem pensar. Os cavalos seguiam agora a passo, atravessando o local cheio de paz onde o seu avô estava enterrado, com Christianna ao seu lado, virados para uma escarpa e com Pégaso enterrado perto. Olhou então para Nicky e notou mais uma vez que os olhos dela lhe eram familiares, como se a tivesse conhecido há muito tempo ou noutro lugar. E ela teve a mesma sensação a respeito dele. Era como se tivessem estado ligados há muito tempo e os seus caminhos estivessem destinados a cruzar-se naquele dia no leilão. Era como se forças mais poderosas que eles estivessem em ação.

- Estou contente por teres vindo - disse Alex em voz baixa. - Pensei muito em ti depois do nosso encontro. Por duas vezes, quase te telefonei, mas não sabia o que dizer.

- Também eu - confessou ela. - Entrei num espetáculo equestre em Santa Barbara e soube que tinha de trazê-lo para aqui. Estava destinado a ser teu. Não me pertence. Nunca pertenceu.

- Pégaso - disse Alex em voz baixa, e o cavalo sacudiu delicadamente a sua bela cabeça branca ao ouvir o nome. - Sê bem-vindo a casa - disse, fazendo-lhe uma festa, montado no seu dorso nu e, ao dizer aquelas palavras, olhou para Nicky e ela sorriu.

Depois deixou Pégaso à vontade e, com Nicky ao seu lado, galoparam pelos campos. Tinham sido necessárias gerações para se encontrarem um ao outro e o

garanhão branco que tinha unido os seus antepassados uns aos outros e salvo três vidas viera com eles.

380

Pégaso voltara para junto deles. Reduziram o passo dos cavalos para caminhada quando os estábulos apareceram e Alex inclinou-se e tocou na face de Nicky. Ela sentiu-se tão dócil como o garanhão quando ele lhe tocou, o que não era habitual nela. Ele tinha um toque mágico.

- Bem-vinda a casa.

Agora era a ela que se dirigia e, quando os seus olhares se cruzaram, foi a sensação mais tranquila do mundo. E Lucas, que os observava à distância, também sorriu e entrou na cavalaria, sabendo que tudo estava bem no mundo deles. Pégaso tinha vindo para casa.

381